



**Universidade Federal Fluminense**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**ANGELA MARIA GARCIA**

**MANEIRAS DE BEBER:**  
**Sociabilidades e alteridades**

Niterói  
2008

**Ficha catalográfica preparada por  
Denise Maria Nery Euclides – Bibliotecária CRB-6 / 1548**

T

G216m  
2008

Garcia, Angela Maria

Maneiras de beber : sociabilidades e alteridades / Angela  
Maria Garcia. – Niterói, RJ, 2008.  
232f. : il. ; 30cm.

Orientador: Delma Pessanha Neves.  
Dissertação (doutorado) - Universidade Federal  
Fluminense.

Bibliografia: f. [219]-232.

1. Alcoolismo. 2. Bebidas alcoólicas - Consumo. 3.  
Alcoolismo - Aspectos sociais. 4. Alcoolismo – Aspectos  
religiosos. 5. Alcoólicos Anônimos. 6. Trabalhadores  
rurais. 7. Antropologia. I. Universidade Federal  
Fluminense. II. Título.

CDD 22.ed. 362.292

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

ANGELA MARIA GARCIA

MANEIRAS DE BEBER:

Sociabilidades e alteridades

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da  
Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para  
obtenção do Grau de Doutor.

Vínculos temáticos

Linha de Pesquisa do orientador: Transmissão de Patrimônios Culturais

Projeto do orientador: O alcoolismo e a exclusão social

Niterói  
2008

Banca Examinadora

---

Prof. Orientador – Dra. Delma Pessanha Neves  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dra. Simoni Lahud Guedes  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dra. Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Isidoro Maria da Silva Alves  
MAST- Ministério de Ciência e Tecnologia

---

Prof. Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin  
Universidade Federal de Goiás

À minha mãe, Anaide da Fonseca Bastos Garcia,  
pelo seu amor e exemplo de vida.  
Ao meu pai, Jair Garcia, *in memoriam*.

## AGRADECIMENTOS

Este texto é de responsabilidade da autora, mas sua produção só foi possível pelas múltiplas contribuições, algumas das quais, aqui registradas pelos meus agradecimentos.

À professora Delma Pessanha Neves, o agradecimento especial pela competente orientação acadêmica, inseparável da amizade e da sensibilidade para perceber a necessidade de apoio afetivo e emocional nos momentos precisos, qualidades que só engrandecem o exemplar compromisso com a construção do conhecimento antropológico. Tendo sido privilegiada com tantas oportunidades de compartilhar diversas experiências de pesquisa, também o fui de conviver e aprender com ela (e espero que continue sendo), singulares oportunidades pelas quais me sinto muito honrada.

Aos representantes do CNPq e da CAPES, que se fizeram presentes pelo apoio fundamental assegurado pela concessão das bolsas de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

Aos professores Isidoro Maria da Silva Alves, Joel Orlando Bevilaqua Marin, Simoni Lahud Guedes, Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes (membros da banca examinadora); Mírian de Oliveira Santos e Ovídio de Abreu Filho (membros suplentes), pela aceitação do convite, leitura atenta em tempo exíguo e valiosas contribuições.

Aos professores com os quais, no decorrer do curso, pude compartilhar conhecimentos: Alfredo Wagner Berno de Almeida, Eliane Cantarino O'Dwyer, Eli Bartra, Simoni Lahud Guedes, Leonilde Servolo de Medeiros e Neide Esterci.

Aos amigos e colegas que conheci no PPGA/UFF: Andréa Mongim, Arlete Inácio dos Santos, Alessandra Benevides Tornentino, Cátia Inez Salgado de Oliveira, Cynthia Carvalho Martins, Débora Breder Barreto, Fábio Reis Mota, Fernando Cordeiro Barbosa, Gil Almeida Félix, Heloisa Helena Salvatti Paim, Lucieni de Menezes Simão, Lysia Reis Condé, Margareth da Luz Coelho, Paulo Sérgio Delgado, Pedro Fonseca Leal, Pedro Paulo Thiago de Mello, Ruth Henrique da Silva e Soraya Silveira Simões.

À Priscila Tavares dos Santos, pela formatação, diagramação, dedicação e seriedade com que realizou este trabalho.

À Flávia Oliveira da Silva, pelo tão rápido atendimento na tradução do *abstract*.

A Marc Debes, que gentilmente cedeu-me a foto número 01 e se prontificou a enviar-me textos na língua francesa, cujo acesso foi de importância fundamental na elaboração das questões que analiso neste texto de tese.

Em momentos difíceis, a presença dos amigos foi essencial. Gostaria de destacar algumas dessas pessoas que me ajudaram a superá-los.

Em Viçosa: Alessandra, Bruno, Carlos, Carol, Cleonice, Delilah, Dione, Edenilson, Elaine, Eliana, Esther, Fabiana, Fernanda, Gilseleni, Grasieli, Guilherme, Gustavo, Joselaine, Juliana, Kelly, Leci, Meire, Raimunda e Sílvia.

Em Miguel Couto: Beatriz Moreira Costa, Adailton, Alainaldo, Alexandre, Cássia, Cláudia, Dulce, Elaine, Elisângela, Fabiane, Gelson, Ivete, Jorge Hugo, Josué, Lúcia, Marcos, Maria das Dores, Nádia, Neuza, Renata, Regina, Rosa, Rosângela, Sandra, Vânia, Vladimir, Zeca; *in memoriam*, Bernadete, Damiana Teresa e Dino.

Em São Gonçalo: Ana, Sr. Antônio e D. Cléa, Beatriz, Eliane, Elzimar e Renato, Flávia, D. Francisca, Júnior, Léa, Leonardo, Luiz Carlos, Neuza, Paulo, Samara, Sônia, Viviane e Vítor; *in memoriam*, José Dantas, Milton Dantas e Vânia Tavares.

Em Magé: Fátima, Isabel, Jaqueline, Neli, Nilta, Regina, Renata e Roberta; *in memoriam*, Álvaro e Marcelo.

Aos meus parentes, que souberam estimular meu empenho acadêmico. Em especial a meu primo, Dom Paulo Francisco Machado, pela satisfação gentilmente demonstrada em reconhecer o meu empenho no alcance de uma prolongada trajetória escolar; às primas e primos mais próximos, Adriane, Cristiano, Cristina, Débora, Diógenes, Léa, Márcia, Marcos, Margarida, Maria de Lourdes, Maria Inez, Maria Isabel, Maria Rita, Mônica, Regina e Sônia Maria; e aos estimados tios, Iralcina e Carlito, Judith, Leda e Candéa, Miguel, Manoel e Nilda, pelo amor sempre demonstrado.

Quero agradecer especialmente à Vânia e Carlinhos, Luci e Carlos, mais que amigos e cunhados, irmãos que sempre estiveram presentes emocionalmente e foram fundamentais no processo de recuperação da saúde de minha amada irmã.

A presença da minha mãe e a lembrança do meu pai sempre significaram um estímulo sem igual, assim como o apoio afetivo e a forte presença de minha irmã Margarida Maria Garcia de Araújo e de meu irmão Jair Garcia Filho; de meus sobrinhos, Elton Vinícius Vieira Garcia e Aline, Fabiano Vieira Garcia e Carol, Tiago Vieira Garcia e Sandra Schurig Garcia; e de meus cunhados Carlos Fernando de Araújo e Luci Vieira Garcia. A todos, agradeço pelo pronto atendimento a tantos pedidos de ajuda e compreensão dos meus humores nem sempre agradáveis.

Aos moradores do povoado que me receberam em suas casas e/ou cederam parte de seu tempo aos meus interesses, e cujos nomes e município onde vivem não serão identificados. Registro meu reconhecimento de que este texto é também produto da importância por eles atribuída à narrativa, às situações de camaradagem marcadas pela sociabilidade e à crença na criação de diferenciadas alternativas de vida. Pela confiante convivência e hospitalidade, tenho uma dívida de gratidão, especialmente grande, que não creio poder retribuir à altura.

Enfim, a Milton Ramon Pires de Oliveira, por ser o companheiro que esteve junto a cada momento do percurso, mesmo quando, em função da minha formação acadêmica, permanecemos fisicamente distantes. Neste longo período, soube dar profundas demonstrações de carinho, de estímulo e compreensão, mas também valorizar a rigidez no cumprimento de projetos de vida, quando eu dava sinais de descrença e esmorecimento.

No meio acadêmico e na convivência com todas essas pessoas, soube revalorizar minha escolha profissional e a importância da pesquisa antropológica, não só para o conhecimento científico, mas também para ressignificar sentidos em minha vida.

## RESUMO

O ato de consumir bebidas alcoólicas tem-se constituído em tema de estudo nas ciências médicas e sociais, mas a atenção tem recaído sobre o bebedor e especialmente o consumidor considerado excessivo. As práticas de consumo são então analisadas pela ênfase nas avaliações normativas que definem o consumo moderado *versus* o abusivo. Neste texto, invisto na ampliação do campo de compreensão sobre as maneiras de beber ao tomar o consumo de bebidas alcoólicas objeto deste estudo, todavia, negando-me a restringi-lo como ato em si, pois que associado a outros tantos. Em decorrência, as unidades de análise empírica recaem sobre práticas cotidianas que configuram formas de sociabilidade em que, para a construção do ambiente social propiciador de comportamentos expressivos da agregação e cordialidade, faz-se apelo à mediação do consumo de bebidas (alcoólicas ou não), segundo sistemas de ordens morais compartilhadas. Considerando esses quadros de referência situacional, desenvolvo reflexões sobre os meios de classificação e controle dos bebedores considerados excessivos e sua categorização como alcoólicos. A pesquisa abarca a vida social de aproximadamente 800 moradores de um povoado qualificado como rural, situado no estado de Minas Gerais, tendo o trabalho de campo sido feito entre os anos de 2005 e 2006.

**Palavras-chave:** sociabilidade; maneiras de beber; alcoolismo; família; agricultores; assalariados rurais.



## ABSTRACT

The consumption of alcoholic beverages has been object of social and medical studies, but them focus mainly on the drinker, especially the abusive drinker. The consume practices are then emphatically reviewed by regulatory evaluations that distinguishes moderate consumption *versus* abusive consumption. In this paper I invest in the enlargement of the concepts about the manners of drinking. Taking the consumption of alcoholic beverage as object of study, however, I refuse to accept drinking as an act itself for believing that it is associated to many other acts. Due to this, the units of empirical analysis are based on the everyday practices that set the forms of sociability which appeal to the mediation of the consume of beverage (alcoholic or not), according to the moral system allowing the creation of a social environment which provides expressive behaviors of aggregation and cordiality. Considering the above mentioned situations as a reference, I try to develop reflections about the qualification criteria and control of abusive drinkers and their classification as alcoholics. This research covers the social life of about 800 inhabitants of a rural town in Minas Gerais (Brazil) and the fieldwork happened in the period of 2005 and 2006.

**Key-words:** sociability; manners of drinking; alcoholism; family; farmers and rural workers.

## LISTA DE FOTOS

### CAPÍTULO I

<b>Foto 1.</b> Vista do povoado (2005) .....	39
<b>Foto 2.</b> Modelos tradicionais de construção de residência na Praça (1998) .....	46
<b>Foto 3.</b> Novos modelos de construção de residências (2006) .....	46
<b>Foto 4.</b> Residência de trabalhador rural (2006) .....	65

### CAPÍTULO II

<b>Foto 5.</b> Parentes, vizinhos e companheiros associados em mutirão para construção da casa (2006) .....	84
<b>Foto 6.</b> Preparação da feijoada para depois do trabalho .....	84
<b>Foto 7.</b> Parentes e vizinhos pescando em tanque de piscicultura .....	94
<b>Foto 8.</b> Anfitrião destacando a necessária associação entre peixe e bebida, no evento da pescaria em sua residência (2006) .....	95

### CAPÍTULO III

<b>Foto 9.</b> Naturalização de convivência com moradores em estado de embriaguez, na porta de bar (2005) .....	101
<b>Foto 10.</b> Tentativas de apoio e conversão de bêbados por evangélicos (2005) .....	101
<b>Foto 11.</b> Excursionistas, por ocasião de chegada Aparecida do Norte (SP) (2006) ...	110
<b>Foto 12.</b> Excursionistas, por ocasião do almoço em restaurante (2006) .....	111
<b>Foto 13.</b> Meninos atividade de <i>oferta, Mês do Sagrado Coração de Jesus</i> (2005) ...	126
<b>Foto 14.</b> Horário Missa, no dia da Festa em Devoção à N. Sra. do Rosário (2005) ..	127
<b>Foto 15.</b> Desfile da Banda de Congos (2005) .....	127
<b>Foto 16.</b> Anonimato impossível, devoção propagada (Festa N. Sra. Rosário, 2006)	127

### CAPÍTULO IV

<b>Foto 17.</b> Grupo convidado dançando em Festa da Escola (2005) .....	130
<b>Foto 18.</b> Forró na praça em Festa <i>Quadrilha</i> de rua (2005) .....	137
<b>Foto 19.</b> Jogo de <i>Futebol dos Bichas</i> , no Carnaval (2006) .....	141
<b>Foto 20.</b> Homens fantasiados de mulher em frente Bar de Jovens, carnaval (2006) .	141
<b>Foto 21.</b> Campo de futebol utilizado pela escolinha de futebol (2006) .....	148
<b>Foto 22.</b> Bar com forró, no dia da Festa em Devoção à N. Sra. do Rosário (2006) ..	149

### CAPÍTULO V

<b>Foto 23.</b> Homem em estado de embriaguez em porta de bar .....	161
<b>Foto 24.</b> Ocupação do trailer em dia de festa na Igreja Católica (2006) .....	166

### CAPÍTULO VI

<b>Foto 25.</b> Capela de Nossa Sra. Aparecida, situada no Morro do Meio, onde está sediado o grupo de Alcoólicos Anônimos (2004) .....	191
<b>Foto 26.</b> <i>Casa dos bêbados</i> , categorização estigmatizante do proprietário e seus convidados (2005) .....	209
<b>Foto 27.</b> Fornecedor dos bares e vendedor domiciliar de cachaça em frente a uma <i>Casa que vende cachaça</i> , próxima à <i>Casa dos Bêbados</i> (2005) .....	210

## LISTA DE GRÁFICO E TABELAS

<b>Tabela 1. Estrutura Fundiária do Município de Matoso .....</b>	<b>39</b>
<b>Tabela 2. Distribuição da população e estabelecimentos comerciais no povoado..</b>	<b>41</b>
<b>Gráfico 1. Distribuição da população .....</b>	<b>41</b>
<b>Tabela 3. Ocupação por sexo .....</b>	<b>47</b>
<b>Tabela 4. População livre e escrava por região – MG (1862/63) .....</b>	<b>53</b>
<b>Tabela 5. População escrava nos municípios da Zona da Mata, Minas Gerais (1876 e 1886) .....</b>	<b>54</b>
<b>Tabela 6. Calendário das Festas em 2005 .....</b>	<b>114</b>
<b>Tabela 7. População entre 16 e 79 anos por local de residência .....</b>	<b>182</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Croqui 1. Povoado .....</b>	<b>42</b>
<b>Croqui 2. Morro Velho .....</b>	<b>45</b>
<b>Croqui 3. Localização dos bares e vendas .....</b>	<b>157</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. Consumo de bebidas alcoólicas: precauções metodológicas</b> .....	19
<b>2. Formas de sociabilidade e estilização de comportamentos</b> .....	23
<b>3. Condições sociais de exercício do trabalho de campo</b> .....	26
<b>4. Agricultores e trabalhadores rurais em situações de sociabilidade</b> .....	30
<b>5. Apresentação dos capítulos</b> .....	34
<b>CAPÍTULO I. CASCATINHA E SEUS MORADORES: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES</b> .....	38
<b>I.1 Processo de ocupação territorial e de imobilização da força de trabalho</b> .....	50
<b>I.2 Propriedade e prestígio familiares: fundamentos da interdependência</b> .....	56
<b>I.3 Herança fundiária, generosidade e formas de dominação</b> .....	61
<b>I.4 Diferenciação socioeconômica e sistema de prestígios</b> .....	64
I.4.a) <i>Pequenos ou pobres: trabalhadores</i> .....	64
I.4.b) <i>Grandes ou ricos: elite local</i> .....	66
I.4.c) <i>Gente de fora</i> .....	67
<b>CAPÍTULO II. ESPAÇO DOMÉSTICO E CONGRAÇAMENTOS: MANEIRAS DE COMER E BEBER</b> .....	69
<b>II.1 Família: gênero, referência moral e compromisso social</b> .....	69
<b>II.2 Situação de conagraçamento no espaço doméstico</b> .....	73
II.2.a) A cozinha, o comer, o beber .....	74
II.2.b) Encontros ou reuniões de parentes .....	76
II.2.c) Comemorações: casamentos e aniversários .....	80
<b>II.3 Extensões sociais do domínio doméstico</b> .....	85
II.3.a) O banco, a calçada e a praça .....	86
II.3.b) A praça: espaço de mediação e socialização de jovens na conquista da autonomia .....	88
II.3.c) Parentes e vizinhos em exaltação da abundância: alternativas abertas pela piscicultura .....	93
<b>CAPÍTULO III. DEVOÇÕES E CELEBRAÇÕES</b> .....	97
<b>III.1. Os <i>crentes</i></b> .....	98
<b>III.2. “<i>Eles</i>”, os católicos</b> .....	102
<b>III.2. a) Rezas</b> .....	103
<b>III.2. b) Peregrinações</b> .....	107
<b>III.3 Festas de santo</b> .....	113
III.3.a) Dia da Padroeira N. Sra. das Dores: <i>a festa de todos</i> .....	117
III.3.b) Festa de N. Sra. do Rosário: <i>a festa dos pobres e/ou a festa deles</i> .....	118

<b>CAPÍTULO IV. FESTAS, FESTIVAIS, CARNAVAL E FUTEBOL: SEGMENTAÇÕES E TOTALIZAÇÕES .....</b>	128
<b>IV.1. Festa escolar, festa no povoado .....</b>	129
<b>IV.2. Festas na rua: <i>Quadrilha</i> e do <i>Peão</i> .....</b>	133
<b>IV.3. Carnaval: <i>colocar o bloco na rua</i> .....</b>	139
<b>IV.4. Futebol, arenas de concorrência e territorialização de pertencimentos sociais .....</b>	143
<b>IV.5. Festa no povoado: a centralidade dos bares .....</b>	149
<b>IV.6. Festival da cachaça .....</b>	150
<b>CAPÍTULO V. BARES, BOTEQUINS, CASAS QUE VENDEM CACHAÇA E VENDAS: ESPAÇOS CONCORRENCIAIS E PERSONALIZADOS DE CONSUMO DE BEBIDAS .....</b>	152
<b>V.1 Divisão social de trabalho e especialização no comércio de bebidas .....</b>	153
<b>V.1.1 Os bares: personalização do proprietário e diferenciação do usuário .....</b>	155
V.1.1.a) Bar de <i>bebum</i> .....	159
V.1.1.b) Bar de jovens .....	161
V.1.1.c) Bar de homens e mulheres .....	164
V.1.2. <i>Butiquim</i> : consumo de bebidas quentes e valorização do tempo livre .....	168
V.1.3. <i>Casa que vende cachaça</i> : consumo de bebidas quentes e valorização do bebedor de passagem .....	170
<b>V.2 As vendas: reprodução de formas tradicionais de comercialização de bebida .....</b>	171
<b>V.3 O consumo de bebidas alcoólicas: atos em si? .....</b>	172
<b>CAPÍTULO VI. BEBEDORES DESVIANTES: INTERNALIZAÇÃO DA ACUSAÇÃO E ESPAÇOS DE AUTONOMIA .....</b>	178
<b>VI.1 Sistemas genéricos de classificação dos excessos: acusação e auto-exclusão</b>	180
VI.1.a) <i>Alcoólatra</i> e <i>alcoholismo</i> .....	180
VI.1.b) <i>Bêbado</i> .....	183
VI.1.c) <i>Bebum</i> .....	187
<b>VI.2 Sociabilidades entre <i>alcoólatras</i> e <i>bêbados</i> .....</b>	189
VI.2.1 Alcoólicos Anônimos: recriação moral e personalização .....	189
VI.2.1.a) Representações e práticas .....	191
VI.2.1.b) Sistema de auto-classificação .....	196
VI.2.1.c) Festa de AA, conagraçamento de confederados e hospitalidade comunal .....	200
VI.2.2. <i>A casa dos bêbados</i> e a internalização do condenável consumo de cachaça ...	206
<b>CONCLUSÃO .....</b>	211
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	219

## INTRODUÇÃO

O consumo de bebidas alcoólicas na qualidade de um ato social tem cada vez mais se tornado tema de estudo nas ciências médicas e sociais. Atenção especial tem sido atribuída às imagens associadas ao *bebedor*, muitas vezes por desconsideração às formas de organização social às quais o consumo de bebidas alcoólicas está associado. Em valorizando o *bebedor*, o consumo tem sido uma prática intrinsecamente relacionada a avaliações normativas, que definem o consumo moderado *versus* o abusivo.

O consumo de bebidas alcoólicas, quando referenciador da convivialidade, é avaliado sob múltiplos princípios morais, especialmente para inúmeros segmentos populacionais nas sociedades ocidentais, posto que é definido como parte da vida social, razão pela qual é insistentemente distinguido das condições qualificadas de desviantes. Portanto, se em certos casos é concebido por naturalização, em outros é condenado como antinatural. É tema de tamanha recorrência no convívio social que, mesmo aqueles que se opõem ao ato, integram-no discursivamente, tomando-o como um dos elementos de referência para exemplificar comportamentos esperados ou socialmente condenados, mormente quando operador de campanhas missionárias de higienização moral de condutas.

As causas da aceitação ou condenação do consumo são diversas. Alguns argumentam a não-ingestão de álcool por motivos religiosos ou biológicos. Outros argumentam a favor, advogando motivos sociais, de prazer ou, também, religiosos. Portanto: há os que aderem ao consumo de bebidas alcoólicas; há os que o mantêm sob controle; há os que se afastam dos padrões de controle; há os que não aderem ao consumo nem condenam; há os que não aderem e condenam; há os que condenam somente quando é de forma socialmente considerada abusiva; e há os que advogam a impossibilidade biológica do consumo. Enfim, há tomadas de posição por quase todos os que integram sociedades de consumo sancionado ou estimulado.

O ato de consumir bebidas alcoólicas aparece associado a reuniões sociais, à celebração de estados de embriaguez, a situações em que o riso<sup>1</sup> é expressivo das razões do encontro e/ou de *risco*<sup>2</sup>. Ele tem sido encarado como obrigação social, prazer, transgressão, fenômeno orgânico, elemento indicador de exclusão ou inclusão social, de pertencimento

---

<sup>1</sup> A produção do gênero discursivo conhecido como piadas, caricaturas sobre *bêbados* ou o consumo abusivo de bebidas alcoólicas é de inalcançável ordem de grandeza.

<sup>2</sup> No sentido de, sob pena de perda de controle sobre si, levar a atos de violência ou danos físicos e sociais.

ou não a determinados grupos, de qualificação ou desqualificação – de indivíduos ou coletivos (BERNAND, 2000).

Sob a ótica da patologia e/ou da acusação, este tema vem merecendo vasta atenção por parte de estudiosos das áreas biomédica e psiquiátrica, desde as (tão já citadas e analisadas) campanhas antialcoólicas de fins do século XVIII e início do século XIX, principalmente nos EUA e na Europa (NEVES, 2003). Naquele contexto, beber nos momentos de lazer ou da passagem do trabalho para a casa fazia parte do comportamento social esperado, mormente entre indivíduos agrupados no segmento de trabalhadores integrados ao mercado que se constituía segundo a lógica da produção industrial. Os investimentos antialcoólicos constituíram-se a partir de uma grande mobilização, em sociedades ocidentais, envolvendo a atuação de associações de temperança, cruzadas femininas e ligas religiosas, além de diversas outras formas de práticas políticas em torno da proibição da fabricação e venda de bebidas alcoólicas (SOARES, 1999; SANTOS DE MATOS, 2000).

Por tal perspectiva, essas ações colaboraram para ressaltar aspectos negativos da ingestão de bebidas alcoólicas e mobilizar a construção de novas regras para o consumo. Marcaram-se assim de modo expressivo as mudanças nas formas de encarar a ingestão de bebidas alcoólicas, até então, em boa parte das situações, concebida como complemento alimentar, auxiliar da medicina, substituto da água ou como mediador permanente de sociabilidade em todas as camadas sociais, até mesmo entre crianças (NOURRISSON, 1990; CRAPLET, 2005).

Reordenando o campo de disputas pelo reconhecimento e domínio de saberes sobre tal consumo, representantes das instituições estatais aliaram-se a especialistas em medicina e reformadores sociais destinados a controlar a ordem nas cidades. Os discursos médico e religioso que dominavam as ações e intervenções sobre a população contribuíram, também, para produzir uma profusão de prescrições e proscições que, em fins do século XIX e início do século XX, deveriam orientar e ordenar a vida especialmente a do trabalhador (NEVES, 2003).

Nesse quadro institucional de intervenções, o ato de consumir bebidas alcoólicas e embriagar-se tomou forma de *problema social*<sup>3</sup>. A embriaguez, antes vista como consequência natural do ato social de beber (álcool), converteu-se em objeto de

---

<sup>3</sup> Como alerta LENOIR (1998: 61), a grande dificuldade encontrada para o estudo sociológico envolvendo uma questão institucionalizada como problema social é “estar diante das representações preestabelecidas de seu objeto de estudo que induzem a uma maneira de apreendê-lo e, por isso mesmo, defini-lo e concebê-lo.”

preocupação dos agentes sociais que produziam e dominavam os discursos de uma nova organização da sociedade, mormente no contexto de urbanização e industrialização das cidades americanas e européias. O que era percebido como complemento de lazer ou prazer e, nesses termos, passível de controle por parte de quem praticava o ato de beber, ganhou conotação de elemento contrário às regras de higiene com o corpo e da alimentação, ao mundo do trabalho, da casa, da família, da cidade, da sexualidade, das atividades artísticas e culturais, dos hábitos e dos costumes (NEVES, 2003).

Os usuários de bebidas alcoólicas foram classificados conforme o grau e a frequência da embriaguez e/ou descumprimento dos papéis sociais, atribuídos aos gestores das unidades domésticas, desempenhos condizentes com o trabalhador provedor, que na sociedade então se consolidava.

É nesse contexto que ganha destaque, também no Brasil, o combate à maneira de beber qualificada como *alcoholismo*. As campanhas antialcoólicas, neste país, propunham a necessidade de recuperação dos então qualificados *alcoólatras*. Termo este que passaria a designar uma condição física contraposta ao trabalho.

No plano das representações sociais, os bebedores intemperantes se confundem, então, com os grupos de *status* inferior, tanto no caso dos homens como de mulheres. Não sem razão, foram muitas as propostas de criação de colônias correcionais agrícolas. Considerado uma epidemia, o *alcoholismo* deveria ser combatido tal qual uma *praga*, em todos os cantos do país.

Os discursos (...) reiteradamente associavam o alcoholismo ao jogo, fumo, vagabundagem, boemia e mendicância, provocados por uma ociosidade que era incompatível com uma 'sociedade moderna e civilizada'. (...) O pior do alcoholismo era localizado no campo, onde representava um mal que se sobrepunha às verminoses e degenerava o trabalhador rural, gerando neste, preguiça, indolência e improdução, sendo fruto da ignorância. Afirmava-se que o homem do campo consumia mais álcool do que o da cidade, motivo pelo qual as campanhas não deviam se restringir aos setores urbanos, mas incorporar o campo (...). As propostas antialcoólicas para a cidade, de horário para os bares, prisão para os ébrios e aumento dos impostos sobre as bebidas, não seriam viáveis no campo, pois em quase todos os municípios do interior se fabricava aguardente, que era vendida em tendinhas, nas estradas, fugindo à fiscalização e cobrança de impostos. A única solução que incorporasse o campo seria a proibição total das bebidas alcoólicas no país. Só assim poder-se-ia 'civilizar' o interior, impor novos hábitos e soerguer da ignorância o homem do campo (SANTOS DE MATOS, 2000: 34-36).



Para além das qualificações morais até aqui levantadas, no bojo dessa cruzada construiu-se a idéia de que o homem do campo bebe sem controle. Ela é recorrente, pois perdura no imaginário de grande massa da população. Não é raro ouvir alguém comentando *o problema sério que é a bebida alcoólica entre os habitantes e trabalhadores da área rural*. Por conseguinte, também esta população recebia e em muitos casos ainda recebe o rótulo da vulnerabilidade pelo *alcoholismo*, definido como um dos maiores problemas no meio rural. A denúncia associava assim o estado de embriaguez a situações de extrema miséria e dependência de outrem, enfim a atributos estigmatizantes em associação.

Muitos autores que se dedicaram a estudos no meio rural fazem emergir em suas análises uma freqüente preocupação dos pesquisados com o consumo de bebidas alcoólicas. Todavia, poucos foram aqueles que se detiveram na compreensão de dados em relação à questão reportada. Mesmo aqueles que o fizeram, centraram a atenção no caráter acusatório ou de problema social atribuído ao consumo definido pelo abuso.<sup>4</sup>

Os atributos identificadores dessa qualificada excessiva maneira de beber aparecem, de forma tangencial, em inúmeros textos sociológicos, especialmente em estudos que tratam das relações sociais entre grupos familiares, grupos de trabalho e freqüentadores de bares. Também aparecem associados a situações de violência e/ou de consumo *cruzado* com outras *drogas*, relativamente qualificadas como ilícitas. Por viés mais positivo, o consumo de bebida alcoólica corresponde à expressão de masculinidade, mais ainda se justificado pela partilha de sociabilidades que têm no consumo da bebida alcoólica um dos elementos de mediação do espaço e tempo social de convivência (VALE DE ALMEIDA, 1995; GUEDES, 1997).

Os recorrentes atributos convergem com as referências de que lançam mão aqueles indivíduos que se autoqualificam de *alcoólicos*, bem como os agentes sociais que se arrogam classificadores dos estados supostamente permanentes ou pontuais de embriaguez (GARCIA, 2004; MOTA, 2004)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> MUSUMECI (1988), verificando a condição de permanência da agricultura camponesa em meio ao fechamento de terras livres na Amazônia maranhense, analisou algumas idéias mais recorrentes no grupo a respeito das condições e requisitos necessários à ascensão social. Um dos fatores apontados pelos entrevistados como negativo, foi o consumo de bebidas alcoólicas como causa de pobreza e fracasso. A partir dessa interpretação por parte dos pesquisados, a autora observa e analisa os vários momentos da vida social no povoado, que se associavam ao consumo de bebidas alcoólicas não necessariamente de forma negativa.

<sup>5</sup> Ambos os autores produziram estudos, realizando pesquisa entre afiliados à instituição Alcoólicos Anônimos.

Tanto em termos acadêmicos como do senso comum (especialmente por meio da mídia – impressa falada ou eletrônica), é quase infinito o número de publicações, inclusive no Brasil, sob a forma de reportagens, artigos e estudos históricos. Estas reportagens são dedicadas ao estudo dos usos, costumes, etiquetas, produção e comercialização de bebidas alcoólicas<sup>6</sup>. As perspectivas abordadas são várias e contribuem para fixar este consumo como parte indissociável da vida humana e social. Da mesma forma, elas colaboram para conferir a este ato social um caráter ambíguo, ora condenado (geralmente pelo abuso e previsibilidade de correspondentes conseqüências), ora estimulado (especialmente em doses e temporalidades associadas às propriedades médicas), ora imposto (principalmente em situações de conagração e/ou inserção em determinados grupos sociais).

Entre pesquisadores afiliados, as disciplinas reunidas nos centros de ciências humanas e sociais, estudos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas – embora em menor proporção que nas áreas biomédicas e psiquiátricas – ganharam maior expressão em países de língua inglesa e francesa. A análise do levantamento bibliográfico, realizado no âmbito do projeto de pesquisa “O alcoolismo e a exclusão social”, demonstrou que vários desses estudos estiveram, por longa data, motivados por questões contemporâneas aos seus autores e balizados pelo debate no e com o campo das investigações de caráter patológico (ROOM, 1984; NEVES, 2003).

Chamando atenção para o fato de o consumo de bebidas alcoólicas estar vinculado a modelos de conduta, várias pesquisas elaboradas por antropólogos, especialmente franceses, ingleses e norte-americanos, voltaram-se para relativizar a naturalização do ato de ingerir álcool como motivação biológica e evidência social. Referindo-se aos diversos debates sobre o consumo não só de álcool como de outras substâncias alteradoras de estados mentais, tais estudos demonstram como o uso de psicotrópicos é regulado e dinamicamente reelaborado conforme configurações sociais, diferenciadas segundo contextos sociais mais amplos (ROOM, 1984; DOUGLAS, 1987).

No bojo deste debate, os estudos que tomam como foco empírico o ato de consumir bebida alcoólica tendem a valorizar significados culturais e/ou representações sociais elaboradas entre grupos de usuários ou, na contraposição, entre os que assumem a posição de abstinentes quanto a este tipo de bebida. Ao tomarem tais posições, os autores

---

<sup>6</sup> Refiro-me como exemplo: *História do mundo em seis copos*, STANDAGE, 2005; *Alcoolismo no trabalho*, VAISSMAN, 2004; *O tratamento do alcoolismo: um guia para profissionais da saúde*, EDWARDS, 2005; *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*, CARNEIRO, 2005; *Manual de sobrevivência nos butiquins mais vagabundos*, LUZ, 2005; *Comidas, prazeres, gozos e transgressões*, NASCIMENTO, 2007.

qualificam descontinuidades nas formas de consumo de bebidas alcoólicas: ora frente a padrões de comportamento específicos de uma coletividade ou universo de significação (CASTELAIN, 1989; FAIZANG, 1996 e 2007); ora em função de demonstração das maneiras de beber (DOUGLAS, 1987; NAHOUM-GRAPE, 1989 e 1991); ou de constituição das regras de consumo e embriaguez (NOURISON, 1990; ANCEL & GAUSSOT, 1998).

No Brasil, este ainda é um campo incipiente, muito embora alguns artigos, dissertações e teses, cujos autores privilegiaram a compreensão de questões relacionadas, especialmente, a *ex-bebedores* afiliados a grupo religioso (especialmente os da linha pentecostal) ou de ajuda mútua, tenham sido produzidos. Poucos destes trabalhos chegaram à publicação sob a forma de livro ou de artigo<sup>7</sup>.

## 1. Consumo de bebidas alcoólicas: precauções metodológicas

Venho integrando-me ao debate inerente ao campo temático do estudo dos fenômenos de controle do consumo abusivo de bebidas alcoólicas por processo de conversão social<sup>8</sup>. Questiono as condições de possibilidade da brusca ruptura de universos de significação apregoada nas apresentações que fazem de si e do *alcoholismo* os indivíduos afiliados à instituição Alcoólicos Anônimos, quando se pensam convertidos ou em recuperação. Para tal perspectiva de abordagem, vali-me do recurso metodológico de análise de trajetória social, no caso aquela atribuída aos classificados *alcoólicos*. Os agentes sociais assim reunidos contribuem não só para a construção dessa trajetória social, como também para a produção de significados socialmente atribuídos àqueles que não assumiram a condição de abstinente do álcool e vivem frequentemente a condição de *embriagados* pela excessiva ingestão de bebidas alcoólicas (GARCIA, 2004).

---

<sup>7</sup> Dentre os textos produzidos no Brasil, destaco: com base em princípios religiosos, MARIZ (1994a e b e 2003); sob as formas de resenha e análise de estudos sobre o tema, NEVES (2003 e 2004); privilegiando como objeto de estudo relações entre afiliados a grupos de ajuda mútua, GARCIA (2004), MOTA (2004), PEIXOTO (2004), CAMPOS (2005), PAES (2005) e FAIZANG (2003 e 2007).

<sup>8</sup> O interesse pelo tema decorreu de minha participação no projeto de pesquisa “O alcoholismo e a Exclusão Social”, coordenado pela professora Delma Pessanha Neves, filiado ao Grupo de Trabalho Transmissão de Patrimônios Culturais/GAP/UFF e ao CNPq, do qual venho participando como bolsista.

Na pesquisa que deu origem à análise acima referida, mantive o olhar sobre a visão de mundo construída na interação dos afiliados à instituição dos Alcoólicos Anônimos. O quadro de pensamento que orienta os discursos de tais agentes sociais aparece centrado no indivíduo, estimulado a ingerir bebida alcoólica como fundamento de diversas formas de sociabilidade, especialmente aquelas expressivas de atitudes de masculinidade e virilidade.

Esses modelos prevêem o que é preciso fazer em todas as circunstâncias, valorizando uma certa maneira de ser e de beber. Estudam-se as práticas distintivas desse consumo diante de normas orientadas por valores e por uma ideologia que em princípio visa a favorecer a coesão, mas também a reafirmação de uma determinada ordem social. Portanto, o consumo de bebida alcoólica tem uma dimensão normativa codificada e ritualizada nas relações sociais, constituindo um campo privilegiado para a pesquisa antropológica.

A despeito das contribuições dos vários estudiosos à compreensão das maneiras de beber nas breves observações anteriormente apresentadas, a prevalência do recorte pelo consumo de bebidas qualificadas de alcoólicas demonstra a recorrência de classificações que têm como parâmetros as representações sobre a naturalidade do ato de ingerir bebidas alcoólicas, mesmo que pela advertência dos riscos tanto físicos, pessoais ou sociais que lhes são inerentes. A própria propaganda adverte: “beba com moderação”, “é prejudicial à saúde”, “se beber não dirija”, “se dirigir não beba”.

Em qualquer bairro residencial de grandes cidades, como aquele que tomei como situação empírica para a pesquisa já referida, destaca-se a coexistência de instituições dirigidas a objetivos aparentemente opostos que disputam a adesão dos passantes. Um expressivo número de bares imiscuía-se entre igrejas evangélicas e residências, além de outros estabelecimentos comerciais.

Principalmente aos domingos, alguns dos bares contavam com música ao vivo, ao som da qual alguns clientes dançavam e/ou bebiam (mais comumente, cerveja e refrigerante). Outros estabelecimentos mantinham um aparelho de TV ligado, geralmente com a transmissão de um jogo de futebol, à frente do qual diversos espectadores permaneciam na calçada ou no interior do estabelecimento. Alguns deles comiam petiscos e bebiam cerveja, outros bebiam refrigerantes e outros observavam o movimento no bar ou na rua, sem ingestão de qualquer bebida. As igrejas, especialmente as evangélicas, mantinham membros nas calçadas cantando e acenando como se em estado de êxtase. Em muitos casos, uma igreja estava localizada ao lado de um bar ou frente a ele, e os sons

vindos destes estabelecimentos se confundiam. Foi possível então observar a diversidade de usos de um mesmo espaço ou de espaços conectados no bairro, onde os moradores identificavam as mais diversas situações de sociabilidade e aderiam a diferenciadas ou complementares formas de consumo de bebidas (alcoólica, refrigerante, café, água).

Estas observações levaram-me *a posteriori* a pensar na possibilidade de buscar entender como se constroem as variadas maneiras de ingerir bebidas, alcoólicas ou não, inclusive aquela moralmente qualificada como *alcoolismo*. Afinal, bebidas e comidas (e mesmo substâncias psicoativas, qualificadas como *drogas*) foram socialmente constituídas como recursos mediadores em variadas formas de sociabilidade e de exercícios de etiqueta (LÉVI-STRAUSS, 2003; ELIAS, 1987).

Estou, com isto, querendo pôr em evidência reflexões acumuladas no decorrer da minha trajetória de pesquisa, quando tenho explicitado as dificuldades de abordar o tema, ainda mais se a proposta é fugir de lhe imputar um caráter absoluto e independente. Naquele momento, eu detinha meu olhar numa instituição na qual os princípios e argumentos que subjazem ao discurso polarizavam o ato social de consumir bebida alcoólica: era *beber ou não beber*. Não havia meio termo.

Sem querer reduzir a discussão, mas também sem querer alongar-me nela por não ser esta a questão ora em pauta, Alcoólicos Anônimos opera como instituição em cujo quadro de pensamento seus afiliados se assumem como *doentes alcoólicos* e encerram a questão no indivíduo. Nasce-se ou não doente, no entanto, o que determinará se o indivíduo virá ou não a se constituir num alcoólatra, é a sua conduta pessoal. Nesse sentido, a instituição, dada a integração aos demais universos sociais, constitui um dos espaços de produção de compreensão e de maneiras de controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas, em sociedades (como as ocidentais) nas quais esta prática por vezes se constitui impositiva mediação em diversas formas de sociabilidade. Entre as diversas formas de sociabilidade, os encontros nos bares, o jogo de futebol, as saídas noturnas em *boates* são as mais comumente citadas.<sup>9</sup>

Sob semelhante preocupação, GAUSSOT (2004) chama atenção para os cuidados na utilização de associações que, *a priori*, contemplam idéias já prontas, pré-noções,

---

<sup>9</sup> Sobre atitudes e comportamentos esperados nos bares e em Grupo de AA, GARCIA (2000 e 2004), JARDIM (1991) PEÇANHA (2000) e THIAGO DE MELLO (2003) elaboraram etnografias em situações urbanas. Sobre o papel do bar associado ao jogo de futebol na reprodução de rotinas masculinas, GUEDES (1997) apresentou detalhada análise de gênero, assim como MACHADO DA SILVA (1978), pioneiro no estudo da temática no Brasil. Sobre a importância dos bares e saídas noturnas dos homens na reprodução da noção de masculinidade, o estudo de VALE DE ALMEIDA (1995) resulta valiosa contribuição.

juízo de valores. Para estudar o consumo de bebida alcoólica, muitos desses julgamentos têm que ser controlados, um deles é o risco de associar o consumo de bebida alcoólica a pontos de vista do bem-estar ou mal-estar da saúde ou da sociedade.

Como adverte o autor, isso não significa negar que o alcoolismo seja uma doença, nem tampouco pressupor que o alcoolismo seja algo sem importância na condição de problema na sociedade. Mas o objetivo da antropologia é compreender esse fenômeno que é dotado de múltiplas implicações. E para tanto, é fundamental que o consumo de bebida alcoólica não seja tomado em si mesmo, partindo do princípio de que ele é de utilização privilegiada por algum segmento social; ou, reificando, pela ênfase absolutizada, os lugares onde o uso de bebida alcoólica é preponderante, tal como nós pesquisadores vimos acenando, quando reduzimos o estudo do consumo de bebidas alcoólicas aos bares.

A qualificação do bebedor como normal ou moderado varia conforme as sociedades. Por isso, não só para entender as situações em que o consumo de bebida alcoólica é valorizado, como também os limites que são a ele imputados, é preciso entender os indivíduos fazendo parte de uma rede de práticas sociais em que esse consumo pode se dar das formas mais diversas.

Gaussot advoga que, melhor que compreender como se torna alcoólico, o mais adequado é entender como os indivíduos bebem sem se tornar *alcoólicos*. Portanto, para o autor, o que importa é interrogar sobre as regras que definem a moderação ou o beber como virtude. Nesse quadro relacional de interdependência do bebedor (tido como) normal com aquele que se embriaga em situações esperadas e vistas como adequadas e com o qualificado *alcoólico*, importa entender as relações e os valores que subjazem à classificação, inclusive a acusatória. E nesse sentido, entender quem pode definir o que é o *alcoólico*, visto que o acusado geralmente nega essa condição ou desqualificação (Cf. NEVES, 2004).

Entendendo, como Gaussot, que o ato de consumir bebidas alcoólicas está vinculado a modelos de conduta adaptados a diferentes situações sociais, tomo o consumo de bebida alcoólica como objeto de estudo. Não por ele mesmo, mas a partir das práticas em que ele está presente, juntamente com outros consumos de bebidas não alcoólicas e outras formas de alimentos. Ao mesmo tempo, busco entender como, a partir do quadro de referência situacional, os bebedores considerados excessivos vão ser definidos como *alcoólicos*.

Dando continuidade à minha trajetória de pesquisadora nesse campo temático, na análise que ora apresento, proponho então uma outra perspectiva, visando a ampliar o campo de compreensão sobre as maneiras de beber em espaços de construção de sociabilidades. Ao privilegiar tais unidades empíricas de análise, espero fugir ao olhar exclusivo sobre maneiras de consumo de bebidas alcoólicas e reafirmar que elas próprias se configuram um dos recursos instrumentais da sinalização de comportamentos morais diferenciados e específicos a variados ambientes sociais.

## **2. Formas de sociabilidade e estilização de comportamentos**

Para entender as condições de escolhas entre alternativas de sociabilidade cujo consumo de bebidas (*tout court*) se faz presente, estou me valendo de análises elaboradas por SIMMEL (1983). Para ele, a sociabilidade é processo de interação, referenciado a concepções comuns que configuram comportamentos esperados. Na organização das suas ações, os homens em interação levam em conta, mesmo que inconscientemente, não somente o momento da ação, mas as relações sociais que os unem. Simmel chama a atenção:

... 'sociedade' propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, por meio do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (1983: 168)

Assim concebida, a sociabilidade representa forma de associação, sob a qual o prazer de cada um depende do outro na interação. Para tanto, são necessários investimentos de reprodução social de características da cordialidade, amabilidade e prudência.

Por esta abordagem, a sociabilidade está relacionada com a estilização dos comportamentos no que diz respeito à multiplicidade e à variedade dos papéis sociais que o indivíduo desempenha nos diferentes círculos, momentos e situações. Este estilo de relacionamento, por sua vez, está ligado a uma grande variedade de formas de socialização,

modos como os indivíduos realizam, a cada instante, a síntese peculiar que configura a sociedade.

Essas formas de socialização, às quais se refere SIMMEL (1983), devem ser investigadas como “formas de jogo”, pois elas supõem e restabelecem laços entre os homens, em uma rede que comporta uma circularidade. Mas também é preciso uma certa equivalência entre as partes, de forma a evitar atritos e permitir que cada um aja como se o outro fosse um igual.

Sob tal prisma, a conversa é elemento importante de estimulação da sociabilidade, que nem sempre alcança a equivalência exprimindo desinteresse. Os homens controlam os interesses, individuais ou coletivos, pelo *tato*<sup>10</sup>, de forma a permitir a interação característica da sociabilidade, mas não se despem deles. E toda conversa, sob forma de sociabilidade, supõe congraçamento e deve implicar uma associação prazerosa. Entretanto, isto não anula a possibilidade de que, em tais situações, se reafirmem diferenças sociais ou até surjam conflitos entre as pessoas (respeitados os limites), pois, por meio delas, são realçados valores, relações e identidades.<sup>11</sup>

Uma das normas fundamentais dos atos de beber é a criação de princípios que venham demarcar a distância e a distinção em relação à suposta forma de consumo nas chamadas classes populares. Em consequência, torna-se importante estudar o consumo em grupos populares para requalificar sociologicamente essa acusação, que nada mais é que uma forma de regulação pelos porta-vozes de supostos interesses dos que se arrogam ordenadores do mundo social ou do “outro”. Para dar conta desse enfoque, a contribuição do interacionismo simbólico faz-se importante, especialmente a contribuição de GOFFMAN, quando analisa regras de polidez em termos de rituais de interação. Afirma o autor na introdução do texto “A representação do eu na vida cotidiana” (1983):

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito

---

<sup>10</sup> Quanto ao *tato*, Simmel reflete: “onde nenhum interesse egoísta imediato ou externo dirige a auto-regulação do indivíduo em suas relações pessoais com outros, é o *tato* que preenche essa função reguladora. Talvez sua tarefa mais essencial seja traçar os limites, que resultam das reivindicações dos outros, dos impulsos do indivíduo, da ênfase do ego e dos desejos intelectuais e materiais.” (1983: 170)

<sup>11</sup> Além da leitura de SIMMEL (1983), vali-me de análises de comentaristas: WAIZBORT, 1996; EUFRÁSIO, 1996.



do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (1983: p. 11)

Tal olhar contribui para lançar luz sobre o processo de interação que se instaura simultaneamente às situações de sociabilidade privilegiadas na pesquisa. Além disso, observando condutas efetivas, Goffman (1988) vai apreender as regras subjacentes à construção das alteridades valorativas de quem decreta o estranhamento e a naturalização de comportamentos autoconsagrados.

O sistema de regras, como já tão bem demonstrou Lévi-Strauss, é amplamente inconsciente em seus princípios. Todavia, propõe um modelo de conformidade valorizada positivamente, favorece a integração e ao mesmo tempo confere especificidade a um dado grupo. Assim, o sistema subjacente e os comportamentos que se exprimem só encontram sentidos um em relação ao outro; as condutas são inteligíveis em relação às regras que lhe subentendem; e as regras existem porque elas se atualizam nas condutas. Consta-se, assim, uma influência recíproca entre os dois aspectos, o sistema de regras e os comportamentos, mas as modificações que aparecem no plano das condutas podem igualmente influenciar, modificando o código de orientação dessas condutas.

Tendo em vista a perspectiva adotada, estarei analisando um conjunto de valores e princípios de pertencimento referenciados a sistemas de crenças que organizam a vida social dos moradores ou das famílias que habitam um povoado qualificado de rural. As posições por eles reconhecidas se polarizam entre pequenos proprietários e assalariados, complementadas pelas funções voltadas especialmente para o comércio e serviços, embora, muitas vezes, essas mesmas funções sejam realizadas por assalariados ou agricultores.

Portanto, por trás dos atos de consumo de bebidas alcoólicas há sempre um universo de deveres e de obrigações. Em consequência, é pela observação da vida cotidiana, nas mais diversas situações possíveis em que a bebida alcoólica é interdita ou em que o consumo é privilegiado, que as questões de pesquisa devem ser dirigidas, de modo a vir então entender esse universo de regras e a relatividade do consumo de bebidas alcoólicas em várias circunstâncias.

### 3. Condições sociais de exercício do trabalho de campo

Como em qualquer pesquisa empírica que requer longa convivência cotidiana com os pesquisados, tive que construir relacionamentos que a viabilizasse. A forma como iniciei o trabalho de campo, por um lado me trouxe vantagens, mas por outro implicou algumas desvantagens (que, com o decorrer do trabalho de campo, terminaram por também ser vantagens). A recíproca visibilidade de pessoas implicou possibilidades de tornar os relacionamentos entre elas mais perceptíveis, bem como observar o consumo de bebidas em situações diversificadas. Esta visibilidade tornou-me, também, alvo de observação e controle por parte dos moradores, impondo-me limites para observação e solicitação de entrevistas.

O trabalho de campo foi realizado, por inúmeras longas permanências no povoado, entre abril de 2005 e outubro de 2006. Todavia, anteriormente havia mantido contatos com alguns moradores, por meio de visitas familiares ou participação em festas. Quando precisei permanecer entre eles por alguns dias, estes contatos foram fundamentais. O povoado não conta com estabelecimentos especializados em hospedagem, nem com transporte que possibilite ida e volta diárias. Por isso, a solução seria permanecer na casa de alguém. A presença de uma pessoa sozinha circulando pelo local inspira curiosidades e impressões que fogem ao controle do pesquisador. Ainda mais em se tratando de uma mulher.

Enquanto permaneci na casa da primeira anfitriã, não pude observar o movimento noturno na praça. Ela permanecia nos limites da casa e eu não me sentia à vontade para circular desacompanhada nesse horário. Estive hospedada em mais três residências, e a interdição se repetiu: *mulher de família e de respeito não circula pela rua ao léu.*

Tão logo iniciei a pesquisa, fui advertida pelo sentido do controle local exercido, principalmente sobre o comportamento da mulher. Algumas entrevistadas trataram logo de me informar quais eram os *bares dos bebuns*, sinalizando onde eu não deveria ficar. Outras delas me passaram a preocupação de caminhar desacompanhada por estradas menos habitadas. Sempre que tinham oportunidade, comentavam que o povoado, *hoje em dia, está muito perigoso.*

Por essas questões, fiz a opção de iniciar o trabalho pelo espaço familiar, chegando aos demais espaços conforme ia construindo algum nível de relação ou conquistando a

confiança das pessoas, de forma a me sentir autorizada a realizar observações e entrevistas em outros espaços sociais. Se eu não podia estar nos lugares interditos à *mulher direita*, raras foram as pessoas com as quais tive dificuldade de aproximação. A abertura para o contato era flagrante.

Estou me valendo da noção de hospitalidade em espaço doméstico<sup>12</sup> para referenciar o acolhimento do pesquisador e as formas rápidas de recepção de pessoas relativamente estranhas a esse ambiente. Sob o princípio da reciprocidade, no acolhimento ao estranho está em jogo o vínculo social a ser criado e as condições da pesquisa, em si mesma fundada na sociabilidade e na hospitalidade.

No entanto, aproximação não significava comunicação, pelo menos na forma como eu desejava. Muitas vezes, a abertura para o contato representava apenas uma etiqueta. Outras vezes, era, de fato, um convite ao aconchego da casa. Não simplesmente um convite a entrar, mas também a tomar um cafezinho, que não significava necessariamente uma dose da bebida, mas alguns goles acompanhados de uma boa conversa e de algo para comer. O importante no gesto não é compartilhar a comida ou bebida, mas demonstrar que sabe acolher, obedecendo a ritos de passagem que, como analisou GOTMAN (2001: 3), citado por VAN GENNEP, consiste em delimitar a posição de quem chega. E mesmo em se tratando de uma relação mútua e planejada, tanto por quem recebe como por quem chega, essa forma de recepção demonstra que o controle da situação está com o anfitrião.

Independentemente da posição social ou afiliações institucionais, quando a pessoa que recebe não dispõe de algo para servir e o visitante aceita o convite para entrar, este convite vem acompanhado de pedidos de desculpas por não ter um café pronto, um biscoito ou um bolo, ou ainda, imediatamente, mandar alguém correr na venda para comprar algo a oferecer. Esta ritualização, menos que marcar a posição daquele que não é do círculo de intimidades ou familiar, sinaliza as alternativas de gestão da situação inesperada e aceitação da visita não previamente anunciada.

Diferentemente da análise apresentada por DA MATTA (1979), pois ele está analisando situações num meio social diferenciado do contexto dessa pesquisa, neste povoado a parte da casa onde se exprime a hospitalidade é a cozinha. Em todas as casas em que estive, independentemente da posição social, a cozinha ocupa um espaço maior que a sala e, se não entrei pela cozinha, para ela fui levada.

---

<sup>12</sup> Sobre a questão da hospitalidade, GOTMAN (2001) produziu minucioso e importante trabalho demonstrando as diversificadas formas do exercício da hospitalidade, de uma maneira geral entendida como relação mútua e recíproca.

A hospitalidade, assim expressa, põe em jogo a arte de viver, a arte de receber o outro no seu próprio espaço, de consumir o tempo e da abertura para a convivência social com aqueles que podem adquirir importância primordial no cotidiano. A comensalidade presente nessa hospitalidade é uma forma privilegiada de iniciar e manter relações entre pessoas.

No acolhimento, o comer e o beber, as maneiras de mesa constituídas revelavam à hóspede os códigos de comportamento locais. Dessa forma, pela comensalidade se exprimiam promessas de lealdade e inclusão naquele universo social, enunciava-se a forma projetada de relacionamento de quem está recebendo e, ao mesmo tempo, apresentavam-se as regras de sociabilidade em situações de hospitalidade.

Os que aceitavam a condição de interlocutores reagiam à presença da pesquisadora, quando assim me apresentava, de variadas formas. Em várias situações, o morador indicava quem, na sua concepção, está autorizado a falar para o pesquisador: seja pela formação escolar mais próxima à do pesquisador, seja pela suposição de que as pessoas que ocupam ou ocuparam determinadas posições sociais detêm ou dominam os saberes desejados na relação de pesquisa. Quando a entrevista era formalizada, existia a expectativa das perguntas em forma de questionário e a organização linear do tempo para apresentar as informações, uma vez que eu propunha, como estratégia de definição das intenções da pesquisa, a compreensão de *histórias de vida*, revelando assim a forma que a concebem – linearmente. Na maioria das situações de entrevista, a linha de narrativa foi organizada pela inserção nas relações de trabalho.

Nas situações de passagem e conversa rápida com alguém que estava na janela de casa, na praça ou em um bar, ouvi reclamações das condições da rua e da administração municipal, indagações sobre o que estava fazendo e percebendo no lugar e sugestões para dar palestra sobre uso de drogas, como “um problema que está ficando sério no povoado”. O álcool não configura um problema, bem como outras drogas, salvo em casos individuais. Por isso, o problema não está na bebida, mas em quem faz uso dela com freqüentes estados de embriaguez em público.

Uma dificuldade encontrada para realização de pesquisa que envolve um tema como o consumo de bebida, inclusive a alcoólica, especialmente quando o observador é mulher, é a realização da observação em espaços sociais públicos. No caso de Cascatinha, povoado onde se desenvolveu a pesquisa, mais à frente apresentado, não me senti à vontade para estar sozinha num bar ou venda sem conversar com o proprietário ou algum

conhecido meu. Mesmo nos espaços públicos freqüentados (bares, festas de rua e da escola) pelas pessoas que me recebiam em suas casas, foi difícil sentir-me apenas mais um. A impressão é de que todos ali presentes partilham relações de amizade ou, no mínimo, se conhecem. E que, portanto, quem não é pelo menos conhecido, *fica de fora*, como na relação entre estabelecidos e *outsiders*, analisada por ELIAS (2000).

As anotações na rua constituem objeto de desconfiança e receio, tanto por parte dos moradores (especialmente comerciantes ou empregadores), quando ainda desinformados da minha condição de pesquisadora, como da minha parte, por não ter o controle sobre as impressões que posso estar causando (BERREMAN, 1975). A desconfiança geralmente se manifesta pelos constrangimentos aos quais posso estar exposta diante das impressões que posso suscitar (fiscal da prefeitura ou algum outro órgão público, jornalista, vendedora) e das impressões que eu própria tenho sobre o consumo de bebidas alcoólicas e os significados atribuídos aos bares, em bairros populares<sup>13</sup>.

Em função das formas de acolhimento e situação de controle de conduta entre os habitantes do povoado e destes com os *de fora*, percebi como as regras que configuram o sistema de dominação se referem ao sistema de crenças institucionalizado pela Igreja Católica e pelos princípios de inclusão patrocinados por órgãos, serviços ou políticas governamentais (por exemplo: municipais, estaduais ou federais, especialmente representados pelo SUS - Sistema Único de Saúde e pela EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). Os agentes sociais que ocupam posições prestigiosas neste sistema, estão, na maioria, assentados na propriedade da terra, por isso, apresentados como *famílias tradicionais* e/ou ao *grupo político dominante*

Aceitando, para compreender a interdependência das posições, as exigências de incursão compreensiva em sistemas pretéritos, procurei relativizar as visões sobre o passado pela inclusão de análise de fontes documentais em cartórios, de livros de escritura e registros de transmissão de imóveis. Não somente no que concerne ao território identificado como do povoado e seus arredores, mas deixando-me conduzir até onde encontrava antecedentes de alguns de meus informantes e/ou pessoas por eles citadas (nas versões apresentadas sobre o povoado ou em narrativas de trajetória de vida).

---

<sup>13</sup> Sobre situações como esta, valho-me de exercícios contrastivos com o texto por mim elaborado (GARCIA, 2000) e por (PEÇANHA, 2000), a partir de pesquisa em bairros urbanos, no âmbito do Projeto de Pesquisa “O Alcoolismo e a Exclusão Social”, coordenado pela professora e pesquisadora do CNPq Delma Pessanha Neves.

Além disso, acompanhei algumas atividades além das já citadas, como: curso promovido na Emater-Viçosa, por meio de recursos recebidos por uma associação de mulheres do município; processo de eleição na Associação de Moradores do povoado; ensaio do Grupo de Congos; reunião de esclarecimentos sobre o Programa Bolsa Família; atendimento a usuários do Posto de Saúde; e reuniões com técnicos da Emater para organização de hortas, criação de galinhas poedeiras e utilização de trator, sob os auspícios da Prefeitura e, segundo os informantes, adquirido com recursos do PRONAF - Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar.

A inserção em trabalhos de campo, pelas situações aqui referidas, reafirmou a coexistência de uma variedade de tipos de bebidas, a cada uma correspondendo formas de consumo conformador de situações de sociabilidade. Tal constatação impôs-me, não só por reflexões teórico-metodológicas, mas também empíricas, a relativização do consumo de bebida alcoólica como único a merecer atenção pela pesquisa.<sup>14</sup> Ela compõe um conjunto interdependente e complementar de bebidas, tal como o café, o suco das frutas cultivadas no quintal ou pomar, cada uma servida como forma de expressão de diferenciadas manifestações de hospitalidade e sociabilidade.

#### **4. Agricultores e trabalhadores rurais em situações de sociabilidade**

Venho destacando, nesta introdução, a importância da contribuição do texto que ora apresento para a compreensão (relativizada) do consumo de bebidas alcoólicas, isto é, não considerado em si mesmo, tanto no sentido de ato social autônomo, como no sentido patológico, valorizado pelos riscos e efeitos na saúde pública. Advogo, então, a importância da análise por mim proposta por certa relativa singularidade, pelo menos no que tange à bibliografia até aqui considerada. Quero, todavia, também antecipar outra contribuição que reivindico importante para este texto.

Os estudos que abarcam situações empíricas qualificadas de espaços sociais de vida rural, recorrentemente aquelas em que há predomínio de atividades dos setores produtivos agrícolas e agropecuários, têm incidido sobre formas de inserção econômica e

---

<sup>14</sup> Ao contrário do que faz crer a pesquisa centrada no consumo de bebidas alcoólicas, o café e os sucos são muito mais relevantes nos atos gerais e cotidianos do que a cerveja, a cachaça, o conhaque, o rum e os refrigerantes.

política dos produtores, acompanhando os movimentos de ordenação da organização econômica capitalista, os conflitos gerados em torno de formas de expropriação constitutivas das transformações no modo de construção das relações de trabalho.<sup>15</sup> Ultimamente, estes estudos têm ainda abordado a construção política da categoria socio-profissional agricultor familiar e as condições de aplicação de projetos individuais ou territoriais vinculados ao Pronaf – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar ou ao Programa de Reforma Agrária.<sup>16</sup> Inúmeros pesquisadores têm também sido estimulados à realização de estudos sobre a operacionalização de investimentos no sentido de transformação dos agricultores em outros tipos de consumidores, não apenas no sentido produtivo, como era recorrente, mas também improdutivo, visto que a prática social assim proclamada depende da construção de outras visões políticas do mundo. Em decorrência, faz-se bastante presente o estudo de processos de socialização de agricultores na prática da agricultura orgânica ou na adoção de sistemas agroflorestais.<sup>17</sup> Paralelamente, também tem sido valorizado o estudo das chamadas *populações tradicionais* na luta por reconhecimento de direitos que assegurem a propriedade da terra e a consolidação de específicos modos de vida.<sup>18</sup>

Nas décadas de 1970-1980, houve um trabalho importante de análise das transformações de agricultores em consumidores de produtos agroquímicos, visando a atender aos hegemônicos padrões de produtividade, especialmente a partir da chamada revolução verde. No caso do Brasil, amplos foram os casos de pesquisa em torno de *agricultores integrados*<sup>19</sup> ou engajados aos perfis produtivos referidos pela modernização da agricultura. Os autores respectivos focalizaram as mudanças econômicas e familiares como respostas àquela adesão.<sup>20</sup> Mas também, em contraposição, emergiram diversos

---

<sup>15</sup> Refiro-me, por exemplo, a CORADINI, 1982; D'INCAO e MELLO, 1975; ESTERCI, 1987; IANNI, 1978; GRAZIANO DA SILVA, 1996; SIGAUD, 1979; SORJE, 1980; SORJE *et al.*, 1982; TAVARES DOS SANTOS, 1978; WILKINSON, 1986.

<sup>16</sup> Para me deter em textos de preocupação empírica mais ampla, por vezes de caráter nacional, exemplifico com ABRAMOVAY, 1992 e 1994; BERGAMASCO, 1995; CARNEIRO, 1997; CARNEIRO & MALUF (Orgs.), 2003; CORBUCCI, 1995; LAMARCHE (Org.), 1993; LEITE, HERÉDIA, MEDEIROS & PALMEIRA, 2004; MEDEIROS, 1999; MEDEIROS & LEITE (Orgs.), 2004; MOTA, 2005; MOTA *et al.*, 2005; NEVES, 1997 E 2007; NEVES & MENEZES (Orgs.), 2004; SCHNEIDER, 1999 e 2006; SCHNEIDER *et al.*, 2004; VEIGA, 1995; WANDERLEY, 1995.

<sup>17</sup> À guisa de ilustração, cito ALMEIDA, 1999; FERREIRA & BRANDENBURG (Orgs.), 1998; GLIESSMAN, 2000; LEAL, 2005; MOREIRA, 1997; NEVES, 1987, 2006; PIANA, 1999; SIMÕES DO CARMO, 1995.

<sup>18</sup> Dentre essas situações, têm alcançado maior reconhecimento os estudos sobre as chamadas comunidades quilombolas, dentre os quais, destaco ALMEIDA, 1988; O'DWYER, 2002 e 2004; SAIOCCHI, 1981.

<sup>19</sup> Ver LOVISOLO, 1989; MORAES DA SILVA, 1999; PAULILO, 1990; TAVARES DOS SANTOS, 1993.

<sup>20</sup> Sobressai os trabalhos realizados por NEVES, 1981 e PAULILO, 1990.

estudos enfatizando relações sociais familiares e econômicas que não podiam ser compreendidas pela lógica de integração do capitalismo.<sup>21</sup> O estudo das formas de organização econômica referenciadas por valores familiares e comunais representou então enorme contribuição à reafirmação da coexistência e, assim, ao conhecimento dos modos de constituição do campesinato no Brasil, mormente de suas redes sociais de convivência e coexistência com os princípios de mercado.<sup>22</sup>

A despeito de tão amplo leque de questões, Neves, em artigo datado de 1997, chamava a atenção para a ausência de estudos sobre o consumo, especialmente o improdutivo, entre os agricultores e trabalhadores assalariados do setor agropecuário.<sup>23</sup> Mais recentemente, no *boom* do reconhecimento da hegemonia de uma sociedade de consumo de massas, essas questões têm sido valorizadas num duplo sentido. Não só esses estudos registram a participação de populações ditas urbanas em festas organizadas em torno de produtos agrícolas (festa da uva, da laranja, do camarão etc), geralmente vistas como recriações ou reinvenções culturais ou *novas ruralidades*, bem como atividades de turismo rural, em que *empreendedores rurais* acolhem uma clientela urbana. Por essa perspectiva, também tem sido analisada a participação de agricultores na adoção de modos de vida até então supostamente imaginados como mais específicos ao mundo urbano.<sup>24</sup>

Os estudos que colocam em destaque os habitantes de área rural como consumidores, têm cada vez mais incidido sobre estilos de vida dos jovens, por vezes vinculando tais adesões à maior preocupação quanto aos efeitos desse consumo, principalmente ao risco de migração das novas gerações pela insatisfação com formas de vida mais atinentes ao cotidiano em área rural e, por conseqüência, de enfrentamento de limites para a reprodução social do segmento de agricultores familiares.

Não pretendo aqui realizar uma resenha a respeito desses trabalhos, pois estaria longe do objetivo a que me propus neste texto.<sup>25</sup> Quero apenas situar a contribuição que

---

<sup>21</sup> Ver BRANDÃO, 1981; BRANDÃO *et al.*, 1986; GARCIA JR., 1989; MOURA, 1988; MUSUMECI, 1987 e 1988, entre outros.

<sup>22</sup> Para objetivar as ligeiras referências temáticas que enfatizo, exemplifico com alguns estudos de caso: MOURA, 1978; GARCIA JR, 1983; HERÉDIA, 1979; MEYER, 1980; WANDERLEY, 1999; WOORTMANN (K.), 1995.

<sup>23</sup> Tal é o caso dos fenômenos sociais classificados como exposições agropecuárias, estudadas por NEVES (1998); e dos rodeios, estudados por PEREIRA DA COSTA (2003).

<sup>24</sup> À guisa de exemplo, cito CONDE, 2007; MENASCHE (Org.) 2007; RIEDL, ALMEIDA e VIANA (Orgs.). 2002.

<sup>25</sup> Nos últimos anos, tem sido cada vez mais rara a produção de balanços bibliográficos do gênero resenha sobre inúmeros temas valorizados pela sociologia rural. Boa parte delas foi elaborada na década de 1980. Para melhor compreensão das ligeiras reflexões que apresento, consultar: BERGAMASCO & ANTUNIASSI, 1986; BRUMER & TAVARES DOS SANTOS, 2000; GNACCARINI & MOURA, 1990.



por ele apresento, bem como minhas aproximações intelectuais com alguns antropólogos que valorizaram o estudo de formas de sociabilidade e consumos conspícuos entre agricultores e assalariados rurais: festas religiosas, batizados, rodeios, vaquejadas, festivais, casamentos, peregrinações etc.<sup>26</sup>

Com este trabalho, ao valorizar as formas de sociabilidade para entender maneiras de beber, afilio-me ao acervo dessas pesquisas e à contribuição ao conhecimento da chamada vida rural, não pela recorrente ênfase no caráter de mudanças, nem tampouco pelas formas de integração econômica e política, pensadas pela orientação a um padrão de urbanização que a tudo e a todos atinge e integra. Valorizo a vida cotidiana, considerando as formas como os moradores de Cascatinha vão reproduzindo práticas caracterizadas por certa historicidade; ou aquelas que vão sendo constituídas segundo a criatividade das aberturas dos universos de significação diante da migração e do investimento dos filhos na expansão do nível de instrução formal, inclusive deslocamento para realização de cursos universitários. Portanto, tento, na medida em que assim pude observar, relatar várias experiências cotidianas de reafirmação de determinadas diferenciações e segmentações, de investimentos em totalizações, ou seja, maneiras de bem-viver e socialmente se auto-proclamar, segundo padrões construídos e redefinidos pelo próprio grupo que assim se exprime. Para tanto, levo em conta, como pano de fundo, as condições de produção e as formas de inserção nas relações de trabalho, porque são vínculos que qualificam posições no sistema de relações que dão sentido (simbolicamente) totalizante aos moradores do povoado, mas, como já destaquei, sem fazer, da produção e do trabalho, a razão da pesquisa. Advogo assim minha contribuição relativamente singular ao estudo da chamada população rural integrada por referência identitária a um povoado, enfatizando, por isso mesmo, as inerentes aberturas para universos sociais externos e as especificidades dos modos de relacionamento entre os habitantes que aí diferencialmente se reconhecem em posições relativas.

---

<sup>26</sup> Ver, por exemplo, ARANTES NETO, 1975; CANDIDO, 1964; DELLA CAVA, 1977; FUKUI, 1979; GALVÃO, 1951; GUIMARÃES, 1974; MONTEIRO, 1974; PEREIRA DE QUEIROZ, 1958, 1967 e 1973; PESSOA, 1993 e 1999; RIEDL, *et al.*, , 2002; NEVES 2007.

## 5. Apresentação dos capítulos

Considerando os fatores que até aqui salientei para qualificar sociologicamente o ato de beber, inclusive bebidas alcoólicas, no contexto de produção de regras de consumo que também o são de várias formas de sociabilidade, elaborei, em consonância com o objeto proposto, os capítulos do texto da tese pelos desdobramentos que se seguem.

No primeiro capítulo, *Cascatinha e seus moradores: aproximações e distinções*, apresento os agentes que se integram à pesquisa como informantes, entrevistados ou interlocutores, como espectadores e coadjuvantes dos diversos atos de sociabilidade, mas qualificados segundo atributos sociais construídos e relativamente aceitos como sistemas de pensamento e de julgamentos coletivos. Por isso, menos que indivíduos, analiso as relações sociais que integram os moradores de Cascatinha, segundo expressões ou termos que delimitam posições interdependentes e hierarquizadas, ora positivamente, ora negativamente, segundo a perspectiva de quem emite os enunciados considerados válidos para a compreensão da pesquisadora, que se apresentava como interessada em conhecer a vida social no povoado.

No primeiro plano, apresento algumas características demográficas e diferenciações quanto ao acesso aos meios de produção e aos vínculos de trabalho familiar ou sob assalariamento (sistemático ou temporário). Entendidas as posições pela diferenciação socioeconômica, invisto na compreensão das interdependentes maneiras de verem e perceberem o outro, aspecto fundamental para o entendimento das relações e relacionamentos inerentes às situações de sociabilidade que fui analiticamente destacando. Dado o caráter relacional e situacional dos termos interdependentes, a compreensão das formas de enquadramento social em posições não se apresenta como exercício muito fácil. Tive dificuldades de compreender tais emaranhados classificatórios, como também de sistematizar os termos do sistema no texto, tendo em vista o próprio caráter interdependente dos significados. Todavia, sem esta compreensão, todas as análises aqui apresentadas tornar-se-iam pouco expressivas ou relevantes. Coerentemente com esta maneira de os pesquisados se apresentarem, as considerações, tanto as apreendidas por entrevistas como as consultas a fontes secundárias, inclusive historiográficas, estão sendo tomadas pelo caráter de narrativas concorrentes de interpretação do mundo que se deseja fazer existir, segundo a percepção dele fundante.

Nos quatro capítulos seguintes, considero diversas situações de agregação por sociabilidade entre os segmentados moradores, qualificando-as segundo alguns princípios de pertencimento social e de referência para comportamentos e espaços sociais. No capítulo II, *Espaços domésticos e conagraçamentos: maneiras de comer e beber*, elenco, analiticamente, situações que abarcam a vida familiar e vicinal, o espaço doméstico e seus entornos ou fronteiras de demarcações distintivas e contrastivas em relação ao que os moradores qualificam de rua, praça, estradas e cidades. Enfatizei a vida cotidiana das famílias no espaço residencial, pelo menos daquelas a que me foi dada a oportunidade de observar mais sistematicamente; mantive longas conversas naqueles espaços e momentos em que os membros das famílias se colocam em estado de disponibilidade para o convívio formal ou informal com vizinhos e demais moradores transeuntes. Além disso, valorizei as situações em que as famílias adotam comportamentos de aproximações definidas como visitas, festas de aniversário, casamentos ou recebem parentes que migraram para outras cidades. A perspectiva privilegiada centralizava-se sempre nas formas como se recebiam e eram recebidos, colocando em destaque os recursos mediadores da demonstração das etiquetas expressivas da boa acolhida ou hospitalidade. Por tal observação sistemática, pude enfatizar que o consumo de bebidas alcoólicas, paralelo ou concomitante a tantas outras, pode se dar tanto ou mais que em bares, embora obedecendo a outras motivações, contenções e liberações.

No capítulo III, *Devoções e celebrações*, procurei, pela análise, registrar, espero, à altura do valor que os moradores imputam, os princípios de agregação religiosa e os modos como estimulam e reproduzem essas formas de afiliação e associação. Os sistemas de crenças que aí têm vigência são fundamentais como representações que estruturam a compreensão do mundo e a orientação de comportamentos de grande rigor moral ou generosidade. Há, no decorrer do ano, uma profusão de festas e reuniões de caráter religioso, o caráter sagrado fazendo-se complementar pelo profano, ambos recursos de reafirmação de múltiplos pertencimentos em jogo e de reprodução de visões de mundo mais pródigas no controle disciplinar coletivo.

Concomitantemente, no capítulo IV, *Festas, festivais, carnaval e futebol: segmentações e totalizações*, reafirmei o investimento na criação de recursos de agregação, alguns deles mais por segmentação contrastiva, outros por aproximações negociadas, mas, enfim, todas estas situações constitutivas de formas de valorização ou vivificação da vida social no povoado; ou de reafirmação contrastiva de identidades relativamente ou

externamente inexpressivas como o nós contraposto ao eles, contraponto que abarca tanto relações internas quanto as internas *versus* as externas.

No capítulo V, *Bares, botequins, casas que vendem cachaça e vendas: espaços concorrenciais e personalizados de consumo de bebidas*, apresento no primeiro plano os espaços sociais especializados no comércio e consumo de bebidas, que os moradores qualificam por referência aos seus proprietários e aos serviços oferecidos. Dados os limites da pesquisa, distintivamente eles foram agrupados a partir de conversas com moradores e da observação, na maioria das vezes, a distância.

Como espaço social qualificado para *jovens, homens, bebuns e bêbados*, os bares foram-me apresentados como interditados a *mulheres direitas*, salvo os qualificados como *bares de homens e mulheres*, resguardados o tempo e acompanhantes. Enfatizei a reafirmação da segmentação social, tanto pelos proprietários, como pelos fregueses; tanto pelo tempo, como pelo espaço de cada estabelecimento. Analiso ainda os estabelecimentos qualificados como *venda*, interpretados como espaços de reprodução de formas tradicionais de consumo de bebidas. Apresentados os espaços concorrenciais e personalizados de consumo de bebidas, analiso as formas como os moradores se integram, interagem e constroem formas de estar com o *outro*, mediadas pelo recurso do consumo de bebidas (alcoólicas ou não).

Por fim, no capítulo VI, *Bebedores desviantes: internalização da acusação e espaços de autonomia*, alcanço situações de análise bastante singulares. Tendo em vista que as formas de controle são superpostas por um conjunto de posições aglutinadas por parentesco, vizinhança, compadrio, amizades e coleguismo, os bebedores que reagem à ingestão de bebidas de forma considerada inadequada em termos de etiqueta social e valores morais, são amplamente controlados. Embriagar-se corriqueiramente no bar do irmão, do filho, do cunhado ou de alguém que mantém esta forma de relacionamentos aproximativos, implica controle de quem bebe e de quem serve ou vende a bebida. A visibilidade inerente à aproximação física e social dos moradores de um povoado não deixa margem para simulações e tomada de distância frente a comentários desabonadores. Por isso, os bebedores que desejam reafirmar o direito de se embriagar na temporalidade definida pessoalmente, no caso em apreço, investem na construção de espaços de autonomia e se contrapõem moralmente aos julgamentos pelo isolamento social, sustentado na propriedade do imóvel residencial que os acolhe.

Da mesma forma, aqueles bebedores excessivos que no contexto da pesquisa investiam no exercício disciplinar da abstinência, ao contrário, não conseguem apresentar narrativas e histórias de conversão pelo desnudamento da pessoa social. Por esta razão, invertem também as posições, adquirindo, no exercício público da abstinência, dignidade moral para se lançar em obra missionária, não só pela exemplaridade de se negar ao primeiro gole, mas como voluntário na organização de uma vida comunitária e na mediação necessária à expansão de universos sociais, não só facilitando os deslocamentos de outros ex-bebedores exemplares em visitas ao povoado, como patrocinando excursões de abstinentes ou bebedores a outras cidades ou outros grupos de AA. Por esta forma singular de integração no quadro institucional e confederativo da instituição AA, os membros do grupo de representação local da entidade se reportam a visões de mundo nem sempre muito próximas do ideário consagrador da universalidade daquela instituição.

Por fim, na conclusão, tento sistematizar, não propriamente arcabouços teóricos, dado que não é o caso, mas alguns princípios de método e de caracterização das relações por mim privilegiadas para análise, esperando, assim, poder contribuir para o avanço da pesquisa na temática em jogo.

## CAPÍTULO I. CASCATINHA E SEUS MORADORES: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES

Tomar o consumo de bebida alcoólica como problema sociológico é, acima de tudo, cuidar do risco de associar esse ato social ao olhar estritamente patológico. Portanto, a apresentação do espaço e tempo sociais da pesquisa cumpre a função de, como adverte Lenoir (1998), afastar as pré-noções desse consumo, contextualizando, tanto as ações e apresentações que os pesquisados fazem de si e dos outros, como a posição social do pesquisador em meio às relações sociais dominantes nas situações valorizadas.

Quando fui realizar o trabalho de campo, compreendi que o que dá sentido às ações dos pesquisados são a imagem e as impressões que uns têm dos outros, bem como as que procuram transmitir também uns aos outros, entre *os de dentro* e para com *os de fora*<sup>27</sup>. Deixei-me então guiar pelos princípios da organização social, valores e sentimentos da população.<sup>28</sup>

O distrito de Cascatinha, no qual foi realizada a pesquisa, constitui um dos mais antigos do município de Matoso<sup>29</sup> (Minas Gerais), de cuja sede dista 11km. Este município, no ano de 2004, contava com uma população de 9.418 habitantes<sup>30</sup>. A estrutura fundiária apresentada pelos órgãos oficiais no município, de acordo com os parâmetros institucionais fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, não conta com grandes proprietários ou produtores.<sup>31</sup> Os detentores de terra e demais meios de produção, em sua grande maioria, poderiam ser enquadrados na categoria agricultor familiar (Tabela 1).

---

<sup>27</sup> Utilizo-me desses termos para designar as pessoas que pertencem ao quadro de relações cotidianas dos pesquisados – *os de dentro* – e as pessoas que integram essas relações por interesses que lhes são externos, mas que não deixam de refletir sobre suas imagens ou interesses peculiares de uma posição social ou pessoal – *os de fora*.

<sup>28</sup> Evans-Pritchard (2005), apresentando reflexões sobre o trabalho de campo, argumentou que as observações do antropólogo devem ser orientadas por seus interesses teóricos, já que “não se pode estudar alguma coisa sem uma teoria a respeito de sua natureza.” Por outro lado, adverte o autor, “o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolheu estudar...” E ilustra o argumento como seu *próprio caso*: “Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para o país Zande, mas os Zandes tinham... Não me interessava particularmente por vacas quando fui aos Nuer, mas os Nuer, sim...”

<sup>29</sup> Estarei atribuindo nomes fictícios, tanto ao município como ao distrito, suas subdivisões, rios que o cortam e às pessoas que porventura sejam citadas, bem como aos municípios vizinhos.

<sup>30</sup> Conforme informação obtida no site IBGE-Cidades@.

<sup>31</sup> Segundo uma agente institucional da Emater-MG, 90% das propriedades em Matoso são consideradas pequenas ou minifúndios. Minifúndio foi qualificado como propriedade de até 28,5 ha, cujo produtor não paga mão-de-obra, estando enquadrada na categoria de agricultura familiar.

**Tabela 1. Estrutura Fundiária do Município de Matoso**

TAMANHO DA PROPR.	Nº	%	ÁREA(ha)	%	POSSE DA TERRA	Nº	%
Menos de 1 ha	27	3	21	0	Proprietário	758	80
1 a menos de 2 ha	34	4	54	0	Arrendatário	38	4
2 a menos de 5 ha	105	13	367	1	Parceiro	151	15
5 a menos de 10 ha	130	17	1.040	4	Posseiro	0	0
10 a menos de 20 ha	143	18	2.145	8	=====	===	===
20 a menos de 50 ha	185	24	6.660	27	<b>Total produtores</b>		
50 a menos de 100 ha	88	11	6.600	27	<b>947</b>		
100 a menos de 200 ha	41	5	5.494	23			
200 a menos de 500 ha	5	0	1.500	6			
<b>TOTAL</b>	<b>758</b>	<b>100</b>	<b>23.881</b>	<b>100</b>			

Fonte: Emater/MG – Dados de Realidade Municipal, emissão 07/05/2002.

Esse distrito abarca um raio de 6km e conta com um povoado que concentra os serviços públicos e o comércio. Tais recursos são irradiados para as famílias que nele residem e em mais dois conjuntos de residências intitulados Morro Velho de Cima e Morro Velho de Baixo, também, por vezes, identificados como *lugar dos pretos* ou *lugar dos pobres*. Ou, ainda, para aqueles que, sob dispersão, assentam-se em casas, ora sob o padrão de residência individualizada, ora aglomeradas em pequenas propriedades ou fazendas. O povoado de Cascatinha é entrecortado por caminhos vicinais e estradas que interligam seus moradores à sede do município de Matoso e a outros municípios vizinhos.



**Foto 1.** Vista do povoado (2005)

Dentre os moradores do povoado de Cascatinha, segundo informações obtidas em entrevistas, 13 plantam à *meia* em terra de outras pessoas; 06 proprietários de terra produzem exclusivamente com *meeiros*; e 04 dos produtores que detêm uma *pequena parcela de terra* trabalham somente com os membros da família. E dentre os considerados *pequenos produtores*, a maioria trabalha na *apanha* de café em lavouras dos *grandes* do lugar ou de localidades próximas, no mesmo município ou em municípios vizinhos.

Predomina em Cascatinha a atividade agropecuária, com destaque para as lavouras de milho, feijão e arroz, pecuária de leite e um crescente investimento na plantação de eucaliptos para exploração da madeira, bem como na construção de granjas. É comum o trabalho assalariado temporário e sazonal, de demanda crescente nos piques de plantio e colheita. As culturas que mais exigem contratação de força de trabalho são as de feijão e milho. Entretanto, os produtores que mais contratam são os proprietários de lavouras de café, predominantes em municípios próximos. De forma esporádica, ocorrem contratos para prestação de serviços nas atividades pecuária, limpeza de lavouras, plantação de eucalipto ou serviços domésticos.

Os entrevistados posicionam-se de acordo com a divisão social no sistema de produção e trabalho. Os *trabalhadores assalariados* compõem a maior parte da população do povoado, seguidos dos *pequenos produtores* e dos *aposentados* relativamente autônomos, na medida em que, respectivamente, trabalham para si ou para complementar o rendimento familiar.

Essa população vive uma série de relacionamentos que, integrando regras e valores de uma sociedade mais ampla, constrói o povoado como um núcleo onde estão localizados os estabelecimentos ou os locais que cumprem o papel de proporcionar o encontro em atividades institucionalizadas (política e socialmente) e a visibilidade dos grupos sociais existentes na área.

Entre abril de 2005 e outubro de 2006, período de realização da pesquisa, a população do povoado era de aproximadamente 806 habitantes, distribuídos em 159 residências no centro do povoado (Croqui 1) e 51 residências no Morro Velho (Croqui 2). A população que ocupava tais residências estava distribuída conforme a Tabela 2, a seguir:<sup>32</sup>

---

32 O número de habitantes e de residências tem como fonte fichas do Sistema de Informação de Atenção Básica utilizadas por agentes de saúde, vinculados à Secretaria Municipal de Saúde, como instrumentos de controle de serviços médicos e de saúde, entre os moradores do povoado. São números aproximados –

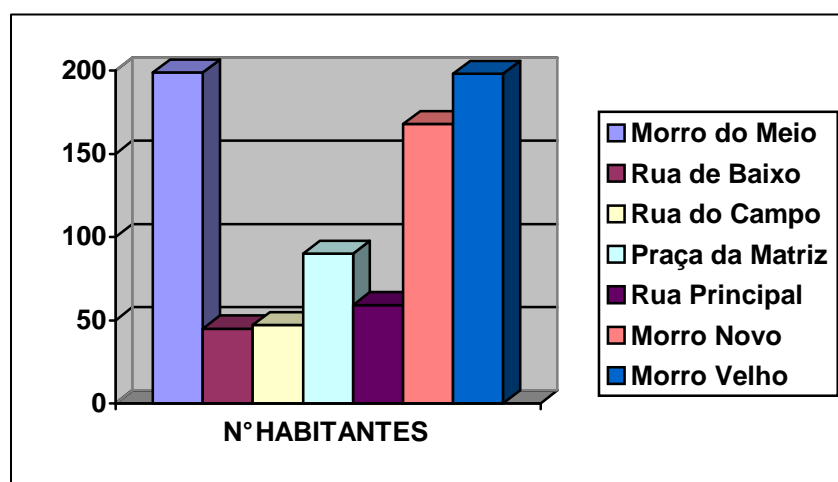


**Tabela 2. Distribuição da população e estabelecimentos comerciais no povoado**

ENDEREÇO	Nº HABIT. %	Nº RESID. %	Nº BAR	Nº VENDA /BAR	Nº PADAR /BAR	TEMPLO RELIGI- OSO	OUTROS
Morro do Meio	199 24,69%	56 26,17%	3	--	--	3	--
Rua de Baixo	45 5,58%	19 8,88%	1	--	--	--	--
Rua do Campo	47 5,83%	13 6,08%	2	--	--	--	1 venda
Praça da Matriz	90 11,17%	24 11,21%	5	1	1	1	2 serrarias
Rua Principal	59 7,32%	14 6,54%	--	2	--	--	1 granja 2 serrarias
Morro Novo	168 20,84%	36 16,83%	--	--	--	--	--
Morro Velho	198 24,57%	52 24,29%	2	--	--	--	--
<b>Total</b>	<b>806</b>	<b>214</b>	<b>12</b>	<b>03</b>	<b>01</b>	<b>04</b>	<b>05</b>

Fonte: Trabalho de campo.

**Gráfico I: Distribuição da população**












Fonte: Trabalho de campo

faltavam algumas fichas e outras estavam desatualizadas. Quanto aos estabelecimentos comerciais e religiosos, os números correspondem às observações no trabalho de campo.

## Croqui 1. Povoado

### Legenda

	Bar
	Casa que vende cachaça
	Escola
	Igreja Assembléia de Deus
	Igreja Católica
	Igreja Católica/Grupo de AA
	Padaria
	Trailer
	Venda

Fonte: Trabalho de Campo, 2005/2006.



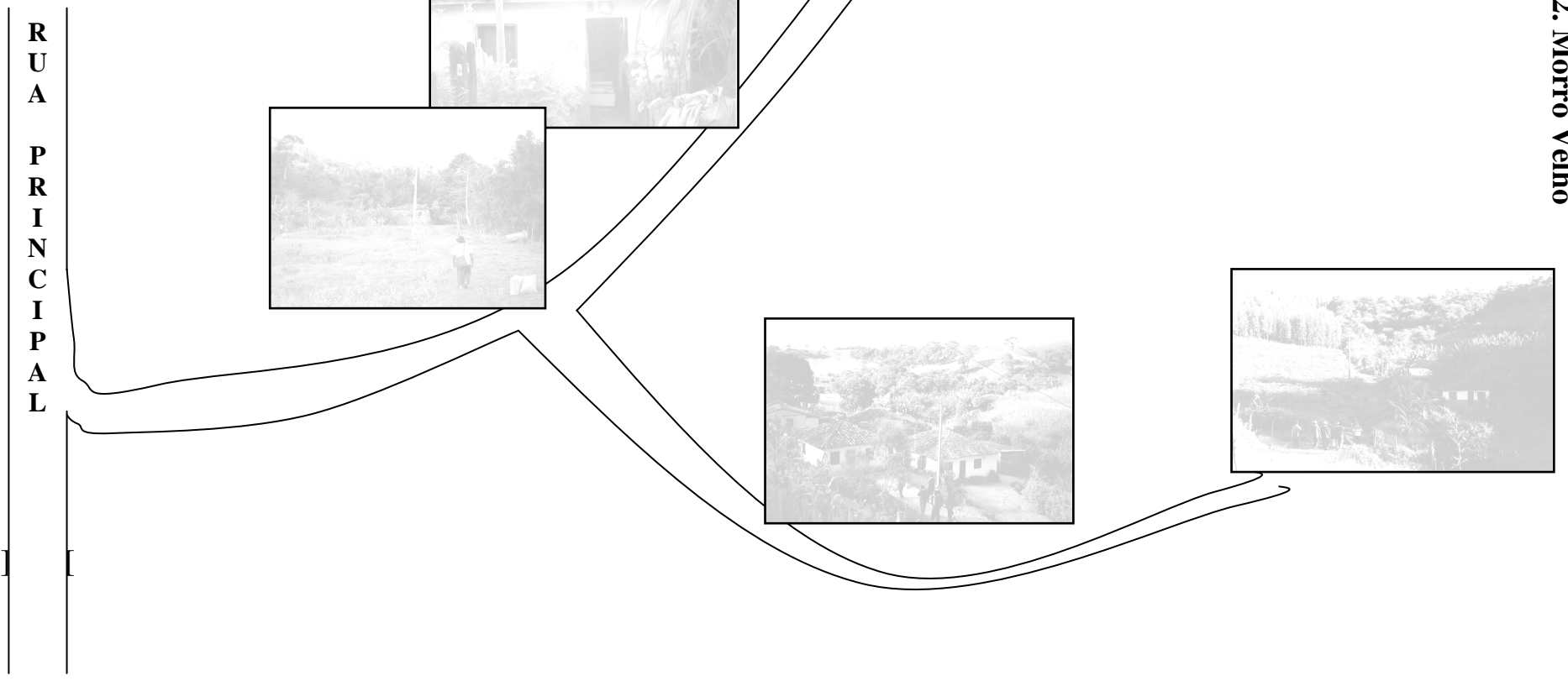
Quanto ao número de residências, considere também aquelas que permanecem fechadas durante a maior parte do ano (cerca de 10), sendo ocupadas em períodos de festas e férias, alugadas ou ocupadas pelo proprietário que ali permanece por temporada especial.

Essa população está distribuída no povoado de acordo com a diferenciação social associada à distribuição espacial, que mais precisamente aparece objetivada entre os habitantes do povoado. Tal diferenciação corresponde a qualificações de posições como se segue: **a)** herdeiros dos antigos (grandes) proprietários de terras, que produzem, comercializam e ocupam cargos públicos; **b)** herdeiros destes mesmos proprietários, que estão na condição de trabalhadores, *assalariados* ou *meeiros*, dependendo de terra dos primeiros; **c)** herdeiros dos antigos trabalhadores, que permanecem na condição de assalariados sazonais; **d)** herdeiros desta mesma condição e/ou pequeno produtor que plantam à meia ou arrendam terras; e **e)** os *de fora*, aqueles que retornaram após um período de migração ou que se integraram por intermédio de algum migrante, resolvendo então se estabelecer no povoado.

Os herdeiros dos proprietários de terra, produtores e empregadores que residem no local, ocupam majoritariamente as habitações nas ruas localmente identificadas como Rua Principal, Praça e Rua do Campo, totalizando 24,32% da população. Os proprietários das casas e vendas neste conjunto de ruas são moradores mais antigos, alguns com filhos e/ou netos no mesmo imóvel ou em outro ao lado. Os imóveis dos produtores diferem dos demais quanto ao tipo de construção, acabamento, decoração e composição dos móveis.

Os herdeiros de trabalhadores que viveram na condição de subordinados pelo sistema escravista ocupam, majoritariamente, as habitações no Morro Velho (52 residências) e no Morro Novo (36 residências, distribuídas em 7 ruas), totalizando 45,41% da população. Neste último, os lotes nos quais as casas estão sendo construídas são bem menores em relação aos demais loteamentos. Muitas construções são inacabadas e abrigam grupos domésticos mais jovens, na maioria filhos e/ou netos de moradores no Morro Velho, que conta com algumas residências dispersas e outras agrupadas, em sua maioria, por descendentes de dois grupos familiares de ascendência negra, sem ruas definidas (Croqui 2).

**Croqui 2. Morro Velho**



As 75 residências localizadas nos loteamentos identificados pelos moradores como Morro do Meio e Rua de Baixo abrigam 30,27% da população (distribuídas em 8 ruas). Estes imóveis são mais diversificados, tanto quanto aos residentes como quanto aos imóveis propriamente, no que concerne a tamanho, acabamento, mobiliário e cuidados com a casa. Ali se encontra a maior parte das poucas casas alugadas. Entre os moradores deste conjunto de residências, encontrei trabalhadores assalariados, produtores e seus filhos e também a maioria dos moradores que retornou ao povoado após um período de migração ou que são novatos no local, aos quais geralmente os moradores se referem como *gente de fora*. Como o Morro Novo, este é um loteamento consideravelmente recente. E ambos foram sendo loteados e ocupados a partir da década de 1990.

As casas em terrenos de ocupação mais antiga vêm sendo reformadas ou substituídas pelos proprietários por construções em estilos mais próximos às das cidades vizinhas, pelos indivíduos com melhor poder aquisitivo, seja pelas condições de produção, seja porque um ou mais filhos trabalham em serviços públicos no local ou saem para trabalhar fora ( Fotos 2 e 3).



**Foto 2.** Modelo tradicional de residência na Praça (1998)



**Foto 3.** Novo modelo de construção de residências (2005)

Além dos estabelecimentos comerciais e de serviços destacados na Tabela 2, há um Grupo de Alcoólicos Anônimos, que, tendo em vista a temática privilegiada neste texto, merecerá análise em um capítulo. Em termos de ocupação de mão-de-obra, nos estabelecimentos destacados na Tabela 2, os proprietários utilizam-se da divisão do trabalho familiar, salvo nas serrarias, que chegam a contratar informalmente alguns auxiliares. Quanto ao número de pessoas ocupadas, a Tabela 3 ajuda a esclarecer a situação.

**Tabela 3. Ocupação por sexo**

SEXO	OCUPAÇÃO							Sub-total	estudante	Total
	agricultura comércio	do lar	doméstica	Funcion. público	Serviços	Aposent./ pensionist	desocupad			
MASC	150	---	---	11	26	27	30	244	94	<b>338</b>
FEM.	75	99	16	12	1	39	9	251	78	<b>329</b>
<b>TOTAL</b>	<b>225</b>	<b>99</b>	<b>16</b>	<b>23</b>	<b>27</b>	<b>66</b>	<b>39</b>	<b>495</b>	<b>172</b>	<b>667</b>

Fonte: Fichas do Sistema de Informação de Atenção Básica – Secretaria Municipal Saúde.

Observação: Os dados contidos nesta tabela correspondem a informações preenchidas por agentes de saúde, que também são moradores locais.

Além das ocupações destacadas, algumas pessoas complementam o rendimento familiar (particularmente mulheres, especialmente aquelas incluídas no item *do lar*) vendendo, em sua própria casa ou de porta em porta, algum produto: cosméticos, roupas pessoais, roupas de cama, mesa e banho, doces e salgados, cachaça e serviços de manicure.<sup>33</sup>

Alguns dos filhos de produtores que migraram costumam recrutar rapazes e moças para trabalhar em suas casas ou negócios. Os homens geralmente vão trabalhar em estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços; as mulheres são levadas para trabalhar como empregadas domésticas.

<sup>33</sup> Diferentemente do que ocorre na região metropolitana do Rio de Janeiro, onde realizei a pesquisa para o mestrado, em Cascatinha não há identificação nas portas das casas sobre os serviços prestados. Todos sabem quem faz o quê.

Muitos dos trabalhadores que vivem no povoado continuam na condição de assalariados sazonais ou vivendo da aposentadoria de algum parente. A maioria dos trabalhadores que ainda participa de turmas por ocasião de plantio e colheita não conta com benefício por acidente de trabalho, por trabalhar sem vínculo empregatício.

São poucos os produtores de milho que ainda contratam para a quebra ou limpeza do terreno. Os produtores em condição econômica mais favorável possuem trator ou contratam o serviço de quem o possui. Aqueles dotados de menores recursos quanto aos meios de produção afirmam não ter condições de assinar carteira, devido aos altos custos que isto acarreta. Todos os entrevistados (produtores e assalariados) concordaram que os produtores vivem sob o risco de sanções decorrentes de uma possível fiscalização pelo Ministério ou Delegacia do Trabalho.

A opção de emprego para quem tem pouca formação escolar, não tem parentes fora e não deseja arriscar-se em algum outro lugar, é limitada às condições de mercado para os produtos rurais, às relações interpessoais e políticas. Entre as poucas possibilidades de emprego, sem ser no setor agropecuário, está a escola. Mas esta, atualmente, emprega como professor pessoas que passaram por concurso público. A maioria delas reside na sede do município. Apenas três professoras residem no povoado, numa escola que funciona em três turnos com turmas de 1ª a 8ª séries.

Os funcionários administrativos desta unidade de trabalho são moradores no povoado, mas contratados sob critérios de indicação mediada por algum representante de partido político. Segundo uma entrevistada, aposentada como secretária da escola, todas as pessoas – não professoras – que trabalham na escola são parentes entre si. Uma foi indicando a outra, quando não se previa, na Constituição Federal, e, em decorrência, nas Constituições Estaduais e Leis Orgânicas Municipais, a realização de concurso público.

O mesmo ocorre com os funcionários do Posto de Saúde e com as turmas de *pré-escolar*, a cargo da administração municipal. Ambos passaram por um concurso, mas eram pessoas que já ocupavam as posições. As pessoas que ocupam alguns desses cargos disputam posições de poder local, geralmente via agentes institucionais que administram recursos públicos provenientes de programas como Bolsa Família, PRONAF – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar, fomento a expressões de cultura popular.



Os donos das granjas, que também o são de *roças* de milho e feijão e/ou também da venda, contam com, no máximo, dois galpões e mantêm contrato com um frigorífico do município vizinho de Costa Souza, para o fornecimento de frangos. Dois deles contratam pessoas para auxiliar no trabalho nas lavouras nos períodos de plantio, limpeza e colheita. Outros membros destas famílias *proprietárias de terras e/ou comércio* ocupam cargos públicos na escola e no posto de saúde<sup>34</sup>.

Alguns proprietários de venda, que também o são de terra, mantêm práticas de empréstimos de dinheiro e/ou de anotações das despesas para pagamento posterior. Como todos se conhecem, eles conseguem manter o controle de quem está trabalhando ou não, assim como de quem cumpre a obrigação do pagamento, evitando que faça dívida com outro. Assim, constroem formas de endividamento e pagamento que lhes convêm. Além do pagamento em espécie, as dívidas podem ser abatidas com trabalho na lavoura.

No caso dos aposentados com dívida em alguma venda, o credor leva-o ao banco (de carro), cobra-lhe pelo serviço e abate o valor da dívida. Ou então, ele fica de posse do cartão bancário, indo ele próprio ao banco e repassando ao aposentado o restante do dinheiro. Caso venha a restar muito pouco ou nada para o devedor, ele oferece nova compra e anota para o mês seguinte.

Sob tais contingências, tanto trabalhadores assalariados como produtores negociam formas de garantir, respectivamente, tanto o trabalho e a produção como a participação nos programas sociais. Os dados até aqui constantes permitem vislumbrar a oferta da força de trabalho desproporcional à demanda produtiva. Isto não é sem conseqüências quanto às formas de relacionamentos pessoais, de sociabilidade e de julgamentos morais de uns sobre os outros.

A organização cartográfica do povoado possibilita que as ações das pessoas sejam expressas sob tal visibilidade, de que imediatamente sobressaem diversificadas formas de controle social. Tais formas incidem basicamente sobre atos da vida cotidiana, sobre as maneiras de consumir bebidas (alcoólicas ou não), mas também sobre comportamentos relacionados à religião, ao trabalho, à diversão, ao estudo e ao desempenho de papéis familiares.

---

34 Salvo uma mulher que atua como agente de saúde e é filha de uma trabalhadora, que organiza e comanda *turma de trabalho* nas lavouras.

Para compreender as formas de sociabilidade em que ocorre o ato coletivo ou individual de consumo de bebidas – alcoólicas ou não – como ação social, conforme concebida por WEBER (1977)<sup>35</sup>, é preciso que se tenha uma noção das relações subjacentes à sua objetivação, bem como dos contextos mais amplos a que os agentes se integram na sociedade. Nesse sentido, faz-se mister a apresentação, mesmo que breve, do processo de constituição do sistema de posições sociais no povoado, bem como daquelas (posições) em jogo no momento da realização da pesquisa. Pretendo, por este exercício, entender as formas pelas quais os entrevistados se apresentam e se referem uns aos outros. Interpreto-as como expressão do processo de diferenciação e de reprodução de um sistema de posições sociais, que implicam relacionamentos e julgamentos morais diferenciados, registros imprescindíveis à análise dos atos de consumo de bebida alcoólica.

A partir de descrições e constantes referências ao passado por parte dos pesquisados, percebi que marcas do sistema escravista, isto é, de exploração e imobilização da força de trabalho são permanentemente evocadas entre eles e orientam, no contexto, práticas cotidianas de vida. Estas marcas aparecem tanto nos discursos ou narrativas qualificadoras de si e dos outros, como na distinção dos espaços de residência. A maneira como uns se referem aos outros nos relacionamentos cotidianos, que envolvem diferentes grupos de pessoas, expressa as diferenciações sociais numa forma de jogo, possibilitando relacioná-las a diversas situações no sistema social.

## **I.1 Processo de ocupação territorial e de imobilização da força de trabalho**

Independentemente da condição socioeconômica, os informantes e/ou entrevistados referem-se constantemente ao tempo passado, utilizando-se principalmente de termos como antigamente, antes ou tradição. Eles insistem em submeter o presente a relações de dominação e/ou subordinação (dependendo de quem fala) legitimadas por uma tradição fundada em valores que organizam relações de

---

<sup>35</sup> Assim o autor define ação social: “A ação social (incluindo tolerância ou omissão) se orienta pelas ações dos outros, as quais podem ser passadas, presentes ou esperadas como futuras... os outros podem ser indivíduos ou conhecidos ou uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos.” (WEBER, 1977: 18)

parentela, em representação política, em subordinação a um patrão ou, ainda, na condição de proprietário dos meios de produção e/ou de empregador.

Esta referência ao passado constitui lugar-comum na organização do pensamento dos habitantes do povoado, especialmente no que diz respeito a comportamentos ora avaliados como esperados, ora como incongruentes. A interferência deste princípio de interpretação aparece claramente nas atividades políticas, religiosas e de lazer, nas relações de trabalho e familiar, enfim, na vida cotidiana do espaço doméstico ou da rua.

Ao se apresentarem ou dialogarem comigo, os entrevistados (re)produziam atitudes e narrativas que explicitavam o sistema de posições sociais às quais se concebem integrados<sup>36</sup>. Falar sobre si ou sobre acontecimentos locais significa versar sobre os moradores em geral, bem como sobre o processo de *crescimento* do povoado, legitimador das condições e posições sociais nas quais se encontram.

Com a finalidade de oferecer alguns parâmetros para a compreensão de fragmentos históricos e de sistemas de relações que interpreto a partir de versões reveladoras das posições interdependentes dos entrevistados, valho-me também de alguns estudos de caráter histórico que focalizam a economia mineira. Os autores, na tentativa de recompor o processo de ocupação do território administrativamente denominado Zona da Mata, recorreram a fontes primárias.<sup>37</sup>

Com a limitação de fontes documentais, inclusive acentuada pelos autores, os estudos mais localizados na Microrregião de Viçosa e Juiz de Fora, em grande parte, sistematizam, muitas vezes com a anuência de registros institucionais, versões transmitidas oralmente por informantes privilegiados. Tais versões são convergentes com as que me foram apresentadas pelos atuais moradores que habitam o território valorizado nesta pesquisa. Por isso, as interpretações aventadas ajudam a entender aquelas que aqui integro, construídas para entender a impositiva compreensão da posição dos entrevistados segundo narrativas que evocam a dimensão temporal.

---

<sup>36</sup> Sobre as formas de apresentação do entrevistado ao pesquisador, vali-me das análises de FERRAROTTI (1990), BOURDIEU (1996) e de ELIAS (2002).

<sup>37</sup> Meu interesse aqui não é o de construir a história local. Recorri a estes autores com a intenção de entender o contexto histórico referido pelo discurso dos pesquisados. O que, afinal, estariam eles me comunicando, ao se referirem constantemente a *escravos, coronel, fazenda, senzala*? Que peso podem ter estes termos e estas posições na (re)invenção das tradições sob as quais, hoje, constroem as relações de trabalho? Por este motivo não tomei grande tempo na pesquisa de fontes primárias, embora as tivesse consultado.

Os autores selecionados procuram demonstrar que a região da Mata Mineira teria sido primeiramente ocupada por bandeirantes e/ou aventureiros (ou *desbravadores*<sup>38</sup>) que, em busca de riquezas minerais, seguiam especialmente o caminho traçado por rios que cortam o território<sup>39</sup>. Em pontos esparsos ao longo das margens desses rios, seria comum alguns dos homens que compunham as *tropas* das viagens se estabelecerem em lugares estratégicos. Aí formavam pequenos núcleos residenciais, com a finalidade de plantar roças que garantiriam alimentação e abrigo aos demais, quando de seu retorno (MERCADANTE, 1990; SANTOS, 1992).

Aos poucos, esses pequeninos núcleos ganhavam seus oratórios, depois suas capelas, mais tarde, suas igrejas. De simples povoado, tornavam-se arraiais, elevavam-se, depois, à categoria de paróquias e emancipavam-se como vilas. (RIBEIRO FILHO, 2004: 34)

A velocidade do crescimento populacional destes núcleos estaria sujeita ao encontro dos minérios desejados. Segundo RIBEIRO FILHO (2004), não teria havido investimento por parte da Coroa Portuguesa no sentido de *sistema plantation* para a região da Mata Mineira. E especialmente em locais nos quais não se encontravam os cobiçados minérios, a formação de povoados ocorreria de forma lenta e gradativa, tal como teria acontecido nas proximidades dos rios Curvo Largo e Curvo Fino, principais cursos d'água que cortam o município de Matoso e alguns de seus vizinhos.

A mata fechada e a inexistência dos minérios são apontadas por alguns autores como fatores de povoamento escasso nos anos dos 1700 e de estímulo, inclusive, à formação de *quilombos*. Um deles teria sido organizado nas proximidades da nascente do Rio Curvo Largo<sup>40</sup>. Os registros das primeiras sesmarias ao longo dos cursos d'água dos rios acima citados, segundo RIBEIRO FILHO(2004), datam da segunda metade do século XVIII, quando aparecem nas fontes documentais os primeiros vestígios de povoamento no território da microrregião.

---

38 RIBEIRO FILHO (2004) utiliza o termo *desbravadores* para designar homens que “se embrenhavam, ‘romanticamente’, mata adentro, descortinando novos territórios e procurando ouro e pedras preciosas para si, o que lhes traria riqueza e poder; e para a coroa, o que lhes traria títulos e nobreza” (p. 29).

39 Os rios mais comumente citados em estudos sobre a região são: Doce, Piranga, Casca, Xopotó, Curvo Longo, Curvo Curto.

40 *Quilombo* é definido por RIBEIRO FILHO (2004: 203-207) como “comunidades que se formavam aos poucos, vagarosamente, com as chegadas esporádicas de escravos fugitivos, quase sempre sozinhos”. A ele se refere como um *reduto organizado*, provido de roças e ranchos, que teria sido destruído por volta de 1726. Nesta ação militar, os comandantes teriam preservado algumas das lavouras organizadas pelos escravos, possibilitando a formação de um povoado, onde, hoje, encontra-se o distrito de Monte Celeste - pertencente ao município de São Geraldo-MG.

Seria comum, em várias partes do território mineiro (naquele século), instalarem-se membros de uma mesma família, pleiteando áreas próximas. Aos representantes da Igreja Católica caberiam os registros de autorização para construção de capelas, das doações e dízimos, dos casamentos, batizados e enterros. Tais atribuições, associadas às atividades religiosas e aos arranjos políticos e econômicos com os sesmeiros - que, inclusive, recebiam patente militar - teriam conferido aos representantes desta instituição e aos titulados *coronéis* ou *capitães* um relativo poder frente aos habitantes dos povoados. (MARTINS *et al.*, 2002; RIBEIRO FILHO, 2004).

O crescimento populacional nesta região teria tomado impulso, no século XIX, associado à estabilização da atividade agrícola, acompanhando a expansão de lavouras canavieiras e de café, pelo território nacional. No ano de 1836, a estimativa regional de engenhos de cana no Brasil era de 8.128. Destes, 4.150 estariam na província de Minas Gerais. A Zona da Mata contava com 239 engenhos, sendo 143 deles produtores de aguardente. A estimativa do número de escravos empregados nestes engenhos era de 85.075 em Minas Gerais, sendo 6.214 (7,3%) na Zona da Mata (GODOY, 2002)<sup>41</sup>.

MARTINS *et al.* (2002) assinalam que a população mineira nos anos de 1833/35 era composta de 65,85% de homens livres e 34,15% de escravos; em 1855, 69,54% eram livres e 30,46% escravos; em 1862/63, 74,9% eram livres e 25,1% escravos (Tabela 4); e em 1872, 81% da população era livre e 19% escrava<sup>42</sup>. Trata-se, portanto, de uma região povoada, em grande parte, por trabalhadores livres. Nesta categoria enquadravam-se tanto brancos como negros (Tabela 5).

**Tabela 4. População livre e escrava por região – MG (1862/63)**

<i>Região</i>	<i>% livres</i>	<i>% escravos</i>
Centro	74,7	25,3
Centro-Oeste	77,0	23,0
Jequitinhonha/Rio Doce	85,6	14,4
<b><i>Mata</i></b>	<b>69,3</b>	<b>30,7</b>
Sudoeste	82,0	18,0
Sul	73,5	26,5
Vertentes	61,8	38,2
<b>Total</b>	<b>74,9</b>	<b>25,1</b>

Fonte: Martins, 2002.

41 Godoy apresenta como fonte destes dados o recenseamento populacional de 1831/32.

42 Para os dados dos anos de 1833/35, 1855 e 1872, MARTINS (2002) valeu-se do estudo de PAIVA & BOTELHO (1995) e para os anos de 1862/63, cita como fontes: APM: SP654, SP955, SP956, SP1005, SP1006.

**Tabela 5. População escrava nos municípios da Zona da Mata de Minas Gerais (1876 e 1886)**

<i>Município</i>	Pop. escrava em 1876(1)	Pop. escrava em 1886	Variação	
			Nº	%
Leopoldina	15.253	10.905	- 4.348	- 28,51
Mar de Espanha	12.658	11.777	- 881	- 6,96
Juiz de Fora	14.368	20.905	+ 6.537	+45,50
Ponte Nova	7.604	4.732	- 2.872	- 37,77
Ubá <sup>(2)</sup>	7.149	3.656	- 3.493	- 48,86
Pomba	7.028	6.029	- 999	- 14,21
Rio Novo	6.957	3.662	- 3.295	- 47,36
Viçosa	6.636	3.042	- 3.594	-54,16
Rio Preto	6.313	5.410	- 903	-14,30
Muriaé	5.936	5.326	- 610	-10, 28
Piranga (3)	4.195	4.655	+ 460	+10,97
<b>TOTAL</b>	<b>94.097</b>	<b>80.099</b>	<b>-13.998</b>	<b>-14,88</b>

Fonte: Machado, 2002.

- (1) Os dados ainda correspondem aos apurados pelo Recenseamento Geral de 1872 (MACHADO, 2002).
- (2) O território do atual município de Matoso, em 1876 pertencia a Ubá; em 1881 passou à Comarca de Costa Souza (emancipando-se de Ubá); e em 1987, foi incorporado à Comarca de Viçosa.
- (3) Embora localizado na Zona da Mata, não se trata de município cafeeiro (MACHADO, 2002).

De acordo com os dados apresentados por Godoy e Martins, o número de escravos decresce na província, mas aparece com elevada consideração na segunda metade do século XIX, na Zona da Mata. Segundo os autores destacados para esta análise, isto se deve à expansão da produção de café nesta região. Aqueles que viviam na mata sob a condição de escravo fugitivo ou livre seriam, em muitos casos, incorporados às fazendas. Ser livre não significava necessariamente ser branco. Mas ser negro significava a subordinação a um *patrão*.

Os dados na tabela, em termos de relação de trabalho, não apresentam expressiva mudança na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Neste processo de constituição da população, consolidar-se-iam oligarquias rurais, que, ocupando posições de poder, influenciariam pactos políticos, dos quais, muitas vezes, os trabalhadores a elas subordinados se integravam como sustentáculos. Em fins do século XIX e início do século XX, assentados nas condições de precariedade dos trabalhadores (*livres*) da agropecuária, os arranjos entre estes e os *patrões* incidiriam, muitas vezes, em

*relações de troca* de reciprocidade negativa, ou seja, uma das partes leva vantagem sobre a outra (MERCADANTE, 1990; RIBEIRO FILHO, 2004).

Se a partir da condição de *trabalhador livre*, as relações de subordinação e poder construídas com o sistema escravista sofriam algum processo de ruptura, a partir da mediação representada por gestos interpretados como *generosidade e obrigação de receber e retribuir* entre as partes - em termos que constituem o princípio da dádiva exposto por MAUSS (1974) - essas relações se reconstruíam.

A vasta bibliografia que faz referências aos efeitos nas relações de trabalho em situações como as destacadas torna evidente que, nesse processo, tanto patrões como trabalhadores (re)construiriam estratégias de coexistência que assegurariam a reprodução familiar e/ou da propriedade. Os detentores dos meios de produção buscariam reordenar as relações de trabalho assalariado com vistas à preservação de posições sociais privilegiadas. Os desprovidos desses recursos, impulsionados principalmente pelo sentimento de *dívida*, permaneceriam imobilizados, fosse pela moradia, pelo acesso à alimentação, por prestação de serviço de saúde e/ou mesmo por valores morais.

Essa mediação representada na forma de uma dádiva sempre renovada propiciaria uma extensa rede de vínculos, capaz de assegurar aos indivíduos o sentimento de que as *escolhas* feitas teriam sido as únicas possíveis. Por essa perspectiva, estou considerando as ações e discursos dos entrevistados capazes de expressar, por intermédio de sinais externalizados, uma rendição inconclusa aos vínculos que os mantêm, sobretudo, em coexistência.

Movidos por sentimentos de incerteza - quanto às possibilidades para o futuro e quanto à confiabilidade da pesquisadora -, simultaneamente ao atendimento às normas de coexistência social, os moradores do povoado, buscando atender a seus interesses socioeconômicos sem se confundir com os possíveis lugares sociais de ação, criam aberturas para a reciprocidade, a qual potencializa uma espécie de dívida estrutural. O que está em jogo, portanto, não é a autonomia de quem fala, mas o *dever a alguém* ou a *obrigação de dar do outro*.

Nessas circunstâncias, as versões apresentadas pelos entrevistados ou registradas no Livro de Tombos da Igreja Católica não manifestam aquilo que calculadamente uma

pessoa ou instituição deve à outra, mas exprimem aquilo que *deu* ou *recebeu* e, por isso, se sente *obrigado* em relação a ela ou legitimado quanto ao julgamento moral que dela faz.<sup>43</sup>

É nesse sentido que interpreto as atitudes e narrativas a seguir apresentadas como forma de expressão do sistema de posições sociais que estruturam a vida social no povoado. Nelas, articulados à referência ao *passado*, sentimentos mútuos de obrigação estabelecidos entre os habitantes organizam o pensamento dos entrevistados.

Antes de destacar algumas narrativas elaboradas pelos entrevistados e sistematizadas para a análise, cabe ressaltar que por elas percebi a impositiva necessidade de eles se distinguirem e de reproduzirem recíprocos julgamentos morais, especialmente dados os padrões locais de desvios de comportamentos, quando fazem referências àqueles que *bebem muito* ou àqueles *que a bebida matou*<sup>44</sup>.

Parti então da suposição de que as atitudes e narrativas dos pesquisados são elaborações que exteriorizam a interiorização de esquemas coletivos, ou seja, a expressão de uma subjetividade conjuntamente estruturada, que identifica os agentes sociais em relação (BOURDIEU, 2000: 221-376). As formas como as pessoas se referem umas às outras, dizem respeito à institucionalização das posições sociais decorrentes das relações de produção e trabalho. Por tais valorações, elas são mais elaboradas quando, no discurso dos entrevistados, estavam em jogo o registro de fragmentos de sua vida e da história de seus antecedentes familiares, a constituição do povoado, bem como a composição da vizinha localidade denominada de Morro Velho.

## **I.2 Propriedade e prestígio familiares: fundamentos da interdependência**

Uma das formas de qualificação da posição social nas narrativas é a recorrente valoração da importância atribuída ao *nome* e às *terras* de família. Uma das informantes, moradora da Praça, proprietária de terra e de uma venda na Rua Principal, 65 anos, casada, aposentada como funcionária da escola estadual, insistia sempre em lembrar a posição de um de seus bisavôs que “*era chamado de coronel, muito conhecido na região e comprava*

---

43 Para esta reflexão, vali-me da análise de MAUSS (1977).

44 Uma das formas com que os moradores se referem aos consumidores de bebida alcoólica que perderam em absoluto o controle sobre seu corpo ou sobre sua vida social.



*escravos em Campos, no Rio de Janeiro.*” Quando a entrevistei formalmente, ela afirmou que isto lhe era passado por seu pai e confirmado pelo avô... que, nas palavras dela:

... também chegou a ter escravos, mas não eram mais escravos naquela época... Morava gente ainda na fazenda, trabalhando como se fosse... Morava na senzala e tinha as casas dos escravos em redor da fazenda... Mas não falava mais que era escravo, falava trabalhador [fez questão de frisar e repetir a expressão *era trabalhador*]. Meu avô dava comida, porque eles não tinham condições de se manter. Então era igual a escravo, que não recebia assim um salário. Mas era trabalhador que chamava... Então, eles comiam onde era a senzala...

Esta comunicação marca posições pela origem social não só de quem fala, mas de quem se fala. Ser descendente de alguém que esteve na posição de *coronel* e possuiu escravos significa merecimento especial de consideração pessoal e respeito. A primeira vez que ouvi este comentário, foi seguido de outro que condenava a atitude de uma mulher deixando lixo na beira da rua, próximo à sua venda. Ainda a mesma entrevistada reclamou:

Depois que *essa gente* veio para cá (referindo-se aos moradores do Morro Novo), essa rua vive suja. *Antigamente* eles moravam tudo no Morro Velho... Aí teve um padre que inventou de colocar eles aí... Lá, *antigamente* não tinha um *branco*, dali da entrada até chegar lá na cabeceira... Era tudo dos *pretos*. Aí os *brancos* foram comprando... *Eles* trabalhavam nessa fazenda do Coronel, meu bisavô, trabalhavam pro tio Chico Bastos, trabalhavam pro Manuel Bastos, para nossa bisavó, vovó Rita, pro meu avô Zé da Silva... Eles moravam ali, mas saíam pra trabalhar... Eles não plantavam pra eles mesmo, não... Nas fazendas onde eles trabalhavam, eles tiravam o sustento deles...

Narrativas como esta são comuns entre os proprietários de terra e/ou de venda (pequenos produtores). Eles não dispõem da mesma quantidade de terra das antigas fazendas, porque a terra foi partilhada entre os herdeiros de famílias numerosas. Ao recorrerem a seus antecedentes para falar de um passado familiar glorioso, o fazem no sentido não só de se diferenciar de *quem joga lixo na rua*, mas também de indicar para si uma posição social de destaque e poder.

Outra forma de atribuição de *status* é falar de ações ou reconhecimento público de si ou de algum de seus antecedentes, atributos que, aliados ao nome de família, no entender da população, conferem poder e prestígio.

Uma das ações a que mais comumente se referem é a de doação de terra pelos primeiros donatários, seus antecedentes ou “ancestrais”. O povoado é apresentado pelos

habitantes como proveniente da doação de terra por um fazendeiro da região à Igreja Católica ou à *Santa*, nas últimas décadas do século XIX. Da mesma forma, a parcela de terra denominada de Morro Velho também teria sido doada para *escravos*. Entretanto, quando se pretende chegar à forma como a terra veio a pertencer à Igreja e aos *escravos*, os agentes sociais em disputas políticas, sociais e econômicas, tais como subjazem às narrativas, produzem versões diferenciadas. E cada qual reivindica para si ou para sua família a condição de benemérito.

Algumas pessoas defendem a versão de que, na *terra da Santa*, os representantes da Igreja Católica concederam alvará de autorização para edificação de prédios destinados a residências e vendas, por parte dos produtores agrícolas da região. Alguns mantinham uma casa no povoado e outra no imóvel destinado à produção, hoje em mãos de pequenos produtores (relativamente aos antigos fazendeiros) que, em sua maioria, residem no povoado. A divergência de opiniões está no *nome* do doador, expressão de concorrência quanto à posição do benfeitor, proprietário de terra generoso, atitudes portadoras de prestígio, todavia fundamentadas na suposição não comprovável do *antigamente*.

Um morador da Praça, proprietário de terra e de uma venda ao lado da igreja, 80 anos, uma das filhas funcionária da prefeitura responsável pelo Posto de Saúde, advogou para seu pai (falecido) a posição de prestígio:

Essas casas do lado de lá, tudo era de meu pai... Tinha muita coisa... Quem chegava, qualquer coisa que precisava... Polícia, padre, prefeito, todo mundo que aparecia aqui: - Vamos lá no José Bastos.

Estão em jogo nas narrativas elaboradas nas entrevistas a legitimidade da apropriação fundiária e o limite das propriedades, necessariamente vinculado ao reconhecimento por parte dos vizinhos de *quem é o dono*. O cartório na sede do município não conta com escritura de todas as propriedades. O escrivão desse Cartório de Notas comentou, em entrevista, que, na *época dos coronéis*, quase ninguém registrava a terra em cartório. Sobre o povoado, contradizendo e, ao mesmo tempo, confirmando as versões dos moradores, ele comentou:

...Tudo em Cascatinha você vai encontrar... no escritório da igreja... O Cascatinha foi comprado... Um vendia um *litro*, outro vendia outro *litro*... A igreja que foi comprando. O patrimônio foi comprando. São poucas as doações que tem lá... Eram sete Escrituras Particulares... Então montei um processo e requeri ao juiz, ele autorizou o registro...

Aí consegui legalizar o Cascatinha. Hoje tem documento... Depois as pessoas foram comprando da igreja... Ali tinha pouca gente...

A comunicação com o escrivão chamou-me atenção para a forma como as ações narradas pelos entrevistados a respeito de seus antecedentes são apropriadas pelos moradores, todavia como narrativas que expressam posições tanto de poder como, respectivamente, de subordinação. Segundo esta declaração, não houve um único doador, nem sequer toda a extensão de terra foi doada. Portanto, reivindicar para sua família a ação de doar terras significa dizer *quem é que pode aqui, quem é gente de bem*.

Mesmo construídas em divergência, as narrativas daqueles que estão na posição de subordinados aos produtores ou aos representantes dos poderes políticos manifestam a existência do acordo entre os moradores do povoado sobre os fatores que legitimam as posições sociais reivindicadas. Um morador do Morro do Meio, 49 anos, casado, responsável pelos serviços da prefeitura no local (cemitério, limpeza de rua e coleta de lixo) assim se expressou sobre a constituição do povoado:

Aqui, o pessoal chegou, fez uma casa aqui, cercou dois, três lotes. Não tem escritura nem nada... Então, se cada um tivesse feito escritura daquilo ali, não tinha problema. Era tudo da igreja... A igreja assinava... A igreja cobrava cinco por cento do valor do lote à pessoa que queria fazer a escritura... Quando eu cheguei aqui [1991], tinha bem pouca casa... Quem doou para a igreja eu não sei não...

Estas propriedades a que se referem as narrativas teriam origem em propriedades parceladas por processos de transmissão de terra sob a forma de herança, venda, permuta ou pagamento de dívida.<sup>45</sup> As formas de transmissão de patrimônio representam, material e simbolicamente, princípios de concorrência e, por vezes, de conflito entre parentes e/ou vizinhos.

Nos processos de transmissão de parcelas de herdeiros entra em jogo a propriedade da terra. A permanência dela entre membros de uma mesma família ou, pelo menos, por um deles é uma das maneiras de preservar também o sentimento de *status*. Não são raros os casos de pessoas que residem em outras cidades, tanto por parte dos pequenos

---

45 No cartório de Registros e Notas do município, encontrei registradas nos livros, entre os anos de 1882 e 1893, 39 escrituras de compra e venda de propriedades terras e/ou benfeitorias e 7 escrituras de permuta de terras e 5 de partilha ou divisão amigável de terras. Nestes documentos, circulam nomes de antecedentes familiares de atuais proprietários das vendas, bares, e terras no entorno do povoado.

produtores como dos assalariados, que mantêm a propriedade aos cuidados de algum parente próximo ou de confiança.

Quando há divisão por herança, é comum entre irmãos a venda/compra de terra. A isto, os moradores se referem como um compromisso de *tradição*: “*se quiser vender, tem que oferecer primeiro a um vizinho*”, que, na maioria dos casos, é irmão ou parente próximo. Esse acordo sobre a transmissão de patrimônios, ao mesmo tempo em que pode gerar concorrência e conflitos entre irmãos, pode contribuir para a manutenção da ordem econômica e política, cujas formas de controle consuetudinárias atravessam múltiplas dimensões da organização social. Tamanho de propriedade e contratação de trabalhador significam, entre os moradores do povoado, prestígio e poder de *escolha* da força de trabalho a ser empregada, tanto nas unidades produtivas como nos possíveis cargos de redistribuição controlada por políticos partidários.<sup>46</sup>

Se as narrativas, nesses casos, enfatizam as posições sociais dos “*que se acham donos do lugar*”, possibilitam também demonstrar diferenças nas formas de existência desse acordo. Uma entrevistada de 50 anos e organizadora de turmas de trabalho, inclusive, para descendentes de alguns desses *donos do lugar*, manifestou-se:

Aqui, era mais os Bastos, né, que mandavam aqui no Cascatinha... Era a família maior que tinha aqui... Tanto que o povo era tão bobo na época e eles mandavam tanto, que o pessoal não sabia caçar médico, não sabia nada. Então eles levavam você no médico, médico não, ia lá no farmacêutico, né, que nem médico não existia. Aí o farmacêutico dava o remédio pra eles, aí o que que acontecia? Eles pegavam a sua casa... Você morria, eles tiravam o dono da casa, ficavam com a casa... Ficava com a casa por quê? “*Porque eu cuidei de fulano até ele morrer*”... E o povo aceitava... Então, agora que o pessoal aqui é mais esperto, então cada um sabe viver pra si...

Nestes termos, pelas narrativas o centro do povoado é identificado como o lugar dos *herdeiros dos antigos fazendeiros* ou, como preferem alguns, dos *ricos*. Isto é explicado pelos entrevistados por meio da redistribuição da *terra da santa*, aumentando, a partir da década de 1990, a ocupação residencial, inclusive, por *gente de fora*. Nos mesmos termos, as narrativas a seguir explicitam a construção de versões diferenciadas para a existência de *um lugar dos pretos* ou *pobres* (dependendo de quem fala).

---

<sup>46</sup> A maioria dos moradores, por exemplo, acredita que o “*Morro Velho é o lugar dos pretos*” e que “*a pessoa do prefeito ou algum de seus representantes tem poderes para dar e/ou retirar aposentadoria de alguém.*”

### I.3 Herança fundiária, generosidade e formas de dominação

Quanto ao *lugar* denominado Morro Velho, as variações temáticas das narrativas dizem respeito à maneira como se deu a apregoada doação ou apropriação sob a forma de *quilombo* ou *usufruto*. Geralmente, quem utiliza a qualificação de *quilombo* são filhos de proprietários que migraram e, hoje, vivem em outras cidades como Juiz de Fora, Rio de Janeiro, São Paulo, Viçosa.

O crescimento de três aglomerados de casas no Morro Velho é apontado pelos entrevistados em três versões, que não excluem umas às outras, mas são apresentadas por cada narrador como a responsável pelo surgimento dos núcleos de residências.

Em uma delas, duas famílias de escravos permaneceram nas terras da fazenda na qual trabalhavam para proprietário sem herdeiros. Elas multiplicaram-se em tantas outras e foram construindo novas casas, subdividindo-se em Morro Velho de cima e de baixo. Um dos moradores, 55 anos, que se destaca pelas posições institucionais que ocupa no povoado<sup>47</sup>, explicou:

... Aquelas terras aqui do Morro Velho também foram doadas... Então lá ficou sendo Cascatinha e aqui Morro Velho, que era para os pretos... Eles têm propriedade da terra, embora nem todos tenham documentos. Lá de cima é da família de Olívia e de baixo é da família de madrinha Tita, que era parteira...

Ter pelo sobrenome a origem nessas famílias e/ou residir no Morro Velho ou Morro Novo significam estar na posição de assalariado ou de desqualificado, como *gente que não quer nada ou vagabundo*. Uns têm como única fonte de rendimento o trabalho assalariado, mas no seu *pedacinho de terra* plantam alguma coisa e/ou criam algum animal para consumo familiar. Alguns, mesmo com um *pedacinho de terra*, trabalham somente como assalariados. Outros contam somente com a aposentadoria de algum membro da família ou de alguém que ficou só e foi acolhido em sua casa. São várias as situações, que, agregadas ao fato de terem reconhecida a propriedade de suas residências, contribuem para as freqüentes observações do segmento populacional que se autoglorifica trabalhador ou

---

<sup>47</sup> Esse homem é afro-descendente e ocupa as seguintes posições: coordenador do Grupo de AA, da Banda de Congos, Folia de Reis e de São Sebastião, fundador e ex-presidente da Associação de Moradores, suplente de vereador no atual mandato.

agricultor - uns em referência aos outros - afirmando que *os pobres não fazem nenhum esforço para melhorar sua condição de vida*.

Outras narrativas criam a versão de *quilombo* ou de formação dos núcleos de residências por negros fugitivos ou libertos sem terem para onde ir. O que está em jogo nessas narrativas e merece ressaltar é a diferenciação social com base na relação de trabalho predominante na região, quando da constituição do povoado.

Os moradores de Morro Velho e/ou aqueles que migraram de lá para Morro Novo, no centro do distrito, apresentam acordos com as versões que os posicionam na condição de subordinados. No entanto, os assim posicionados, entre os moradores do povoado, são os que menos se utilizam dos termos *escravo ou quilombo*. Quando eles se expressam sobre o mesmo tema, geralmente substituem o termo escravo por *pobres ou trabalhadores*. Um entrevistado de 73 anos, que atualmente mora no centro do povoado, na Rua do Campo, apresentou sua versão:

... O Morro Velho é o seguinte, aquela terra ali tudo era dos *pobres*... Cada um tinha um trecho. Pelo menos eu tenho meu cunhado lá, meus parentes... Aqueles que foram mais ativos *segurou* sua área, né. Pelo menos igual ao pai do coordenador do grupo de AA, ele segurou a área dele, que ficou pros filhos hoje. Cada um tem seu pedacinho.... Mas era tudo deles... Aquilo foi adquirido há muitos anos, né. Foi uma pessoa até que *adoou* pra eles esse terreno... Aquele terreno de primeiro não valia de nada. Não tinha valor nenhum. Então ele *adoou* pra ficar todo mundo lá. Até hoje ainda mora muita gente lá. Cada um tem seu pedacinho, mas é pouquinho... só o pedacinho da casa. Outros têm um pedacinho maior, né.

A desvalorização da terra, na narrativa desse entrevistado, justifica sua doação aos pobres. É inimaginável no quadro de pensamento local, alguém doar terra para aqueles que *viviam bebendo*, a ponto de *trocar a terra por bebida*. Nesse sentido, há ainda algumas versões que constroem a idéia de que a atual situação fundiária no Morro Velho decorre do fato de que, generalizadamente, os moradores *bebiam muito e viveram épocas muito difíceis*. Nesse sentido, nas narrativas apresentadas (e compartilhadas com outros informantes), a bebida (especialmente a cachaça) e o alimento, naquele contexto, tiveram valor de troca. Não como um valor moeda de compra da terra, mas um valor de demonstração do estado de penúria que chegava ao extremo de trocar o único bem por alguma coisa, hoje, sem o mesmo valor. Uma moradora de 79 anos, apontada pelos

habitantes do povoado como a mais antiga do Morro Velho, contando sua história, em entrevista apresentou sua versão da seguinte forma:

Essa terra aqui do Morro Velho era grande. Diz que essa herança vem desde lá de baixo... Tudo foi meu padraço e um tio meu que vendeu... Aí que eles falavam assim: trocaram tudo por pé de boi... Era só o pé mesmo (risos)... Ela tá pensando que é bicho inteiro... De primeiro eles matava o boi e jogava os pé fora. *Eles* apanhavam e vinha trocando, era assim... [Fazendeiro] chegava aqui com dois quilos de toucinho, pé de boi, litro de cachaça e falava assim: “ - *Quer vender isso aqui?*”. A gente tava precisando mesmo... Foram pegando... Aí o fazendeiro vinha cercando...

É comum aparecer também narrativas como a apresentada por uma senhora de 61 anos, ex-moradora do Morro Velho, que fixa a idéia de que sempre há alguém no povoado, geralmente produtor (*grande*), que toma conta do Morro Velho, no sentido de que domina e controla política e economicamente os moradores.

E a nossa terra do Morro Velho também foi vendida, mas nós mesmos não recebemos... Porque a mais velha... Ela não tinha idade ainda de receber. Então, depois ele [o comprador] mudou pra muito longe e a terra passou pra outra pessoa, uai! Porque agora é aquele tal de Tonho que toma conta... Desde ali da ponte... Pra lá tudo é de herdeiro que morreu, sabe? Eles falam assim porque os mais velhos contam assim...

Todos os entrevistados concordam com o fato de que ao grupo de moradores do Morro Velho pertencia uma parcela de terra maior que a do povoado, mas tudo em morros e sem documento. Frequentes afirmações do tipo *era uma terra ruim* contribuem para a cristalização de noções que localizam socialmente os habitantes deste espaço como trabalhadores subordinados a um *senhor* e herdeiros de uma maneira de beber socialmente condenada.

As formas de agregação desses trabalhadores, contratações esporádicas e/ou da moradia, contribuem não somente para a imobilização da força de trabalho como para a constituição de diferenciações sociais, que até hoje permeiam as relações entre os moradores do povoado. Em síntese, a diferenciação de posições e o controle de conduta entre os habitantes do povoado não se expressam somente nas versões sobre a história local, mas também na distribuição da população pelos conjuntos de residências e na divisão do trabalho e meios de produção.

Este controle, dada a valorização do olhar nesta pesquisa, é mais bem explicitado em comentários dos entrevistados sobre o ato de consumir bebidas alcoólicas. E para levar às últimas conseqüências o entendimento de que as maneiras de beber muitas vezes exprimem saberes estratégicos de relacionamentos coletivos, assumi analiticamente que as pessoas bebem, a partir de um determinado lugar social, dotadas de posições e atributos socialmente conferidos. As narrativas, conversas e relações correspondem a interpretações de pessoas em posições que interconectam tempos e espaços sociais marcadores ou definidores de prestígio e poder, por um lado, e subordinação e pobreza, por outro.

Analogicamente, dada a forma como os moradores apresentam o povoado e se posicionam uns em relação aos outros, estou analisando os termos mais comumente empregados como identificadores de posições.

#### **I.4 Diferenciação socioeconômica e sistema de prestígios**

##### *I.4.a) Pequenos ou pobres: trabalhadores assalariados*

*Trabalhador* é a categoria social de uso mais abrangente entre os moradores no povoado. Caracteriza a posição de subordinado e marca a singularidade da posição denominada pelos *moradores* como *os pretos* ou *escravos*. Nesta categoria, encontram-se enquadrados os classificados como *pequenos* e *os pobres*.

Ao utilizarem a categoria *pequeno* para classificar alguém ou autocaracterizar-se, os entrevistados apontam geralmente para aqueles que detêm uma pequena parcela de terra e não contratam trabalhador, ou que estão na condição de *meeiro*. Isto não quer dizer que os *meeiros* possam ser totalmente desprovidos de terra. Significa apenas que não dispõem de terra suficiente e dos instrumentos necessários à reprodução autônoma como agricultor. Geralmente são pessoas moralmente qualificadas como esforçadas e trabalhadoras.

Os *pequenos* dedicam-se à cultura de lavouras temporárias de feijão e milho e/ou à produção de mel, com fins mercantis. Alguns reservam uma parte da terra em sua propriedade ou fazem contrato de parceria com outros (*pequenos* ou *grandes*) para o cultivo de café. De forma secundária, alguns plantam hortaliças e/ou criam aves (galinha e pato são os mais comuns), porcos e dispõem de umas poucas cabeças de



gado para fins de produção de leite. Muitos contam em seu terreno com árvores frutíferas como banana, laranja, goiaba, acerola, geralmente para consumo próprio.

O trabalho é familiar. Muito raramente contratam outros trabalhadores. Em muitos casos trocam dia de trabalho entre eles. E quando contratam alguém, o fazem sob a forma de *diária*. O valor referência para uma *diária* é o máximo que alguém pode fazer na colheita de café (em 2006 estava em R\$12,00, correspondendo a 4 caixas). Da mesma forma que os classificados *pequenos* podem contratar, também podem ser contratados por outros deles, pelos *grandes* ou por algum produtor *de fora*<sup>48</sup>. Eles podem, assim, estar na condição de autônomos e auto-suficientes com o trabalho familiar, podem assumir a condição de contratante, como podem precisar fazê-lo e não ter condições para tal. Além disso, eles podem arrendar uma parte da terra e estabelecer parcerias e podem exercer outras atividades como pedreiro, barbeiro, carpinteiro, funcionário público. Por tais aspectos, os pequenos são freqüentemente enquadrados na posição de *trabalhadores*.

Os *pobres* são aquelas pessoas que, em termos de rendimento familiar, trabalham para outros. Eles estão também na posição de *trabalhadores assalariados*. Isto não quer dizer que sejam totalmente desprovidos de propriedade de terra. Poucos são os *pobres* que não dispõem, pelo menos, do lote de terra onde está construída sua residência. A eles, os *grandes* ou *pequenos* produtores recorrem quando necessitam de trabalhadores contratados temporariamente, geralmente entre os meses de fevereiro e setembro. Na grande maioria das propriedades dos *pobres*, encontram-se uma pequena horta, animais de criação (geralmente aves e porcos) e, às vezes, árvores frutíferas.



**Foto 4.** Residência de trabalhador rural (2006)

<sup>48</sup> A maioria dos pequenos trabalha na *apanha* de café em lavouras dos *grandes* do lugar ou de localidades próximas, no mesmo município ou em municípios vizinhos.

#### I.4.b) *Grandes* ou *ricos*: *elite local*

O emprego da categoria *grandes* designa aqueles que detêm uma parcela de terra produtiva e qualificada, em termos locais, como *muita terra*, além de outras propriedades nas proximidades do povoado e/ou em cidades vizinhas (terra e/ou casa). Todos os assim classificados dispõem de tratores e/ou veículo de transporte próprio e, alguns, de instrumentos de trabalho necessários ao beneficiamento de café. Geralmente os assim qualificados são *produtores* com fins mercantis que costumam contratar trabalhadores assalariados e exercem domínio econômico e político, bem como controlam as atividades religiosas católicas.

Há quem utilize uma parte da terra para plantar e outra para arrendar. E outros que plantam em sua terra e ainda arrendam áreas de terra de outros proprietários (desde que em condições de trabalhar com máquinas). Além das atividades produtivas, vários deles efetivam contrato de parceria à *meia* com *pequenos*, disponibilizando especialmente a parte *morrada*<sup>49</sup> de sua(s) propriedade(s). Seis produtores de milho, considerados *grandes*, em termos locais, trabalham com máquinas e contratam trabalhadores somente em situações de impossibilidade de funcionamento da máquina ou indisponibilidade de membros da família para o trabalho na agropecuária.

Entre todas as famílias classificadas como *grandes*, os jovens completam o ensino médio e alguns chegam a cursar o nível superior. Muitos migram e são incorporados ao mercado de trabalho fora do povoado, retornando em ocasiões de festas, férias e feriados. Poucos dão continuidade ao trabalho na agropecuária. Em alguns casos, os que migraram retornam definitivamente para a casa dos pais, seja porque não se adaptaram à vida longe de *sua realidade*, seja porque não conseguiram incorporar-se ao mercado de trabalho.

Aqueles que permanecem *fora* e não usufruem de negócio próprio estão todos empregados ou aposentados e constituem uma rede de apoio e solidariedade não só para os parentes, como para outras pessoas que necessitem dirigir-se àquelas cidades para algum tratamento médico, para fazer compras, para passar temporada de férias ou mesmo para *tentar a vida fora do povoado*.

---

49 Termo utilizado para qualificar as terras que ficam em área de inclinação dos morros.

Este viver em outra cidade e estar empregado não significa necessariamente que a pessoa, onde mora, tenha uma situação financeira estável que o classificaria como *rico*. Mas, para os moradores do povoado na posição de trabalhadores assalariados, eles são os *ricos*, porque redistribuidores: “*trazem coisas do Rio e São Paulo (roupas, brinquedos, calçados, bolsas) para distribuir entre os moradores. Não só para os pobres, mas para minhas netas também*”, comentou uma das entrevistadas (Moradora da Rua do Campo, ex-agente de saúde, produtora agropecuária, casada, 53 anos).

Nesse contexto, na categoria *rico* enquadram-se os *grandes* e seus filhos e/ou irmãos que estão *fora*; pessoas que vêm *de fora* e adquirem alguma propriedade de destaque; e professores ou funcionários de uma Universidade Federal em um município vizinho que se tornaram produtores nas redondezas e contratam mão-de-obra do povoado. Os moradores mais antigos assim qualificados reivindicam para si atributos de uma *elite local*. E dessa forma são reconhecidos por seus pares e também pelos qualificados *pequenos* ou *pobres*.

#### **I.4.c) Gente de fora**

Classificar alguém como *gente de fora* não significa necessariamente que seja um estranho para todos. Muitos deles são filhos ou netos de algum morador, que viveu por longa data fora do povoado e retornou, podendo ser classificado de *pequeno* ou *pobre* ou na posição de *produtor*.

Para diversos trabalhadores, aqueles *de fora* que se constituem como produtores e contratam moradores do povoado para o trabalho são por eles preferidos. Em vários momentos, alguém afirmava que preferia trabalhar para *os de fora*, justificando que pagam melhor e fornecem lanche sem reclamar.

Assim como ocorrem a migração e o retorno (ou não) entre *os ricos*, também acontece entre os *pequenos* ou *pobres*. Sobre estes geralmente recaem as acusações de ações classificadas como desviantes, “*coisas que passaram a acontecer depois que*

*começou a vir essa gente de fora*<sup>50</sup>. Não foram raras as vezes em que ouvi comentários como este, sobre os quais também há acordo, independentemente da diferenciada posição social. Dentre as ações mais citadas estão as de furto, consumo e tráfico de drogas. Alguns atribuem tais comportamentos ao fato de “*as pessoas terem aprendido essas coisas convivendo na cidade grande.*”

Geralmente, os que vieram de fora ou se mudaram para o povoado por intermédio de alguém na posição de trabalhador apresentam reclamações quanto ao tratamento recebido pelos que qualificam e denominam *elite local*.

Tendo em vista o sistema de categorias classificatórias da posição socioeconômica e de controle moral, os proprietários herdeiros de famílias mais antigas no povoado (classificados como *eles ou ricos ou grandes* ou *uma elite* pelos *trabalhadores* em geral e pelos adversários políticos) reivindicam, por discursos e ações, a manutenção ou recuperação do *status* atribuído aos seus antecedentes. Os *trabalhadores* em geral (classificados como *eles, pequenos, pobres* ou *os pretos, os crentes* pelos proprietários mais antigos e os adversários políticos), do mesmo modo, reivindicam mudança em relação ao *status* atribuído aos seus antepassados ou a eles próprios.

Qualificados socialmente os modos como os agentes integrados ao processo de pesquisa se vêem e querem ser vistos, eles se espelham contrastivamente para reafirmar os princípios de pertencimento comum ao universo social que lhes assegura a construção de identidades. Julgo ser este conhecimento adequado para acompanhar compreensivamente as formas como se objetivam situações de sociabilidade que ora agregam a todos, mesmo que distintamente, ora os separam e exprimem as incongruências a serem negociadas nos atos de demonstração do saber-viver entre si.

---

<sup>50</sup> Vários entrevistados, das diversificadas posições sociais, assim se referiram aos *de fora* e *pobres*.

## **CAPÍTULO II. ESPAÇO DOMÉSTICO E CONGRAÇAMENTOS: MANEIRAS DE COMER E BEBER**

A população em povoados, como o pesquisado, se organiza por redes de parentesco e vizinhança. Em Cascatinha, particularmente, não é raro ouvir dos entrevistados “aqui é todo mundo parente”<sup>51</sup>. Isso ocorre tanto na situação do centro do povoado como entre os moradores do Morro Velho. Como o campo de análise empírica se situa na compreensão das relações sociais cotidianas, tentando apreender algumas das normas que lhes dão referência para realizar estudo tomando, sob relatividade, situação de pesquisa concernente a atos sociais mediados pelo consumo de bebida alcoólica, por isso mesmo, a partir de eventos específicos ou mesmo de ações do cotidiano semelhantes a rituais de indivíduos que assim se relacionam, é preciso dar a devida atenção aos espaços domésticos e à vida familiar.

### **II.1 Família: gênero, referência moral e compromisso social**

Há um acordo geral de que as relações familiares são constituídas por laços de consangüinidade, aliança ou adoção. Sob esta base, os indivíduos agregam-se e convivem dentro de um quadro de posições e papéis socialmente estabelecidos e aceitos. Por isso, a convivência no espaço doméstico significa subordinação a normas e valores, em grande parte, absolutos, pois não podem, socialmente, ser questionados sob pena de quebra de regras de reciprocidade.

Se o conceito de família cria a orientação para entender as formas de sociabilidade no espaço doméstico, ele por si só não basta. Estou levando em conta que, para a realização de estudo entre populações qualificadas como agricultores de base familiar, alguns autores preferem lidar com a idéia de *grupo doméstico*, compreendido como um conjunto de pessoas que convivem no mesmo espaço social e, mesmo não sendo

---

<sup>51</sup> À guisa de ilustração, a referência ao parentesco obedece à divisão territorial estabelecida entre os moradores, ou seja, na apresentação do povoado, por parte de alguém que se coloca na posição de elite local, ouvi de quase todos os entrevistados, em síntese: “os brancos aqui são todos parentes e os pretos no Morro Velho também.” Situação semelhante foi analisada por COMERFORD (2003), que também realizou estudo na Zona da Mata do estado de Minas Gerais

necessariamente da mesma descendência unilinear, compartilham interesses comuns no que tange às condições de produção para o autoconsumo ou destinação mercantil (FORTES, 1974).

Quanto à divisão sexual de tarefas e atribuições entre os membros de uma família, WOLF (2003) destaca as de provisão econômica, de socialização, de troca de serviços sexuais, de concessão de afeto. Estas podem variar de acordo com as condições de possibilidade de organização de cada grupo doméstico. Se todos os membros da família residem na mesma casa, será de uma maneira. Se a mulher fica em casa, ela vai se dar de uma forma; se ela trabalha fora, será de outra. O mesmo ocorre se os filhos estudam ou trabalham fora, e se o pai está impossibilitado de trabalhar.

Encontra-se também em jogo, neste processo, outro elemento importante, o ciclo de vida ou, como concebe FORTES (1974), o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, que tem a ver com o tempo de vida dos seus membros. Isto interfere tanto na possibilidade do uso ou não uso do trabalho familiar, como na reprodução do grupo e nas relações de intimidade.

Em termos de sociabilidade, a família só pode, então, ser entendida considerando a existência de um conjunto de valores (advindos, dialeticamente, tanto dos princípios quanto das práticas<sup>52</sup>). Os valores implícitos nos indivíduos em interação tencionam as relações não só entre parentes, mas também destes com os não-parentes: patrões, empregados, representantes do Estado, vizinhos, comerciantes, amigos. As práticas de sociabilidade – entendidas como gênero de interação coletiva – que se desenrolam no espaço doméstico se constituem privilegiadas unidades sociais de análise no que tange ao objetivo de relativizar o consumo de bebidas (alcoólicas ou não).

Toma-se geralmente como espaço doméstico a casa. Ocupadas por membros de uma família ou de um grupo com fronteiras e limites bem definidos, as casas são plenas de símbolos coletivos que as distinguem umas das outras e que resguardam relações e valores

---

<sup>52</sup>Para Ribeiro, analisar situações familiares significa levar em conta a noção de valores. Assim, ela destaca a importância da noção: “Falar que os valores são sociais e, logo, instituídos, significaria que neles estaria embutida a moralidade, destacando-se aqui sua natureza de prática efetiva... Ao mesmo tempo, falar sobre valores como modelos de práticas e, portanto, instituintes, teria o propósito de ressaltar o caráter de eticidade imposto e referido sob princípios dessas práticas.... Sendo instituídos-instituintes, os valores adviriam tanto dos princípios quanto das práticas, da mesma forma que se manifestariam e/ou seriam veiculados e difundidos por ambos... Pode-se indicar que a primeira contingência desta escolha é a inviabilidade de focalizar os valores em si mesmos, desvinculados tanto das relações de produção... quanto das suas matrizes de formulação como correntes discursivas de pensamento... A discussão sobre valores haveria que focalizar os princípios organizadores, as estruturas amoldadoras e as propensões às permanências, simultaneamente com seus respectivos pares de oposição e complementaridade – as práticas, as conjunturas e as alterações...” (1987: 22-23)

plenos de sentido. Além disso, casa é uma categoria que remete a um universo controlado, regido por relações de parentesco e afinidade, cuja hierarquia é fundada no *respeito* (DA MATTA, 1997).

Respeitar o espaço doméstico é respeitar o grupo, honrar o nome da família. Isto quer dizer que as regras de convivência no espaço limitado da casa são rígidas. Apesar de desordens aparentes aos *de fora*<sup>53</sup>, o que está sempre em jogo é a reprodução e a sobrevivência do grupo: a manutenção da unidade familiar e dos parentes e vizinhos privilegiadamente considerados.

Sob esta perspectiva, resguardadas as variações inerentes a cada grupo, os papéis e os comportamentos esperados são bem definidos socialmente, e cada grupo busca viver segundo o modelo social de família que tem como referência. Isto significa que cada membro da família tem um lugar singular numa sucessão de eventos e relações marcadas por *n* dimensões sociais.

No que concerne ao consumo de bebida como ato social, as dimensões de tempo e espaço são bem definidas entre os integrantes de um grupo doméstico. E a bebida alcoólica pode ou não ser um dos elementos que perpassam tanto um como o outro. Há situações nas quais alguma bebida pode ser obrigatória, na qualidade de etiqueta, devendo ser substituída quando não há o tipo socialmente indicado para o momento. Há outras em que pode ou não estar presente. E há aquelas nas quais absolutamente não se faz presente. Tais situações variam conforme posições sociais, condições econômicas e afiliações institucionais.

O sistema de regras que gere tais situações, como já tão bem demonstrou Levi-Strauss, é amplamente inconsciente em seus princípios. No padrão de organização doméstica, a idéia de que a casa é o domínio da mulher e a rua do homem tem sido uma constante tanto em termos de literatura – acadêmica ou não – como em situações de entrevista. Não se espera que os homens tomem parte na organização do espaço doméstico, mas se espera que a mulher o mantenha em ordem. Em termos de papéis, a mulher (geralmente mãe e/ou esposa) é a pessoa que deve gerir as situações domésticas e, por conseqüência, exerce papel fundamental na criação e objetivação de regras do não-beber ou do beber moderado.

---

<sup>53</sup> Neste capítulo, estou utilizando a expressão *de fora* ou *gente de fora* para designar aquelas pessoas que não residem na mesma casa, podendo ser parentes ou não.

Assim, no caso da embriaguez de quem quer que seja, no domínio doméstico, à mulher cabe o controle não somente da conduta dos outros, mas principalmente de si própria. E se o marido ou um dos filhos chega da rua embriagado, ela deve estar atenta, de forma a evitar conflitos ou escândalos. Espera-se então da mulher que sua maior preocupação seja a integridade da casa. Ela deve evitar brigas, controlando os humores e cuidando de amenizar os efeitos da bebida alcoólica sobre o corpo do outro. Em outro momento, ela pode e deve chamar atenção do outro, mas com alguém em estado de embriaguez não se discute, sob pena de falar sozinha, alterar os ânimos e chamar atenção da vizinhança.

Em Cascatinha, as observações e entrevistas mostraram que as maneiras de viver o espaço doméstico variam por sexo, idade, estado civil, ocupação pelo trabalho e afiliação religiosa. No cotidiano, de uma maneira mais geral, as mulheres casadas, quando não estão cuidando da casa, do quintal, dos animais, da horta etc., costumam dormir, assistir TV, bordar, ouvir algum programa de rádio, receber uma ou mais amigas. Os homens casados costumam fazer algum reparo no imóvel ou em alguma peça da casa ou do quintal, dormir, assistir TV. Os jovens de ambos os sexos, quando ficam em casa, assistem TV ou ajudam os pais nos seus afazeres domésticos e dormem, mas não param muito em casa. As crianças, assim como os jovens, não permanecem muito no interior da casa, mas estão sempre pelos arredores. Quando paradas dentro de casa, elas também assistem TV ou brincam entre irmãos ou com outras crianças.

Consumir bebidas é percebido como algo que faz parte das reuniões entre familiares, amigos e até mesmo estranhos como demonstração de hospitalidade. Independentemente da posição social, na falta de alguma bebida em casa, quando da chegada de outrem, uma das pessoas do grupo doméstico corre até à venda mais próxima para a compra de algo que possa ser rapidamente servido. Em sendo a visita inesperada uma pessoa do círculo mais íntimo ou que já ultrapassou as barreiras que a qualificam como estranha, ela se reúne com os familiares em torno da mesa da cozinha.

Como condição de reciprocidade, a mulher providencia algo que beber e, se a visita for prolongada, também o que comer. Enquanto compartilham a mesa, ela trabalha – seja diretamente ou orientando o trabalho de outrem – e também conversa. A ausência da mulher na condição de esposa ou mãe, estando em casa, significa falta de interesse em manter ou estreitar relações recíprocas.



O homem, quando está ali, permanece por pouco tempo. No caso de visita para passar um dia, final de semana ou temporada de férias, logo após a chegada, como parte das regras de reciprocidade, um dos homens, geralmente *o de fora*, convida o outro ou outros para dar uma volta, significando, quase sempre, ir a um bar. Entre os integrantes de grupos domésticos mais abastados, as mulheres reclamavam, mas não os impediam de sair. Todavia, não era raro, quando o tempo de permanência dos homens na rua é avaliado como prolongado, ela sair, sozinha ou acompanhada, para dar uma volta pela rua, passando em frente aos bares e, assim, controlando o comportamento do marido. Algo semelhante ocorre com os filhos, especialmente aqueles que ainda não adquiriram a autonomia para permanecer na rua ou no bar, somente com amigos da mesma idade ou sozinho.

Por tudo isso, para além da nutrição, os eventos ligados à alimentação e à hospitalidade no espaço doméstico devem ser tratados como ocasiões estruturadas, nas quais são necessários certos comportamentos e combinação de valores. Muito mais do que nutrir, o ato de compartilhar a mesa (no sentido de estar junto) e interagir, tendo como elemento de mediação a comida e/ou bebida, assemelha-se a pequenos rituais nos quais se comunicam normas, significados e hierarquias<sup>54</sup>.

## **II.2 Situação de congraçamento no espaço doméstico**

Como bem salientou Douglas (2006), as práticas alimentares, o comer e o beber, não podem ser reduzidas a lógicas utilitárias, biológicas ou econômicas. As escolhas de consumo (a autora não se refere somente às práticas alimentares) podem envolver custos e prazeres, mas, muito mais que isso, elas são fontes da cultura do momento.<sup>55</sup> Além disso, as situações de congraçamento mediadas pelos atos de comer e beber podem contribuir tanto para estabelecer e manter relações sociais como para rompê-las, caso haja quebra do

---

<sup>54</sup> Para esta reflexão, vali-me da análise elaborada por FARDON (2004, pp. 197-212) sobre a obra de Mary Douglas, quando trata de seus artigos dedicados ao estudo de padrões de relações sociais atendidas pela circulação dos bens, especialmente o que tange à estrutura das refeições nas sociedades ocidentais.

<sup>55</sup> A autora ilustra bem a questão, exatamente com um exemplo que se refere ao espaço doméstico, o qual, no que tange ao caso por mim estudado, cabe destacar: “A dona-de-casa com sua cesta de compras chega a casa, reserva alguma coisa para a casa, outras para o marido e para as crianças; outras ainda são destinadas ao especial deleite dos convidados. Quem ela convida para sua casa, que parte da casa abre aos estranhos e com que frequência, o que lhes oferece como música, bebida e conversa, essas escolhas exprimem e geram cultura em seu sentido mais geral” (DOUGLAS, 2006: p.103).

princípio da reciprocidade. Muito mais que necessidade biológica, as estruturas dessas situações são ancoradas nos propósitos sociais humanos.

## II.2.a) A cozinha, o comer, o beber

Se o grupo doméstico aguarda alguém previamente avisado ou convidado para uma refeição, breve visita ou hospedagem, a preocupação é *receber bem* o convidado. Preparar-se para honrar a visita faz parte das obrigações da mulher. A ela cabe não somente promover a passagem do convidado para o interior do espaço doméstico como também organizar o encontro. E *receber bem* significa uma mesa farta (comida e bebida, além do café), cuja responsabilidade moral de abastecimento, especialmente entre os trabalhadores assalariados, cabe aos membros do grupo em idade adulta.<sup>56</sup>

Entre os moradores do povoado, independentemente da posição social, quando se convida alguém para almoçar ou jantar, aos pratos do consumo diário acrescentam-se *macarrão com galinha* ou os dois em separado. Este é um prato especial, principalmente em casa de pessoas classificadas como *pobres*. Nas residências desse segmento da população das quais partilhei refeições, mesmo que as pessoas *de fora* fossem convidadas para uma feijoada (prato que designa sociabilidade), macarrão e/ou galinha não faltavam. Da mesma forma, o angu estava sempre à mesa.

Quanto à bebida, variava tanto de acordo com os anfitriões como com os convidados. Na casa de alguém que é afiliado ao Grupo de AA, por exemplo, o consumo de bebidas alcoólicas estava socialmente interdito e a opção podia ser por suco de frutas, refrigerantes ou refrescos preparados à base de produtos industrializados. Ocorria situação inversa, se essa mesma pessoa ia à casa de outra, que tem conhecimento de sua afiliação ou opção pelo não consumo de bebidas alcoólicas. E semelhante situação se dava quando os convidados levavam algo de beber. A escolha da bebida para a cortesia dependia mais das prioridades e possibilidades dos anfitriões que do seu próprio gosto.

---

<sup>56</sup> As práticas alimentares e as maneiras à mesa, que dizem respeito à vida de todos os dias na sua forma mais concreta, constituíram também privilegiados objetos de leitura de diferenças culturais, sociais e das formas de sociabilidade para autores como ELIAS (1987 e 1994), LÉVI-STRAUSS (2003), MAFFESOLLI (1979) e DE CERTAU (1980), entre outros.

Isso não significava, no entanto, a inexistência absoluta do consumo de bebida alcoólica, mas maior rigor no controle e demonstração do prazer de quem consome às escondidas. Em diversas situações de conagração, três mulheres praticavam o ato de consumir cachaça ou cerveja no quarto ou outro cômodo fora do ângulo de visão dos maridos, dois deles adeptos dos Alcoólicos Anônimos. Essa forma de consumo adquire o sentido de ação social, na forma atribuída por Weber (1977), porque os agentes sociais que o praticam, o fazem referindo-se àqueles que condenam a ingestão de bebida alcoólica.

Se a cozinha, muito mais que outros espaços da casa, é domínio da mulher, a boa gestão significa também conciliar os gostos ou necessidades do grupo doméstico com os dos visitantes. Assim, se ela preparar um tipo de comida e servir algum tipo de bebida em especial, em função da visita, não pode se esquecer das preferências domésticas, principalmente do marido.

Saber receber não significa apenas servir boa comida e bebida. A mesa farta, pelo menos de quantidade, é condição prioritária. Mas, além disso, a casa, pelo menos no tempo da visita, deve estar organizada e limpa, mesmo que o padrão de limpeza ou as condições socioeconômicas inviabilizem confortos assimilados ao visitante.

Nesse aspecto, a diferenciação social torna-se também explícita, tanto de forma observada como comentada por outrem. Em residências dos grupos mais abastados, a organização e a limpeza assemelhavam-se aos padrões estabelecidos pelos representantes da classe média. Em algumas residências de assalariados, especialmente os qualificados pobres, tal modelo de organização tornava-se mais evidente quando a visita era anunciada. Assim, se no dia-a-dia varrer e limpar objetos não fazia parte da rotina, no dia em que a visita era esperada, a casa estava limpa e organizada. Se a casa não contasse com cômodo ou mobiliário próprio para compor a mesa, outro espaço era preparado. Se não contava com geladeira em casa, o gelo era providenciado ou se pedia ao vizinho que conservasse a bebida até o momento de servir a mesa.

Casa e local de trabalho, no caso de venda e bar, podem se complementar em termos de receber alguém *de fora*. As vendas e bares, no povoado, integram a organização do trabalho familiar. E geralmente a mulher permanece no balcão durante o dia. O mesmo ocorre com o quintal, também compreendido como local de trabalho da mulher. Caso não haja quem a substitua no momento de chegada da visita, cumprindo o ritual do *bem receber*, ali mesmo (venda ou quintal) ela oferece algo para beber ou, então, acompanha a

visita até a cozinha de casa onde há sempre uma garrafa térmica com café. Mesmo que seja uma recepção tensa, deve dispor um pouco de seu tempo.

A situação de receber adquire maior *status* de tolerância em relação ao consumo de bebidas alcoólicas quando da chegada de parentes, principalmente os que vêm de fora do povoado para passar uma temporada.

## II.2.b) Encontros ou reuniões de parentes

A reunião entre parentes é recorrente tanto entre aqueles que residem no povoado ou adjacências, como entre os que retornam ao local nas datas festivas, feriados e férias. Entre aqueles que residem próximos uns dos outros, é comum reunirem-se, no sábado ou domingo: filhos em casa dos pais ou vice-versa. Nas ocasiões festivas ou de férias, movidos por princípios de reciprocidade, os familiares preparam a casa e a despensa para receber os parentes e/ou amigos que os acompanham. E não é raro ver algum dos *visitantes*, logo ao chegar, deixar seus pertences na casa e sair para comprar bebidas, que serão consumidas na casa do parente visitado. Os visitantes podem também, ao chegar, convidar os donos da casa para sair e sentar em algum bar ou venda, situação geralmente acompanhada do consumo de bebidas e da agregação de outros parentes ou amigos. São momentos de reencontros e de saída da rotina, quando tomam lugar hábitos qualificados como próprios às pessoas *de fora*.

Muitos membros de uma família moram próximos ou no mesmo terreno e, geralmente, o espaço das casas do filho ou filha com seus respectivos cônjuges e filhos confunde-se com a casa dos pais. Uns estão sempre na casa dos outros, em vários momentos do dia. Esta relação de proximidade também acontece entre vizinhos, que podem entrar sem pedir licença e colocar-se em disponibilidade de um curto tempo para compartilhar um cafezinho e fumar um cigarro, ou mesmo, consumir uma garrafa de cerveja, refrigerante ou suco, não necessariamente acompanhado de algo para comer. Partilhar algo de comer significa dispor de tempo para permanência mais longa.

Para alguém como eu, que fui conhecendo as pessoas com o andamento da pesquisa, por vezes ficava difícil distinguir quem era da casa e quem estava de passagem.

Uma das entrevistas, eu encerrei com a chegada do pai do entrevistado no bar. Este pediu logo uma cerveja, demonstrando ser este ato recorrente, pelo menos aos domingos. Ele ofereceu-me da bebida e convidou-me para almoçar<sup>57</sup>. Falei que estava trabalhando. Ele comentou que só um copinho não faria mal e que, além disso, era domingo. “- *E domingo não é dia de trabalhar*”, completou ele. E convidou-me para almoçar em sua casa. Além dele, a esposa e eu, partilharam a mesa, o filho, um neto e a nora. Neste grupo familiar (o filho mora em uma casa no mesmo terreno), a cerveja não é parte da refeição, mas o refrigerante, sim, pelo menos aos domingos e com uma convidada de última hora.

As atividades de pesquisa me proporcionaram uma série de momentos como este, em que, com minha presença, as regras de reciprocidade prefixavam o consumo de refrigerante. Mas, em algumas entrevistas, ficou evidente o hábito de beber refrigerante em dias de domingo ou feriado, independentemente da presença de parentes.

Como destacado anteriormente, as ocasiões mais propícias ao recebimento de parentes são as festivas, quando as rotinas são alteradas, demarcadas inclusive pelas maneiras de beber. Nessas ocasiões, os momentos que marcam passagens de tempo, mediadas pelo café e leite (com a supremacia do café), transformam-se frequentemente em espaços de sociabilidade. Pela manhã, por exemplo, cada um que se levanta vai se agregando aos demais à mesa, onde está servido o café. Mesmo que não haja espaço para todos, as pessoas vão se acomodando ao redor das outras. Geralmente, as crianças deixam a mesa tão logo terminam seu desjejum (quando há mais de uma e com afinidades) e saem para o quintal. Os demais permanecem mais tempo que de costume. Isto não significa necessariamente a existência do artefato denominado mesa. Nas casas dos *mais pobres*, onde nem sempre há este mobiliário, ocorre situação semelhante. Se não há a mesa, as pessoas juntam-se onde há algum tipo de acomodação para sentar (banco, cadeira, poltrona, toco, caixote), mas a reunião social acontece.

No entanto, as convenções sociais quanto ao consumo de bebidas alcoólicas são pouco subvertidas. Entre elas, as de que *mulher bebe em casa ou no espaço da festa*; e *os homens vão para a rua* (sobre a rua tratarei mais adiante). As mulheres, especialmente as de famílias mais abastadas, costumam juntar-se na cozinha, varanda (quando há), área de serviço ou quintal, para consumir, principalmente, cerveja. Os homens, mesmo que

---

<sup>57</sup> Eu já havia estabelecido contatos com este senhor e sua esposa em atividades da igreja e na excursão religiosa.

iniciem o consumo junto às mulheres, terminam por sair para dar umas voltas (geralmente isto significa ir a um bar ou ao encontro de algum companheiro para tal).

De uma maneira geral, as pessoas qualificadas como *ricas* costumam beber em casa. Não era raro, eu chegar a uma das casas e encontrar um grupo de pessoas, em torno de uma mesa, na cozinha ou varanda, bebendo, conversando ou jogando cartas. Ou, ainda, alguma delas contando bravatas sobre a quantidade de cerveja bebida no dia anterior.

Em situações que contam com parentes e amigos que moram fora do povoado, parece ser mais comum que essas pessoas bebam nos bares, o que se apresenta como mais extraordinário no caso das mulheres. Algumas, mesmo em situações como a de carnaval, permanecem bebendo em casa. Fora de sua casa, somente na casa de amigos, vizinhos ou em festas noturnas, na escola ou na rua. Em casa, a bebida mais consumida por homens e mulheres é a cerveja, mas a cachaça não é dispensada por nenhuma das pessoas que bebem.

Nessas situações, geralmente a embriaguez pelo consumo de bebidas alcoólicas é esperada e até mesmo planejada. Os parentes, especialmente os homens, costumam chegar com mais alguma bebida (cachaça, conhaque, vinho). E mesmo que saiam para beber nos bares, o auge da embriaguez é vivido no espaço doméstico. As formas de embriaguez são várias e dependem do estado de espírito de cada grupo. Alguns promovem competição para ver quem agüenta beber mais. Geralmente adentram a madrugada ao redor da mesa da cozinha nessa brincadeira. Outros bebem enquanto jogam cartas ou, apenas, conversam enquanto bebem.

Entre os qualificados *pequenos ou pobres*, o costume parece ser o de circular pelas casas dos parentes no povoado, principalmente nas datas festivas, ocasiões em que a mesa costuma ser farta, inclusive à espera de visitas. Quando chega algum parente de fora, costuma-se convidar também aqueles que residem no povoado e com os quais se tem mais afinidade para compartilhar a mesa. No caso do grupo também ser afeito ao consumo de bebidas alcoólicas, a mais consumida entre os adultos é a cerveja, e entre as crianças, o refrigerante, sem, no entanto, faltar a cachaça.

Em ambas as situações, independentemente da posição social, a embriaguez não é interdita, e as brincadeiras e chacotas com os embriagados são encaradas como relaxamento às regras. Na rua ou bares, as misturas e diferenças entre as pessoas podem ser acentuadas por esse estado, e as brincadeiras podem aumentar as tensões e provocar desavenças.

Embora esteja destacando situações não rotineiras de consumo de bebidas alcoólicas, isto não significa que tal consumo não esteja presente em atos rotineiros no cotidiano. Alguns grupos domésticos fazem uso diário de alguma bebida nas refeições, especialmente suco de frutas (quando há no quintal), inclusive aos domingos. A preocupação com o refrigerante acontece mais no caso de uma pessoa de fora de seu relacionamento cotidiano estar presente.

Como parte da rotina familiar, as bebidas mais comumente consumidas são o café, o leite, o suco e a água. A água é concebida como necessária à reprodução da saúde e como um dos gestos de saber receber, especialmente em dias quentes ou quando chega alguém na casa e o café não está pronto. O café integra momentos que marcam passagens do dia: o café da manhã, o cafezinho após o almoço, o café da tarde, o cafezinho após o jantar. Além disso, em algumas residências, principalmente naquelas pertencentes aos *pequenos produtores* e em algumas dos qualificados como *ricos*, há freqüentemente uma garrafa térmica com a bebida, seja para os próprios moradores, seja para a inesperada chegada de alguém. Quanto ao leite, o consumo desta bebida, na maioria dos casos, acompanha o café durante a refeição que marca o início do dia e o espaço de tempo denominado como tarde.

Quanto às bebidas alcoólicas, as mais comuns são a cerveja e a cachaça. Em alguns casos, os homens fazem uso de uma dose de *pinga* antes das refeições. O fato de eu haver destacado *os homens* não significa que mulheres também não possam ter esta prática. Significa que os homens o fazem como ato natural, à mesa ou fora dela, mas à frente de todos; enquanto as mulheres o fazem fora do espaço de refeição e como se fosse algo clandestino.

Em algumas situações do consumo de comida ou bebida, principalmente naquelas que marcam passagens do tempo de não-trabalho para o trabalho ou vice-versa, este consumo não significa necessariamente um momento de sociabilidade no sentido de que se constitui quando há interação entre duas ou mais pessoas (SIMMEL, 1983). Muitas das vezes, o café está na mesa – tanto pela manhã, como pela tarde – e cada um, isoladamente, faz seu lanche ou, no caso das bebidas alcoólicas, toma uma cerveja ou cachaça antes ou durante a refeição. Estas situações são orientadas por regras de sociabilidade quando há outras pessoas: parentes, amigos ou vizinhos. Em situações desse último tipo, as pessoas – tanto *da casa*, como *de fora* – costumam sentar-se e, enquanto compartilham a mesa, conversar, contar histórias, piadas e anedotas “que podem revelar toda a sutileza de tato que reflete os elementos de sociabilidade” (SIMMEL, 1983: 177).

Estou interpretando essas maneiras de receber e partilhar a mesa baseadas no princípio da reciprocidade, tal como concebido por MAUSS (1974). O bem receber, nas situações analisadas, significa dar-se a conhecer e estabelecer ligações sociais com o outro, no caso de estranho ou alguém com quem se queira, por múltiplos e mútuos interesses, estreitar relações. O outro, por sua vez, deve corresponder, dando-se a conhecer e abrindo-se para integrar a rede de relações de quem o recebe. Também o *mal receber* pode ser baseado no mesmo princípio, posto que, uma pessoa que represente desafeto e chega à casa de outra, por princípio de educação pode até não ser mandado embora, mas dificilmente o anfitrião o conduz à cozinha e muito menos lhe oferece o que comer ou beber. Sinal de que não é bem-vindo, especialmente se tal situação ocorrer no tempo do não-trabalho ou não ser convidado no caso de alguma comemoração.

#### II.2.c) Comemorações: casamentos e aniversários

As modalidades de comemorações que se realizam no espaço doméstico constituem possibilidades de demonstrar saberes desse domínio. Em cada casa na qual acontece uma comemoração são as pessoas daquela unidade que devem preparar a comida e providenciar a bebida para os convidados. Geralmente, as mulheres convidam alguma amiga ou pessoa *mais acostumada* e reconhecida por todos como apta a preparar a comida. Mas o sucesso da comemoração depende da capacidade de organização dos donos da casa. Dentre essas modalidades, sobressaem-se nas entrevistas as festas de casamento e aniversário, momentos estes analisados por MAGNANI (1984) como lazer desfrutado em família, dos quais todos participam igualmente.

A comemoração de um casamento, para além da união conjugal, celebra o encontro de parentes amigos e vizinhos a um só tempo. Além disso, constitui-se em oportunidade de estabilizar relações de reciprocidade. Mais que demonstração do saber receber, o convite para compartilhar a mesa com farta distribuição de comida e bebida significa o enquadramento no sistema de dádivas contratuais. Convidar alguém da rede de relações corresponde à demonstração do desejo de permanecer nessa rede, significa, ao mesmo tempo, dar e retribuir. E convidar alguém que está fora do sistema de dádivas, significa a intenção de estabelecer relações mais efetivas. Significa um convite a integrar a rede de



relações. Por isso, recusar-se a comparecer pode significar uma negação ao pertencimento a essa rede, à construção ou à manutenção de laços sociais com o grupo que convida (MAUSS, 1974). Reside nesse princípio a narrativa dos moradores mais antigos no povoado.

Quando indagados sobre festas em casa, o casamento aparece sempre em referência ao *antigamente*, quando se contava com uma participação mais efetiva dos convidados e tinha-se como obrigação moral convidar todos os moradores do povoado, salvo os grandes desafetos. Se a família da noiva era *pobre*, as mulheres da casa saíam pelas *fazendas* pedindo as carnes e demais iguarias para preparar a comida da festa. “A bebida nem precisava pedir, era oferecida pelos donos de alambiques”, afirmou uma entrevistada, trabalhadora, 50 anos. E, após o jantar, a festa transformava-se em *baile*. A comida era à vontade. A festa não tinha hora para acabar. O controle em relação à bebida (cachaça, vinho e batida) se dava pela mercantilização: “- *Cada um comprava aquela dosezinha... Não se deixava à vontade, que se bebesse muito podia ter briga... E os donos da casa, os mais velhos, todo mundo respeitava*” (Moradora do Morro Novo, 71 anos, aposentada).

As relações de trabalho e as condições de vida no povoado sofreram alterações e as festas de casamento também. O sistema fazenda deixou de predominar, as relações são baseadas no assalariamento e no trabalho familiar. A terra está mais repartida e a população aumentou. Se antes as cerimônias eram privilégio da Igreja Católica, hoje as afiliações religiosas são diferenciadas. No que tange ao consumo de bebidas, esse é um dos fatores que alteram significativamente a organização da festa de casamento. Se entre os que se denominam católicos, o consumo de bebida alcoólica não está interdito e a embriaguez entre os noivos e convidados é esperada, entre aqueles que se denominam evangélicos esta prática não coaduna com seus princípios.

Se antes, o baile que se instalava após o jantar *durava a noite inteira* e sem *confusão* e todos bebiam, como os entrevistados fazem questão de afirmar, hoje, mesmo com energia elétrica, as festas não se transformam em baile. Portanto, se o controle do estado de embriaguez que leva à briga se efetivava *antigamente* pela venda da bebida, hoje as festas terminam mais cedo, para *evitar bagunça*.

A organização de uma festa de casamento no povoado deve levar em conta a satisfação dos convidados em suas múltiplas inserções sociais. Como ilustração dessa situação, destaco uma cerimônia e uma festa de casamento para a qual fui convidada, segundo o princípio da reciprocidade. A noiva era afiliada à denominação religiosa

Assembléia de Deus. Ela foi criada por uma tia que não comunga os mesmos princípios. Antes de aderir aos princípios dessa denominação religiosa, a moça integrou um círculo de amizades que não a acompanhou, mas também não se tornou inimigo. Sendo assim, para o a cerimônia e recepção no templo religioso, foram convidados todos os membros da Igreja Evangélica, amigos, parentes e moradores antigos não tão íntimos, mas que se tem por obrigação moral convidar.

A tia da noiva, que não comunga a mesma crença, resolveu organizar uma festa para *os não-crentes*: enfatizou, quando me convidou. Assim, terminada a comemoração na Igreja, alguns convidados iriam para sua casa. Durante o dia do casamento, enquanto os noivos e outras pessoas autodenominadas evangélicas preparavam a cerimônia e festa na Igreja, na casa da tia, outras pessoas, inclusive a mãe da noiva, preparavam o jantar para a festa pós-igreja.

Para a comemoração na igreja foram providenciados dois bolos, refrigerantes sortidos, filmagem, apresentação de coral e culto. Para a festa dos *não-crentes*, foram preparados vários tipos de carne, macarrão, legumes, arroz e feijão; e para beber, cerveja, vinho e refrigerantes. Tudo isso sem esquecer a música, nos estilos pagode, forró e funk.

Tanto em um espaço como no outro, a comida e a bebida eram fartas. Ao final da recepção na igreja, alguns convidados foram para a casa da tia da noiva. Antes de terminar o jantar, a mãe e uma outra tia dela estavam embriagadas e eram alvo de comentários entre outros convidados. Em ambas as comemorações participaram convidados de afiliações diferenciadas, tanto religiosas como políticas e associativas. Na cerimônia, percebi a presença de apenas três pessoas dos qualificados ricos. Nas recepções, nenhum deles. Embora a comemoração na casa da tia tenha se estendido um pouco após a meia noite, não terminou em baile nem amanheceu o dia, como *antigamente*.

Na modalidade de aniversário, as festas são menos elaboradas que nas de casamento. A obrigação de convidar é mais restrita ao ciclo de vida do aniversariante e os convidados mais selecionados. Todavia, também constituem oportunidade de estreitar ou afrouxar relações pessoais.

A forma mais comum de comemoração de um aniversário, no povoado, é um almoço ou jantar, seguido de bolo e acompanhado de bebidas. Comida e bolo, dificilmente sofrem alterações, resguardadas as diferenças socioeconômicas. Quanto ao consumo de bebidas, varia conforme os princípios religiosos ou associativos, o ciclo de vida e o gosto dos convidados.

Geralmente, as bebidas específicas da festa são geladas. No caso de convidados mistos e de ser na casa de alguém com afiliação católica ou identificado como sem religião, a geladeira é abastecida com refrigerantes e cervejas, não faltando uma ou duas garrafas de vinho e cachaça. A escolha da bebida fica por conta de cada um ou do grupo ao qual está integrado no tempo da festa. Se o acontecimento é na casa de alguém evangélico, não existe escolha do que beber entre alcoólico e não alcoólico, todos devem beber refrigerantes ou refrescos com sabor de frutas.

No primeiro caso, não se deseja a embriaguez, principalmente se a festa for infantil. Se acontecer de alguém se embriagar, esse estado é tolerado e serve para animar um pouco a festa com brincadeiras e chacotas dirigidas aos embriagados. Todavia, esse estado não pode interferir na harmonia da comemoração, sob pena de a pessoa nesse estado ser retirada do ambiente festivo.

Independentemente de posição social, em aniversários de jovens deseja-se e espera-se o estado de embriaguez, desde que mantidos os controles do corpo e da conduta moral. A diferenciação dos limites impostos nos julgamentos de valores quanto à conduta moral estabelece-se, aí sim, pela posição social e/ou econômica e pelas diferenças de gênero. O enquadramento nas classificações de *bêbado* ou de *quem sabe se divertir* não depende do estado físico ou dos atos praticados quando embriagado, mas tanto de quem enquadra como de quem é enquadrado.

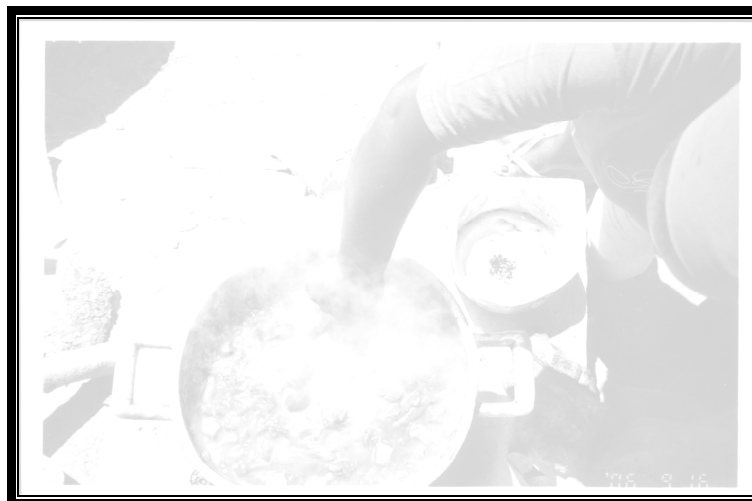
Geralmente, os qualificados *bêbados* no povoado não são convidados para comemorações de casamento ou aniversário. Alguns deles adentram o evento, dependendo do local de realização, que pode ser na escola ou em uma casa com os portões abertos. Caso isso aconteça, alguém lhe serve algo e o conduz para fora sem, no entanto, criar constrangimentos. Posto que a pessoa pode ser seu parente ou parente de algum convidado, evita-se o constrangimento em respeito ao outro.

Esta situação é tolerada em momentos como os de mutirão de obra envolvendo vizinhos e colegas (Foto 5). Nesses momentos, o convite é estendido aos conhecidos mais próximos, desde que compareçam para compartilhar o trabalho e a mesa. Nesse sentido, a presença de alguém qualificado como *bebum* não é interdita, sendo inclusive estimulada. Geralmente tal personagem contribui nas relações jocosas e recíprocas que se instalam como forma de amenização do esforço físico com o trabalho.



**Foto 5.** Parentes, vizinhos e companheiros associados em mutirão para construção da casa (2006)

O toque de sociabilidade mede-se, entre outros elementos, pelo trabalho coletivo e pela comensalidade, planejada e esperada. Na pausa para o almoço, no caso do povoado, costuma-se servir uma feijoada, preparada pelas mulheres enquanto os homens lidam na obra (Foto 6). Enquanto a comida sofre pouquíssima variação, dependendo de quem promove o mutirão, a bebida varia conforme os princípios de afiliação institucional do promotor do evento. Na situação que tive oportunidade de observar, as bebidas servidas, além da água durante o trabalho, foram refrigerantes e sucos de frutas. O proprietário da casa é afiliado ao Grupo de AA. Mesmo assim, os qualificados bêbados fazem parte do jogo e aceitam o que lhes é oferecido, cumprindo o princípio da reciprocidade e, assim, garantindo sua existência social.



**Foto 6.** Preparação da feijoada para depois do trabalho (2006)

Outra modalidade de entretenimento no domínio doméstico acontece quando da reunião de um grupo de pessoas para jogar cartas ou para conversar. O ambiente de cordialidade e descontração que se constitui está sempre aberto a agregar outras pessoas, inclusive alguém que tenha o dom de tocar algum instrumento. Caso isso aconteça, o que era um jogo, uma conversa ou uma pescaria dá lugar a uma *festa na casa de fulano*. Rapidamente a notícia se espalha e outras pessoas são agregadas. As mulheres improvisam a comida e os homens responsabilizam-se pela bebida, geralmente alcoólica: cerveja para os adultos e refrigerantes para as crianças ou quem não bebe.

Nessa modalidade de entretenimento doméstico, geralmente várias pessoas entram em estado de embriaguez. E há tolerâncias sociais até que a pessoa dê demonstrações de intolerância física ao consumo ou durma no local da festa. Em alguns casos, os menos embriagados levam os mais para suas casas. Mas não é raro acontecer de a maioria das pessoas amanhecer na casa da festa.

### **II.3 Extensões sociais do domínio doméstico**

O domínio doméstico, como bem salientou DA MATTA (1997), é regulado sob normas baseadas em relações pessoais e íntimas. Além disso, a noção de tempo é administrada na casa, tendo como referência o tempo do trabalho. Viver o tempo do não-trabalho significa relaxar as normas que regulam as relações de trabalho ou o tempo do trabalho.

Neste item estou considerando formas de interação que se organizam fora das esferas de tensões do trabalho, mas não do parentesco e muito menos do controle moral sobre as pessoas, tendo em vista a visibilidade proporcionada pela organização espaço-social do povoado<sup>58</sup>.

A ênfase recai, pois, sobre as formas de agregação nos momentos de não-trabalho e de um certo grau de liberação das regras de organização familiar e doméstica. São

---

<sup>58</sup> Estou pensando este controle moral na forma definida por FIRTH (1974): “por atributos morais de uma ação compreendem-se suas qualidades do ponto de vista do que é certo ou errado. A moral é um conjunto de princípios em que se baseiam tais julgamentos. Observada empiricamente do ponto de vista sociológico, a moral é, em primeiro lugar, socialmente específica. Toda sociedade possui seus próprios padrões morais que determinam quais os tipos de conduta que são certos e quais os que são errados, e os membros da sociedade se adaptam ou se desviam deles e são julgados a partir disso” (p. 204).

momentos de estar à vontade, secundarizando tensões, mas não liberados de regras que garantam o sucesso da união, que deve se pautar pela cordialidade, amabilidade e reciprocidade próprias da sociabilidade ( SIMMEL, 1983).

Essas uniões acontecem da formas variadas e supõem, sem obrigatoriedade, o consumo de algum tipo de bebida ou comida. Portanto, estou considerando que as pessoas se juntam não necessariamente pela bebida, mas para reproduzir relações sociais. A bebida, alcoólica ou não, serve como um dos elementos de mediação desses encontros como parte da vida social.

Analisar essas formas é, então, uma das maneiras de relativizar o consumo de bebidas e entender o lugar desse consumo nas várias maneiras de viver interações em regimes diversos de comensalidade entre as pessoas que as integram. Em algumas dessas formas de agregação, a bebida alcoólica se sobressai. Em outras, a situação é invertida e as bebidas, consideradas neutras, sucos ou refrigerantes, predominam.<sup>59</sup>

Em povoados como Cascatinha, em que os indivíduos adquirem caráter de pessoa, independentemente do espaço social partilhado, os códigos de comportamento do espaço doméstico permanecem hegemônicos em várias situações para além do espaço da casa, sendo muitas as possibilidades de inventar pontes entre esse mundo e o mundo da rua. E uma das maneiras de viver o tempo livre sem sair do domínio doméstico é permanecer no entorno da casa.

### II.3.a) O banco, a calçada e a praça

Um costume no povoado é ficar em frente a casa, especialmente nos dias menos frios. Em algumas casas, os moradores instalaram um banco, sempre ao lado do portão de entrada, encostado no muro ou cerca. Ocupar esse espaço significa dispor do tempo para a sociabilidade mediada eminentemente pela conversa, podendo, inclusive, ter alguma bebida como mediadora na passagem de maneira mais rápida de estados de tensão para relaxamento.

---

<sup>59</sup> As situações aqui analisadas decorrem de entrevistas, conversas informais e observações nem sempre próximas, em função dos limites da pesquisa. Portanto, as interpretações dizem respeito muito mais a narrativas sobre as práticas que à observação da prática propriamente dita, especialmente no que diz respeito aos jovens.

Embora o banco ou a calçada estejam fisicamente no espaço da rua, eles não são de domínio público, principalmente no tempo livre dos donos da casa. Portanto, para integrar esse espaço ocupado pelo tempo livre, não precisa bater à porta, mas é preciso estar autorizado. Os grupos formados podem ser mistos, apenas de mulheres ou apenas de homens. Quando as mulheres estão presentes, geralmente são acompanhadas de crianças ou jovens: filhos, amigos dos filhos ou filhos dos amigos.

A (re)constituição permanente desse espaço acontece pela forma como as pessoas se agregam. Geralmente, ele começa a constituir-se com uma pessoa que, em se acomodando no banco ou na calçada, sinaliza às demais a disposição para a conversa. Essa primeira pessoa pode ser alguém da casa onde está o banco ou calçada, como pode ser alguém da vizinhança, que costuma compartilhar esse momento. Aos poucos, outras pessoas se agregam, seja de passagem, prolongando-se por alguns minutos, seja para permanecer ali até que todos se retirem.

Este não se constitui espaço de comensalidade, porém, como destacado anteriormente, dependendo dos agregados, há a possibilidade de compartilhar alguma bebida ou mesmo comida. A bebida geralmente é a cerveja, para a qual cada pessoa contribui com um valor e compra-se na hora de beber. O de comer, geralmente é alguma carne ou outro tipo de prato salgado que sobrou da janta e cabe como acompanhamento à bebida. Nessas situações, dificilmente se come algo sem beber, pelo contrário, o mais comum é somente beber, relaxar e, no dia seguinte, ter mais assunto para conversar. Não se esperam nem se buscam estados de embriaguez, principalmente porque pode ser assunto e alvo de chacotas no dia seguinte.

Esse é, pois, o tempo de atualizar as conversas, de colocar-se a par dos acontecimentos que possam ter passado despercebidos para uma ou outra pessoa. Entre um assunto e outro, geralmente relacionado a algum acontecimento extraordinário no povoado (o que não é raro, posto não ser difícil algo ser extraordinário), são construídas versões sobre os fatos mais recentemente ocorridos, bem como passados em revista ou atualizados os mais longínquos. Dependendo da posição geográfica do grupo formado, tem-se o controle de quem chega e de quem sai do povoado. A cada passagem de alguém, desencadeia-se um assunto relacionado ao passante.

Outras formas de agregação podem ser valorizadas para a relativização do consumo de bebidas, que acontecem tipicamente quando há um grupo de amigos reunidos em casa, no bar, na praça, enquanto esperam o início de uma atividade organizada por alguma

instituição formal. Portanto, elas podem ser desencadeadas em momentos e contextos bem diferentes. Mas, ainda que não haja regras explícitas para esses encontros, trata-se de saber como agir frente aos outros<sup>60</sup>.

Em Cascatinha, as pessoas se conhecem e se observam umas às outras. Isto torna suas relações mais íntimas e diretas, implicando a construção de um saber-compartilhar, que inclui limites estabelecidos a partir não só das normas de comportamento próprias a cada espaço que o ligam à convivência social mais ampla, como aquelas do domínio doméstico.

Como as formas de agrupar-se variam no espaço e no tempo, os mais velhos entre os moradores (pessoas com mais de 40 anos) falam sobre elas, como momento de *divertimento* com os amigos, a partir de críticas ao comportamento dos *mais jovens*<sup>61</sup>. Elaboram então narrativas sobre a *juventude*, colocando-a como momento privilegiado para o *divertimento*, especialmente pela incorporação da prática de consumir bebidas alcoólicas. Mesmo os mais jovens, ao referirem-se aos *seus divertimentos* ou de outros *jovens*, incluem o consumo de algum tipo de comida ou bebida no encontro com os amigos. Em função da questão que motiva esse texto, estarei analisando algumas das múltiplas formas de agregação, a partir do ciclo de vida social.

### II.3.b) A praça: espaço de mediação e socialização de jovens na conquista da autonomia

Para subdividir a parte da vida identificada de infância, estou considerando a autonomia de ação das crianças em relação aos pais, especialmente à mãe, ou outro responsável mais velho. Entre aquelas de até aproximadamente seis anos, os vínculos

---

<sup>60</sup> Embora eu não esteja trabalhando unicamente com o gênero brincadeira, vali-me das reflexões construídas por COMERFORD (1999: 81-91) para pensar essas formas de sociabilidade, que geralmente implicam *alívio de tensões*. Analisando a *brincadeira* na sua relação com a noção de *amizade*, a partir de observações feitas em um assentamento rural, o autor chama atenção para que “Ao contrário de outros gêneros mais formais, em que há uma demarcação clara de um tempo e espaço adequados, a brincadeira não tem lugar ou momento claramente definido para acontecer. Mas nem por isso deixa de haver certos ‘demarcadores’ (*keyins*, no dizer de GOFFMAN, 1981) que estabelecem que certa interação deve ser interpretada como brincadeira...” (p. 84).

<sup>61</sup> Os moradores do povoado geralmente empregam o termo *mais jovem ou jovem* para designar pessoas com capacidades físicas além das suas, pessoas na faixa de idade entre 15 e aproximadamente 25 anos, pessoas com mais de 25 anos e solteiras. *Juventude* é um termo empregado, geralmente de forma comparativa, para designar pessoas de 15 a aproximadamente 35 anos. No caso dos casados ou acima de 20 enquadrados nesse termo, geralmente o são quando designa conduta condenada como na expressão de uma moradora da Rua Principal, trabalhadora assalariada e meeira, 50 anos: “*você vê a juventude aí, moça e tudo, vivendo na rua e bebendo...*” (em entrevista). Entretanto, ambos os termos não se constituem exatamente pela orientação etária, mas pelas condutas que lhes são atribuídas.



sociais estão mais restritos ao espaço doméstico (casa, quintal, entorno da casa). Por isso, é comum considerar esse ciclo de vida de incorporação dos princípios mais básicos de socialização, seja no que diz respeito à conduta frente aos mais velhos, seja no que diz respeito às normas de higiene pessoal ou com a casa, seja nas *maneiras de mesa*. Mesmo nos espaços públicos, seu grupo de referência é a família e amigos dos pais ou dos irmãos mais velhos que, dependendo da posição social, em muitas situações assumem a responsabilidade sobre os mais novos, socializando-os em suas escolhas.<sup>62</sup>

A partir dos sete anos, as crianças constituem grupos de amigos (especialmente os filhos de trabalhadores assalariados) para brincar na rua. Dessa forma, elas distanciam-se do domínio da casa no sentido de se socializar sob outras regras, mas não estão desligadas da família ou das regras domésticas. Geralmente elas formam grupos nas proximidades de suas casas. Muitas vezes, motivados pelos novos amigos de escola, alguns desses grupos costumam circular pelas ruas do povoado e juntar-se a outros grupos para as brincadeiras, para participar de atividades religiosas e festas na rua ou na casa de outras pessoas.<sup>63</sup> Dependendo das situações, elas participam das partilhas de comida (refeições ou salgados e doces) e bebida (geralmente refrigerante), quer sejam formalmente convidadas ou não.

Entre 12 e 15 anos, os grupos de amigos tornam-se mais seletos e coesos, no sentido de se juntarem sempre as mesmas crianças, geralmente reproduzindo os grupos formados no interior da escola. Dependendo da motivação que as agregam, as escolhas de companhia podem ser por sexo. Quando se trata de *ficar na praça* ou *na calçada de casa* conversando, as escolhas são, mais comumente, por pessoas do mesmo sexo. Quando a agregação toma forma de alguma *brincadeira*<sup>64</sup>, geralmente se formam grupos mistos que ocorrem com mais frequência nos finais de semana.

Os jovens nessa fase da vida estão ainda vinculados aos códigos do domínio doméstico, mas procurando demonstrar ou dar sinais de rompimento com alguns desses códigos, muitas vezes recusando-se a acompanhar os pais em visitas familiares ou escolhendo o estilo de roupa para estar com os amigos. Essa pode ser considerada então uma fase liminar no que diz respeito à autonomia das ações: ora necessitam de autorização ou permissão dos pais ou mais velhos, ora decidem por eles mesmos; ora se recusam a ser reconhecido como criança, ora fazem questão de estar na posição de criança. Em

---

<sup>62</sup> Sobre a socialização e localização da criança na sociedade, vali-me da contribuição de BERGER (1986).

<sup>63</sup> Em todas as atividades festivas de que participei, durante a pesquisa (chá de bebê, casamento, almoço da Festa N. Sra. Rosário, almoço da Festa de AA, festa na escola, quadrilha da rua), havia grupos de crianças, especialmente do Morro Novo e Morro do Meio.

<sup>64</sup> *Brincadeiras*, no sentido de atividades denominadas de *pique*, *vôlei*, *peteca*, *banhos de rio*.

momentos organizados de forma generalizada *para as crianças* e por intercessão de terceiros, geralmente vinculados à escola ou igreja, esses jovens participam como crianças. Por exemplo, nas datas comemorativas socialmente demarcadas como *Dia das Crianças e Natal*, alguns moradores qualificados como *ricos* costumam organizar atividades na praça, denominadas *festas para as crianças*, quando são distribuídos, além de brinquedos, doces, bolos e refrigerantes.

Essa maneira de agir com as crianças contribui para impor-lhes distinções sociais pelo gosto de determinados tipos de comida e bebida, associadas a formas de sociabilidades perpassadas por comensalidade. Além disso, constitui veículo de reforço das relações entre *patrões e trabalhadores assalariados*. Este reforço diz respeito tanto aos laços que os unem e ao princípio de reciprocidade como à diferenciação social.

No ciclo da vida considerado *juventude*, os vínculos de amizade, bem como as formas de agregação aparecem mais elaboradas. Há uma divisão mais clara entre os grupos que se formam para conagração. As reuniões geralmente ocorrem no tempo do não-trabalho, que, em alguns casos específicos, poderia ser qualificado pelo vínculo escolar. Mas a *juventude* local (ou, pelo menos, a que usufrui o tempo livre no povoado) é majoritariamente composta por trabalhadores assalariados. Os filhos de produtores geralmente saem para estudar em outras cidades e, mesmo os que permanecem no povoado, saem para se divertir fora.

Os jovens que vivem, trabalham e estudam no povoado, se juntam segundo padrões locais de sociabilidade, conforme destacado por um morador do Morro Novo, estudante e trabalhador assalariado, de 17 anos:

Além do estudo e do trabalho, o que faço mais é congo... E geralmente tem aquela *roda de amigos*... Final de semana, nós *ficamos brincando* na quadra. Basicamente é isso... E nós *jogamos vôlei, futebol*... Moças rapazes, tudo misturado... Tem *fórró* direto aqui, todo final de semana, mas eu não sou muito fã... Tem muitos colegas que gostam... Geralmente, quando um faz um *aniversário*, que sempre tem um som lá, uma bagunça... A *música* é de som... E geralmente tem uma *janta* ou um *almoço*, ou um *lanche* qualquer... É comida... Em alguns lugares tem até *bebida alcoólica* também... Mas não é em todos. Quando não tem, é *refrigerante*, suco, guaraná... Tem alguns colegas que tomam bebida alcoólica, sim, mas não são muitos, não. E só às vezes. *Mas beber de cair, não*... Durante a semana, é escola mesmo. Quando tem um trabalho assim... A noite é descansar. Tem dia que sai para a rua ainda, mas é mais difícil. Não anima muito não.

Nessas variadas formas de reunião e conagração entre os jovens no povoado, não há necessariamente consumo de alguma bebida ou comida. Nas atividades na quadra de esporte ou na praça, as motivações aparecem pela valoração de estar com os amigos, “*por não ter nada para fazer*”, para praticar esportes ou conversar. Casualmente, há o consumo de refrigerante, partilhado entre todos, especialmente se for durante o dia.

Nas atividades noturnas, ficar na praça ou no forró, também não significa necessariamente que se deve consumir algo, embora, nessas situações, que ocorrem à noite, o beber seja o mais comum. No caso de *jovens* com menos de 18 anos, algum *mais velho* compra a bebida e leva para a praça ou um deles leva uma garrafa com cachaça, partilhada pelo grupo. Alguns bebem, outros não. Alguns dos jovens nem chegam próximo ao bar que promove o forró. Ficam observando um pouco afastados. Outros participam ativamente, dançando e/ou consumindo alguma bebida.

Analisando símbolos e significados de gênero, VALE DE ALMEIDA (1995: 66-70) chama atenção para o significado de ser homem, no sentido masculino. Segundo o autor, para tal, é preciso cortar a dependência afetiva, principalmente em relação à mãe, e ganhar mobilidade para correr bares e festas em grupos, nos quais aprendem a agüentar o álcool e a construir formas de um *estar-no-mundo* igualitário, homossocial, sem mãe e sem esposa, na busca do prazer e sem responsabilidades.<sup>65</sup>

No caso dos jovens em Cascatinha, na construção dessa forma de *estar-no-mundo*, também se aprende a agüentar o consumo de bebidas alcoólicas, a bebida está autorizada pelo grupo (não somente masculino) e a embriaguez é esperada. Mas agüentar o álcool significa não *cair de beber*. Tal afirmativa, apresentada pelo jovem entrevistado, aponta o limite do beber pelo vínculo com o grupo e pela responsabilidade com o trabalho. E informa que o descontrole é condenado. Mesmo porque isso implicaria desabono moral atribuído pelos próprios colegas e, principalmente, pelos familiares e *patrões*. As normas de comportamento ainda são vinculadas ao espaço doméstico com associação ao trabalho e, dada a visibilidade espaço social entre os moradores, todos no povoado tomam conhecimento dos desvios<sup>66</sup>.

Entre os jovens e mesmo entre os adultos (solteiros ou não) das famílias de produtores, aqueles que não costumam ir para outras cidades reúnem-se na casa de um produtor, nas proximidades do povoado. Lá organizam festas e, por vezes, permanecem

---

<sup>65</sup> Vale de Almeida dedica-se, no texto referido, ao tema da masculinidade como um processo construído por práticas da sociabilidade cotidiana, mas frágil e vigiado. O estudo foi realizado em uma aldeia de Portugal.

<sup>66</sup> Sobre situações qualificadas como desvio, trato no Capítulo VI.

durante o final de semana. Segundo uma das jovens que já freqüentou a casa: “*eles vão para lá porque podem ouvir música alta e ficar mais à vontade do que em casa, com os pais reclamando de barulho, das brincadeiras e das conversas.*” Mesmo que não saiam do povoado, inventam maneiras de fugir ao controle do domínio doméstico e da rua, ou seja, da visibilidade dos *outros*, que podem ser familiares, vizinhos, colegas de trabalho ou escola. O que está em jogo, pois, é o controle de condutas, não necessariamente o fato de consumir bebidas alcoólicas.

Os moradores mais velhos reproduzem nas entrevistas as regras do que concebem como bem viver a juventude. Uma delas seria a de ir para casa cedo. Se ficar na rua até tarde (madrugada), não ficar bebendo. E se beber, não se embriagar. Esse pensamento, *a posteriori* (pois narram sua juventude por experiências com a bebida, como bravatas), significa adquirir um saber que pressupõe o controle do corpo e da conduta social. As brincadeiras, tomar banho de rio, jogar bola, conversar na praça, continuam unindo os amigos, da mesma forma que os uniu, só mudaram os conteúdos.

Alguns fatores contribuíram para as mudanças no conteúdo dessas formas de encontro. A abertura de bares por pessoas *de fora*, a expansão da energia elétrica e o investimento das companhias de cerveja na divulgação e distribuição dessa bebida contribuíram tanto para a expansão das oportunidades de consumo, como para o relaxamento do controle. As possibilidades de estudar fora do povoado com transporte escolar e abertura de estradas<sup>67</sup> proporcionaram expansão das redes de relações e amizade e, também, o distanciamento necessário para fugir do controle face-a face

A partir de 17 ou 18 anos, coincidindo com fatores que designam a maioridade no Brasil, os jovens no povoado se voltam mais para encontros entre pessoas *mais velhas*, diversificando seus grupos de referência. Algumas atividades de relaxamento às normas rotineiras são prioritariamente apreciadas por pessoas que se encontram na fase da vida socialmente considerada adulta. Uma delas é a pescaria.

Embora as mulheres não estejam interdidas ao espaço dedicado à pescaria, os homens o dominam. A partir deles deve surgir o convite. Eles asseguram o domínio da técnica e o planejamento da atividade. As mulheres podem sugerir, mas são eles que decidem, inclusive, qual a participação delas.

---

<sup>67</sup> Os trabalhadores contam com ônibus financiado por programas governamentais e os produtores com parentes que acolhem seus filhos fora.

### II.3.c) Parentes e vizinhos em exaltação da abundância: alternativas abertas pela piscicultura

No contexto da pesquisa, a pescaria aparece como uma prática tanto individual como coletiva. De uma ou de outra forma, ela corresponde ao tempo do não-trabalho, que pode acontecer ao final da jornada diária (mais no caso individual) ou nos finais de semana, socialmente concebidos como propícios a atividades desse tipo, especialmente se ela se realiza de forma coletiva. A escolha do sábado ou véspera de um feriado se dá em função do descanso do corpo no domingo, recuperando a disposição para o trabalho.

Da situação que motivou o destaque dessa atividade, participaram homens, mulheres e crianças, amigos vizinhos e parentes. Se a pescaria constituía a motivação para a reunião dos amigos, a comensalidade (comer e beber) constituía o cerne da convivialidade que se instaurou com a atividade. O beber, mais que o comer, alimentava as brincadeiras e galhofas em torno das demonstrações de um saber partilhar o espaço. Embora nem todos bebessem da mesma forma, existia sempre o estímulo para que se bebesse de forma a atingir estado de embriaguez.

De uma maneira geral, a pescaria deve ser um espaço de relaxamento das regras, do tempo e do espaço do trabalho e doméstico. Uma atividade que tem hora para começar, mas não para terminar, deve começar nas primeiras horas do dia e constituir-se em espaço aberto à agregação de outros elementos de mediação como a música e a dança, dando lugar a outra forma de agregação, como um baile, quando as condições da natureza e possíveis estados de embriaguez não mais permitem a atividade agregadora inicial.

Essa pescaria em especial aconteceu nas proximidades do povoado, no sítio de um casal. Eles são proprietários de uma granja nas proximidades da casa e fornecem frangos para um frigorífico. Ao lado do criadouro das aves, o proprietário mandou construir um tanque para criar peixes. Essa prática recorrente no meio rural tem transferido essa atividade do espaço público dos rios para o domínio do doméstico, nos tanques. E foi nesse cenário que aconteceu a atividade aqui destacada. (Foto 7)



**Foto 7.** Parentes e vizinhos pescando em tanque de piscicultura (2006)

O horário do encontro foi marcado para as nove horas da manhã. Ao chegarmos, o casal com o filho, mais dois homens estavam no tanque. A proprietária da casa recebeu-nos e mandou duas meninas nos levar até eles. Tão logo os encontramos, um dos homens tratou de informar o que tinha para comer e beber, oferecendo cerveja e informando que tinha uma *pinga* também. Eu e meu acompanhante nos servimos de cerveja. Cumprido o ato ritualizado de agregação ao espaço, nos integramos ao grupo.

Os homens pescavam, embora nem todos o fizessem, um menino de seis anos estava com uma vara de pesca, mas com a mãe. O proprietário do tanque estava embriagado. Todos já haviam bebido um pouco. Encostados à cerca do criadouro das aves, estavam umas garrafas de cerveja, uma de cachaça, uma panela com camarão frito e um isopor com mais cervejas.

Logo depois, chegou outro homem e serviu-se de uma dose de cachaça. Em seguida serviu-se de cerveja e ofereceu para todos. Um dos homens dizia que não queria, mas ele insistia. E os demais riam, dizendo que ele estava recusando, mas gostava bem de *tomar umas escondido*. Ele integrava-se à brincadeira confirmando que gostava, mas agora estava impedido de abusar por problemas de saúde. E ali permaneceram com brincadeiras, ora com a bebida, ora com os saberes sobre a pescaria. Cada homem que chegava bebia, primeiro da cachaça, depois a cerveja. E volta e meia, outra dose de cachaça.

Um dos homens, ao sentir que estava pegando um peixe, chamou o filho para pegar o anzol. Retirado o peixe da água, eles posaram para fotos, e os homens fizeram festa com o menino ( Foto 8 ).



**Foto 8.** Anfitrião destacando a necessária associação entre o ato de pescar e bebida, no evento da pescaria em sua residência (2006).

Feito o registro, o pai do garoto, com sentimento de já haver cumprido o ensinamento ao menino, chamou a mãe, pediu que ela tirasse dois peixes para fritar e levasse o menino também, pois se o garoto ficasse ia pedir mais cerveja e ele perderia a paciência. A mãe reclamou dizendo que tinha avisado para não dar cerveja a ele (o pai costuma dar um pouco de cerveja ao garoto sempre que está bebendo).

Discussões à parte, ele sugeriu que também eu fosse com a mulher. Assim, revelou os lugares de cada um na situação: os homens ficam sossegados, supostamente, para pescar; as mulheres servem de companhia até que a embriaguez entre eles comece a dar sinais de existência, mas o lugar delas é preparando a comida e servindo a eles. Além disso, elas devem cuidar das crianças para que não atrapalhem a pesca e permanecer na casa, posto que esta deve estar sempre aberta e pronta a receber quem queira chegar.

Se o produto da pesca não é suficiente para a refeição, o anfitrião deve providenciar algo que a complemente (tanto de comer como de beber). No caso em questão, a geladeira da casa estava repleta de cerveja e refrigerante. E enquanto estávamos na cozinha da casa preparando o peixe, a anfitriã sugeriu ao marido que pegasse também uns frangos para fritar. Ele, já em pleno estado de embriaguez, foi até o criadouro e trouxe dois frangos,

para as mulheres matarem e limparem. A mulher pediu que ele limpasse e cortasse, alegando que o fazia muito bem. Todos (homens e mulheres) mexiam com ele por conta da embriaguez. E ele aceitava a brincadeira, mexendo com os outros, que também estavam embriagados, embora menos que ele.

Ele começou a cortar o frango, mas pediu a mulher que o fizesse, afirmando que já estava bêbado e *não ia dar certo*. Uma das mulheres mexeu com ele, dizendo que estava *ventando muito* (uma das formas de dizer que alguém está embriagado). A esposa dele ria e bebia também. Sinal de este ser um tempo e espaço nos quais a embriaguez é desejada e estimulada.

Ao final do dia, em maior ou menor grau, todos os homens estavam embriagados. As mulheres um pouco menos. E as crianças, rindo das situações criadas por eles, compartilhavam do peixe, do frango e do ato de beber, por meio do refrigerante, socializando-se tanto em maneiras específicas de receber, como de comer, beber e viver. Como diria SIMMEL (1983), em momentos como esses, aparentemente corriqueiros, os homens fazem e (re)fazem a sociedade.

Embora esse espaço seja majoritariamente masculino, a mulher não deve faltar. Ela também *pode* pescar, mas sua principal participação está em preparar, para comer, o produto da pescaria e/ou outros alimentos que a acompanham. Elas também bebem, porém, mais do que o homem, elas devem manter-se sob controle. Delas depende o equilíbrio no ambiente de relações jocosas que se constrói entre os *embriagados*, cujo objetivo é evitar tensões que culminem com a ruptura da reciprocidade construída na interação.

Deslocando-se do espaço doméstico e vicinal para celebrar outros pertencimentos a serem demarcados por formas de sociabilidade entre aproximáveis, no próximo capítulo analisarei alguns dos modos de agregação entre católicos e evangélicos.



### CAPÍTULO III. DEVOÇÕES E CELEBRAÇÕES

A vida em sociedade é tecida numa grande variedade de formas de relacionamento social, que dizem respeito à multiplicidade e variedade das posições e papéis sociais entre indivíduos que convivem num mesmo universo social e se entrecruzam em diferentes círculos de interação, momentos e situações. Em povoados como Cascatinha, a dedicação a situações de cunho religioso representa significativo grau de ocupação de tempo e espaço na vida de seus moradores.

É de inalcançável ordem de grandeza a publicação de estudos nos quais se podem encontrar interpretações diversas de muitos temas ligados à religiosidade. Apesar das críticas, destaco o balanço bibliográfico de 25 anos de produção acadêmica na área das ciências da religião no Brasil, apresentado por PIERUCCI (1999). Sem entrar no mérito dos temas abordados até então e daí para frente, a imensa produção acadêmica demonstra como as situações que envolvem religiosidade constituem privilegiados espaços de pesquisa em questões voltadas à compreensão das relações sociais.

Embora este trabalho, que ora apresento, não configure um estudo sobre religião, cabe ressaltar que a religiosidade aparece relacionada a múltiplas dimensões da vida social. Pela filiação religiosa, os moradores de Cascatinha (praticantes religiosos ou não) agregam-se em diversas situações constituídas com apelo religioso. A condição de existência de poucas atividades ligadas ao lazer no povoado, maximiza tais situações. Os habitantes do lugar encontram nelas não somente formas de contato com uma rede de relações para fora do povoado (especialmente os assalariados, qualificados como pobres)<sup>68</sup>, como também apoio aos seus anseios sociais e identitários.

A religião e as atividades nela centralizadas têm se constituído numa tradicional fonte de estímulo à sociabilidade. E muito embora os adeptos das denominações religiosas não apresentem grande comparecimento às atividades corriqueiras (missa ou culto), mobilizam-se e comparecem com maior expressividade às festas ou manifestações públicas de devoção.

---

<sup>68</sup> Entre aqueles que migraram, é freqüente a prática de levar jovem para trabalhar em seus negócios (vendas, bares, oficinas mecânicas, ferro velho e construção civil são os mais citados) ou como doméstica, no caso das meninas. Os contatos ou acordos para tanto ocorrem com maior expressividade nas ocasiões de férias escolares, festas religiosas ou eleições, quando muitos deles reforçam seus laços de parentesco e amizade no povoado.

Nesse sentido, as devoções e celebrações, ligadas à religiosidade, constituem-se apenas em temas, a partir dos quais busco analisar o significado do ato de consumir bebida alcoólica para agentes sociais envolvidos num sistema de relações marcado pela diferenciação social destacada no primeiro capítulo deste texto.

Em Cascatinha, os moradores se dividem pelas suas afiliações a denominações religiosas Cristãs: Igreja Católica Apostólica Romana, Assembléia de Deus, Pentecostal Fonte de Água Viva e Comunidade Apostólica do Povo do Altíssimo. As situações destacadas para análise referem-se às duas primeiras, sobre as quais obtive maiores oportunidades de observação e participação nas atividades.

### **III.1. Os crentes<sup>69</sup>**

Os adeptos das denominações Fonte da Água Viva e Comunidade Apostólica do Povo do Altíssimo estavam iniciando suas atividades no povoado. Eles apareciam nas entrevistas e nos comentários dos demais como alvo de especulações, curiosidades e chacotas por apresentarem formas diferenciadas de prática da religiosidade.

Na primeira delas, o único representante realizava *sessões de milagre* em sua própria casa, comentados pelos outros com tom de ironia. O comentário, algumas vezes, vinha acompanhado da sugestão para a pesquisa. A idéia era de que não ficaria bem uma pessoa católica declarada ou instruída ir a uma das sessões, mas para a pesquisadora não haveria problemas. E, depois, eu poderia dizer como acontecia a reunião. Os *ricos* achavam graça e qualificavam os frequentadores como ignorantes ou curiosos. Os *pobres*, na mesma posição dos frequentadores, achavam graça e faziam brincadeiras com eles.

Na segunda, os adeptos (5 adultos e 4 crianças – distribuídos em dois grupos domésticos) não identificavam uma religião. Segundo um deles, em suas reuniões realizadas nas casas de cada um, fazem-se estudos das bíblias Católica e Evangélica, extraíndo o que cada uma tem de *verdadeiro*. Vestiam-se como os primeiros cristãos, as crianças não podiam frequentar a escola, declaravam-se vegetarianos, que deveriam plantar para comer. Sua bebida deveria também ser preparada com base em frutas e folhas. Quanto à bebida alcoólica, ambas as denominações primavam pela abstinência. E seus adeptos

---

<sup>69</sup> *Os crentes* é a forma como os moradores se referem aos adeptos das denominações cristãs não católicas.

eram avaliados pelos demais moradores como autênticos *outsiders*, no sentido construído por ELIAS (2000).

Entre as denominações religiosas de maior expressão no local, encontram-se como adeptos da Assembléia de Deus trabalhadores assalariados e aposentados, bem como suas crianças.<sup>70</sup> Quando iniciei o trabalho de campo, existiam dois templos dessa denominação: um em frente ao campo e outro no Morro do Meio. Ambos estavam sob a responsabilidade de pessoas vindas de outros municípios, portanto, identificadas como *gente de fora*, que, na avaliação dos *ricos*, estavam iludindo a população local – leia-se, nesse caso, *os pobres*.

Os habitantes locais agregados à Assembléia de Deus eram identificados pelos demais como *os crentes*. Quando pronunciado por adeptos e praticantes da denominação católica, o termo designava alguém que não tinha firmeza religiosa ou a vida desregrada, pensando em tirar algum proveito da afiliação. E, quase sempre, aparecia acrescido de semelhante comentário: “... *mas ele não vai durar muito tempo na igreja, ainda mais se tiver que pagar alguma coisa*” (Moradora da Rua Principal, 43 anos, proprietária de terras, *ministra da eucaristia* na igreja católica). Muito embora apareça na avaliação de *não-crentes*<sup>71</sup> um reconhecimento de que *alguém que bebia muito* tenha *tomado jeito* após sua conversão à Assembléia de Deus, o comentário não exclui a idéia de que ele ou ela “não permanecerá por muito tempo. Daqui a pouco vai achar que não precisa mais ir à igreja”.<sup>72</sup>

Se por um lado os adeptos do catolicismo avaliam *os crentes* dessa forma, estes, por sua vez, julgam-se responsáveis por “salvar os pecadores do lugar” (dirigente local da Assembléia de Deus no povoado, 36 anos, casado) ou “evangelizar aqueles que não conhecem a felicidade” (Moradora da Rua Principal, 45 anos, casada, assalariada). Ao pronunciar tais objetivos, referem-se às pessoas que se identificam como católicas, mas, na avaliação dos seguidores da Assembléia, são *ignorantes e/ou mal orientadas* pelos

---

<sup>70</sup> NOVAES (1985) salientou como na América Latina e no Brasil as denominações pentecostais apareciam nos estudos como uma opção religiosa própria dos indivíduos em posição de subordinação na estrutura social. E como a prática econômica dos *crentes* não os distingue dos outros moradores da região com filiação religiosa distinta, seria preciso então pensar *o crente* a partir da posição que ocupa na estrutura social em relação a outras alternativas religiosas com as quais compete e às suas práticas sociais.

<sup>71</sup> Forma como os afiliados à Assembléia de Deus se referem aos católicos (*não-crentes* ou *eles*) ou não agregados ao seu culto.

<sup>72</sup> Este tipo de avaliação conjuga-se, com frequência, no discurso dos moradores na posição de empregadores, à de que “o pessoal (leia-se os assalariados) daqui não quer nada com o trabalho, fica esperando tudo na mão.” Mesmo entre alguns trabalhadores, que se mantêm empregados ou trabalhando à meia durante todo o ano civil, esta avaliação é recorrente em comentários como este: “O mal dessa gente é que prefere ficar sem fazer nada entre os períodos de *apanha do café*, aí fica pela rua à toa, fazendo coisa errada, bebendo e falando dos outros.” (Moradora da Rua Principal, trabalhadora assalariada sazonal, organizadora de turmas de trabalho e meeira, 50 anos).

responsáveis locais por aquela denominação religiosa, não se comprometem com a religião e cometem atos pecaminosos como, por exemplo, entregarem-se à bebida alcoólica ou preferirem as festas e bares às atividades religiosas.

Em sua perspectiva de missão salvadora, temas que envolvem o consumo de bebidas alcoólicas e de drogas representam um dos carros chefe no processo de conversão a esta denominação religiosa. Advogam tanto no discurso oral como nos textos estudados em sua *Escola Dominical*<sup>73</sup>: “Em todas as partes vemos pessoas envolvidas com as drogas e com o álcool. Deus é poderoso para nos libertar das prisões dos vícios e dar-nos a verdadeira felicidade.” (*O livro da vida*. Edição internacional para jovens – índice que destaca: “dez bons motivos para ler o Livro da Vida”).

Para um convertido, falar do processo de passagem para esse universo social significa expor alguma experiência de vida com a droga ou, mais frequentemente, a bebida alcoólica. Em termos de sociabilidade mediada pelo consumo de bebida alcoólica, não era raro ouvir dos adeptos desta denominação: “*vivi momentos muito bons com a bebida, mas era porque não conhecia a verdadeira felicidade*” (Moradora da Rua Principal, 45 anos, casada, assalariada) ou “... *mas o forró e a bebida não levam a nada, só ficam a ressaca e a vergonha, que, às vezes, a gente faz besteira por causa da bebida*” (Morador no Morro do Meio, assalariado, líder de um grupo de jovens na Assembléia de Deus, 25 anos, casado).

Ser crente, em Cascatinha significa, entre outros atributos, condenar o ato de consumir bebida alcoólica não porque ele seja ruim, mas porque ele pode levar à prisão do espírito ao álcool e/ou a comportamentos que resultam em pecado. A regra é não consumir bebidas alcoólicas. Todavia, o tema do consumo é tomado como referência em seus discursos, seja para afirmar sua abstinência ao narrar ocasiões festivas com os irmãos da igreja, seja para condená-lo, seja para valorizar a conversão de qualificados ex-alcoólatras<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> NEVES (1984) analisa a prática das escolas dominicais que como os cultos cumprem uma função unificadora dos fiéis da Assembléia de Deus em relação aos princípios doutrinários a serem seguidos, aos valores e normas de comportamento a serem atualizados. Para a autora, “os princípios doutrinários são considerados guias da conduta moral para a vida cotidiana pela recontextualização dos valores e normas éticas. A compreensão do texto toma como instrumento de reflexão as metáforas supostas como análogas, referenciadas à vivência do *crente* ou aos acontecimentos destacados da sociedade envolvente. Pelas metáforas, coordenadores e fiéis encontram algumas alternativas de interpretação diferenciada dos textos ou de como aplicá-los a contextos que eles consideram mais adequados ou mais próximos às suas experiências de vida (1984: p. 16-17).

<sup>74</sup> Sobre esta questão, MARIZ (1994) desenvolveu estudo com ênfase nas experiências de dignidade, de poder e de senso de coerência cultivados entre os afiliados a essa denominação religiosa, as quais se realizam

As práticas religiosas organizadas no interior desta instituição preenchem os dias da semana no tempo do não-trabalho, caracterizado pelo dirigente do templo local como *aqueles momentos de folga*. No preenchimento desse tempo, os principais elementos de mediação na constituição de espaços de sociabilidade são a oração coletiva, a prática do proselitismo, entendida como evangelização e salvação dos *não-crentes* (Fotos 9 e 10).



**Foto 9.** Naturalização da convivência com moradores em estado de embriaguez, na porta de bar. (2005)



**Foto 10.** Tentativas de apoio e conversão da pessoa em estado de embriaguez por evangélicos. (2005)

---

por um estado modificado de consciência, após a adesão aos seus princípios. Por esse caminho, ela busca compreender a atração e o sucesso diferencial das igrejas pentecostais em relação a outros grupos religiosos no combate ao alcoolismo.

Além desse tipo de prática, os *crentes* reservam momentos para *estudos bíblicos*. Espaços e tempos nos quais eles se dedicam à reflexão sobre sua vida, sempre comparada à dos outros (*não-crentes* ou *eles*), enquanto, pelos métodos da repetição, aprendem a construir uma forma própria aos *crentes* de elaboração do discurso com base em passagens da bíblia. Mesmo as atividades identificadas como lazer pelo dirigente devem se converter em oportunidade de

... encontro entre os *irmãos*, que em casa não têm praticamente nenhum lazer... Então, é feito na igreja mesmo. A gente faz uma confraternização, uma almoço, uma festinha, uma viagem para outras congregações, passa um fim de semana, joga um futebol... E podem participar pessoas também *descrentes*... de outras religiões... (dirigente local da Assembléia de Deus no povoado, 36 anos, casado)

Nesta narrativa, cabe ressaltar que ao entrevistado foi solicitado um relato sobre como se divertiam *os crentes* no povoado. E ao apresentar as atividades, questionei sobre a comida e bebida em tais oportunidades. Ao que imediatamente respondeu:

Mas olha! Bebida... A gente, bebida alcoólica, nós não consumimos, só mesmo refrigerante e suco, que a bebida alcoólica, a cachaça, aqui tem muito isso. Porque a cachaça, mesmo sem dinheiro, eles bebem mesmo! Coitados! (idem).

Como ato condenado, digno de piedade e elemento de afirmação de mudança de vida pela conversão, o consumo de bebida alcoólica, mais especificamente da cachaça, aparece, na visão de mundo construída entre os *crentes*, como um “acontecimento destacado da sociedade envolvente” (NEVES, 1984: p. 17), que perpassa a vida no povoado, principalmente o tempo e o espaço do não trabalho.

### **III.2. “Eles”, os católicos**

Entre os afiliados à denominação Católica, encontram-se, em Cascatinha, pessoas de todos os segmentos sociais destacados no Capítulo I, cabendo aos *ricos* ou herdeiros dos antigos proprietários o controle das atividades religiosas e do templo. Para este grupo, o consumo de bebidas alcoólicas não é interdito, chegando até mesmo a ter significado

simbólico no ritual denominado de missa. A condenação quanto a ele aparece conforme maneiras consideradas individualizadas de beber. Embriagar-se também, embora não constitua regra, não aparece como condenação, desde que não pressuponha deixar de cumprir obrigações sociais com a religião, a família e o trabalho.

Entre as práticas sociais católicas que valorizam formas de sociabilidade e sobre as quais tive a oportunidade de construir dados para análise, destaco: a) rezas, b) excursões a centros de peregrinação e c) festas de devoção a santos.

### III.2. a) Rezas<sup>75</sup>

A modalidade de atuação religiosa denominada *reza*, entre as demais práticas, aparece nas narrativas como a mais fadada à passagem do ato religioso ao profano, do ato de demonstração de fé aos atos de beber, embriagar-se, dançar e cantar. Ações que, em absoluto, constituem parte da vida das pessoas, mas que, em se embriagando, corre-se o risco de perder o controle sobre o corpo e a mente, chegando a práticas condenadas ou mesmo ao desenvolvimento da doença do alcoolismo (na avaliação de adeptos da instituição Alcoólicos Anônimos).

Os afiliados à denominação Católica, a cada ano, obedecem a um calendário delimitador do tempo pela atividade denominada *reza*. Esta atividade consiste em *rezar o terço*, podendo ser no templo religioso ou nas casas dos moradores que a aceitam, por tradição, devoção e/ou educação ou respeito pelas pessoas que estão à frente das atividades religiosas.

A *reza* representa uma das formas de reafirmação dos princípios de afiliação religiosa e de socialização, agregando parentes, amigos e vizinhos em espaços de sociabilidade, mediados pela oração coletiva. Atualmente, cada sessão de reza pode, mas não necessariamente, culminar num rápido lanche, sem consumo de bebidas alcoólicas. Diferentemente da referida reza de *antigamente*, especialmente nas casas, que terminava em *baile*.

---

<sup>75</sup> As descrições das *rezas* correspondem a uma síntese das várias de que participei, tanto na igreja como nas casas. Da *reza nas casas*, participei somente em residências de trabalhadores, qualificados como *pobres*.

A partir do início do mês de março, duas das quatro *Ministras da Eucaristia* iniciam a *reza nas casas*, primeiramente nas residências das ruas Principal e Praça, depois nas ruas do Campo, de Baixo, Morro do Meio e Morro Novo, procurando passar por todas as casas do povoado, desde que aceitas ou convidadas. Esta atividade, via de regra, mas não necessariamente, é realizada até o início da *reza da via sacra*, no templo religioso, encerrando a *Semana Santa*.

Durante a execução de tal atividade, realizada entre 18:30h e 19:30h conforme a casa, respeitando os horários de trabalho, uma imagem simbolizando a *padroeira* circula pelas casas. Ela permanece na casa da pessoa onde se rezou e, no dia seguinte, esta pessoa deve encaminhá-la para a próxima casa, escolhida ao final de cada ato.

As pessoas vão chegando à casa em foco quase ao mesmo tempo. Respeitando a hierarquia, poucas são as que entram na casa antes de as *Ministras* chegarem. Logo que elas entram, todos procuram entrar, dependendo do número de pessoas e do tamanho do cômodo da casa. Uma das *Ministras* inicia a reza pedindo graças para a família que recebe a imagem da santa em sua casa e pronuncia a oração denominada *pai nosso*, sendo acompanhada por todos, marcando o início do ato religioso. A cada *estação do terço*, troca-se a pessoa que conduz as *ave-marias*. Uma pessoa, escolhida anteriormente, lê o que se celebra a cada *mistério*. Ao final da *reza do terço*, outra pessoa lê uma oração dirigida à santa e outra lê uma oração *pelas famílias*, impressas em um folheto. A senhora que iniciou a reza pede novamente pela família e inicia uma *ave-maria*. Em seguida, pronuncia dois pedidos de *rogai por nós* e encerra a *reza* com um  *sinal da cruz*, ao qual todos seguem. Terminada a *reza*, decide-se em casa de quem será no dia seguinte. As dirigentes do ato retiram-se, acompanhadas de algumas pessoas. Outras permanecem na casa (dependendo de quem recebe). Sempre me retirei com as dirigentes porque uma delas era minha anfitriã. Por isso, não posso considerar atividades que viessem a ser praticadas após a finalização do ato religioso.

Esta foi uma das atividades que me serviram à interpretação das diferenciações sociais e hierarquização do sistema social local. Nestas atividades, as primeiras residências a serem visitadas são das pessoas em posições privilegiadas tanto na igreja como socioeconomicamente, refletidas nos endereços. Ao se adentrarem as casas, também se observa uma ordem correspondente à estrutura social: primeiro as ministras, seguidas de pessoas brancas ou em condições de prestígio, como era meu caso, em relação às demais pessoas - negros e trabalhadores.



Em entrevistas, ao falarem das *rezas antigamente*, as pessoas, especialmente na posição de trabalhador e negros, narram os fragmentos de memória destacando não o ato religioso, mas o convívio social que se seguia. Nas narrativas, a música, a dança, a comida e a bebida representam fatores de prazer compartilhado entre os participantes:

Costumava... Sabe a casa do Tonho? Na casa dele costumava fazer novena direto: novena de Nossa Senhora do Rosário, novena de São Sebastião, Nossa Senhora das Dores. (...) Então fazia novena ali, na casa da vizinha [falou o nome de outros vizinhos]... Aí nós acabava de rezar lá, chegava o violão, iniciava o baile, dançava. (...) Dançava na casa daquelas pessoas ali até o sol sair. (...) Os sanfoneiros na frente, os calanguitos tocando calango atrás, violão e pandeiro batendo... Era muito bonito mesmo! Às vezes nós saía pra ir embora, saía até chorando. (...) Quem fazia baile dava café com broa, café com leite, biscoito... Que todo mundo tinha forno, então no dia de fazer a brincadeira, fazia a broa e o biscoito... Meia noite dava café acompanhado. Só você vendo!... Bebia... pinga, né? Quase não tinha cerveja. Fazia um macarrão... Música de Sanfona... Participava gente da roça demais! (...) Mês de Maria aqui, minha filha era um mês... Fazia reza, leilão. Nós trabalhava na roça e todo dia nós ia na reza (...) E tinha o ... José Bastos [*rico*, empregador]. Ali era bonito demais! (...) Era assim, acabava tudo bem... Agora, se faz um jantar, se não acabar tudo cedo tem uma confusão Hoje não pode baile porque o pessoal tá com uma falta de respeito. Às vezes, chega gente bêbado, atrapalhando o baile, é aonde acabou... (Casal de Moradores da Rua de Baixo, ambos aposentados, ela com 61 anos, ele com 66 e continuam fazendo serviços de roça)

Sob esta perspectiva, a reza constituía-se em mecanismo de agregação e de orientação para o espaço de lazer, que ali se formava, após o ato religioso. Ir para a reza, principalmente para os trabalhadores, significava ir para o *baile*, ir dançar, partilhar comida e bebida, sentir prazer em estar junto. Quando deixa de ser prazer, deixa de figurar na elaboração da narrativa ao pesquisador. Para pessoas nessa posição social, falar da reza é falar de momentos prazerosos do passado.

Mesmo aquelas pessoas que ocupam posição de *ricos* ou *empregadores*, se não participavam, também, não deixam de ativar a memória:

... Não tinha luz, mas eles faziam baile aí assim mesmo, depois da reza, no dia das festas. (...) Em casa, nós escutava barulho de sanfona... Aquela barulhada, uns cantando, outros gritando. Meu marido falava: “não é que essa gente aqui é uma gente divertida, tudo alegre!” (...) Sempre tinha. (...) Na rua eles não faziam baile naquele tempo. Era naquelas casinhas, dançando no terreiro. Ah! aquilo era divertido demais! (...) Bebiam cachaça, uai! Aqui cachaça é que fala a verdade. A gente ficou conhecendo essas outras coisas depois, mas antigamente, quando eu vim pra cá, era cachaça, aquela cachaça braba mesmo. (Moradora da Rua de Baixo, aposentada como diretora da escola, 90 anos)

Uma das dirigentes do ato religioso, 43 anos, assim se referiu à atual qualificada pouca participação dos moradores:

Antes da energia elétrica, as pessoas participavam mais das atividades da igreja. Hoje, ficam em casa vendo novela. Não querem deixar de ver TV para ir à igreja. E quando vão, não ficam para o leilão ou outra atividade depois da missa. Já tentaram colocar umas barraquinhas vendendo comidas e bebidas, mas não deu certo... Mas se for para um baile ou forró, todo mundo vem. Para vir para a igreja, as mulheres dizem que não têm com quem deixar as crianças, mas para ir para o baile, elas enrolam as crianças nos panos e ficam dançando... (Moradora da Rua Principal, proprietária de terras, *ministra da eucaristia* na igreja católica)

A entrevistada, referindo-se ao quadro do pensamento religioso, não condena as atividades *profanas*, mas o comportamento daqueles que deixam de cumprir com as *obrigações* para com *Deus*, colocando outros planos de organização social e sociabilidade em antecedência aos da religião.

No templo religioso, as *rezas* compõem as *novenas* que antecedem as festas de devoção aos santos e ao Natal, e a *via sacra*, que antecede as cerimônias da *semana santa*<sup>76</sup>. Elas sempre acontecem às 19h ou 19:30h, horário que, teoricamente, permitiria a participação de todos, pois corresponde ao espaço de tempo de *não trabalho*. Entre o fim do período de trabalho e a hora da atividade religiosa, há tempo suficiente para preparação para o ato: tomar banho, comer algo.

Participam dessas atividades, além das quatro mulheres que ocupam posição de *Ministras de Eucaristia*, pessoas de todas as idades, sendo a maioria dos adultos do sexo feminino, seguida de crianças. Geralmente, os homens (em sua grande minoria) se posicionam no lado esquerdo e as mulheres no lado direito da nave da igreja. As mulheres negras costumam ocupar bancos aos fundos, próximos à porta principal. As *Ministras* ocupam os primeiros bancos à frente do altar e selecionam alguém para fazer as leituras obrigatórias e as orações, conforme o santo homenageado.

Uma delas pede a alguma criança que *toque o sino* e tem início a *reza do terço*, segundo orientações institucionais. Ao final da *reza*, as *Ministras* apresentam avisos

---

<sup>76</sup> Em janeiro, novena de São Sebastião; em março ou abril, a *via sacra*; em maio, novena do mês de Maria (meninas vestem-se de anjo e *coroam* a imagem da santa); em junho, novena do Coração de Jesus (meninos vestem-se de branco com uma capa vermelha e depositam *oferendas* ao lado da imagem de Jesus Cristo); em setembro, novena da Padroeira (mulheres *coroam* a imagem da santa); em outubro, novena de N. S. do Rosário; em dezembro, novena de Natal.

(religiosos ou referentes a reuniões ou outras atividades de outras instituições) e fazem convites para o retorno de todos. Imediatamente, o templo se esvazia. Algumas pessoas permanecem por alguns minutos conversando em frente ao templo, formam grupos e se dirigem juntas para casa, tendo assim cumprido com uma das formalidades religiosas.

Quando se está realizando *novena no mês de Maria* ou antecede a *feira da padroeira*, no último dia da seqüência do ato das *rezas* é feito um leilão na porta da Igreja. Para isso, algumas pessoas doam objetos, alguma *quitanda*<sup>77</sup> ou garrafa de bebida alcoólica. Nesse momento, forma-se um círculo em torno do *cantador do leilão* e da mesma forma que no interior do templo, durante a *reza*, os homens se posicionam de um lado e as mulheres de outro. E, como num jogo, algumas pessoas fazem lances na intenção de provocar outras ofertas mais altas. Durante o tempo do leilão, as pessoas se descontraem e brincam umas com as outras, instigando-as a *arrematar* o produto leiloado. Dependendo do que compra, a pessoa compartilha com os demais, como é o caso da bebida, uma das peças mais valorizadas, sendo a última a ser leiloado. Adquirida a mercadoria no leilão, é comum ir para casa consumi-la com aqueles que desejarem acompanhar. Nas narrativas que se referiam ao *antigamente*, tal aquisição parava na *casa do baile*.

### III.2. b) Peregrinações

O parco comparecimento às atividades na igreja não pode ser significativamente correlacionado com a crença cultivada entre os moradores aos santos de devoção. Embora muitos deles não sejam freqüentadores assíduos das atividades religiosas, especialmente organizadas pelas representantes institucionais da igreja católica no povoado, eles constroem formas de viver sua fé. Uma delas é a excursão ou romaria a centros de peregrinação.

Todavia, a excursão adquire também forma de entretenimento que preenche o tempo livre, especialmente entre a população residente em bairros populares, como analisou MAGNANI (1984). Embora esse autor tenha feito o estudo entre moradores na periferia de São Paulo, no povoado de Cascatinha, a excursão, mesmo que organizada com

---

<sup>77</sup> Termo utilizado para designar alimentos como biscoitos e bolos de diversos tipos, preparados em casa.

fins religiosos, como por ele analisada, se objetiva no tempo livre e é vivida por seus integrantes também como lazer.

Entre os afiliados à igreja católica, este tipo de atividade costuma ser realizada pelo menos três vezes durante um ano: duas delas para Aparecida do Norte e uma para Congonhas do Campo. O tempo gasto nesse tipo de atividade, geralmente é de, no mínimo, um dia. Portanto, elas acontecem em finais de semana, por vezes iniciando na sexta-feira e encerrando no domingo à noite: caso das viagens a Aparecida do Norte e a Congonhas do Campo. Entre as atividades aqui destacadas, tive a oportunidade de acompanhar somente uma das excursões a Aparecida do Norte, sobre a qual me deterei um pouco mais.

Essa excursão de devoção à Santa acontece, geralmente no mês de maio<sup>78</sup>. Ela tem sido organizada pela pessoa que ocupa a posição de coordenador do Grupo de AA e presidente da Associação de Moradores e mora no Morro Velho. Agrega fiéis na condição de parentes, vizinhos e amigos do organizador, residentes, principalmente nos Morros Velho, Novo e do Meio, e algumas pessoas de localidades próximas. Na situação por mim acompanhada, apenas um homem na condição de proprietário, branco e *rico*, participou da viagem.

A situação aqui analisada ocorreu no ano de 2006 – início do mês de maio. Uns quatro meses antes, as passagens estavam sendo vendidas no valor de R\$55,00 (ida e volta). As pessoas podiam pagar parceladamente, desde que tivessem concluído o pagamento na data da viagem, condição que garante maior engajamento de pessoas. Precisavam também fornecer ao organizador o nome completo e o número do documento de identidade. O local de saída foi marcado para a praça, em frente à igreja católica, no horário de 20h, com programação para passar no centro do município e numa cidade vizinha, para pegar alguns passageiros. O ônibus contava com 45 lugares e todos foram ocupados. Logo que o veículo estava lotado iniciou, de fato, a viagem, o organizador proferiu algumas palavras de agradecimento a Deus e pediu que todos o acompanhassem na reza de um *pai-nosso* e *ave-maria*.

Como em outras atividades, o comer e o beber são elementos de mediação, também na excursão. Logo após a oração, o organizador com a mulher distribuíram um lanche. Além da distribuição do lanche (café com leite e pão com mortadela), havia na geladeira do veículo, algumas garrafas de guaraná de 2 litros e uns copos de água mineral. Toda a

---

<sup>78</sup> Essa excursão é qualificada por uma pessoa na posição de *rica* como excursão de *pobre*. No mês de junho costuma acontecer uma outra, organizada por um senhor que mora na praça e atende aos moradores mais abastados.

água foi consumida durante a viagem. Quanto ao guaraná, sobraram alguns litros. No retorno, o organizador reabasteceu a geladeira. Mesmo com a guarnição garantida pelo organizador da viagem, algumas pessoas levaram lanches particulares. E, como no caso analisado por MAGNANI (1984), abriram-se sacolas e começaram a circular sanduíche, bebidas e brincadeiras. E obrigatoriamente se fizeram duas paradas.

Alguns rapazes entraram no veículo com latinhas de cerveja e um dos homens que embarcou na sede do município estava embriagado. Ninguém fez qualquer tipo de comentário que pudesse constrangê-lo. Alguns expressaram umas chacotas para com ele, que participou da brincadeira. No entanto, na primeira parada para descanso e lanche, como ele continuava a beber, algumas pessoas pediram ao organizador da viagem que chamasse sua atenção. A isto, ele respondeu que já havia falado, mas ia falar novamente.

Além desse senhor, outros homens beberam cerveja ou cachaça nessa parada, mas não chegaram a representar preocupação como o outro, em pleno estado de embriaguez. A preocupação demonstrada pelos passageiros era com a possibilidade de ele *passar mal* e atrapalhar a viagem: fosse pela possibilidade de ele provocar sujeira no ônibus, ou de ter que interromper a viagem para socorro médico. Mas qualquer que fosse a preocupação, nela estava implícita a previsibilidade atribuída ao estado de embriaguez como o apresentado pelo centro das atenções, especialmente em sendo uma pessoa com mais de 60 anos de idade.

Além do lanche servido pelo organizador, ele providenciou algumas fitas para videocassete. Quando ele começou a mexer no aparelho, um senhor ao meu lado comentou: “- *Vai botar fita dos Congos, quer apostar quanto?*” Sinal de que ele costuma fazer essa e outras viagens com o mesmo organizador. De fato, primeiro ele colocou uma fita com apresentação da Banda de Congos e, em seguida, um filme. Durante a viagem, algumas pessoas dormem, outras conversam e andam pelo ônibus, brincando com os outros. Quando estávamos entrando na cidade, o organizador dirigiu-se aos passageiros apresentando orientações de cuidados com as bolsas, de forma a evitar assaltos. Em seguida, pediu que todos o acompanhassem novamente numa oração para que tudo entre eles corresse bem. Antes que os passageiros descessem, ele orientou para quem desejasse almoçar junto com ele, que o encontrasse às 12 horas ao lado do veículo. Orientação seguida pela maioria dos romeiros.

Todos desceram do ônibus e seguiram em direção à catedral, formando grupos que, logo em seguida, se separaram. Eu permaneci com o grupo no qual estava a esposa do

organizador, portanto, impôs-se mais um limite à observação. Fotografei o grupo (Foto 11), depois algumas pessoas me pediram que as fotografasse, tanto no exterior como no interior do templo religioso, no momento do almoço e no interior do veículo.



**Foto 11.** Excursionistas no momento da chegada em Aparecida do Norte (2006)

Entramos no templo, estava iniciando uma missa. Acomodamo-nos, mas antes que terminasse a cerimônia, a esposa do organizador convidou a todas para ir à sala de confissões. Dirigimo-nos até lá e elas participaram do ato denominado de confissão comunitária. Antes de nos retirarmos desse ambiente, duas mulheres pediram ao padre que as abençoasse. Um tipo de contato não alcançado no povoado, posto que o padre chega na hora de missa e se retira tão logo termine. Retornamos à nave do templo, mas a maioria das pessoas desse grupo não permaneceu na cerimônia. Fomos para a *Sala de milagres*. Lá encontramos outras pessoas da excursão. Depois nos separamos novamente e rumamos para o encontro do almoço.

O organizador da romaria não se fazia acompanhar. Ele havia ido participar de reunião específica para pessoas nessa posição. Enquanto aguardávamos ao lado do ônibus, a mulher dele, junto com outras duas, esconderam-se atrás do veículo para tomar uma cerveja. Beberam rapidamente, com receio de ele chegar e chamar atenção da esposa (ele é membro dos Alcoólicos Anônimos). Assim que ele chegou, conduziu-nos ao restaurante, onde, previamente, havia combinado levar o grupo. Por esse procedimento, seu almoço e da esposa seriam grátis. Todos tomaram refrigerante, que acompanhava o prato de

refeição. Nenhuma das pessoas que almoçou ali tomou bebida alcoólica nesse espaço de tempo.

No momento dedicado à refeição, aconteceram manifestações de solidariedade de uns com os outros, especialmente em relação ao pagamento da refeição. Ninguém deixaria de comer, caso não tivesse como pagar. Se alguém se manifestasse quanto ao preço, outro se oferecia para ajudar no pagamento. (Foto 12)



**Foto 12.** Excursionistas em Aparecida do Norte, por ocasião do almoço em restaurante (2006).

Embora a viagem seja caracterizada como uma romaria, a motivação para muitas das pessoas é a possibilidade de *comprar barato* roupas, calçados, almofadas, imagens de santo e uma infinidade de *souvenirs* para a sua casa ou para presentear alguém. Algumas pessoas chegaram a declarar que ficam aguardando essa viagem para comprar especialmente roupas de frio, em função dos preços.

No retorno, além de o organizador da viagem ter reabastecido a geladeira com água e refrigerante, algumas pessoas haviam comprado frutas e biscoitos, partilhados com os demais passageiros, fosse doando, fosse trocando. E muitos deles queriam falar sobre o que compraram, até que todos se acalmaram e dormiram. Chegamos a Cascatinha por volta das três horas da madrugada de sábado para domingo, *dia das mães*. Uma das jovens que estava na viagem com a avó disse que chegaria a casa, tomaria um banho e ainda iria para o *forró*, pois teria vindo *um pessoal* do Rio e já deviam estar todos bêbados.

Nessa atividade, o consumo de bebida preponderante é o de água, seguido do refrigerante. Entretanto, a bebida alcoólica não está interdita, mas a embriaguez é indesejada. Os homens bebem publicamente. As mulheres devem ser discretas e, muito mais que os homens, evitar a embriaguez. Além disso, a motivação da atividade não deve ser a comensalidade, muito menos o consumo de bebidas. O sentimento de agregação deve ser a devoção à santa, mas, menos que o consumo de bebidas, a devoção vem seguida da oportunidade de consumo mercantil.

Além das viagens a Aparecida do Norte, a mesma pessoa organiza excursão para Congonhas do Campo, no mês de setembro, quando acontece um evento por eles denominado de Jubileu. Muitas das pessoas que estavam na viagem da qual participei comentaram que iriam também a Congonhas. Para lá, eles saem na madrugada do mesmo dia, para chegar cedo e conseguir entrar na igreja, comentavam as pessoas no ônibus. Parece ser um costume dos moradores do povoado ir a esse evento. Algumas pessoas comentaram que, *antigamente*, iam a cavalo. Lá também passam o dia.

Quanto aos afiliados aos princípios da denominação religiosa Assembléia de Deus, as excursões costumam ser mais frequentes e mais curtas, porém fazendo uso de tempo semelhante. Há o costume de realizar viagem para outras *congregações*. Tanto os membros do povoado viajam para outras localidades, como recebem outros *irmãos*. Geralmente, a viagem dura um final de semana. Um morador do Morro do Meio, 68 anos, que vive sozinho e vende cachaça em casa, em entrevista, quando perguntei o que fazia para se divertir, ele comentou que, além de ir às festas da igreja católica, de ver um jogo de futebol e ir à casa da irmã, gosta de viajar com *os crentes*, pois o pastor sempre o convida e, às vezes, ele vai à igreja deles também, quando vem gente de fora.

Nesses encontros costumam, além das orações, promover brincadeiras e atividades em grupos, bem como um *almoço de confraternização*. Segundo o responsável pela denominação no povoado, fazem churrasco e bebem refrigerantes. “*Que bebida alcoólica nós não tomamos...*”, fez questão de dizer, antes mesmo de informar aquilo que comem e bebem, reforçando o princípio de abstinência pela afiliação religiosa. O que significa dizer que para este grupo a agregação de pessoas para se divertir não implica consumo de bebidas alcoólicas, mas implica também comensalidade mediada por outros tipos de bebidas.



### III.3. Festas de santo

As atividades organizadas sob motivações religiosas oferecem uma fonte de estímulo cultural, de esperança e de afirmação de valores morais que salientam responsabilidades. A freqüência cotidiana à igreja se apresenta como uma atividade majoritariamente feminina (especialmente entre as mulheres das famílias mais abastadas). Entretanto, essa freqüência aparece mais como algo convencional significativamente motivado pela crença.<sup>79</sup>

Já as *festas* chamam atenção pelo caráter aglutinador de pessoas e grupos sociais diferenciados. Tais *eventos sociais*, conforme analisa (DA MATTA, 1979: 37), “promovem a separação entre um domínio do mundo cotidiano e outro: o universo dos acontecimentos *extraordinários*. A passagem de um domínio a outro é marcada por modificações no comportamento, e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais.”

Quanto a esses eventos, ZALUAR (1983) adverte sobre como os relacionamentos entre vizinhos, parentes, proprietários, patrões e trabalhadores são expressos nas atividades religiosas, particularmente nas festas de santo. Nesse estudo, a autora propõe interpretar os sistemas de crenças, as atividades religiosas, especialmente no meio rural, “com afirmações simbólicas sobre a vida social dos que a seguem e executam” (p. 24).

As festas de santo constituem, pois, espaços de agregação e conagração, tanto entre pessoas das relações mais íntimas, como entre aquelas que não convivem cotidianamente: pessoas com grandes afinidades e pessoas sem quaisquer afinidades. Quero dizer com isso que a união das pessoas pela festa depende menos dos laços de parentesco ou amizade que dos interesses que as unem na vida social.

As festas no povoado pesquisado, Tabela 6, de uma maneira geral, preenchem quase todo o calendário agrário, coincidindo com o período de maior ocupação da *força de trabalho* disponível.

---

<sup>79</sup> Sobre esse aspecto, FROMM (1972: 98-99), em minucioso estudo realizado em uma *aldeia* mexicana, chama atenção para diferenças entre os sexos na forma de participação nas atividades religiosas. Ele salienta que 34% dos moradores que se declaram católicos (nessa porcentagem, 40% são homens e 27%, mulheres) nunca assistem à missa. Dentre os 40% que freqüentam a missa e outras celebrações, 34% são homens e 45%, mulheres.

**Tabela 6. Calendário das Festas em 2005**

ATIVIDADE	Meses do ano											
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
<i>Folia – Reis</i>	X											
<i>Folia – São Sebastião</i>	X											
<i>Festa – São Sebastião</i>	X											
<i>Mês de Maria</i>					X							
<i>Novena - Coração de Jesus</i>						X						
<i>Quadrilha de Rua</i>						X	X					
<i>Quadrilha da escola</i>							X					
<i>Colônia de férias (evangélicos)</i>							X					
<i>Festa do AA</i>							X					
<i>Festa do Pião</i>								X				
<i>Festa da padroeira - N. Sra. das Dores</i>									X			
<i>Festa N. Sra. do Rosário – Congada</i>										X		
<i>Festa das crianças</i>										X		
<i>Festa da apanha do café</i>							X	X	X			
TRABALHO AGRÍCOLA												
<i>Quebrar milho</i>			X	X								
<i>Apanha de café</i>				X	X	X	X					
<i>Catar café</i>							X	X	X	X		
<i>Preparar a terra</i>								X	X			
<i>Plantar</i>									X	X		

Fonte: Observações e informações prestadas por entrevistados durante a pesquisa.

Não sem razão, as festas acontecem em tais períodos coincidentes com o tempo do assalariamento dos trabalhadores, havendo, portanto, maior circulação de dinheiro no povoado. Não que haja predomínio da comercialização de mercadorias, mas há o investimento na apresentação pessoal, com roupas novas ou apropriadas ao evento. Além disso, essas festas, principalmente as de santo, possibilitam compreender as ações dos indivíduos nelas envolvidos como forma de reafirmação de diferenças baseadas em relações de trabalho e poder.

Conforme destacado anteriormente, cumpre-se um calendário de atividades religiosas denominadas festas, o que não significa, necessariamente, o acompanhamento de atividades *profanas*. Aqui, o termo *festa* adquire o sentido de prestar alguma homenagem ao santo da ocasião, geralmente por meio de uma novena, uma missa e uma procissão com a imagem do homenageado. As *festas* enquadradas nessa especificidade são as

denominadas: *mês de Maria*, *Novena do Coração de Jesus*, *Festa da Padroeira* e *festa de São Sebastião*.

Outras atividades qualificadas como manifestações religiosas são avaliadas pelos moradores como *fracas*: *Folia de Reis* e *Folia de São Sebastião*<sup>80</sup>. Os moradores mais antigos ou de mais idade, quando indagados sobre a participação nas festas, remontam à sua *juventude* para dizer: “– *Essa festa já foi muito melhor!*”<sup>81</sup>. Dois fatores são apontados pelos moradores saudosistas como de interferência no sucesso das festas: a instalação da energia elétrica e a chegada dos aparelhos de televisão.

Em cada uma dessas atividades, simbolicamente são feitas ofertas aos santos, correspondendo a uma divisão por sexo e ciclo de vida. No mês de Maria, as meninas fazem a representação. Vestidas de anjo, elas coroam uma imagem que representa a Mãe de Jesus. Na Novena do Sagrado Coração de Jesus, os meninos fazem as ofertas também a uma imagem, a de Jesus. Na novena que antecede a festa da Padroeira, as mulheres coroam a imagem da Santa. E na Festa de São Sebastião, os homens são os encarregados de conduzir as cerimônias e o andor na procissão. E são também os homens que seguem na frente da fila, logo após o andor.

No *mês de Maria*, último dia da novena, geralmente num sábado, realiza-se um *leilão*. Quando há alguma menina de família qualificada como *rica*, ao final das cerimônias alguém da família distribui lembranças e/ou balas e doces. Nestes dias, registra-se maior participação de crianças. O mesmo ocorre com as atividades da *Novena do Sagrado Coração de Jesus*, na qual os meninos são os atores da representação.

Durante os dias em que acontecem festas reconhecidas pelos moradores como as mais tradicionais, constituem-se múltiplos espaços de sociabilidade que, muitas vezes, proporcionam a possibilidade de realçar diferenças e realizar separações. Destaco as formas de organização e participação em duas *festas de santo* (N. S. das Dores – a *Padroeira* e N. S. do Rosário)<sup>82</sup>, quando são emblematicamente valorizados princípios de

---

<sup>80</sup> As atividades de *folia* não acontecem todos os anos e contam com maior participação dos designados *pobres* ou *pretos*. A realização das atividades depende da disponibilidade da mesma pessoa que organiza a festa dos congos e ocupa posição de assalariado.

<sup>81</sup> Principalmente quando se referem a dois outros eventos organizados pela mesma pessoa: a festa de devoção a N. S. do Rosário (ou Congada) e a *Festa do AA*, sobre as quais dedicarei maior atenção mais à frente, sendo a Festa do AA no Capítulo VI.

<sup>82</sup> Ao me referir a estas festas, eu o faço conforme observações e entrevistas realizadas no ano de 2005, no povoado. Cabe ressaltar que estas manifestações não são exclusividade na região. Em Viçosa – MG, PANIAGO (1983) registrou em livro as manifestações, por ela denominada de cultura popular brasileira, que se fazem ou se fizeram presentes naquele município e no município vizinho de Paula Cândido. Dentre essas manifestações, ela dedica algumas páginas às festas do Rosário e Congadas.

diferenciações sociais, especialmente posições de prestígio reconhecidas pela população local.

Tais valorizações contribuem para compreender como, ao mesmo tempo em que são elaboradas formas de agrupar ou separar indivíduos, são igualmente (re)elaborados significados atribuídos a identidades sociais que conformam posições e, por elas, qualificam consumidores de bebida alcoólica como *bêbado* ou *alguém que sabe aproveitar a vida*.

Durante a organização e ocorrência dos eventos destacados (embora em momentos distintos), pude perceber de forma mais clara a hierarquização social local, algumas disputas por poder e *status* e o *esforço*, embora não de forma explícita, de um grupo de trabalhadores em preservar expressões culturais atribuídas aos *afro-descendentes*. Termo repleto de significações que possibilitam ao organizador da *feira de N. Sra. do Rosário* construir visibilidade e buscar recursos junto a instituições externas como ONGs, Associações de Movimento Negro, Prefeitura e Universidade Federal de uma cidade vizinha. Envolvendo diferentes grupos de pessoas, algumas formas de expressão desta disputa ganham maior visibilidade, possibilitando relacioná-las a outras situações no sistema social local<sup>83</sup>.

Vários dos agentes sociais que organizam as atividades reconhecidas como festas estão vinculados a grupos políticos e/ou associações religiosas sob a forma de *Ministros da Eucaristia*, *Apostolado da Oração*, *Sociedade São Vicente de Paula*, *Irmandade de N. Sra. do Rosário*<sup>84</sup> que têm como matriz as irmandades e sociedades formadas no Brasil no período colonial, em grande parte dos Estados de Minas Gerais e Goiás<sup>85</sup>.

Tais participantes de sociedades de interesse desenvolveram (ou reelaboraram) no povoado práticas de confraternização e de reprodução da religiosidade, que, hoje, popularmente reproduzidas como manifestações religiosas, constituem espaços de sociabilidade, oportunidades de encontros, reencontros e práticas públicas de solidariedade.

Em todos os lugares do país, como em qualquer sociedade, assim como ocorre em outras ocasiões festivas religiosas ou não, que cumprem um calendário, essas festas

---

<sup>83</sup> Vali-me da análise produzida por GLUCKMAN (1987) que, a partir da análise de inauguração de uma ponte, delinea a estrutura social da Zululândia.

<sup>84</sup> Um dos coordenadores da Associação de *Congos* afirma que, embora ainda não contem com um estatuto de *irmandade*, “o grupo existe ali como dançadores de congo há mais de 150 anos”.

<sup>85</sup> BORGES (2005) apresenta um estudo histórico aprofundado sobre as *Irmandades do Rosário em Minas Gerais*; BRANDÃO (1985) descreve “a trama de articulações sociais e simbólicas produzidas pelas diferentes categorias de sujeitos envolvidos entre a Festa, a dança e a assistência” (10), em Catalão/Goiás.

obedecem “a um conjunto de medidas tomadas por uma organização formalmente estabelecida” (ALVES, 1980).<sup>86</sup>

### III.3.a) Dia da Padroeira N. Sra. das Dores: *a festa de todos*

Esta atividade acontece sempre no dia 15 de setembro, consagrado à devoção à N. Sra. das Dores, escolhida como *padroeira* da localidade. Os membros dos grupos oficialmente vinculados à Igreja Católica são os responsáveis pela organização desta festa. Oficialmente não existe qualquer impedimento, em termos de posição social, para a participação de cada um desses grupos. Por princípio, qualquer pessoa, desde que religiosa, pode ser integrante de um ou mais de um deles.

Na prática, na ocasião da festa, as mulheres que ocupam a posição de *Ministras*<sup>87</sup> da *Eucaristia* comandam a organização. São elas que dividem as tarefas e selecionam as pessoas com participação de destaque nos atos cerimoniais. O padre desloca-se da sede do município para celebrar uma missa e acompanhar a procissão.

As ruas, por onde deve passar a procissão, são ornamentadas. No ano de 2005, durante o dia, era grande o número de pessoas, especialmente crianças, enfeitando o chão para a *festa*, que tem como cenário o templo religioso, a *rua da praça* e as ruas *do Campo* e *Principal*. O templo religioso estava repleto no momento da missa, e as procissões contaram com a participação de um grande contingente de pessoas.

Neste ano, por nove dias anteriores à *festa*, as *Ministras* conduziram uma novena de *reza de terço* no templo religioso. Ao final de cada sessão, realizavam-se duas ou três cerimônias de *coroação* de uma imagem que simboliza a *santa* homenageada e um leilão. No dia da *festa*, a escola não funcionou, muitas pessoas não saíram de casa para trabalhar na roça, e as atividades religiosas tiveram início ao cair da tarde. Após o ato da *comunhão*, foram realizadas duas cerimônias de *coroação* da imagem da santa: a primeira com a *diretora da escola*, uma *servente* e uma *professora*; a outra com a *dona da padaria*, pessoa de reconhecido destaque no povoado.

---

<sup>86</sup> Nesse trabalho, o autor mostra a importância da descrição analítica dos diversos momentos da Festa de Nazaré (em Belém do Pará) com ênfase no Círio, para a compreensão de relações singulares expressas em situações que, como essa, fogem à rotina do cotidiano.

<sup>87</sup> São quatro mulheres, duas delas qualificadas por *adversários* como as *donas da igreja* (uma é proprietária e a outra é aposentada e esposa de funcionário público federal aposentado). Uma que também *reivindica* tal posição, mas não se alia com as ações das outras, em grande parte por questões político-partidárias (é proprietária e dona de uma das vendas). E uma afro-descendente, que rompe com uma segregação local e procura participar de todos os momentos.

Após a cerimônia de coroação, os homens se dirigiram para a casa de uma das *Ministras*, localizada próximo a um entroncamento de ruas que liga o início da subida para o *Morro Velho* à rua *Principal*. De lá, saíram em procissão com uma imagem simbolizando São José. Do interior da igreja, saiu outra procissão com a imagem da *padroeira*, conduzida por mulheres e acompanhada por uma banda de música.

As três ruas pelas quais passou o cortejo (e nas quais residem, em sua maioria, proprietários de terra e donos de vendas e bares) estavam enfeitadas com velas em garrafas plásticas cortadas e desenhos pintados no chão. Algumas pessoas colocaram colchas e toalhas bordadas nas janelas com um jarro de flores ou montaram um pequeno altar na frente da casa. Em algumas dessas casas, indicadas por uma das *Ministras*, o padre parou com a procissão e rezou, pelo menos uma *ave-maria*. Atitude criticada por algumas pessoas, pela seleção arbitrária.

As duas procissões se encontraram no vão da praça em frente ao templo religioso, momento no qual ocorreu uma queima de fogos. Os participantes aplaudiram, e as imagens foram conduzidas lado a lado para o interior do templo, com as pessoas seguindo em cortejo. Pode-se dizer que foi o clímax da festa. O padre fez mais algumas orações e encerrou a cerimônia da missa com o ato da *bênção final*.

Para as organizadoras da *festa*, a celebração não se encerra com a bênção do padre: alguns salgadinhos e *cachorros-quentes* foram servidos como lanche aos componentes da banda e para algumas pessoas por elas selecionadas – na maioria pessoas do seu círculo familiar mais próximo ou visitante. Sobre a mesa, numa pequena sala aos fundos do altar do templo, além dos comestíveis, havia refrigerantes e um litro de cachaça, compartilhados pelo seletivo grupo de convidados. Neste ínterim, algumas pessoas permaneceram na nave da igreja e outras formaram alguns grupos no entorno da praça à sua frente. Em poucos minutos, as pessoas dos grupos foram se dispersando e deu-se por encerrada a *festa da padroeira*.

### III.3. b) Festa de N. Sra. do Rosário: *a festa dos pobres e/ou a festa deles*

A *festa de N. Sra. do Rosário*, de amplitude mais local, acontece sempre no mês de outubro e consagra a devoção de trabalhadores rurais, no contexto socialmente reconhecidos como *pretos*, a esta *santa*. Em relação a esta *festa*, o sucesso ou insucesso tem sido atribuído especialmente aos coordenadores da manifestação cultural conhecida

como *Congada*, que também são os responsáveis pela organização da atividade religiosa, embora não o sejam de fato, posto que, dentro da igreja, necessitam de autorização das *donas da igreja*.

O grupo de pessoas que constitui a associação dos *congós* no povoado reside, em sua maioria, no Morro Velho. Os que ali não residem mudaram-se dali para os Morros Novo e do Meio ou para algum município vizinho. O único integrante local sem relações de parentesco com descendentes deste grupo de trabalhadores é qualificado por pessoas na posição de *produtores* como *doidinho*, *sem juízo*.

Além de participar do festejo local, muitos dos integrantes do grupo de *congo* costumam apresentar-se em outras localidades: seja completando o grupo visitado, seja transmitindo o saber a outros, seja porque o local não tem um grupo formado, mas seus moradores desejam *fazer a festa* em devoção à N. Sra. do Rosário. Em troca, membros de outros grupos complementam este grupo no dia de *sua festa*.

Não são raras as comparações com outros grupos de *congós*. Independentemente da posição social, a maioria dos entrevistados afirma que “*a festa de N. Sra. do Rosário já foi muito melhor que hoje; e, esta é a festa dos pretos ou pobres*”. Contam e avaliam os mais idosos que a festa em devoção a esta santa já teve duração de uma semana e, *antigamente, todo mundo ajudava* com alguma coisa, especialmente com a comida e as roupas dos dançadores. Atualmente, queixam-se os organizadores, eles têm que ficar se virando para conseguir doações de calçados, de roupas brancas e de aviamentos para ornamentar as vestimentas. Para isso, precisam recorrer a *pessoas de fora*.

Esta representação religiosa não tem uma data fixa identificada como o *dia da festa*, ela está subordinada à disponibilidade do padre ou a um dos domingos destinados à celebração de missa no local.<sup>88</sup> Durante a semana que antecede os dias da festa, as *Ministras da eucaristia* conduzem uma novena de reza de terços na igreja. Segundo informações de uma delas, as pessoas que representam os *reis* e os organizadores da *congada* só aparecem no sábado (primeiro dia da festa). Ela avalia que, pelo menos, os *reis* deveriam participar durante os nove dias, já que a festa *é deles*.

Os atos que compõem esta *festa* acontecem nos dias de sábado e domingo. No ano de 2005, no primeiro dia, pela manhã, três veículos tipo *van*, originários do Estado RJ, chegaram ao povoado, trazendo antigos moradores, parentes ou amigos. Foi intenso o

---

<sup>88</sup> Um padre celebra missa no povoado na primeira sexta-feira e em dois domingos no mês.

movimento nas vendas para a compra especialmente de bebidas, que acompanharam o almoço ou *churrasco* organizado em algumas casas.<sup>89</sup>

Por volta das 16 horas, os integrantes do grupo de *congós* começaram a chegar à casa do coordenador. Primeiro, dois homens de um município vizinho, com o objetivo de compor a *Banda de Congós* tocando violão. Logo em seguida, começaram a chegar os demais. Algumas deles pegaram, com a mulher do coordenador, peças de roupas e/ou fitas para os adornos que os caracterizam como *congós*. Outros foram ajustar os instrumentos (caixa de percussão, chocalho, pandeiros, reco-reco e surdo), que estavam guardados na casa do coordenador.

Por volta das 17:30h, o coordenador chamou todos para a *formação da Congada* na rua. Ainda em frente à sua residência, ele fez um discurso voltado para questões de violência, dificuldades financeiras, fome, miséria, referindo-se a estes problemas como os que atingem não só a eles e aos moradores do povoado, mas à humanidade. Agradeceu aos mais velhos, que lhes ensinaram a dançar o *congo*. Falou da importância de manter a *Congada viva*. E pediu que rezassem um *pai-nosso* e uma *ave-maria* pelos que estão ali ou não e para que todos consigam conviver e superar os problemas anteriormente citados. Em seguida, gritou umas palavras em outra língua e soprou um apito, ao som do qual os componentes do grupo começaram a tocar, cantar e dançar, ao mesmo tempo em que caminhavam em direção ao povoado.

Neste momento, os componentes do grupo não vestiram as *roupas* que os caracterizam como *congós*, mas, sempre cantando e dançando, passaram na casa das pessoas que têm participação nas representações da festa como *rei* e *rainha* (os que vão sair e os que vão entrar) e numa capelinha erguida em devoção a N. Sra. Aparecida. A cada parada, eles prestaram homenagem aos visitados por meio de cânticos, danças e gestos corporais. Por fim, dirigiram-se à igreja central, onde acompanharam o último dia de novena. Antes de entrarem no templo, cantaram *um pedido de licença*, curvando-se em frente à porta de entrada. Ao final da reza, saíram em procissão e hastearam uma *bandeira da festa*, simbolizando *a presença da santa na atividade*. Queimaram fogos de artifícios e comunicaram que sairiam em *alvorada* às cinco horas da madrugada de domingo.

---

<sup>89</sup> BRANDÃO (1978) e COUTO (2003) também acompanharam e analisaram este tipo de manifestação religiosa (respectivamente em Goiás e Minas Gerais). Embora suas análises não tomem como tema de estudo o consumo de bebidas, ambos os autores salientam a importância do consumo de bebidas alcoólicas, do café e da comida, como parte integrante do ato, tanto no tocante às crenças como à parte profana da festa.



Durante a *alvorada*, ainda sem os trajes que simbolizam o festejo, os membros do grupo se encontraram em frente à igreja, às 5 horas da manhã, e saíram cantando, dançando e soltando fogos em direção ao Morro Velho. Lá entraram em uma casa, na qual foi servido um café da manhã. Após o café, cantaram agradecendo a comida e a bebida e rumaram para as casas das pessoas que iriam *receber* e *passar* a coroa, respectivamente. Depois seguiram para a escola, onde foi servido outro café da manhã, desta vez, preparado pelos amigos e familiares do casal que está *passando* a coroa. Dessa forma, percorreram, se não todas as ruas, todos os conjuntos de residências que compõem o povoado.

Do café da manhã servido na escola, participaram, além dos componentes do grupo, as pessoas que o acompanhavam e os casais que representavam os reis e rainhas da festa. Após este *café*, os *congós* retornaram às casas dos *reis*, devolvendo-os aos seus aposentos, fazendo-se um descanso até a hora do almoço (12 horas).

Na celebração representada pela distribuição de comida, os integrantes da banda enfeitam-se com adornos que caracterizam o festejo. Retornam às casas dos *reis* e os conduzem ao local onde será servido o almoço. Em 2005, foi servida farta comida e refrigerante aos convidados dos *reis* e membros da *congada*. Em seguida, liberou-se ao público, para quem desejasse compartilhar a mesa.

Não registrei, neste momento, a presença de qualquer das pessoas identificadas como produtores, e sim trabalhadores que residem no povoado ou que se deslocam de outras localidades próximas. Findo o ato de servir a comida *ao povo*, fez-se um breve descanso.

Às 14 horas, os integrantes do grupo de *congós*, sempre cantando e dançando, refizeram o percurso já relatado para buscar as pessoas que representavam *reis*, *rainhas* e seus *cortejos*, acompanhando-os até a igreja. *Rainhas* e *reis* posicionaram-se em lugar de destaque, identificados como *tronos*, ornamentados com as mesmas cores escolhidas para suas vestimentas e acomodados nas laterais do interior do templo.

Com a igreja repleta de pessoas, na maioria trabalhadores rurais, o padre celebrou uma missa. Após este ato que simboliza o sagrado, um grupo de três homens posicionou-se atrás de uma mesa e deu início a um procedimento denominado de *Chamada*, ato pelo qual os presentes fazem ofertas de dinheiro. O montante é dividido entre a instituição católica, o grupo de *congós* e o casal que *passa a coroa* – também identificados como os *festeiros do ano*. A cada oferta, os componentes da banda tocam uma música, que varia de intensidade conforme o valor.

Enquanto esta atividade acontecia no interior do templo, o grupo de *congos* apresentava-se na praça em frente. Muitas pessoas permaneceram no interior da igreja; outras dirigiram-se aos bares; e algumas posicionavam-se em grupos às margens do *círculo de dança*, observando como quem observa um espetáculo, partilhando alguma bebida e tecendo comentários.

No tempo dessa festa, o povoado permanece em festa. Isso não significa que todos os presentes partilhem o mesmo ato. Enquanto os atos religioso e profanos que constituem a festa tinham lugar na igreja e praça, todos os bares estavam cheios, com pessoas consumindo alguma bebida (cerveja, refrigerante) ou comendo algo. Nos bares com mesa de sinuca, homens jogavam e em um dos bares acontecia um *forró* com música ao vivo. Atividade recorrente neste mesmo bar.

Encerrado o ato da *Chamada*, o coordenador da Congada foi comunicado. Ele conduziu o grupo de congos ao interior da igreja e todos saíram acompanhando a imagem que representa a *santa* homenageada (N. Sra. do Rosário), formando uma procissão. Este ato se deu em torno da praça, retornando à igreja, onde foi realizado o ato de *troca da coroa* (um casal passa a coroa para o outro). Aquele que a recebe repetirá o ato da passagem no ano seguinte.

Em seguida, formou-se novamente um cortejo, que saiu da igreja para deixar os representantes da corte na residência de cada casal (no ato) *soberano*: primeiro aquele que entregou a coroa; em seguida, aquele que recebeu a coroa – sempre cantando e dançando. Na casa onde estava abrigado, o casal que recebeu a coroa, e após as danças e cânticos de agradecimentos e despedidas foi servido um jantar aos componentes do grupo de *congos* e a alguns convidados sem porta fechada. A rua e os bares continuaram com um movimento diferenciado dos finais de semana anteriormente observados.

\* \* \*

Os moradores associam a participação na banda de congos às condições socioeconômicas das pessoas que ali residem e assumem a organização da *Congada*. As formas como os moradores se referem a esta festa, especialmente os que se colocam na posição de *ricos*, conformam este evento como a *festa dos pobres* e a *Festa da Padroeira* como a de *todos*.

Em localidades como no povoado, nas quais é possível observar a posição dos agentes sociais em atividades públicas, as *festas de santo* podem ser vistas como espaços de disputa por agregação de indivíduos a grupos específicos (políticos, religiosos) e por conquista de posições sociais.

Em Cascatinha, a organização local segmentada entre grupos de trabalhadores (residentes, especialmente no Morro Novo e no Morro Velho) e proprietários e/ou produtores (residentes nas *ruas principais* do povoado) torna-se evidente nos dois momentos destacados do calendário de manifestações qualificadas de religiosas.

Estas *festas de santo* figuram entre os habitantes do povoado, em geral, como as mais importantes, por agregarem tanto moradores locais como de outros núcleos residenciais. Ambas as *festas* têm lugar no período que corresponde ao momento mais favorável da dimensão econômica (*apanha do café*), quando, se não todos, a maioria dos moradores está *empregada*.

Nestas datas, o termo *festa* é utilizado para designar, de uma mesma maneira, as atividades realizadas nos dias dedicados às *santas*: os atos de novena, missa e procissão, que igualam os festejos como religiosos. No entanto, se alguns momentos simbolizam *a participação de todos*, algumas ações se caracterizam por reproduzir dependências, identidades e diferenças entre os agentes sociais acima referidos.

Assim, para que cada *festa* obtenha o sucesso reivindicado pelos grupos de pessoas que as organizam, é preciso que ela seja preparada de forma a dar visibilidade à participação de um grande número de indivíduos. É preciso também que *todos* sejam convidados e estimulados à participação e, fundamentalmente, que participem (especialmente os trabalhadores, posto que este segmento social constituía maioria da população).

Na *festa da padroeira*, para a sensibilização e mobilização, além da data fixa e da devoção religiosa, alguns fatores contribuem: a novena, com coroação da imagem da padroeira, que se realiza nos dias que antecedem à *festa*; o envolvimento na ornamentação da rua; os parentes que chegam de *longe* e queimam fogos de artifícios; a escola e o posto de saúde que deixam de funcionar; a apresentação em desfile de um agrupamento militar; o padre que se desloca da sede do município especialmente para a festa.

Os organizadores da festa *dos pretos ou pobres* cultivam, durante o ano, o sentimento de *tradição deixada pelos escravos*, impregnado na manifestação da *Congada*. Os integrantes do grupo de congos apresentam-se em outras localidades (em festas do Rosário, manifestações folclóricas, políticas, étnicas); a pessoa do coordenador do grupo promove reza de terços em

algumas casas no Morro Velho; e uma vez por mês acontece um ensaio na casa dele, sempre acompanhado de um lanche, costumeiramente café com leite e pão com alguma carne.

Nos ensaios, o coordenador da banda de congos procura inculcar nos integrantes o sentimento de pertencimento ao grupo, como portador de “*uma força espiritual, que os faz dançar*”. Para este agente social, fazer parte deste grupo é algo nato. Nas suas palavras: “*o indivíduo nasce congo*”. Sendo assim, ele acredita estar cumprindo a função de fazer manifestar-se o espírito de *congo* nos mais jovens.

Por ocasião da festa de N. S. do Rosário no povoado, por meio das danças e visitas a algumas residências, da distribuição de roupas e divisão de comidas e bebidas, reforçam-se laços de solidariedade e o sentido de pertencimento ao mesmo grupo, partilhando devoção e *status* socioeconômico. E da mesma forma que as organizadoras da *festa da padroeira*, os integrantes da *Congada* também reivindicam a qualidade de melhor festa local.

A *festa da padroeira* expressa a abrangência da rede de relações dos proprietários de terra, agregando migrantes que na ocasião retornam para o congraçamento. As participações de destaque, durante os atos religiosos nesta *festa*, cabem àqueles que compartilham proximidades de parentesco, amizade ou afiliação política com pessoas que ocupam posição de empregador, de funcionário público ou que são identificadas como *donas da igreja*. Ao final das cerimônias, o padre compartilhou da comida e bebida. Um gesto que, repetido a cada ano, confere legitimidade às pessoas reconhecidas como as *donas da igreja e organizadoras da festa* frente à população e à instituição religiosa. Estas mesmas pessoas compartilham com seus comuns a pretensão de controle dos demais espaços públicos de sociabilidade, mediante alianças com representantes políticos e do poder oficial local.

No caso da devoção à N. Sra. do Rosário, na qual ocorre a *Congada*, os organizadores da atividade, como nas relações de trabalho, estão submetidos àqueles que detêm não só as oportunidades de serviço, como o controle sobre as atividades religiosas locais. Apesar de mudarem de posição na ocupação do espaço interno da igreja (os *congos* ocupam os bancos da frente), durante os atos da missa e *passagem da coroa*, necessitam de autorizações específicas das *ministras* e acompanhamentos para organizá-lo. Para garantir a realização da *Congada*, com o mínimo de elementos que lhe confere a visibilidade e o sentido desejados, os organizadores da atividade negociam, em cada situação concreta, os significados da sua manifestação como forma de incursão no universo de significação religiosa dominante.

Os produtores e trabalhadores assalariados no povoado estão interligados no que se refere aos aspectos mais amplos da vida econômica, política e social. Sob pena de perder

espaços de trabalho (no caso dos trabalhadores) ou aquisição de *mão-de-obra barata* (no caso dos empregadores), assim como de participação em outras atividades políticas e sociais que ocorrem no local, *um* não pode deixar de participar e ter visibilidade na *atividade* organizada pelo *outro*. Embora muitos não estejam subjetivamente na *festa do outro*, o estão pelas negociações que possibilitam a coexistência social.

As formas de afiliação nessas festas expressam as múltiplas diferenças e interseções entre os proprietários dos meios de produção e os não proprietários. Os grupos que se formam durante cada festa simbolizam ao mesmo tempo a divisão entre estes dois segmentos sociais e algumas das maneiras pelas quais eles se reúnem ou se fracionam em prol de interesses comuns ou divergentes.

Assim, durante as *Festas da Padroeira e do Rosário*, proprietários e não proprietários se juntam para o sucesso das cerimônias religiosas frente à iminência de outras denominações *evangélicas*. Mas na assistência e participação dos atos religiosos ou profanos, eles se separam.

Se na festa da Padroeira, muitas pessoas participam da ornamentação das ruas e (salvo aqueles que se assumiram evangélicos) vêm de todas as ruas e do Morro Velho trazendo velas ou fogos de artifícios, principalmente para a procissão, na Festa de N. Sra. do Rosário não acontece o mesmo. Na Atividade da *Congada*, que para alguns dos dançadores também é religiosa, nem todos participam: alguns poucos *produtores* ou seus parceiros políticos só participam dos momentos da *missa e procissão*. Durante todo o tempo em que o grupo de *congós* percorre o local não há acompanhamento dessas pessoas. No entanto, elas estão em grupos nos bares selecionados ou na praça e tomam conhecimento de qualquer incidente ocorrido, que posteriormente possa constituir instrumento de desqualificação da festa ou de seus organizadores.

Tomando ainda a diferenciação social nas posições tomadas durante estas atividades religiosas como representativa da estrutura social local, destaco um ato praticado pelo organizador da Congada, que também o é de um grupo de Alcoólicos Anônimos: como nas *Irmandades do Rosário* formadas no período colonial<sup>90</sup>, ele construiu uma capela. Embora não a tenha dedicado a N. S. do Rosário, fê-lo em homenagem a N. Sr. Aparecida, cuja imagem é reconhecida pelos indivíduos afiliados à igreja católica como a padroeira do Brasil, a protetora de todos os brasileiros, sem distinção de cor ou posição

---

<sup>90</sup> Vali-me das contribuições de BRANDÃO (1978 e 1985) e de BORGES (2005), que centraram suas análises sobre a organização, participação e representações nas festas e Irmandades de N. Sra. do Rosário.

social. Ele detém a chave desse templo, sob a guarda de um vizinho deste mesmo templo. Toda segunda-feira, um grupo de pessoas se reúne nesta capela para rezar o terço, mesmo que esteja acontecendo atividade semelhante no templo dedicado à *padroeira*.

Interpreto as ações – destacadas no texto – tanto de proprietários e empregadores como dos não proprietários e trabalhadores, como forma de reconstrução de identidades coletivas, com vistas a conquistas ou (re)conquistas de posições sociais e políticas na localidade. Enquanto os primeiros almejam manter o *status* de seus antecessores, os segundos querem romper com a relação de dependência que legitima tal *status* entre os moradores do povoado.

A atual situação política, econômica e social do país possibilita a ambos tal projeção de futuro. Mas, frente às condições de vida no local, da mesma forma que o *trabalhador* precisa do *produtor* para garantir seu sustento ou de sua família, o *proprietário* precisa do *assalariado*, e que este se mantenha nesta posição para garantir ou manter algum tipo de domínio político, econômico ou religioso.

Essa relação, que interpreto como interdependência, por um lado contribui para a autonomia de ação do trabalhador, por outro lado também constitui elemento de controle de conduta, especialmente quanto ao consumo abusivo de bebida alcoólica. Aquele que é qualificado como *alguém que bebe muito*, dificilmente ocupará a posição de assalariado nos períodos de emprego da mão-de-obra disponível no povoado.



**Foto 13.** Meninos em atividade de oferta, no Mês do Sagrado Coração de Jesus

**Foto 14.** Horário da missa, no dia da Festa em Devoção à N. Sra. do Rosário (2005).



**Foto 15.** Desfile da Banda de Congos (2005).

**Foto 16.** Anonimato impossível, devoção propagada (Festa N. Sra. do Rosário, 2006).  
(Na capa do homem ao centro está escrito: “O álcool pode apagar um sorriso. Evite o 1º Gole!”)



#### **CAPÍTULO IV. FESTAS, FESTIVAIS, CARNAVAL E FUTEBOL: SEGMENTAÇÕES E TOTALIZAÇÕES**

Quadrilha de rua, quadrilha da escola, festa do peão, festival de cachaça, jogos e campeonatos de futebol são valorizados como momentos de integração, confraternização e oportunidade de sair da rotina cotidiana do trabalho e da casa. Mas essas atividades não se restringem ao dia da festa ou do jogo em si. Mesmo antes que elas aconteçam, uma série de encontros e reuniões agrega pessoas que as organizam. O sucesso ou o insucesso do evento é ligado à ausência de briga; ao número de pessoas na rua, na escola ou no campo de futebol; ao faturamento das barracas; e ao esgotamento do estoque de bebidas, no caso das festas. COMERFORD (2003: 85-112), analisando algumas das festividades mais comuns no norte da Zona da Mata Mineira, com ênfase no caráter de desafio explícito nesses eventos (rodeios, exposições, bailes, forrós), chama atenção para o fato de que em todos eles estão presentes dança e bebidas alcoólicas. Todavia, o autor, por não ser esta a sua questão, não se detém na especificidade desse consumo nas festas de rua entre trabalhadores na agropecuária.

Colocando-me diante do estudo da vida social no povoado de Cascatinha, estou tomando esses momentos como formas de representações ligadas ao consumo de bebidas alcoólicas justamente para compreender o peso relativo desse consumo em lugares públicos, que pode ser no próprio povoado ou fora dele.

As pessoas que se vêem como bebedoras moderadas evocam sempre determinadas formas de diversão e distração, momentos vividos como liberdade em relação ao ritmo das obrigações. Esta liberdade corresponde pragmaticamente a um relaxamento diante daqueles que exercem sobre o indivíduo determinado controle. O sentimento do tempo livre, sem constrangimento, é então acentuado e por vezes só tem sentido se exercido longe do domicílio. A inserção nesse tempo e espaço deve transmitir a idéia de algo à parte, distinto do cotidiano<sup>91</sup>, razão pela qual pode estar associado ao consumo de bebidas alcoólicas em grau mais elevado que o corriqueiro.

---

<sup>91</sup> Para esta distinção das atividades destacadas, vali-me da análise de DA MATTA (1979: p. 35-66), para o qual há uma separação entre os eventos do “quotidiano chamado no Brasil de “dia-a-dia... e os eventos que estão fora desse dia-a-dia... e que chamam atenção pelo seu caráter aglutinador de pessoas”(p.37).



Estando a bebida alcoólica associada a momentos dedicados ao lazer<sup>92</sup> e a um universo social que tornam possíveis as relações livres de constrangimentos e de determinismos, ela opera uma anulação imaginária de barreiras e diferenças sociais. As formas de sociabilidade que se constituem nos espaços sociais da festa e de outras atividades públicas se opõem ao fechamento espacial e social de outros tipos de festas ou atividades familiares ou religiosas (FREYSSINET-DOMINJON e WAGNER, 2003).

Em Cascatinha, conforme destacado no capítulo anterior, alguns moradores que se destacam, costumam organizar atividades designadas como festas. Quando indagadas sobre esta peculiaridade, essas pessoas ou outros moradores ressaltam três aspectos: oportunidade de sair do cotidiano, de ampliar os rendimentos com a comercialização de alguma comida e/ou bebida, ou de manter um costume do lugar: o de realizar festas temáticas. O costume nesses casos, como salienta HOBBSAWN, “não impede inovações e pode mudar até certo ponto, embora, evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente” (1984: p. 10).

Não sem sentido, estas atividades ocorrem entre os meses de junho e agosto, às vezes estendo-se a setembro, quando há maior índice de pessoas empregadas (Tabela 6). Dentre as atividades enquadradas na categoria de *costume local*, apenas uma delas é identificada institucionalmente: a *Quadrilha da escola*.

#### **IV.1 Festa escolar, festa no povoado**

As atividades aqui destacadas demarcam o tempo livre ou a passagem para ele, caso da *Quadrilha da Escola*, realizada em data que encerra as atividades do primeiro semestre do ano letivo, dando início a um período de férias. Da mesma forma, ela abre o calendário de atividades festivas não-religiosas (no sentido de não serem motivadas pela religiosidade) no povoado. As pessoas que organizam outras atividades cuidam e são cuidadas por outros moradores para não se anteciparem à *festa da escola*. As pessoas que

---

<sup>92</sup> Assim como o consumo de bebida alcoólica aparece, no estudo de COMMERFORD (2003), associado às atividades de ocupação do tempo livre das obrigações com o trabalho e a família, aparece em vários outros trabalhos com algum grau de dedicação ao tema. É o caso, por exemplo, de FROMM, 1972; MAGNANI, 1984; GUEDES, 1997, entre outros.

mais cobram posturas como esta, são aquelas que ocupam posição de poder, seja pela sua agregação à escola, seja pela igreja católica, seja por intermédio da linha de parentesco.

Respeitando o calendário escolar, essa festa costuma acontecer na primeira quinzena do mês de julho. No ano de 2005, cobravam-se R\$2,00 para a entrada. Decisão que causou polêmica entre os moradores, mas não impediu o acontecimento da festa, pelo menos do ponto de vista dos qualificados *ricos*. Mas, de certa forma, objetivou selecionar a entrada, muito embora esta seja uma das festas mais esperadas pelos moradores. Todavia, esse objetivo não pareceu ter sido alcançado. Se a festa era esperada, os interessados preveniram-se quanto à possibilidade de cobrança em dinheiro. Acontecendo no período da *apanha do café*, a maioria dos trabalhadores assalariados está empregada e todos investiram tanto no acesso como na apresentação estética<sup>93</sup>. E, apesar da cobrança, o espaço da escola ficou repleto de pessoas, representantes das diferentes posições sociais.

Organizaram-se apresentações dos alunos por meio de danças ou dramatizações. As *danças de quadrilha* foram as mais esperadas pelas crianças e seus familiares. Entre os jovens, a empolgação quanto a esta atividade era menor, mas mesmo para eles há o significado de que dançar marca sua passagem pela escola. Um entrevistado de 16 anos declarou que só havia dançado na escola quando estava no pré-escolar, mas esse ano tinha dançado novamente, porque “*é o último ano, então é para fechar com chave de ouro.*”



**Foto 17.** Grupo convidado dançando na *Festa da Escola* (2005)

---

<sup>93</sup> Nesse aspecto, ganha mais visibilidade o investimento realizado pelos trabalhadores assalariados que, na avaliação dos mais abastados, “deixam de comer ou cuidar da casa e da saúde para se arrumar para as festas. Depois, vêm pedir coisa na casa da gente” (Morador da Rua Principal, 18 anos, estudante).

Além das danças, outra expectativa é com a venda de *quentão*, bebida preparada com cachaça. A expectativa se dá tanto por parte dos organizadores da festa como dos frequentadores. Este é um dos aspectos que deve parecer idêntico ao precedente ou, como os entrevistados se pronunciavam, ao *antigamente*, quando o costume era a festa terminar em baile. Outras bebidas (sem ser a cerveja – a mais vendida) podem faltar, mas o quentão deve durar enquanto dura a festa. O cartaz anunciava os principais elementos da festa:

**Dia nove de julho de 2005  
FESTA DA ESCOLA:  
quentão, forró e fogueira.  
É festa a noite inteira!**

Fonte: Trabalho de campo (cartaz fixado nas vendas, bares e escola)

Segundo três entrevistadas (uma antiga diretora, uma atual professora e a esposa de um funcionário), o quentão é responsável pela maior renda da atividade na escola. E tanto o seu preparo como a conservação devem ser acompanhados pela diretora (responsável, inclusive, pela compra da cachaça) com o compromisso de garantir a qualidade da bebida. Além do quentão e da cerveja, vendem-se também outras bebidas alcoólicas, refrigerantes, refrescos, cachorros-quentes, salgados, caldos, canjica, bolos, pipoca, porções de lingüiça e de frango fritos. Como nos bares, o representante local<sup>94</sup> de uma marca de cerveja garante as geladeiras e mantém a exclusividade dessa bebida e dos refrigerantes.

O beber, mais que o comer, é inerente a esse espaço festivo. Para permanecer na festa, as pessoas formam grupos por afinidade e, entre eles, comem, brincam, fazem chacotas com outros, dançam e, mais que tudo isso, bebem. A maioria das pessoas – jovens e adultas – estava quase todo o tempo com um copo na mão. Quando a bebida era alcoólica: cerveja e quentão eram seus conteúdos.

Alguns jovens, como em outras atividades festivas na rua, andavam com uma grande taça e/ou um recipiente fechado contendo cachaça ou outra bebida quente. Quando um deles comprava uma cerveja, despejava na taça e todos no grupo bebiam.

---

<sup>94</sup> A pessoa que ocupa esta posição é nascida no lugar e pertence ao grupo classificado como rico. No período da pesquisa, ela morava em um município vizinho de maior representação econômica, mas mantinha uma casa mobiliada na Rua Principal, onde costuma ficar nos finais de semana e promover festas para um grupo seletivo de convidados. Todos os bares vendem da marca de cerveja que ele representa. A maioria com exclusividade.

Acompanhei um grupo de jovens (trabalhadores) no qual um rapaz estava com uma garrafa em formato de pé-de-boi, que sempre colocava no chão, quando paravam. Terminada a cerveja na grande taça, eles bebiam do conteúdo da garrafa.

Em situações como esta, a embriaguez é esperada e a bebida auxilia na animação da festa. Como à bebida alcoólica se associa alteração de ânimos e humores, há previsibilidade de briga ou *confusão*. Esta expectativa obriga que na organização do evento se inclua a solicitação da presença de policiais. Ação apoiada por todos.

Ao fim das apresentações de danças, as pessoas começaram a se dispersar, principalmente as famílias com crianças muito pequenas. Todavia, a festa continuou, animada por um grupo de músicos que tocava gênero musical do forró, momento esperado por jovens, adultos e idosos. Algumas pessoas sequer esperaram esse momento e dançavam mesmo ao som da música que anima a *quadrilha das crianças*. Poucas pessoas não dançaram o forró, mas a maioria dos pares era formada por trabalhadores assalariados: homens com mulheres, meninas com meninas, mulheres com mulheres e jovens casais. Homens com homens, jamais, nem de brincadeira.

Nos encontros como esse, apesar de se formarem grupos por idade, gênero e/ou posição social, todos se encontram, se observam e exibem suas melhores roupas. Além disso, constroem esse espaço como oportunidade de encontrar companhia para se dirigir a outras localidades, estendendo a noite em outra festa ou em algum estabelecimento que ofereça forró, fora do povoado. Atividade restringida pela possibilidade de locomoção veicular, sendo, portanto, praticada em maior escala pelos adultos e jovens de famílias mais abastadas. Entretanto, os demais não deixam de também esticar a noite, mesmo sendo em um dos bares ou na praça do próprio povoado, pelo menos enquanto houver bebida alcoólica e, em alguns casos, música. Elementos que não podem faltar em duas outras modalidades: *Quadrilha da rua* e *Festa do peão*.

#### **IV.2 Festas na rua: *Quadrilha* e do *Peão***

Mais do que fenômenos locais, a *Quadrilha da rua* e a *Festa do peão* agregam moradores do povoado, de localidades vizinhas e mesmo de outras cidades. São parentes, amigos ou conhecidos, amigos dos amigos ou dos parentes, ou mesmo anônimos que percorrem festas como estas. Portanto, tais atividades correspondem a uma das características mais gerais dos homens na qualidade de seres sociais, que se organizam num espaço regional, mas se constituem em manifestações particulares de fenômenos de maior abrangência (Cf. TEIXEIRA, 1988).

Em Cascatinha, a realização dessas festas pode ser entendida, no plano simbólico, como manifestação da vida sociocultural da população rural; e, no plano das coisas práticas, como oportunidade de promoção tanto pessoal como local. Ambas as atividades festivas aqui destacadas têm como uma de suas peculiaridades a realização, se não em todo, mas em grande parte do país, nacionalmente reconhecidas como *quadrilha* e *festa do peão* ou *do peão boiadeiro* resguardadas as suas particularidades regionais ou locais. E tanto a organização como a realização destas festas possibilitam a projeção positiva ou negativa de seus organizadores, assim como revelam valores e conflitos no sistema social.

Em ambas as situações de festas, fora do âmbito da igreja católica, os organizadores das atividades são pessoas envolvidas em associações políticas ou de representação de categorias. Nessas oportunidades, elas promovem um autodestaque, conduzindo suas ações no sentido de legitimarem sua representação sociopolítica ou do reconhecimento de sua potencialidade de organização.<sup>95</sup>

Os interesses manifestos, nas entrevistas deles próprios e nos comentários dos outros, dizem respeito a disputas por lideranças, influência na distribuição de serviços públicos, apoios eleitorais e conquista ou manutenção de *status* social no sistema de posições. As estratégias para autopromoção compreendem procedimentos que proporcionam vantagens econômicas tanto para si como para as demais pessoas que se responsabilizam por barracas e para os comerciantes locais.

Disputas, interesses e colaboração se misturam. Uns contribuem com as atividades econômica, política e social de outros, posto que em outro momento a situação pode ser invertida. Isto não impede, no entanto, que um desqualifique o outro e, literalmente, solte

---

<sup>95</sup> Cinco mulheres e um homem. As mulheres competem entre si e com o homem. Duas delas trabalham juntas, são assalariadas e meeiras, têm ligação com um locutor de rádio. Uma produz salgados e bolos por encomenda e trabalha como assalariada. Outra trabalha como assalariada e possui um bar. E a outra, de posição socioeconômica mais privilegiada, era casada com um proprietário de terras e dono da padaria. Um único homem ocupava a função de responsável pelos serviços públicos locais, sem, no entanto, ter vínculo empregatício com a prefeitura. Foi candidato a vereador na eleição anterior e potencial candidato na próxima.

fogos, caso ocorra insucesso. Os comerciantes providenciam estoque de bebidas, alcoólicas ou não, daquelas que costumam ser mais procuradas (cachaça, cerveja e refrigerantes). Os organizadores e seus associados investem na divulgação e valorização do evento. Para tal, utilizam-se de cartazes fixados nos principais pontos de circulação dos moradores (paredes da escola, posto de saúde, padaria, vendas e bares); anúncio na rádio local; e, principalmente, no *boca a boca*. Nesse sentido, se a festa não for a contento em um ano, outro festeiro ganha destaque no ano seguinte.

No que se refere à motivação mais explicitada pelos entrevistados para a realização dessas atividades, destaca-se a manutenção de um “costume”, como preferem alguns dos entrevistados, ou de uma “tradição do povo mineiro”, como preferem outros<sup>96</sup>. Com o emprego desses termos (*costume* e *tradição*), os entrevistados buscam estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado. Isto não significa que necessariamente ocorressem festas nos mesmos moldes que as destacadas aqui (Cf. HOBBSAWN, 1984). As referências ao passado, estabelecidas pelos informantes, demonstram muito mais uma preocupação do presente do que uma *tradição* propriamente dita.<sup>97</sup> Quando solicitados a explicitar a tradição ou o costume, as pessoas mais antigas no povoado ou de idade mais avançada fazem referências às festas de *antigamente*. Este *antigamente* tem como marca de passagem a instalação da energia elétrica, que remonta à década de 1980. Assim expressou-se uma das entrevistadas:

Mas era muito quente a festa aqui... Não tinha luz nem nada... O negócio é esse: todo mundo aqui, foi nascido e criado no escuro, não tinha luz... *Eles* gostavam mais era da escuridão. Ninguém via se estava bem arrumado ou não. Não sabia nem se estava descalço ou se estava calçado. *Eles* estavam pulando lá. Agora, a luz está *lumindo* se o sapato está feio ou não, *eles* ficam com vergonha... A gente andava no escuro e fazia de conta que tava no claro; a gente já era treinada com escuridão... *Eles* eram treinados no escuro... – Agora, quando pôs luz, a gente ficou estranhando... Era uma escuridão medonha. Mas *eles* faziam festa assim mesmo. Nós escutávamos barulho de sanfona lá de casa (ali onde é a escola)... Uns cantando, outros gritando. Sempre tinha numa casa... Na rua, não faziam naquele tempo. Era nas casas, naquelas casinhas, dançando no terreiro. Ah! Aquilo era divertido demais! (...) Mas como é que *eles* não brigavam quando era escuro? Eu admirava porque não tinha luz, *eles* faziam baile, não brigava nem nada... Eu sei que no tempo da escuridão era melhor, não tinha confusão. Até soltava foguete, na época que tinha baile, era engraçado. Mas aí

---

<sup>96</sup> Vários entrevistados, de idades variadas, manifestaram-se ora de uma forma ora da outra em relação às festas que ocorrem no espaço da rua.

<sup>97</sup> As tradições, inclusive, as inventadas, nos termos da análise construída por HOBBSAWN (1984), tem como característica e objetivo a invariabilidade.

depois, com luz, perdeu a graça! (Moradora da Rua de Baixo, aposentada como diretora da escola, 90 anos)<sup>98</sup>

Sentimento compartilhado entre pessoas nas diferentes posições sociais majoritárias no povoado, que revela transformações significativas nas formas de agregação pelo lazer. Hoje, entre essas pessoas, não se concebe mais como possível a realização de bailes ou festas de “São João” como as que aconteciam antigamente nos terreiros das casas, principalmente dos *pretos* ou dos *fazendeiros* (mas também animadas pelos trabalhadores – *os pretos*).

Além do fator energia elétrica, aparece outro elemento que impede realizações personalizadas como as de antigamente (no sentido de *ser na casa de*): a necessidade de solicitar a presença de policiais fardados. Ação eminentemente voltada ao espaço público. Não se fala em organização das festas, *Quadrilha na rua* ou *do peão*, sem a presença de tal personagem.

A *Quadrilha da rua* é sempre realizada em um sábado do mês de julho, que não deve ser antes nem coincidir com o mesmo dia da *Quadrilha da Escola*<sup>99</sup>. Para que a festa aconteça, uma equipe de moradores organiza o evento. Os organizadores costumam providenciar um alvará de autorização da Prefeitura Municipal e a solicitação de policiamento. Além dessa formalidade, convidam grupos do gênero de dança que dá nome à festa: equipes de *quadrilha*.

Movidos por princípios de reciprocidade, estes grupos, geralmente formados em outros bairros do município e vizinhos, costumam apresentar-se nas festas das redondezas, construindo um circuito de troca (Cf. MAUSS, 1974). Para esta atividade, os organizadores devem providenciar a música, uma comissão julgadora e troféus para que se realize um concurso. Caso não haja grupo de dança formado no local, alguém da própria organização do evento procura montar uma equipe de quadrilha no povoado (às vezes mais de uma se apresenta), que deverá abrilhantar também as festas nas demais localidades das equipes visitantes.

No dia da *Quadrilha da rua*, em 2005, algumas *barracas* para a venda de gêneros diferenciados de comida e bebida foram montadas. A maioria delas pertencia a moradores

---

<sup>98</sup> Ao empregar o pronome *elas*, a entrevistada referia-se aos negros, principalmente aos que moravam e moram no Morro Velho.

<sup>99</sup> Como destacado anteriormente, a *Quadrilha da escola* abre o calendário de festas públicas no povoado.

do povoado. Umam eram esperadas pelas *guloseimas* que costumam oferecer, além das bebidas. Entre as bebidas, as mais vendidas eram: o quentão, a cerveja e refrigerantes (presentes em quase todas as barracas, além dos bares – no caso da cerveja) e a cachaça. Para comer, os comerciantes dividiam-se em fornecedores de: canjica, broa, pipoca, caldos, cachorro-quente, pastel e outros salgados. Como na festa da escola, o mesmo representante de uma marca de cerveja contribuiu com a possibilidade de existência das barracas, oferecendo o material para sua montagem e um freezer para as bebidas. Em troca, os responsáveis pelas barracas comprometeram-se a vender somente a marca que o fornecedor representa e ofereceu em consignação.

Da mesma forma que algumas barracas locais eram esperadas, duas *de fora*, que costumam participar do evento, também o eram: uma especializada em defumados vendidos sob a forma de churrasco, que também vende bebidas; a outra especializada em bebidas quentes, especialmente caipirinha, caipivodka de várias frutas e conhaque. Ambos os proprietários destas barracas acompanham o circuito de festas em vários locais da região.<sup>100</sup>

Essa festa costuma ter início na sexta-feira à noite. Porém, seu ponto alto é na noite de sábado, com o *concurso de quadrilhas* e o forró na praça, nos intervalos das apresentações e após o concurso.

Muitos parentes de moradores que residem fora compareceram à festa, e alguns de maior prestígio frente à população local e junto aos organizadores do evento foram convidados a compor a mesa de jurados no *concurso de quadrilhas*. O concurso, bem como a festa, foi animado por um locutor no estilo de *festas de rodeio*.<sup>101</sup>

Os grupos de pessoas que se formavam, por amizade ou por parentesco, circulavam pelo espaço da festa e pelos bares mais próximos. Nesse tipo de atividade, a bebida alcoólica foi predominante e, como na escola, apareceu como auxiliar na animação do evento. As pessoas que ficavam embriagadas, em ambos os casos, foram motivos para brincadeiras, não somente na festa, mas durante alguns dias que se seguiram.

Alguns moradores do povoado só integraram o espaço da festa no momento em que teve início o *forró*. Uns aguardavam em um plano da praça mais afastado. Outros se

---

<sup>100</sup> O proprietário da barraca de defumados mantém um bar na estrada de acesso à sede do município e monta semanalmente uma barraca na feira de uma cidade vizinha, vendendo somente as carnes defumadas.

<sup>101</sup> CHAMPAGNE (1977) analisou as transformações ocorridas na vida social de um povoado francês a partir da análise de festas. No estudo, o autor faz uma distinção entre *festa do povoado* e *festa no povoado* como uma atividade que incorpora recursos, agentes sociais e valores de fora do povoado. Neste texto, estou considerando as festas no segundo sentido.



aproximaram da praça com o anúncio do locutor. Entre crianças, jovens, adultos e idosos, muitos dançavam em pares formados como na festa da escola. Apesar do frio, a festa não teve hora para terminar. Mesmo assim, para os mais velhos, ela não se igualou às festas de *antigamente*. E contrariando o comentário da antiga diretora da escola, muitos trabalhadores dançavam com suas roupas costumeiras sem se importar com a iluminação.



Foto 18. Forró na Praça em dia da Festa *Quadrilha de rua* (2005)

Enquanto algumas pessoas dançavam, outras circulavam pelo território da festa. Aquelas que consumiam cerveja e refrigerante, independentemente de sua posição social, pegavam garrafas da bebida nos bares e barracas e se movimentavam com elas na mão. Isto fazia com que houvesse sempre alguém dos bares circulando pelo meio do público, recolhendo as garrafas. Embora não se possa controlar de onde veio a garrafa, não percebi nenhum tipo de constrangimento por essa prática nem preocupação com o uso da embalagem em possíveis brigas, como costuma ocorrer em localidades de maior concentração populacional. O único incidente ocorrido no ano de 2005 foi o de um homem embriagado a cavalo no meio do povo<sup>102</sup>. Os policiais de plantão o retiraram do local, sem atrapalhar a festa. Poucas pessoas perceberam o acontecido, embora todos tenham tomado conhecimento no dia seguinte.

A *Festa do peão* é mais recente no povoado e, embora seja pública, acontece em terreno particular. Como nas outras modalidades de festa, o grupo responsável pela

---

<sup>102</sup> A julgar pelas vestimentas e pela apresentação do animal, era alguém na posição de produtor.

organização dessa atividade deve providenciar alvará de autorização na prefeitura e solicitar policiamento, além de garantir que o espaço seja suficiente para a realização de rodeio, com cavaleiros do povoado e de outras localidades.

Esta modalidade de festa tem exigido maior dedicação dos organizadores e não costuma ocorrer todos os anos (como não aconteceu em 2005). Mas, quando acontece, é também no período em que os trabalhadores assalariados estão empregados ou terminando a *apanha do café*. Essa é uma atividade que tem início após as 22 horas, com grande participação de *ricos* ou *proprietários de terras* e pouca de crianças. Peculiaridade explicitada pelos moradores do povoado como decorrente da maior possibilidade de conflitos corpo a corpo provocarem tumulto no espaço restrito da festa.

Como na *quadrilha da rua*, são montadas barracas com mesas e cadeiras para vender comidas e bebidas. Também nesse espaço é tempo da vida social no povoado, a bebida alcoólica predomina sobre as demais e a embriaguez é esperada, embora não desejada, especialmente pelas pessoas que não bebem e participam apenas como espectadoras da atividade denominada de *rodeio*. Entretanto, *se alguém que está bêbado participa do rodeio, aí a diversão aumenta*, comentaram alguns entrevistados.

O ato de consumir bebida alcoólica perpassa todo o espaço social que se constitui com a festa. Ele se faz presente desde as intenções de realização dos eventos, passando pelas estratégias e providências a serem tomadas para o andamento da festa, pela condição de animação em conjunto com a música e a dança, e por um tempo posterior à festa (nos comentários tanto sobre o evento como sobre o comportamento das pessoas e a capacidade do organizador), até que outro acontecimento tome lugar. Se faltou bebida, a festa *foi um fracasso*; se alguém cometeu um ato condenado moralmente, *estava bêbado*; se *todo mundo bebeu, dançou e não teve briga*, a festa *foi boa*. Ótima poderia ter sido se fosse o amigo ou alguém do mesmo grupo político ou social do entrevistado a organizar.

O papel do povoado como centro religioso, concentrador de atividades comerciais e serviços públicos (saúde, educação, campo futebol), adquire também o caráter de centro aglutinador, especialmente entre trabalhadores assalariados, para desfrutar do tempo do não-trabalho e/ou integrar atividades festivas. Além das festas religiosas e profanas até aqui apresentadas, outras atividades adquirem o *status* de festa ou comemoração pública. Todas elas, assim como ocorre nas situações analisadas por COMERFORD (2003), envolvem o consumo de bebidas alcoólicas. Obviamente não são todas as pessoas que

bebem, mas são momentos em que este consumo ganha maior adesão em público, inclusive por pessoas que costumam se resguardar no espaço doméstico.

### **IV.3 Carnaval: “colocar o bloco na rua”**

Conforme a interpretação apresentada no Capítulo II, estou levando em consideração os termos classificatórios que entre os moradores exprimem diferenciação social entre trabalhadores assalariados e/ou pobres e proprietários e/ou produtores. Quero com isso dizer que, embora todos estejam na rua para brincar ou assistir às brincadeiras, e as fantasias carnavalescas (brincos, salto alto, colares, vestidos e bolsas femininas) criem, conforme analisou DA MATTA (1977), um campo social de encontro e de mediação para viver o tempo do carnaval, em Cascatinha este evento se constitui num espaço privilegiado para a percepção da distinção entre os estratos de moradores no povoado e seus parentes ou amigos que vêm *de fora*. Principalmente no que tange aos julgamentos morais decorrentes do ato de consumir bebida alcoólica, além dos limites socialmente aceitos no cotidiano.

Mesmo em situações extremas como o carnaval, quando as pessoas, supostamente afrouxam os laços hierárquicos, relacionam-se entre si por simpatia e as forças no controle de conduta são amenizadas (Cf. DA MATTA, 1977), pela observação dos personagens do carnaval e seus espectadores em ação, foi possível perceber, mais uma vez, os bares como espaços de segregação. Os visitantes, parentes ou amigos, que aproveitam esse tempo para um retorno ao povoado, acompanham os moradores pelos bares que eles costumam freqüentar e ficar. A diferença nesse caso aparece na divisão do tempo entre casa, rua e bar, bem como em algumas condutas que normalmente seriam qualificadas de inadequadas, como mulher bebendo em balcão de venda durante o dia.

Os homens, especialmente entre os produtores<sup>103</sup>, revezam o consumo de bebidas entre a casa e o bar. As mulheres, mesmo saindo da rotina cotidiana, somente permanecem na rua ou no bar após cumprir com as obrigações com a casa e a hospitalidade. As solteiras chegavam sozinhas e juntavam-se aos grupos de maior afinidade. As casadas compareciam

---

<sup>103</sup> Também nessa situação, os limites impostos ao pesquisador pela forma como é posicionado impediram-me de acompanhar mais de perto, durante o carnaval, o segmento dos trabalhadores assalariados.

acompanhadas por outras na mesma condição ou pelos maridos que, logo ao encontrarem companhia para a esposa, se dispersavam. Permaneciam no bar por longo tempo apenas aquelas que costumavam freqüentar os bares em ocasiões socialmente reconhecidas como normais.

Em muitos casos, as mulheres que ficavam em casa, enquanto os homens seus companheiros estavam na rua, adentravam o espaço do bar à procura do marido. E, por vezes, criavam situações de constrangimento para o homem e seus pares no consumo de bebidas alcoólicas. Nessas situações, elas chegavam com expressão facial de desagrado e autoridade, afastavam o marido do grupo no qual estava inserido ou integravam-se a ele. Ato que, na maioria dos casos, incomodava o homem. Este cedia e retirava-se com a mulher, retornando em pouco espaço de tempo.

Os homens vivem o tempo e o espaço do carnaval no povoado com maior intensidade que as mulheres. Uma das atividades que se constitui de forma mais diferenciada é o *bloco dos bichas* (Foto 11) cuja concentração acontece no espaço social do bar. Mas não é qualquer bar, é aquele que está próximo ao campo de futebol e que, mesmo em situações de convivialidade cotidiana, agrega jovens de distintos segmentos sociais.

Para participar dessa atividade, que acontece em um único dia do carnaval, os requisitos principais são: ser homem, vestir-se de mulher e consumir bebidas alcoólicas. A maior parte do tempo, os homens fantasiados permanecem no bar e no seu entorno, construindo brincadeiras e gozações uns com os outros, bem como com os passantes. Quando o *bloco* sai para fazer uma única volta na praça, apenas os homens que o constituem fazem o percurso. Quem ficou em casa chega à janela para ver o *bloco passar*. Aquelas pessoas que acompanham o movimento no bar permanecem no espaço, bebendo, conversando, fazendo chacotas entre elas e aguardando o retorno do bloco, que, se dirigindo ao campo de futebol, forma dois times e jogam uma partida. Este evento constitui o ponto alto do carnaval no povoado. Os homens, usando roupas femininas, concentram-se no bar mais próximo do campo e, após beberem, jogam futebol, vestidos como estão, com roupas de mulher, de salto alto, brincos e bolsa a tiracolo. (Foto 19)



**Foto 19.** *Jogo de futebol dos bichas, no carnaval (2006)*

Terminado o jogo, todos se concentram novamente no bar e, independentemente de posição social e sexo, a maioria canta, dança e se embriaga, consumindo principalmente cerveja e cachaça. Num ponto alto da embriaguez (de alguns), *pobres e ricos, negros e brancos* se misturam nas brincadeiras. Ação impossível de ser realizada no relacionamento cotidiano. (Foto 20)



**Foto 20.** Homens fantasiados de mulher em frente a Bar de Jovens, no carnaval (2006).

Antes do anoitecer, o bloco sai novamente em desfile e quando retorna ao bar, e pára de tocar os instrumentos, as pessoas começam a se dispersar. Permanecem no estabelecimento algumas das pessoas qualificadas como *ricas*. O proprietário liga um aparelho de som com *marchinhas* de carnaval. Em 2005, antes das 21 horas, o bar estava sendo fechado.

Os moradores adeptos do carnaval dirigiram-se para o centro do município. Lá, foi montado um palco e contratado um grupo musical para animação da festa. Os moradores de Cascatinha e de outras partes do município concentravam-se nesse espaço, circulando pelos bares e dançando na rua. No ônibus que saiu do povoado, seguiram apenas jovens trabalhadores. As pessoas que dispõem de veículo próprio, nele dirigiram-se à sede do município, mesmo em estado de embriaguez.

Até cerca de 22 horas, uma banda de música tocava marchinhas características da ocasião, e o público que dançava era constituído de pessoas adultas e idosas. Em seguida, entrou um grupo que toca vários estilos de música dançante, mas deteve-se mais no *funk*. Perguntei a um rapaz por que tocava tanto este tipo de música. Ele respondeu que é “*porque o pessoal lá gosta mais é disso e quando toca outra coisa ninguém dança*”. O ônibus que levou os moradores do povoado saiu da sede do município às 3 horas da madrugada, restringindo, dessa forma, a participação dos trabalhadores assalariados ao seu tempo. Os mais abastados e/ou aqueles que foram com eles em seus veículos próprios não tinham limite estabelecido por uma terceira hora para voltar ao povoado.

Além da atividade do *bloco* e *futebol dos bichas*, costuma acontecer algum retiro espiritual de igreja evangélica. Nesse ano, os participantes permaneceram alojados na escola, onde eram realizadas as atividades religiosas e de lazer. Além disso, como atividade no retiro, eles circulavam pelas casas do povoado convidando as pessoas para os cultos ou projeção de filmes no espaço da escola. Esses empreendimentos eram diários com o pessoal interno e para os convidados. Ao final de cada sessão aberta ao público, os organizadores do evento distribuía lanche para todos. Ação que atraía diariamente um expressivo número de crianças, principalmente moradoras do Morro Novo e do Morro do Meio<sup>104</sup>.

---

<sup>104</sup> Na quarta-feira de cinzas, por volta de 7:30h, um grupo de crianças se concentrou em frente ao portão da escola e um dos meninos disse que estavam esperando a distribuição de pipocas, prometida no dia anterior pelo *pastor*. Demonstraram assim o principal atrativo que os levava às atividades.

No dia seguinte ao *bloco e jogo dos bichas*, terça-feira, não mais havia sinais de carnaval no povoado. Algumas pessoas organizavam *churrascos* em alguns bares e outras retomavam a rotina ou organizavam o mesmo tipo de atividade em suas casas. À noite, os jovens, principalmente os de famílias mais abastadas, dirigiram-se novamente ao centro do município. Aqueles na posição de assalariados ficavam condicionados a *uma carona* para tanto ou permaneciam nos poucos bares que se mantinham abertos no povoado.

#### **IV.4 Futebol, arenas de concorrência e territorialização de pertencimentos sociais**

O universo simbólico do futebol tem sido considerado um importante elemento da cultura brasileira. Entre as esferas da política, da mídia e da economia, há inúmeros recursos de apropriação, divulgação e disseminação dos grupos sociais que se constituem por essa prática social. Corresponde a um espaço aberto a múltiplas formas de solidariedade, de socialização e interiorização de valores, como os que advogam o *afastamento da juventude do mundo das drogas* ou *o esporte como uma das oportunidades de mobilidade social*, amplamente veiculados na mídia. Além da noção de atividade que implica não somente o jogar, mas também o gostar, a escolha de um time do coração, o compartilhar espaços públicos, seja no campo, seja num bar, seja na casa de um amigo. O importante é ressaltar que esta não é uma atividade para pessoas sozinhas, implica sempre um grupo: jogando ou torcendo, competindo ou emocionando-se, enfim, vivendo formas lúdico-competitivas de sociabilidade (HUIZINGA, 1971). Não sem razão, a prática esportiva do futebol tem sido concebida como espaço por excelência de manifestação de sociabilidade masculina, como já analisaram DA MATTA (1982) e GUEDES (1997). O futebol no Brasil constitui um fenômeno que supera não somente as linhas do campo de jogo, mas agrega questões simbólicas acerca de nossa sociedade nos mais diferentes aspectos.

Analiso a dimensão de sociabilidade relacionada aos contextos interativos mediados pelo futebol na vida do povoado, com especial atenção ao aspecto do

compartilhamento de comidas e bebidas entre os torcedores, que se constitui no tempo e espaço do jogo<sup>105</sup> de futebol.

No povoado, a cada organização de um campeonato ou torneio (e a cada ano acontece pelo menos um), o campo e os times de futebol tornam-se objeto de disputas tanto de dimensão política, como dos usos sociais. Assim, se o time que representa o povoado, composto de homens entre, aproximadamente, 15 e 35 anos, está participando de alguma competição com times de outras localidades, o campo deve servir, em primeiro lugar, a esse time. A organizadora de um grupo de mulheres que se dedicou, durante um certo tempo, ao esporte do futebol, comentou, em entrevista, que os horários de seus treinos dependiam de os homens não estarem utilizando o campo. Essa afirmativa reforça a idéia do futebol como atividade prioritariamente masculina ou a procedência desse reconhecimento.

Pela maneira como os moradores encaram a participação das mulheres como jogadoras, elas podem *brincar* de jogar futebol, desde que liberadas das obrigações de mãe, para com o marido e para com a casa. Elas não estão interdidas ao jogo ou ao agrupamento para, a partir do futebol, compartilhar a mesa, muito menos de fazer parte da platéia, mas predomina o princípio de que *lugar de mulher casada é em casa* e, portanto, o controle do comportamento quando a regra é relativizada.

Independentemente da afiliação política ou religiosa, o time e o jogo de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade que ultrapassa as barreiras das diferenciações sociais no povoado. Com o sentido de um grupo reunido em torno do objetivo comum de ganhar o jogo e compartilhar coletivamente um sentimento, pela vitória (ou derrota), o time de futebol pode representar pontos de interconexão entre planos descontínuos de organização social.<sup>106</sup>

Essa dimensão simbólica torna o campo de futebol um espaço quase sagrado para os moradores do povoado e de grande significação para a conquista de adesões a campanhas políticas ou religiosas. Os interesses são recíprocos: os moradores devem unir-

---

<sup>105</sup> HUIZINGA (1971: 33) apresenta uma definição de jogo, que permite pensar o fenômeno do jogo de futebol no contexto da pesquisa: "... o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhando de um sentimento de tensão e de alegrias e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana."

<sup>106</sup> Para esta análise, além dos autores já referidos, vali-me do trabalho de NEVES (1983), também dedicado a relações mediadas pelo espaço e tempo do futebol entre trabalhadores rurais.



se pela manutenção do campo e para arrecadar ajuda material e financeira dos agentes políticos, e estes agentes apostam na conquista de votos, cedendo em alguns momentos estratégicos aos interesses dos jogadores e apoiadores.

Na dimensão religiosa, os agentes institucionais organizam times e torneios que despertem o interesse, principalmente entre jovens. E fazem dessa situação uma oportunidade de praticar o proselitismo. No caso do povoado pesquisado, são os qualificados crentes que dão mais demonstrações dessa estratégia. A partir da organização de um time de futebol e de torneios entre outras unidades da denominação à qual estão afiliados, eles procuram fazer crer que também entendem do bem viver.

Dessa interação entre moradores e agentes políticos e religiosos, possíveis componentes do time e/ou usuários do campo, como também possíveis eleitores ou religiosos, depende a existência do time local, que agrega as pessoas mais pelo saber jogar, pelo interesse em jogar e pela disposição para jogar, que por laços de afinidade ou por princípios religiosos. Além disso, cada time ou cada grupo que se forma para usar o campo (para o futebol ou outro jogo) significa um tanto mais de pessoas que configuram os torcedores ou apenas espectadores, que, ao se agregar em torno do campo ou nos bares próximos para assistir ao jogo, constituem espaços privilegiados de sociabilidade e socialização nessa “forma lúdica de sociação” (SIMMEL, 1983: 168).

Fazer parte do time dos homens significa ter disponibilidade para jogar em outras cidades ou povoados, mas também não esperar remuneração em espécie. Não há exigências quanto à idade, mas é uma atividade reservada aos mais jovens. Aqueles que não contam com condições físicas para o jogo, seja por idade, seja por questões de saúde, têm lugar como espectador e podem, inclusive, acompanhar o time em algum jogo fora. Para ser *presidente* do time, a pessoa deve ter reconhecidas as características culturais de liderança e iniciativas para organizar torneios, conseguir patrocínios, motivar moradores e componentes do time a zelar pelo campo. Um dos moradores que ocupou essa posição resumiu o que significa ser *presidente do time*:

... Eu fui presidente desse time aqui quatro anos. Fui dois anos. Parei. Depois voltei... Tem um ano e pouco que eu saí... Assim que passou a eleição [ele foi candidato a vereador] eu pensei: – *Vou dar um tempo, depois eu volto...* Saí, mas esse que está aí agora não faz nada. O campo está desse jeito aí. Não faz campeonato... Eu fiz campeonato juvenil aí três anos. Fiz time principal, três anos seguidos. Esse ano já fiz um campeonato soçaito com a comunidade. Foi no fim do ano, que a turma estava tudo sem divertimento... Fizemos um torneio para cada rua. Cada rua colocou um time lá. O pessoal gostou muito... Está

doido para ter outro... Agora, acho que não volto a ser presidente do time mais não... [ri] Se for presidente tem que jogar. (Morador do Morro do Meio, trabalha como contratado pela prefeitura, 48 anos, está há 15 anos no povoado)

Estar à frente do time significa assumir uma espécie de compromisso e conquistar um espaço de projeção política, que extrapola o espaço do campo, mas que expande as peças do jogo nas mãos daquele que *faz a diferença*. Nas saídas para outras localidades organizadas a partir do time de futebol, quando de algum torneio, participam outras pessoas, com preferência para os homens. A definição do número de acompanhantes depende do espaço de sobra no veículo conseguido para levar o time, função também atribuída ao presidente. E quanto maior a torcida, maior o reconhecimento do bom desempenho de seu papel.

Difícilmente alguma mulher participa dessa atividade. Quando acontece, são jovens na posição de trabalhadoras assalariadas. E fazer parte desse grupo significa ter disposição física e moral para integrar as relações jocosas estabelecidas entre os jogadores e seus acompanhantes, ou seja, significa participar da interação constituída pela agregação de homens.

Assim como o transporte, um lanche também deve ser providenciado para os jogadores (sanduíches e refrigerantes), que o compartilham com os acompanhantes. Além disso, cada um deve contar com seus próprios recursos, caso deseje comer ou beber mais alguma coisa.

Para além da atividade esportiva e dos espaços de sociabilidade que agrega, participar da excursão com o time significa, também, guardar na memória situações vividas e sempre retomadas no presente, como demonstrações de virilidade e coragem concebidas como inerentes ao homem.

O padrão de sociabilidade enfatizado em torno da participação ou da recepção coletiva de uma partida de futebol costuma se objetivar pela mediação do consumo de comidas e de bebidas, não necessariamente alcoólicas. Entre aqueles que consomem bebidas alcoólicas, a embriaguez é esperada desde que ela não coloque em risco o momento de conagração. Um entrevistado, morador do Morro do Meio, 49 anos, que declarou já ter sido *presidente* do time, assim referiu-se às comemorações do time:

Na final, todos os campeonatos têm uma confraternização. É um churrasquinho de carne de boi, de asa de frango e cerveja, A cerveja é

o que eles mais bebem. Que eles bebem mesmo, essa turma! Falou em beber cerveja é com eles mesmos. Cerveja e pinga... é as duas bebidas... (Morador da Rua Principal, 60 anos, proprietário de terra com lavoura, gado e eucalipto, além da venda)

Posta dessa forma, a impressão que se tem é a de que todos, generalizadamente, que participam do time tomam alguma bebida alcoólica. Como destaquei anteriormente, a bebida constitui elemento de mediação, mas não precisa ser necessariamente alcoólica. O responsável pela denominação religiosa Assembléia de Deus, também em entrevista, referiu-se ao time de futebol, desta vez, como forma de agregar adeptos aos princípios dessa instituição.

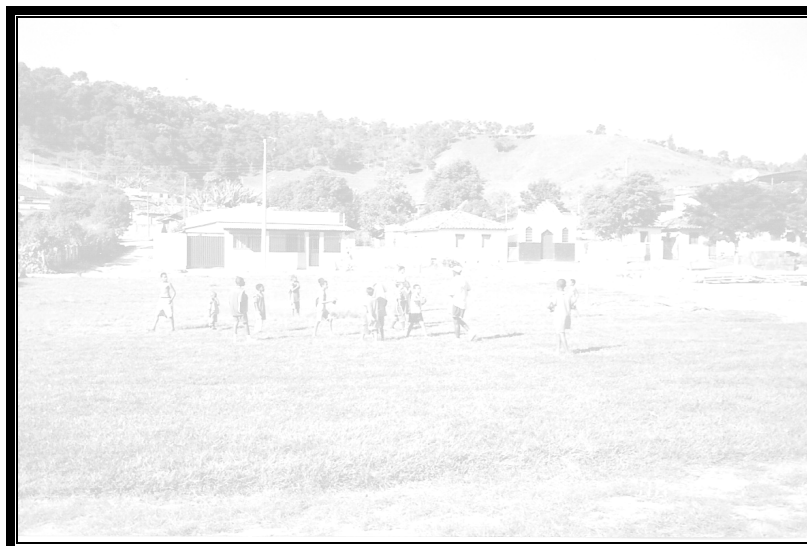
Agora que a gente está tendo um grupo de jovens sabe por que antes a gente tinha uma faixa de adultos e crianças, mas não tinha jovens... Mas eu tenho trabalhado com os jovens. Eu montei um time de futebol... Eles jogam e participam da escola dominical... Sai para jogar fora também... A gente vai fora e os jogadores de fora vêm aqui. E isso ai é muito bom também pra conhecer o povo do lugar e... Eles virem conhecer. Que é um povo que gosta muito de futebol, os homens... Às vezes a gente marca com outras igrejas também... Pessoas também descrentes, de outras religiões... E no final do jogo, faz umas brincadeiras, um churrasquinho ou cachorro-quente e uns refrigerantes. A turma gosta. (Morador no Morro do Meio, dirigente da Assembléia de Deus no povoado, 36 anos, casado)

Alguns desses jovens aos quais este entrevistado se referiu também jogam no *time principal de Cascatinha*. Ou seja, se eles aderiram aos princípios da denominação religiosa, há pouca probabilidade de que consumam algum tipo de bebida alcoólica na confraternização a que se refere o entrevistado anterior. Isto, no entanto, não significa dizer que ele deixe de compartilhar a mesa e a comemoração.

Da mesma forma que os times do povoado saem para jogar em outros povoados ou municípios, outros times visitam o povoado. Nesse caso, receber bem significa manter o campo em condições favoráveis ao jogo e garantir que não aconteçam brigas ou desavenças que possam manchar tanto a imagem do lugar como a do time. Portanto, cabe também aos espectadores adquirir um saber participar do jogo que implica, no caso do consumo de bebidas alcoólicas, manter-se sob controle.

O ciclo de vida demarca as formas de participação, da mesma forma que a divisão do tempo e do espaço dedicados à prática do futebol. Assim, como já destacado, a ocupação do campo fica condicionada ao uso pelos *homens do time*. Geralmente eles o

utilizam no domingo pela manhã ou nas últimas horas da tarde. Aos sábados à tarde, o espaço é reservado à socialização e aprendizado dos meninos nas regras do jogo. Nos momentos de disponibilidade reconhecida do espaço, ora juntam-se crianças de ambos os sexos para jogar bola ou compartilhar de outras brincadeiras, ora juntam-se homens para jogar futebol. (Foto 21)



**Foto 21.** Campo de futebol utilizado pela escolinha de futebol (2006)

Gostar e participar de time de futebol, desde menino, é demonstração do progressivo aprendizado de ser homem. Socializar o filho e deixar sucessores na afiliação ao time também é sinal de virilidade. O homem pode até não gostar de dançar, de beber ou de ficar na rua até de madrugada, mas deve, pelo menos, dar sinais do gosto pelo futebol. Esta manifestação do gosto facilita a permanência no entorno do campo ou nos bares próximos, quando há jogo no povoado. Não precisa nem saber jogar muito bem, mas no carnaval pode dar demonstração da virilidade participando do *jogo dos bichas*. Depois continuam bebendo, enquanto é dia. Quanto maior a embriaguez e as quedas no jogo, maior a diversão, tanto de quem joga como de quem assiste. Todavia, dar sinais de descontrole total do corpo e da conduta, somente em casa.

No ano de 2006, ao final do jogo, os homens saíram novamente em bloco. Deram uma volta na praça. Retornaram ao bar e começaram a se dispersar. Às sete horas da noite, dos homens que jogaram não havia mais nenhum no bar. Um poucas mulheres e homens permaneciam no interior do estabelecimento. Todos bebendo cerveja, mas, como advertem, para demonstrar as regras que referenciam a permissão, *ninguém caindo de bêbado no bar*

*ou na rua*. Isso não significa que em casa essas pessoas não permaneçam sem dar sinais físicos da embriaguez ou consumo abusivo de bebidas alcoólicas. O que está em jogo então não é o consumo em si, mas saber se controlar, que significa, no contexto, saber viver.

As formas de sociabilidade até aqui destacadas dão certa objetividade a um valor, a uma referência do saber beber, no sentido de saber usar a bebida sem perder o controle sobre si mesmo ou saber expressar aquilo que é atribuído aos efeitos da própria bebida.

#### **IV.5 Festa no povoado: a centralidade dos bares**

Quando acontecem as atividades anteriormente destacadas no povoado, todos os bares permanecem abertos e com movimento. Alguns, concorrendo com a festa ou outra atividade na rua, contratam músicos. Conjugando tal atividade com bebidas e algum tira-gosto, eles permanecem cheios e com pessoas dançando, até que se inicie a atração principal da atividade organizada na rua, o que, quase sempre, significa também alguma apresentação com música para dançar. Caso não seja uma atividade com venda específica de bebidas como nas festas da rua, a concentração maior permanece nos bares, principalmente aqueles que permitem a visualização sobre o evento.



**Foto 22.** Bar com forró, no dia da Festa em Devção à N. S. do Rosário (2006)

Nesses dias de festa, quando as noções de tempo e espaço são subvertidas e o controle de conduta relaxado, os moradores misturam-se mais, não somente entre eles como entre a gente *de fora*. Com essa peculiaridade, a diferenciação social pela ocupação dos bares fica mais diluída, ou seja, nesses dias, as pessoas circulam mais e parecem ficar mais à vontade nos espaços dos bares nos quais se sentem, na vida cotidiana ou quando da visita de parentes, constringidas. Isto não significa que *bêbados* ou *pobres* ocupem e permaneçam nos bares freqüentados pelos mais abastados e vice-versa. Eles param nos bares, bebem alguma coisa, por vezes jogam uma partida de sinuca e seguem para outro estabelecimento, permanecendo naquele com maior afinidade e familiaridade.

Agregando-se à gente *de fora*, alguns moradores integram-se aos costumes deles e torna-se mais comum a presença de mulheres nos bares, em qualquer horário do dia, inclusive consumindo algum tipo de bebida alcoólica. O mesmo ocorre com alguns homens e jovens, que, no cotidiano, saem do povoado para se divertir ou mesmo beber longe do controle local. Nessas situações, a embriaguez não aparecia interdita, desde que as pessoas não se comportassem de forma considerada escandalosa, como falar muito alto, brigar, cambaleiar e, no extremo, cair ao chão.

#### **IV.6 Festival da Cachaça**

Embora essa festa não aconteça no povoado, várias pessoas, quando entrevistadas ou em conversas informais, comentaram ou manifestaram o desejo de comparecer ao festival, mais do que propriamente participar dele. A participação no evento, que acontece em outro município da Zona da Mata, significa dispor de transporte e de condições de acomodação para passar a noite.

Aqueles que dispõem de veículo próprio organizam grupo de amigos para ir. Outras pessoas costumam organizar o aluguel de um veículo para tal. Segundo um dos entrevistados, é uma festa da qual as pessoas não podem sair e retornar para casa no mesmo dia, por isso, a cidade conta com algumas hospedagens, além de alguns moradores alugarem quartos para visitantes. Há ainda o recurso do acampamento. Este mesmo entrevistado comentou que comprou uma barraca só para isso, mas a mulher nunca o deixou ir sozinho e também nunca quis ir. Comentário como este dá a medida da

preponderância e tolerância ao consumo de bebida alcoólica em função da própria festa, assim como do controle da mulher sobre os limites do consumo pelo marido.

Tais peculiaridades fazem dessa festa um evento sobre o qual, homens e mulheres (adultos ou jovens) criam ou guardam histórias de resistência à bebida alcoólica e, no caso dos homens, de demonstrações da masculinidade. Eles se divertem contando casos do tipo:

...foram com um grupo e alugaram um quarto o qual comportava menos da metade do número de pessoas. A estratégia então era beber até começar a cair. Sentindo-se nesse estado, a pessoa rumava para o quarto, acordava quem estava dormindo e, dessa forma, revezavam-se na cama e se recompunham para continuar bebendo. E o dono da casa nem percebia, porque ele ou ela também estavam bêbados. (Morador da Rua Principal, 48 anos, casado, proprietário de terras e gado leiteiro, funcionário da escola)

Visto dessa maneira, ir para o evento, então, significa estar disposto a embriagar-se e transpor um tempo e um espaço vividos pelos bêbados. Para participar do festival, a pessoa deve comprar uma *caneca específica*. De posse desse artefato, está autorizado a *beber à vontade*, comentou o entrevistado. Além do espaço para beber com a caneca, há barracas de representação de produtores da bebida, nas quais quem desejar pode provar, sem pagar, e comprar, se desejar.

Apesar de ser em outra cidade, o Festival da Cachaça é uma atividade que concorre com aquelas realizadas no povoado, inclusive com a Festa do AA (Alcoólicos Anônimos). Um dos informantes chegou a justificar a pouca presença numa das festas de aniversário da instituição pela realização do festival, no mesmo dia. Não se questiona o beber ou não beber em cada uma das atividades que agregam pessoas em comunhão de pensamento, de princípios e de prazeres. O ato de consumir bebida alcoólica é questionável nessas situações, dependendo de quem bebe, como e com quem se bebe.

## **CAPÍTULO V. BARES, BOTEQUINS, CASAS QUE VENDEM CACHAÇA E VENDAS: ESPAÇOS CONCORRENCIAIS E PERSONALIZADOS DE CONSUMO DE BEBIDAS**

Como qualquer consumo, o de bebidas alcoólicas se inscreve num conjunto de regras de saber viver, de saber compartilhar tempos e espaços específicos. Beber está assim associado a um sistema de obrigações e de interdições (FREYSSINET-DOMINJON e WAGNER, 2003). Se as normas de bem-viver se exprimem em termos de contexto, dedicar-se ao tema do consumo de bebidas alcoólicas significa considerar os lugares dessa consagração ou autorização, tal como simbolizam os bares, lugares por excelência desse consumo, tanto o é que têm sido analisados em vasta e diversificada literatura.

Estudar a partir do bar como espaço personalizado de consumo de bebidas exige trazer à tona não somente a organização social e peculiaridades de seu funcionamento, mas também o que ele representa no emaranhado das relações sociais que compreende a vida em sociedade. Tanto o bar como o uso de bebida constituem motivo e pretexto do encontro diário, mais ou menos prolongado, especialmente no intercruzamento, transição ou passagem entre trabalho e residência (MACHADO DA SILVA, 1978; JARDIM, 1991; GUEDES, 1997; GARCIA, 2000)

Conforme já salientado, Cascatinha compreende a concentração de casas e prédios públicos de serviços (escola, igreja, venda, praça) e cumpre o papel de local de encontro entre indivíduos e grupos sociais existentes na área, podendo, por isso, dar visibilidade às relações que organizam as interseções sociais. Os relacionamentos estabelecidos podem ser tanto de solidariedade como de tensões e conflitos; de interesses comuns, como divergentes; de colaboração, como de expropriação; e de concessão, como de exploração. E muitos desses interesses são explicitados em encontros nos espaços sociais do bar, de forma tão diversificada como os que estiverem em jogo na interação.

As relações entre os indivíduos que circulam pelo povoado pesquisado baseiam-se em contatos pessoais, diretos e mais constantes, nos quais os laços de parentesco aparecem como fortes referências, mas não as únicas. Os prestadores de serviços (de correio, de saúde, de marcenaria, de alvenaria, do comércio) conhecem – se não todos – a maioria dos habitantes e são conhecidos por todos. Além disso, os vínculos de parentesco e o nome de família adquirem *status* de classificação, identificação e localização social do indivíduo,



conferindo-lhe o caráter de pessoa. Por conseguinte, se tais relações possibilitam a confiança e o crédito, a vida dessas pessoas sofre grande influência da informalmente institucionalizada opinião pública, eleita força autônoma de controle sobre comportamentos individuais ou coletivos.

Nesse caso, o comportamento pode ser pensado pelas possibilidades que um agrupamento de indivíduos (vivendo sob condições socioeconômicas semelhantes) tenha de construir relações de reciprocidade e formas de solidariedade, que permitam o intercâmbio de bens e serviços; mas também pela organização de grupos voluntários para dançar, jogar (bola, cartas ou outro artefato), participar de cerimônias e festas religiosas, reunir-se para comer e beber, celebrar algum acontecimento, ficar no bar.<sup>107</sup>

### **V.1 Divisão social de trabalho e especialização no comércio de bebidas**

Em Cascatinha, o comércio constitui privilégio de umas poucas famílias que detinham a propriedade das terras produtivas e o controle da força de trabalho disponível. O mesmo que empregava era o que vendia alimentos e outros materiais de consumo. As vendas, nesse sentido, não podiam ser consideradas praças de mercado, desempenhando todas elas as funções a elas atribuídas, como no caso estudado por SEYFERTH (1974).<sup>108</sup> No caso por mim analisado, elas foram importantes na constituição do povoado, porque representavam tanto o ponto de encontro e relaxamento em relação ao tempo do trabalho, como o mecanismo de imobilização da mão-de-obra, uma vez que os empregadores monopolizavam o comércio com seus trabalhadores e estes permaneciam comprometidos pela dívida com o patrão. Todavia os donos das vendas não vendiam apenas para os trabalhadores sob seu comando, o crédito era estendido aos demais patrões para exercerem a mesma prática.

---

<sup>107</sup> Simmel adverte que, independentemente das diferenças sociais, econômicas e políticas, as pessoas criam formas de convivência em que o prazer de cada um depende do outro na interação e, para tanto, são necessárias características de cordialidade e amabilidade, de forma a evitar atritos e permitir que cada um aja como se fosse um igual. (1983: 165-181).

<sup>108</sup> No referido estudo, a autora definiu a venda como local onde as trocas e as vendas se realizavam individualmente entre uma pessoa que detinha nas mãos os mecanismos que regulam as transações (o vendeiro) e os proprietários das mercadorias (os colonos) (SEYFERTH, 1974).

...é igual na época da minha mãe mais meu pai. Eu não lembro que eles tinham dinheiro. Eles trabalhavam assim: trabalhava a semana inteira, aí quando era final de semana, aquele patrão, que eles estavam trabalhando, dava um papel, aí eles iam numa venda, comprava aquilo ali, aquilo que tava naquele papel... Era só aquilo. Não tinha negócio de você comprar cinco quilos de... Os fazendeiros não davam dinheiro; não pagava dinheiro vivo. Então, quer dizer, era uma escravidão né... Não tinha dinheiro pra estudar. Minha mãe sempre tinha galinha... Tinha que esperar a galinha botar, pra você vender o ovo, pra você comprar aquele lápis, aquele caderno, pra ir pra escola. Era assim. Então... Hoje as coisas tá bem melhor. Você trabalha... Você dá valor o patrão, mas ele também te dá valor. Então você sabe “eu tô trabalhando, eu vou receber!” e antes você não via dinheiro não. Na época da minha mãe, nunca vi dinheiro com minha mãe, só via aquele papel. Então não sabia nem quanto ganhava... (Moradora da Rua Principal, trabalhadora assalariada sazonal, organizadora de turmas de trabalho e meeira, 50 anos, casada).

Essa forma de atrelagem dos trabalhadores assalariados ou meeiros ao patrão e/ou proprietário das vendas perdura, mesmo que em menor grau. Embora não se utilize mais o *papel* com a lista do que podia ser adquirido, há o sistema de *anotação no caderno*. Por este mecanismo, mantêm-se tanto relações de reciprocidade (mesmo que em vantagem para o credor) como o exercício de certo controle sobre o consumo de bebida alcoólica. *Cachaça, eu não anoto!*, expressou-se a proprietária de uma das vendas, em entrevista.

As vendas, mais que os bares, continuam nas mãos de herdeiros dos antigos proprietários. E como salientado anteriormente por uma moradora, *em Cascatinha, todo mundo é parente*. Situação semelhante se dá com os bares. Mesmo que, atualmente, muitos deles sejam recentes, seus proprietários e funcionários são moradores no povoado, produtores e/ou empregadores, trabalhadores assalariados, aposentados, parentes e vizinhos, que se conhecem, se vêem ou se encontram cotidianamente. Por tais peculiaridades, eles estão assim pressionados a fazer cumprir regras morais, inclusive as do bem beber. Por questões como estas, eles assumem também o exercício do controle sobre os considerados abusos no consumo ou maneiras condenadas de beber: não somente sobre os trabalhadores assalariados, mas, principalmente, sobre aqueles que se configuram membros de grupos domésticos mais abastados ou mesmo de sua parentela e, por isso, devem ser impedidos de manchar o nome de família. Todos os moradores conhecem e expressam opiniões sobre o comportamento daqueles que se excedem no consumo e perdem o controle sobre sua conduta, mas também de quem se excedeu na venda de bebida alcoólica.

### V.1.1 Os bares: personalização do proprietário e diferenciação do usuário

Os bares correspondem a importantes espaços de ocupação do tempo livre. Esses espaços, principalmente em bairros populares, não constituem meramente estabelecimentos de transações mercantis, mas centros de atração e ponto de encontro e referência de parte da população.

Conforme adverte MASSART-VINCENT (2006), “freqüentar os *pubs* na Inglaterra não é um simples passatempo, mas uma maneira de viver o tempo”. Por constituírem unidade social decisiva na vida cotidiana da sociedade inglesa, a autora atribui aos *pubs* a mesma importância de outras tantas instituições conformadoras de comportamentos. Por isso, ela chama atenção para a importância da descrição das horas vividas nos *pubs* como contribuição para a compreensão de representações sociais sobre esta prática (Cf. NEVES e GARCIA, 2006).

No Brasil, alguns autores valorizam a análise de temas de conversação que nutrem a sociabilidade de freqüentadores assíduos do espaço do bar. E assim lançam luz sobre os modos de percepção e controle sobre o ato de consumir bebidas alcoólicas (Cf. NEVES, 2003).

Menos que uma razão social ou um estabelecimento comercial, o bar, como um tipo específico, é construído a partir da relação entre o dono do bar e uma freguesia fiel, que se apropria constitutivamente do espaço. A construção social desse espaço resulta dessa negociação, que singulariza cada bar, a despeito de guardar características comuns também dele constitutivas (PEÇANHA, 2000).

Dito de outra forma, se há pontos de regularidade na definição desse espaço de sociabilidade, cada bar deve se singularizar pelo investimento dos seus atores, a ponto de os fregueses atribuírem os significados distintivos do ambiente do bar ao modo como o dono exerce seu papel, e este, aos fregueses, que com ele textualizam a dramatização do espaço singular e descontínuo frente à vida corriqueira.

Compreendido como espaço de sociabilidade mediada, predominantemente pelo consumo de bebida, especialmente alcoólica, o convívio no bar orienta-se por valorizações de comportamentos que definem interdições e desclassificações do ato de beber. Diversos estudos vêm destacando os bares, especialmente nos bairros majoritariamente habitados por classes populares, como espaços por excelência de exercícios de masculinidade ou de encontro de trabalhadores (JARDIM, 1991; GARCIA, 2000; GUEDES, 1997), no tempo livre, e de

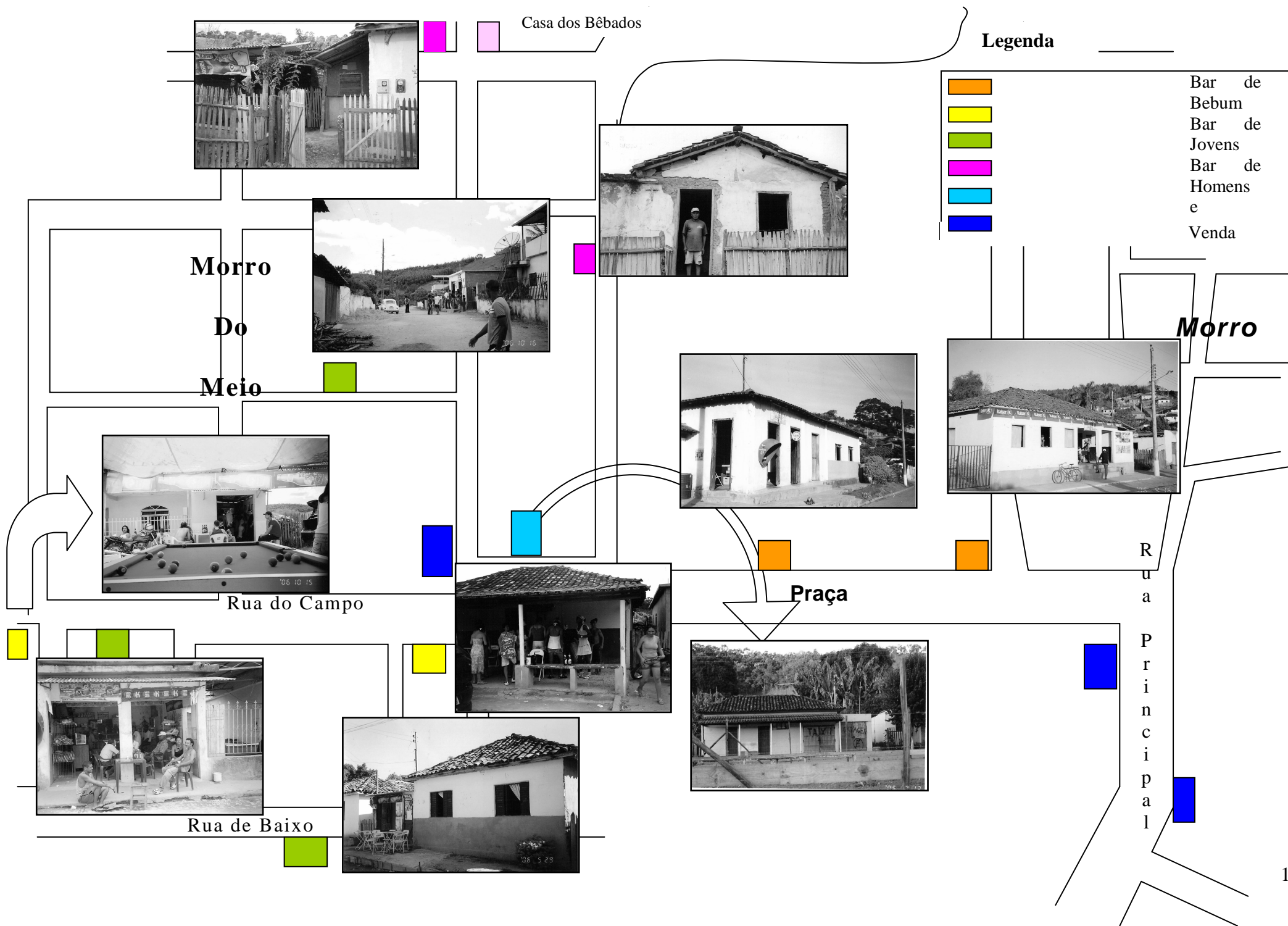
aposentados e desempregados, que desenvolvem formas situacionais de conceber a periodização do tempo.

Referenciada por esses autores, estou registrando, para o caso de Cascatinha, a mesma importância. Sob o prisma da temporalidade, analiso as formas de frequência e as maneiras de beber, segundo modos de sociabilidade diferenciados pelo gênero, pelo ciclo de vida e pela diferenciação socioeconômica não somente entre os proprietários dos estabelecimentos, mas também entre seus frequentadores e moradores no povoado.

O espaço físico-social no povoado de Cascatinha, destacado anteriormente, contava – quando interrompi o trabalho de campo – com cerca de dezesseis estabelecimentos comerciais que vendiam bebidas alcoólicas. Com exceção de um *trailer*, os demais estabelecimentos são reconhecidos entre os moradores pelos nomes dos proprietários, agregados à principal atividade. Sendo assim, estarei atribuindo nomes fictícios como forma de melhor identificar e facilitar ao leitor a compreensão da interpretação que estou construindo (Croqui 3).

Para melhor compreensão da diferenciação social no uso desses espaços, é preciso levar em conta também os proprietários e seus empreendimentos. Os estabelecimentos comerciais e seus proprietários destacam-se pelos serviços que oferecem e produtos que vendem, pela rotina ou tempo de funcionamento e pelos fregueses que acolhem e fidelizam. Todos os estabelecimentos são agregados à casa do proprietário, seja por meio de um cômodo adaptado para tal, seja pela construção de um anexo com uma porta de acesso à sua casa ou ao quintal, possibilitando, muitas vezes, a ocupação do tempo de trabalho diário simultaneamente na casa e no comércio. As fotos distribuídas neste capítulo procuram demonstrar a diferenciação anunciada.

Além disso, os bares e vendas se distinguem pela posição que ocupam no rendimento familiar, bem como na divisão social do trabalho. Dentre o número de estabelecimentos acima destacados, três têm como negócio principal a venda de produtos diversos - limpeza, perfumaria, papelaria, alimentação e material de construção - além da comercialização de bebidas para consumo imediato, sendo identificados pelos moradores do povoado pelo termo *venda* associado ao nome do proprietário. Um outro era reconhecido como padaria. Esses estabelecimentos, com algumas exceções, eram frequentados durante o dia ou no tempo do trabalho pelos serviços agregados à qualificação de venda ou padaria e como locais de consumo de bebida alcoólica nos horários noturnos ou de tempo do não-trabalho. Contudo, isso não quer dizer que o consumo de bebida alcoólica deixe de ocorrer no tempo do trabalho.



Ele ocorre com o diferencial de não supor permanência prolongada: entra-se no estabelecimento, pede-se *uma pinga*, bebe-se e sai. Esses momentos são brindados com o consumo, principalmente de cachaça ou outra bebida quente como o conhaque.

A constituição especializada dos estabelecimentos identificados como bar é relativamente recente no povoado. E coincide com o período de expansão das ruas para o Morro do Meio e Morro Novo, da implantação da linha de ônibus e intervenção das indústrias de bebidas com a oferta de geladeiras, mesas e cadeiras. Alguns dos bares mais tradicionais correspondem ao processo de reconversão do espaço de *antigas vendas*, atingidas pelas alternativas de acesso à compra de mercadorias vendidas em supermercados localizados nas cidades, cuja concorrência é motivada pelos preços e entrega gratuita no domicílio. Já os bares mais recentes tiveram o imóvel construído segundo um modelo de *lugar para diversão* ou de relaxamento no tempo do não-trabalho. Dois deles foram constituídos como tal no período do trabalho de campo.

Em comum, todos os estabelecimentos (menos uma das *casas que vendem cachaça*) comercializam bebidas alcoólicas e não alcoólicas, contando com aparelho de TV, mesa de sinuca e cartazes com propaganda de cervejas nas paredes externa e interna ou no balcão. Alguns dos bares vendem somente bebidas alcoólicas; outros vendem bebidas e petiscos e ainda agregam espaços de jogos de carta; e há os que agregam outros produtos e atividades somente de bar. Entre eles, apenas um não contava com mesas e cadeiras, mas com banco sob a cobertura externa e no interior. Em face da diferenciação dos serviços prestados e relações entretidas, os bares constituem espaços sociais de produção de singularidade relativa, o que permite compreender a recente intensa coexistência na qualificação atribuída à freguesia.

De forma semelhante à que ocorre nos bares por mim pesquisados, no município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro (GARCIA, 2000), os fregueses são hierarquizados não somente pela posição social, mas conforme a frequência e o comportamento no bar. Uns são habituais e companheiros, controlando os modos de consumo de bebida alcoólica; outros, também habituais, são integrados sob certa rejeição e isolamento, instrumentais a imposição de limites externos a esse consumo. A integração desqualificadora é objetivada em classificações moralizantes. Os espaços sociais que agregam maior contingente de consumidores de bebida alcoólica em constante estado de embriaguez são, assim, negativamente qualificados pelo epíteto de *bar de bebum*.

#### V.1.1.a) Bar de *bebum*

A especificidade desse tipo de bar é remarcada pela freqüência de homens que costumam se embriagar, estado atribuído, entre outras razões, pelo quase ininterrupto tempo de disponibilidade para o consumo de bebidas alcoólicas. Por isso, qualificado pelos moradores como *bar do bebum*. Eles costumam permanecer abertos até cerca de 22 horas nos dias entre domingo e sexta-feira e “sem tempo para fechar” nos dias de sábado. Ambos estão localizados na praça, um em cada ponta de um mesmo quarteirão.

Mesmo fundamentando-se na divisão social do trabalho entre os familiares do proprietário, o desempenho das atividades respeita as posições de gênero e geração, bem como a socialização que possibilita a reprodução do negócio familiar. No balcão permanece de forma majoritária o proprietário (homem) que identifica o estabelecimento. A presença da mulher corresponde aos momentos de menor movimento no consumo de bebida alcoólica. Em um dos bares, por exemplo, durante o dia, especialmente nos horários em que o filho está na escola, a esposa ou o avô ocupam o balcão. O rapaz permanece à tarde e o pai dele, à noite e na maior parte dos dias de sábado, domingo e feriados. Enquanto mãe, filho e avô se revezam no horário diurno, o esposo-pai ocupa o tempo em atividade agropecuária.

Embora seja um tipo de estabelecimento de freqüência mais interna e sob certa reserva aos olhares públicos, em domingos e feriados de muito calor, como em dias de festa, algumas mesas são alocadas na calçada, de frente para a praça. Durante as festas no povoado, às bebidas alcoólicas e refrigerantes adicionam-se refrescos e água mineral. Aos petiscos costumeiros - torresmos, lingüiça, ovo cozido, biscoitos - adicionam-se salgados e sanduíches.

No cotidiano, a freqüência nesses bares é bastante diversificada. Durante o período letivo, nos intervalos de tempo de aula, além dos homens que entram para tomar uma dose de cachaça ou outra bebida quente, jovens e crianças circulam por eles. Nos momentos em que um jovem permanece no balcão, algumas pessoas correspondendo ao mesmo ciclo de vida do proprietário em ação também permanecem no bar, consumindo ou não. A agregação, nesse caso, se dá pela afinidade mediada principalmente pela conversa. Isto não significa, no entanto, a

inexistência necessária do consumo de alguma bebida ou de algo para comer, de forma compartilhada.

Todavia, o *bar de bebum* adquire a especificidade destacada por ser freqüentado, quase exclusivamente, por homens, tanto no ciclo da vida reconhecido como juventude (resguardadas as representações de maioridade) como no ciclo da idade adulta. Em maior recorrência o movimento é noturno e estabelecido por trabalhadores assalariados, especialmente no tempo de passagem do trabalho para casa. E em menor proporção, por pequenos produtores. Esses freqüentadores, especialmente os do tempo do não-trabalho, bebem, conversam, jogam sinuca ou, simplesmente, ficam por ali aguardando alguém que lhe ofereça uma bebida ou compartilhe uma conversa.

Em todas as entrevistas com os proprietários dos bares assim qualificados, a bebida apontada como a mais consumida foi a cachaça. Não de forma condenatória, mas como preferência da freguesia. No tempo de uso do espaço social assim constituído, os homens que se embriagam, sentam-se nos bancos internos ou na calçada do bar. A embriaguez parece ser aceita com naturalidade, tanto pelo proprietário como pelos fregueses. Entretanto, se algum deles descumpra as regras do bem beber e do saber partilhar o espaço, o responsável pelo bar ou outro freguês o conduz, sem qualquer constrangimento, para fora do estabelecimento e, se possível, para sua casa.

Nos dias da semana dedicados ao trabalho, somente os bares com essa qualificação costumam permanecer abertos até as primeiras horas da madrugada, embora tal procedimento não se constitua como regra diária. Quando isso ocorre, é comum encontrar alguma pessoa embriagada, sem condições de andar, deitada na calçada do estabelecimento ou no banco da praça logo em frente. Nessas situações, o embriagado não costuma ser molestado. Onde quer que esteja, permanece até o momento que possa, por conta própria, levantar-se e retornar ao bar ou seguir em frente, salvo quando algum parente ou amigo mais próximo observa a pessoa em tal situação, indo ver o que se passa e, por vezes, conduzindo-o à sua casa (Foto 23).





**Foto 23.** Homem em estado de embriaguez em porta do bar (2005).

#### V.1.1.b) Bar de jovens

Os jovens se encontram em muitos lugares: na escola, na praça, nas casas uns dos outros e nos bares, como pontos de encontro para conversar, jogar (com brincadeiras, cartas, bolas etc.), dançar, beber. Entretanto, como destacado anteriormente, os espaços nos quais convivem se distinguem especialmente pela posição social da cada um. Destarte, o definidor dos grupos que se formam nos locais de encontro dos jovens no povoado não é exatamente a idade, mas o grupo social de origem.<sup>109</sup> No caso dos bares, embora os jovens transitem por diferentes estabelecimentos conforme seus interesses e relações, a presença marcante nessa categoria se dá principalmente em dois estabelecimentos. Eles partilham o mesmo espaço físico, mas não o social.

Nesse ciclo de vida, compreendido como juventude, principalmente na fase reconhecida como adolescência, para firmar seu sentimento de independência, o jovem orienta-se para um novo papel social que se funda, em larga escala, em sua aceitação por outras pessoas que não os próprios pais (ROSENMAYR, 1968: 158-161). No jogo de

---

<sup>109</sup> Para pensar o lugar dos jovens no espaço social do bar, vali-me da análise construída por CASTRO (2004). Neste texto, a autora analisa “a construção da categoria jovem a partir de um estudo de Arensberg e Kimball sobre família e comunidade na Irlanda”, buscando caminhos que permitam a condução de estudos sobre “formas de construção da identidade ‘juventude rural’ e seus correlatos...” (p.272)

construção desse novo lugar social, espaços como o dos bares, em Cascatinha, constituem importantes campos de ação.

Muito embora os bares que se enquadram nessa situação não sejam freqüentados somente por pessoas jovens, eles são identificados pelos moradores no povoado como os lugares em que os jovens gostam de estar ou *de ficar*, principalmente aos sábados à noite e domingos (sem horário definido). Estes estabelecimentos só permanecem abertos nos feriados e finais de semana.

Dois bares são enquadrados nessa classificação e seus proprietários também se encaixam no ciclo de vida socialmente reconhecido como juventude e pertencem a famílias de prestígio social local<sup>110</sup>. Ambos os estabelecimentos contam com mesas e cadeiras, aparelho de TV, aparelho móvel de CD-rádio e pequenas caixas de som, além de servirem de referência para os usuários do campo de futebol: tanto para jogadores como para espectadores.

Outra peculiaridade desses estabelecimentos diz respeito aos freqüentadores mais assíduos, obviamente jovens, mas também adultos, na posição de *ricos*. Os jovens, independentemente de sua posição social, costumam freqüentar ou ficar nas redondezas desses bares, também identificados pelos nomes dos proprietários (Ivan e Dante). Entretanto, em termos socioeconômicos, o número de diferenciados fregueses é desproporcional, na medida em que os trabalhadores assalariados constituem maioria da população. Além disso, como destacado anteriormente, os jovens na posição de *ricos* costumam ir para outros lugares. Mas quando permanecem no povoado, ficam em um desses bares, com maior freqüência no bar do Ivan. Este com localização mais reservada. Nítida demonstração de uma maneira de beber e compartilhar espaços sociais mediados pela bebida alcoólica adotada pelos membros de famílias mais abastadas.

Nesses encontros de jovens, a diferenciação social pressupõe demarcações espaciais constituídas pela forma de ocupação do espaço do bar. Geralmente os jovens e/ou adultos na posição de produtores - independentemente do sexo, mas sendo a maioria masculina - permanecem no interior do estabelecimento e/ou na varanda, enquanto os *outros* - também independentemente de sexo - ficam no entorno do bar ou também na varanda.

---

<sup>110</sup> Um dos proprietários, além de propriedade rural herdada nas proximidades do povoado, tem emprego fixo num município vizinho e é casado com uma filha da proprietária da venda mais antiga no povoado. O outro produz café e milho em terras do pai, além de manter cerca de duas centenas de árvores de eucalipto. Ambos apresentaram a atividade mercantil como secundária na composição do rendimento.

As mesas ocupadas pelos primeiros geralmente contêm garrafas de cerveja e refrigerantes. Aqueles que permanecem no entorno do bar e consomem alguma bebida, levam-na para a rua e a colocam no chão, geralmente no centro do grupo. Em vários dos grupos que se formam, tanto os de dentro do estabelecimento como os de fora, vez ou outra, bebe-se cachaça (com menor incidência uísque, entre os *ricos*) de um recipiente, levado por algum deles<sup>111</sup>.

Esses bares permanecem abertos enquanto houver movimento na rua e/ou permanência de número e qualidade de fregueses satisfatórios aos seus proprietários e freqüentadores mais abastados. À guisa de exemplo, destaco a declaração de um dos proprietários desse tipo de bar:

No sábado, fica aberto enquanto tem movimento. Mas eu não tive bar só aqui. Mexi já em outros lugares, perto da praça, lá em cima... Muita bagunça... Até não queria mexer com isso mais não, que isso dá muita dor de cabeça... Até que aqui não, mas lá, era todo tipo de pessoa... Quebrava garrafa... Mexer com bêbado, você sabe? Aqui não. Aqui já é bem calmo... Lá dava bastante movimento, mas também, portanto, eu tive que tomar remédio para depressão, de tanto nervo que eu passava... Aí, depois falei: *Não! Vou botar um trem pequenininho, na minha casa*. Vendo pouco... Não dependo só disso. Isso ajuda, mas não dependo só disso... E quem vem mais aqui é pessoa mais selecionada. É casada novinho. Então, selecionou. Lá não. Lá, era qualquer tipo. Qualquer tipo ia para lá. Apareceu um negócio de dançar funk... Aí, esses que vem aqui não ia lá. Não misturava. Aí trocou. Os que ia lá não vem aqui. Lá, eu abria domingo de dia. Esse pessoal ia lá um pouquinho e rapava fora. Aí vinha, bebia, mas à noite já ficava fora. Agora aqui já vem... Lá, à noite era aquele pessoal que não se enturma... Aqueles baderneiro, aqueles calça caindo... Aqueles funkeiro. Aí, o pessoal já não gosta... Aqui, se começar a fazer bagunça, eu mando embora, não quero nem saber... (Morador do final da Rua do Campo, pequeno produtor, proprietário de bar, 34 anos, casado)

Não há interdição de comparecimento ao bar, porque local público, mas os gostos e comportamentos dos fregueses privilegiados conduzem à seleção. Caso haja música, diferenciada da rotineira, salvaguardados a seleção musical e a ocupação diferenciada do espaço social, o fechamento fica, praticamente, condicionado a esse atrativo. A sonoridade rotineira se altera quando algum freguês deixa o capô do carro

---

<sup>111</sup> Essa interpretação que faço, especialmente a suposição da bebida, decorre de ter presenciado, a meu lado ou comigo, algumas vezes, pessoas bebendo e me oferecendo *um golinho de cachaça* do recipiente que carregava pendurado ao ombro ou de uma garrafa da bebida.

aberto com o som ligado ou o proprietário contrata uma aparelhagem especial e, muito raramente, música ao vivo.

Nesses bares, além do estado de embriaguez ser esperado ou naturalizado, a posição do consumo de cachaça ou outra bebida destilada é mais liberada, independentemente de gênero. Embora o maior consumo fique por conta da cerveja, os homens bebem cachaça sob forma pura ou frutificada (caipirinha) e as mulheres bebem quase sempre como caipirinha ou batida (muito embora, elas consumam a bebida pura, quando no recipiente particular e fechado). Mesmo que a embriaguez entre os freqüentadores seja uma possibilidade, condutas que perturbem tanto o proprietário como os fregueses não são toleradas, especialmente se *o embriagado* for um dos qualificados *bêbados* ou *pobres*. E diferentemente do que ocorre em um dos estabelecimentos qualificados como *bar de bebum*, aquele que se torna indesejado é compelido, de forma, em certas situações, moralmente agressiva, a *ir embora*, ou seja, sair das proximidades do bar.

Nesses casos, o espaço social do bar torna-se *locus* de interação social, de agenciamento do discurso social e muito mais de construção que de renovação das relações de amizade e/ou de intimidade, que tendem a perdurar na vida adulta.

#### V.1.1.c) Bar de homens e mulheres

Para os adeptos de modos de vida que valorizam sociabilidades mediadas pelo ato de beber, principalmente bebida alcoólica, os bares constituem espaços privilegiados de encontros, agendados ou não, especialmente nos finais de semana. No caso de Cascatinha: nos sábados à noite e nos domingos à tarde.

No sistema de qualificação dos estabelecimentos, existe também uma seleção no que tange aos princípios de gênero. Nos *bares de bebum* e *casas que vendem cachaça*, por exemplo, é socialmente vedada a permanência de mulheres. Todavia elas não se vêem impedidas de freqüentar e permanecer em bares locais. Contudo, se o sistema de controle em relação aos homens incide principalmente no grau de consumo do álcool e decorrentes comportamentos (no caso de abuso), sobre a mulher, especialmente a adulta, pesa também a escolha do estabelecimento a freqüentar.

Diante de tal situação, alguns bares adquirem a especificidade de espaço de prazer, proporcionado tanto pelo encontro com os amigos como pelo ato de consumir bebida alcoólica, socialmente autorizada à mulher. Entretanto, existe a ressalva da companhia: que seja do sexo masculino, feminino ou mesmo como amiga e/ou visitante da “dona” do bar. Note-se bem: *a dona*. Ou seja, se ela estiver sozinha, a condição primeira é mulher no balcão, com quem pode conversar sem pôr em risco a moral. O importante é a mulher estar acompanhada. E caso não seja pessoa do mesmo sexo - na maioria das vezes, as mulheres compareciam ao bar acompanhadas umas das outras - para evitar constrangimentos, é melhor que o acompanhante seja parente muito próximo, cônjuge, namorado ou socialmente reconhecido como homossexual. Em espaços como esse, entrelaçam-se, além das relações de amizade, as de parentesco, de vizinhança, de trabalho. Além disso, constituem-se em importantes espaços de socialização das crianças, que muitas vezes estão na companhia da mãe ou do pai, em forma de sociabilidade, mediada tanto pelo consumo de bebidas como pelas conversas e brincadeiras próprias ao espaço social do bar.

Nesse tipo, aqui designado como *bar de homens e mulheres*, enquadram-se três estabelecimentos do povoado: Bar da Beatriz, Bar da Ilda Carioca e Bar do Souza e Paulina. Todos localizados após a praça, numa das partes com menor tempo de povoamento. Estes bares constituem um tipo muito recente em Cascatinha, tendo como proprietárias pessoas de fora da linhagem dos *ricos* do lugar. Uma é moradora antiga no povoado e participa ativamente da Associação de Moradores e de campanhas políticas. A outra veio *de fora* e é a pessoa que administra o estabelecimento (o marido cuida de outro bar na cidade sede do município). Esta última trabalhava com bar onde morava e reimplantou no povoado a atividade do *forró* com música ao vivo<sup>112</sup>. Os dois, identificados pelos nomes das proprietárias, foram construídos enquanto eu permaneci em trabalho de campo. O *bar do Souza* é o mais antigo dos três. Ele também é *gente de fora* e também trabalhava com bar no lugar de origem. Paulina, a esposa de Souza, é parenta do esposo de Ilda. Ambos moravam no Rio de Janeiro.

Além desses bares, há também um trailer na praça, em frente à igreja católica, com peculiaridades semelhantes (Foto 24). Estava, na ocasião do trabalho de campo,

---

<sup>112</sup> Ela é prestigiosamente identificada pela cidade de onde veio para Cascatinha: Rio de Janeiro. Assim, os moradores acrescentam ao seu nome o qualificativo *carioca*. Este era o termo empregado para diferenciar ou identificar pessoas que, nascidas e oriundas do Rio de Janeiro, não contam com laços sanguíneos com moradores do povoado. Os maridos de Ilda e Paulina, por exemplo, viveram muitos anos naquela cidade, mas não recebem esse qualificativo.

arrendado por uma trabalhadora assalariada, que o mantinha aberto somente em tempo do não-trabalho. Em dias de festa no povoado, costumava ficar aberto até a madrugada. E seus freqüentadores eram tanto homens como mulheres, jovens ou adultos, assalariados ou produtores, que ocupavam também alguns bancos da praça próximos ao estabelecimento.



**Foto 24.** Ocupação do trailer em dia de festa na Igreja Católica (2006)

O reconhecimento de que esses bares podem ser freqüentados por pessoas de ambos os sexos e de variadas gerações se deve ao fato de serem identificados por uma atribuição lúdica, mas principalmente à gestão de alguns deles por mulheres e por formas de comensalidade (mediadas por tira-gostos preparados na hora) não praticadas nos outros estabelecimentos. Além disso, cada um deles conta com espaço reservado. Este costuma ser ocupado por grupos de pessoas freqüentadoras que organizam um churrasco, levando a comida e comprando a bebida no bar ou, simplesmente, por aqueles que chegam primeiro ao estabelecimento e ali permanecem agregando amigos.

Os três estabelecimentos contavam, desde o início do negócio, com o apoio da distribuidora de cerveja (anteriormente citada) na garantia da geladeira para as bebidas geladas. Este é um fator de grande importância, considerando a origem social dos proprietários e seu alto custo, principal elemento material para esse tipo de bar. E os dois, inaugurados durante o trabalho de campo, em espaço de tempo menor que doze meses, ampliaram o espaço físico. Acrescentaram banheiros e expandiram tanto a quantidade de mesas como a pista para dançar.

O principal atrativo desse tipo de bar é a contratação de músicos para a promoção de forró. Todavia, um deles predomina com essa atividade. Os outros somente o fazem em dias de festa no povoado ou quando a costumeira não o faz (segundo Paulina, isto se deve ao fato de não querer concorrer com Ilda). Portanto, bares autorizados a uma permanência duradoura de mulher são aqueles para dançar e ficar. Somente um deles abre todos os dias em qualquer hora do dia (Souza), mas é o que menos oferece o espaço para o ato de dançar. Esses são, também, os bares com maior número de mesas e cadeiras e os únicos que oferecem para comer, além de salgados já prontos, porções de *tira-gosto* a pedido do freguês.

Durante o dia ou nas noites sem forró, quando o aparelho de TV não está ligado, o de som está sempre atraindo atenção. Seus frequentadores são pessoas de ambos os sexos, de diversas idades, principalmente trabalhadores assalariados (adultos). Nas noites de sexta-feira, sábado e domingo, se há música (ao vivo ou não) para dançar, há também grande frequência de jovens assalariados, além dos adultos costumeiros. Nesse sentido, eles concorrem com os bares dos jovens, privilegiados tanto pelos jovens como pelos considerados adultos qualificados como *ricos*. Na posição de produtor, eram mais assíduos os jovens que ainda não haviam adquirido a autonomia necessária para sair do povoado.

No tempo dedicado ao *forró*, principalmente com música ao vivo, o interior do estabelecimento era partilhado entre músicos e dançantes, com uma maior concentração de pessoas de ambos os sexos. Os homens adultos variavam entre aqueles na posição de trabalhador assalariado e de produtor. Por vezes, ao mesmo tempo, por vezes em tempo diferenciado. As mulheres eram trabalhadoras assalariadas. Os jovens formavam grupos na rua em frente ao bar. Alguns dançam no interior (espaço físico pequeno) e outros dançam na rua, entre os grupos que se formam. Tanto jovens como adultos costumavam dançar e, por vezes, também crianças, quando acompanhavam as mães ou, mesmo, sozinhas. O caso das crianças dançando tornava-se mais comum nas tardes de domingo, mas não era raro acontecer no sábado nas primeiras horas da noite. Todavia, são as pessoas em idade considerada adulta que mais se dedicam ao ato de dançar e também consumir bebida alcoólica.

A bebida mais consumida nesses bares é a cerveja, seguida de refrigerante e bebidas quentes, sendo a embriaguez aceita, especialmente no tempo dedicado ao *forró*. No caso de alguém ultrapassar os limites socialmente estabelecidos para o ato de beber, a ponto de criar constrangimentos físicos, é conduzido para fora do ambiente. Em situações

de constrangimento moral (embriaguez de mulher, gestos sensuais em público, consumo de droga ilícita), o(a) praticante torna-se alvo de conversas e de acusações, além de estimular comparações do bar palco da situação com os considerados tradicionais (de propriedade dos *ricos*). Geralmente a conduta condenada era atribuída, por expressões do tipo: “*ficava se esfregando em todo mundo*”, “*faltava pouco fazer outras coisas*”, “*daqui uns dias o bar vai fechar senão vira zona*”.

Se algum dos qualificados *bêbados* entra no estabelecimento e pratica algum incômodo aos músicos ou dançantes, alguém lhe oferece uma bebida e o conduz para fora, sem constrangimento. Caso contrário, ele pode ficar no ambiente enquanto estiver aberto, mesmo que sob auto-isolamento. Não é raro ver algum deles, sentado em uma cadeira no canto do bar ou na calçada, cochilando ou com um copo na mão, aguardando ofertas de bebida. Entretanto, eles não permanecem por longo tempo. Alguns brincam ou fazem chacota com eles. Estes não dançam, seja porque não se encontram em condições físicas apropriadas, seja porque as mulheres se negam a dançar com homens em estado de embriaguez, que esteja perdendo o controle tanto sobre o corpo como sobre sua conduta.

#### V.1.2. *Butiquim*: consumo de bebidas quentes e valoração do tempo livre

O termo *butiquim* ou *botequim* em vasta literatura aparece sob uma grande diversidade de concepção. Em textos não-acadêmicos, na maioria dos casos, encontra-se numa forma romanceada de referir-se a determinados tipos de bar como *botequim*. Destaco aqui uma declaração que resume tal tipo de visão:

Botequim é um templo onde solitários se sentem acompanhados com seus copos, pensando... pensando... ou padreando com um amigo, ou numa roda de camaradas de copos.

Nada melhor do que uma amizade de boteco, porque os amigos não se visitam nas respectivas casas e nenhum pede para assinar fiança ou dinheiro emprestado. Só falam de mulher, futebol, samba e política, sem discutir de forma tensa, visto que ninguém vai a um boteco para esquentar a cabeça. Amigos de bar são como amantes recentes: um quer agradecer o outro e não discordam nunca. (Martinho da Vila, 2005)<sup>113</sup>

---

<sup>113</sup> In, LUZ, 2005. *Manual de sobrevivência nos butiquins mais vagabundos*.



Declarações ou definições como esta permeiam também estudos dedicados à compreensão de comportamentos em bares qualificados como botequim, especialmente em situações urbanas e, muito comumente, na cidade do Rio de Janeiro. Tal é o caso, por exemplo, da análise construída por THIAGO DE MELLO (2003), cujo título é bastante sugestivo: *Pendura essa: a complexa etiqueta de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro*.

No entanto, se a análise busca significados para tão complexo espaço de estabelecimento de relações, a definição não parece simples. MACHADO DA SILVA (1978) demonstrou que para conceituar o botequim seria necessária a elaboração de uma tipologia completa dos estabelecimentos que vendem bebidas. E, no intuito de explicitar a qual tipo se referia em seu trabalho, escreveu:

... as características do botequim aqui apresentadas se referem à *maioria dos freqüentadores constantes*. Assim, por exemplo, podem acontecer casos isolados de fregueses de classe média no botequim. É comum haver entre os fregueses um certo número com um interesse específico quase obsessivo (...). E há um sem número de operários que, ao regressar do trabalho, passam invariavelmente pelo botequim, permanecendo apenas o tempo necessário para ingerir um cálice de bebida. Mas todos esses casos não chegam a influenciar o “ethos” do estabelecimento, que é sempre moldado pela e para a maioria dos fregueses constantes. (1978: p.163).

Sob esta perspectiva, poderiam ser enquadrados todos os bares do povoado, mas, para a população local, apenas dois estabelecimentos, situados no Morro Velho, são qualificados como *butiquim*. Ambos estavam situados na beira da estrada vicinal que interliga as residências no referido morro e eram freqüentados por trabalhadores assalariados, majoritariamente negros, que habitam o local e passam pelos estabelecimentos na ida e vinda ao povoado ou ao trabalho.

Os proprietários desses estabelecimentos são também trabalhadores assalariados e comercializam apenas bebidas (alcoólicas e refrigerantes). Eles, recorrentemente, abrem somente nos horários de não-trabalho. E têm seu espaço de comercialização no quintal de suas residências. Um deles mantém uma mesa de sinuca.

Nesses *butiquins*, a embriaguez é esperada e tolerada. Eles são freqüentados majoritariamente por homens, mas também servem de ponto de fornecimento de bebida, mais próximo da população do Morro Velho, especialmente para as mulheres que costumam beber em casa. Dessa forma, também elas deixam de se expor ao controle exercido pelos moradores do centro do povoado.

### V.1.3 *Casa*<sup>114</sup> que vende cachaça: consumo de bebidas quentes e valoração do bebedor de passagem

Dois estabelecimentos enquadram-se nessa especificidade de venda exclusiva de bebidas destiladas ou *quentes* (cachaça, conhaque, catuaba). Um fica aberto somente durante o dia, mas sem dia certo, porém permanece mais aberto que fechado (Nezinho). O outro só abre em horários do não-trabalho, quando abre (Valdemiro). Eles funcionam em local de menor circulação de pessoas, mas nem por isso deixavam de ser alvo de atenção por parte dos moradores. Como adotam a singularidade de vender apenas bebidas quentes e não prestam outro tipo de serviço, são identificados como *casa*, porque se trata de imóvel residencial cujos familiares agregam à formação do rendimento os lucros obtidos nesse comércio. Eles são freqüentados somente por homens, especialmente aqueles que, bebendo sozinhos, seja por tempo relativamente alongado, mas principalmente na passagem do trabalho para a casa, valorizam o consumo em si. São, por isso, qualificados pelos moradores de *bêbados*. À guisa de melhor compreensão, apresento os exemplos:

Um dos proprietários desse tipo de estabelecimento (Nezinho) tem 68 anos, é solteiro, aposentado e vende somente bebidas quentes no espaço do imóvel destinado à sala de visitas. Tanto o parco mobiliário como o balcão, as bebidas e as relações ali entretidas misturam-se na sala-bar. Nesse espaço social, os freqüentadores costumam chegar, tomar uma dose de bebida e ficar conversando com o proprietário ou outros fregueses. Ou, entrar, beber e sair da sala, acomodando-se sozinho, com os amigos e/ou com o dono da casa-bar num banco de madeira em frente à cerca, que estabelece um curto espaço entre a rua e a casa.

No mesmo loteamento onde está a casa de Nezinho, encontra-se outra casa que se enquadra nesse tipo de estabelecimento: de seu Valdemiro. Ele também é aposentado, mas é casado e está com 64 anos. Junto com um genro, que mora na mesma casa e é trabalhador assalariado, gere o negócio que complementa o rendimento familiar. E como na *casa de Nezinho*, uma cerca de bambu delimita e identifica o espaço como casa, diferentemente dos bares locais que não têm cerca. No entanto, apesar de a venda de bebida ocupar o espaço

---

<sup>114</sup> Emprego o termo *casa* em função da forma de identificação desses estabelecimentos por parte dos moradores.

reservado ao quintal, há uma reserva quanto à sala da casa, marcando a diferença entre um homem que vive sozinho e um homem casado.

## **V.2 As vendas: reprodução de formas tradicionais de comercialização de bebida**

As vendas, como destacado anteriormente, constituem os estabelecimentos comerciais mais antigos no povoado. Dos três estabelecimentos assim qualificados e destacados por venda de bebidas, todas comercializam produtos de mercearia, perfumaria, padaria, material de construção, ferragens, material agrícola e gás. E costumam ser abertas por volta de sete horas da manhã, fecham entre doze e quatorze horas e reabrem à noite, geralmente mudando a pessoa responsável pelo balcão. No tempo do trabalho, ou seja, durante a manhã e parte da tarde, uma mulher é responsável pelo balcão e no tempo do não-trabalho, um dos filhos ou marido a substitui. Ambos os estabelecimentos são transformados em bar nos horários noturnos, sem que significasse que durante o dia deixassem de ser usadas também para consumo de bebidas.

A diferença mais acentuada entre o tempo/espço venda e o tempo/espço bar aparece nas maneiras de beber. Durante o dia, geralmente as pessoas passavam pela venda, entravam, pediam uma dose de cachaça ou conhaque ou cerveja, bebiam e saíam. No horário noturno e nos finais de semana ou feriados, a freguesia costuma permanecer um pouco mais no ambiente, numa reunião entre amigos, jogando, assistindo à TV ou mesmo tomando uma cerveja enquanto conversa com quem está no balcão.

Nesse caso, as bebidas são expressivamente hierarquizadas. Durante o tempo do trabalho, a cachaça tem maior aceitação, na medida em que é a preferida para um *trago* rápido. E no tempo do não-trabalho, a cerveja assume a liderança, segundo declaração dos proprietários. Isto não significa, no entanto, que uma ou outra deixe necessariamente de ser consumida nesses tempos prioritários. Poder-se-ia dizer que a cerveja é a bebida dos domingos e feriados, e a cachaça do cotidiano.

### V.3 O consumo de bebidas alcoólicas: atos em si?

Levando em conta esse conjunto diversificado de lugares de consumo de bebidas alcoólicas, todos, pode-se reafirmar, são freqüentados e incorporados para constituição de espaços de sociabilidade sob conteúdos diferenciados, conforme o ciclo de vida, os produtos que oferecem, o gênero e os estratos sociais. Todos eles perpassados por noções de tempo e espaço, tanto quanto pelo olhar sobre quem bebe, quando bebe, o que bebe, como e onde bebe. Como recurso de distinção etnográfica, analisei as formas diversas separadamente, mas devo reconhecer que metodologicamente uma não exclui a outra. Muito pelo contrário, seus conteúdos se entrelaçam, se ajustam, se interconectam, construindo e reconstruindo significações não só para os estabelecimentos, como para aqueles que os freqüentam.

Considerando o ciclo de vida socialmente qualificado como infância, as vendas e bares mais comumente freqüentados por crianças, não importando o sexo, eram os estabelecimentos que estavam ao seu dispor no tempo do trabalho ou da escola. As crianças comparecem a esses estabelecimentos para o consumo de algum tipo de alimento rápido, sob a forma de doces, balas, biscoito ou salgados e bebida como refrigerante ou algum refresco. Dificilmente, nessas investidas, elas permaneciam na venda ou bar, especialmente se estão sozinhas. Tal procedimento geralmente ocorre na passagem do tempo da escola para o tempo não-escola e vice-versa ou quando recebem algum *trocado* de alguém, seja por um *favor* prestado, seja por um agrado de alguém mais velho. Também comparecem sob o comando de algum adulto, geralmente os pais, avós, tios ou irmãos mais velhos. Nessa situação, a forma mais comum é ir à venda para *pegar* o produto, sem carregar dinheiro. O valor da compra é *anotado*, recaindo sobre algum gênero alimentício, material de limpeza, perfumaria, bebidas ou cigarro. Dentre as bebidas mais comuns estão o refrigerante, cachaça e cerveja. Para a compra da cachaça, as crianças comparecem com um recipiente vazio. Quase todos os estabelecimentos mantêm um depósito de plástico ou madeira com a bebida para ser vendida no varejo e consumida em casa.

Há, ainda, a possibilidade de as crianças permanecerem no espaço do bar em companhia de algum familiar, no caso de estes constituírem grupos para usufruir do tempo do não-trabalho nesse espaço. Nessa situação, embora a criança não permaneça sentada, mas brincando com outras no entorno do bar ou da mesa ocupada por seus responsáveis,

geralmente, além de beber refrigerante, ela partilha algum petisco com as demais, acompanhando as maneiras de mesa apresentadas por seus responsáveis, que, na maioria dos casos, consomem bebidas alcoólicas. Por essas possibilidades de apropriação do espaço, a criança adquire o aprendizado da autonomia em relação aos pais, expressa na incorporação de regras básicas do comportamento adequado ao espaço do bar.

Quanto aos clientes enquadrados na fase da vida qualificada de adolescente, eles costumam freqüentar os bares em grupos, especialmente os que contam com mesas e cadeiras para os fregueses. Quando procuram sentar-se para tomar algum refrigerante e/ou comer algo, enquanto conversam, *paqueram* e fazem brincadeiras uns com os outros. Se nenhum deles conta com dinheiro para comprar algo, permanecem no entorno do bar, especialmente aqueles nos quais há algum tipo de música com o som alto.

Legalmente, jovens com idade inferior a 18 anos não podem consumir bebidas alcoólicas. No entanto, como destacado em item anterior, alguns deles, às vezes, carregam um recipiente com cachaça; ou um deles, com maior idade, entra no bar e compra a bebida, principalmente cerveja. Assim, mesmo que não estejam no espaço físico do bar, eles vivem o espaço social, que assim constitui uma extensão deste espaço.

Os limites dos padrões de conduta dos moradores me impediram de conhecer os temas de conversação nos bares, mas não de perceber o estado de descontração e as formas de convivialidade e solidariedade constituídas entre eles, como *tempo da diversão*. Geralmente esses encontros acontecem à noite e nos finais de semana, significando serem estes os momentos em que estão socialmente autorizados a viver esse estado.

Aos jovens, portanto, se o consumo de bebidas alcoólicas está legalmente interdito, na prática eles bebem, quer o dono do bar venda as bebidas diretamente para eles ou não. Na fase da vida em que as pessoas são qualificadas de jovens, o consumo de bebidas alcoólicas, nas sociedades ocidentais, constitui uma prática estruturante da sociabilidade que se entretém num contexto em que ocorre o alongamento do tempo da aquisição de atributos da maturidade (FREYSSINET-DOMINJON e WAGNER, 2003). Para esses autores, o consumo de bebidas alcoólicas pode ilustrar essa passagem, demonstrando a descoberta do álcool e da embriaguez, segundo a elaboração de um sistema original de regras de comportamento, de sistemas de crenças em que se organiza socialmente esse consumo.

Sob tal aspecto, o ato de consumir bebidas alcoólicas entre os jovens não aparece sem limites. Eles próprios e os moradores se encarregam de estabelecer as regras e o

controle sobre os estados de embriaguez, já que esta era, inclusive, esperada entre aqueles que bebem. Um dos entrevistados, de 17 anos (já destacado anteriormente), tratou logo de dizer: “ *Muitos colegas bebem, mas de cair não.*”

Os qualificados de jovens (entre 15 e 30 anos, aproximadamente) costumam também freqüentar e permanecer no bar em momentos distintos. Um deles é o momento da passagem do tempo de trabalho para o tempo livre ou do não-trabalho, quando, ainda com roupas e/ou instrumentos de trabalho, eles, especialmente os homens, passam por um dos bares e bebem algo, mais uma dose de cachaça e menos uma cerveja. A cachaça, nesse momento, era consumida solitariamente ou de forma rápida, mesmo que acompanhado. Quanto à cerveja, ela demandava um pouco mais de tempo, fosse sozinho, fosse acompanhado.

Outro espaço de sociabilidade que se constitui entre os homens, jovens ou adultos, diz respeito à permanência no interior do bar. Por vezes, algum deles permanece durante um espaço de tempo acompanhado somente do dono do bar, até que se forme um grupo. Isso geralmente ocorre entre os trabalhadores assalariados ou entre aqueles que residem no Morro Velho, nas primeiras horas da noite, a partir do momento da passagem do trabalho para casa, ou do tempo de trabalho para o tempo livre. Todavia, entre os produtores ou aqueles que residem próximo aos estabelecimentos comerciais, o agrupamento no bar acontece após ter passado em casa.

Nos dias de trabalho, é mais comum ver homens numa dessas situações de permanecer no bar, especialmente à noite e para inquietação das mulheres, que os aguardam em casa. A maioria dos que praticam esse *costume* bebe e retorna para casa sob algum grau de embriaguez. Dificilmente os homens que permanecem nos bares, nos horários noturnos ou no tempo do não-trabalho, ficam sem consumir alguma bebida ou sem jogar ou assistir a uma partida de sinuca.

Nos finais de semana, quando todos os bares permanecem abertos, além dos homens, é mais comum a presença de mulheres, em alguns casos acompanhadas de outras mulheres e/ou de crianças. Em outros casos, em grupos mistos. Os casos variam conforme o bar, a posição social das mulheres e o horário. Do mesmo modo, são diversificadas as bebidas como as maneiras de beber entre as mulheres. A maioria delas, independentemente da posição social ocupada, bebe cerveja nos bares e em público, mas algumas costumam consumir também cachaça, sempre dissimuladamente, seja como caipirinha seja pura, porém de forma reservada.

A partir da fase adulta, as pessoas que costumam freqüentar os bares já se encontram integradas aos espaços escolhidos ou preferidos ou, ainda, socialmente autorizados ou aceitos. Alguns homens circulam pelos bares desde que estejam abertos. Outros têm o costume de freqüentar somente um ou dois bares. Todas as noites, com exceção dos dias muito frios, há sempre algum homem em cada bar. Já a presença de mulheres é menos comum, salvo nos finais de semana ou em situações extraordinárias como nos dias de festa no povoado.

São os homens nesse ciclo da vida que mantêm os bares e as mesas de sinuca ocupadas durante as noites, de domingo a domingo. Mesmo nos dias de sábado e domingo, o movimento nos bares, durante o dia, não corresponde ao noturno, inclusive nos bares onde mais freqüentemente se concentram os consumidores de bebida que guardam preferência pela *cachaça* ou *pinga* e/ou um jogo de sinuca ou cartas de baralho.

Se existe um tempo para os jovens começarem a freqüentar os bares, existe também para os adultos deixarem de freqüentá-los. Não é comum ver os homens considerados os mais antigos do lugar circulando ou permanecendo por longo tempo nos bares. Caso desejasse encontrá-los *casualmente*, seria bom circular pela manhã ou à tarde, pela praça ou pelo campo de futebol, que contam com bancos. Um senhor de 78 anos, morador da praça, proprietário de terra e do imóvel da padaria (administrada por um de seus filhos), certo dia me parou e conversamos. Dentre os diversos assuntos abordados, ele declarou em tom de reclamação:

- Velho não tem lugar"... - Eu não fumo, não jogo e não bebo mais, por causa da saúde. Se vou para um bar, os mais jovens não me dão atenção. Ninguém quer conversar com velho. Então o que eu vou fazer lá?

Este *homem sem lugar* assim se declarou pela referência à permanência no bar. E sob esse aspecto, dois estabelecimentos são identificados como espaço social de velhos. Ambos localizados em frente à praça. Um reconhecido como bar e o outro como padaria. O dono do bar (com 72 anos) não tem hora certa para abri-lo ou fechá-lo, dependendo mais da sua disposição física. A venda de mercadorias não é atividade exclusiva. O proprietário costuma sentar-se em um banco de madeira, situado na praça. Ali permanece à espera de fregueses e contando também com a companhia de amigos, principalmente no mesmo ciclo de vida que o seu.

Para o senhor que chamou atenção sobre o lugar dos velhos, como para muitos outros homens, ser homem e *ter o bar como espaço social* significa praticar atividades inerentes às formas de sociabilidade constituídas nesse ambiente, que implicam fumar, jogar, beber e conversar.

Sob esse ponto de vista, partilhado por grande parte dos moradores de Cascatinha de ambos os sexos, a sociabilidade masculina, especialmente em contextos como o do povoado, tem como um dos espaços mais privilegiados o bar, não por acaso, também considerado espaço por excelência para o consumo de bebidas alcoólicas.

Todavia, não são todos os homens que freqüentam os bares, como não são todos que os freqüentam que bebem. Muitos não o fazem por princípios religiosos ou outro tipo de afiliação institucional. Além daqueles que se enquadram como *velhos* nos termos apresentados por esse senhor, os afiliados à Assembléia de Deus e ao Grupo de AA, por exemplo, não costumam fazê-lo no sentido aqui analisado. O *crente* passa pelo bar, mas ficar no bar é coisa de *descrente*.<sup>115</sup> Outros preferem juntar-se nos bancos ao redor do campo de futebol, na praça ou mesmo ficar em casa com a família ou com amigos.

A maioria dos freqüentadores assíduos dos bares do povoado está na posição de trabalhador assalariado, até porque eles também constituem a maioria da população. O que não significa dizer que aqueles na posição de produtor fiquem em casa ou não freqüentem os bares. Eles também saem para os bares, mas a exposição pessoal aparece diferenciada, da mesma forma que o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Como destacado anteriormente, a maioria dos proprietários dos bares são parentes entre si e dos fregueses (em alguns casos, muito próximos). Em situações como essa, tanto o ato de consumir como o ato de vender bebidas alcoólicas em excesso está sob controle moral dos habitantes.

Embora esse controle seja constante, há momentos nos quais ocorre afrouxamento das regras cotidianas, e consumir bebidas alcoólicas torna-se parte indissociável da vida social para aquelas pessoas cujos princípios de afiliação que organizam sua vida não interditam a bebida. Em Cascatinha, esses momentos se exprimem nas festas ou atividades públicas, ou seja, tanto fora dos domínios doméstico e religioso, como das regras próprias aos *bares*.

---

<sup>115</sup> *Crente* constitui a forma de identificação dos moradores afiliados à denominação religiosa Assembléia de Deus. Tanto eles mesmos como os não-afiliados se utilizam do termo para identificá-los. Entretanto, se o não-crente o emprega de forma, às vezes, pejorativa, os assim identificados o empregam com orgulho do pertencimento. Na situação do emprego do termo *descrente*, a utilização é unilateral. Somente os *crentes* o empregam para enquadrar todos aqueles que não comungam do seu mesmo universo de significação.



A bebida assume, pois, um importante valor simbólico nas redes de relações que se dão nesses espaços, que são os bares. Isso significa, evidentemente, que nas condições das relações sociais no povoado, os bares tornam-se centro de atenções. Neles constituem-se diferentes sociabilidades, mas não somente por razão do ciclo de vida ou de uma certa maneira de ver o tempo cronológico, mas de viver uma temporalidade marcada pela memória, pelo conversar.

A conversa que se dá no bar, atualiza, pela sua forma de comunicação direta, todo o currículo de relações entre os interlocutores e entre os demais moradores. Ali se trocam informações sobre quem está traindo quem; quem está namorando quem; quem está produzindo o quê; quem não está produzindo; quem está saindo do povoado; quem está voltando. Ou seja, essa rede de bares permite que se vá construindo e reformulando relações, inclusive entre pessoas de diferentes posições sociais. Nesse sentido, o consumo de álcool pode ser benéfico até certo nível, depois pode ser problemático.

A questão é que a sociabilidade mediada pelo consumo de bebida alcoólica tensiona as emoções e pode também resultar em rupturas. Conforme chamou atenção NAHOUM-GRAPE (1991), em situações como essa, a noção de embriaguez assume duas dimensões: aquela do prazer no qual a consciência se perde e as regras parecem mais frouxas e aquela da intoxicação orgânica, que perturba o sistema nervoso e resulta em imprevisibilidades previsíveis.

## CAPÍTULO VI. BEBEDORES DESVIANTES: INTERNALIZAÇÃO DA ACUSAÇÃO E ESPAÇO DE AUTONOMIA

Tomar a questão do consumo de bebidas alcoólicas pela sociabilidade é não enfatizar o desvio, mas também é possibilidade de entendê-lo. Isto porque o desvio corresponde à norma. Então, como adverte GAUSSOT (2004: p. 84):

Não se pode entender o saber beber sem examinar as questões do desvio, ou seja, as representações sobre o desvio, para que se possa também entender a norma e como ela assim emerge. Portanto, parte-se de situações em que o consumo de bebidas alcoólicas tem uma positividade para entender as normas, ou seja, para entender as condições em que se deve ou se pode beber, condições essas mais bem reveladas por aqueles acusados de não corresponderem a esse padrão.

Para entender o caráter de acusação atribuído aos consumidores de bebidas alcoólicas que, a despeito de posição social e dos princípios que os agregam, têm em comum a forma de embriagar-se, fugindo ou ultrapassando as regras estabelecidas para o ato social de *beber*<sup>116</sup>, estou levando em conta as pessoas e também os atributos considerados comuns e naturais (GOFFMAN, 1988).

As pessoas que consomem bebidas alcoólicas de maneira socialmente considerada abusiva, porque submetidas a normas e etiquetas sociais que regulam os espaços de sociabilidade, aparecem associadas a termos que implicam acusação, alguns dos quais indicadores de investimentos morais, sob pena de exclusão desses espaços. Nesse sentido, os padrões de conduta que confirmam espaços de sociabilidade também constroem um sistema de acusação e, em decorrência, de controle de conduta social.

Assim como as maneiras de beber e as formas de sociabilidade são diversas e diferenciadas conforme o tempo, os espaços sociais e as pessoas que as praticam, os modos de condenação também sofrem diferenciações. Por isso, para a compreensão das formas de acusação deve-se, também, levar em conta as posições sociais tanto de quem acusa como de quem é acusado e como são construídas as acusações. Estou, assim, considerando uma hierarquização do estabelecimento dos excessos de consumo segundo as configurações dos princípios de inclusão/exclusão dos moradores do povoado pesquisado em foco.

---

<sup>116</sup> Estou empregando o termo *beber* aludindo ao ato de consumir bebidas alcoólicas.

Nele, todas as pessoas se conhecem (se não inteiramente, pelo menos por seus grupos de referências) e mapeiam a disposição geográfica das residências, ruas e estabelecimentos comerciais. Há visibilidades entre uns e outros, as relações sociais se estabelecem face a face e a conduta social dos moradores e/ou estranhos torna-se objeto de constante controle.

Sob domínio de relações interpessoais, os moradores constroem formas exacerbadas e, por vezes, jocosas de se classificar, especialmente diante de pessoas que, em decorrência do consumo freqüente de bebidas alcoólicas, embriagam-se: umas, em algumas ocasiões especiais; outras, em todas as ocasiões especiais (para si, na família ou no povoado); algumas, nos finais de semana; umas, diariamente, especialmente após o tempo de trabalho; e outras, diariamente, o dia todo.

As maneiras de beber dessas pessoas incitam outras, que não são necessariamente abstinências, a controlar sua conduta social por meio de termos acusatórios que, muitas vezes, as colocam na posição de estigmatizadas<sup>117</sup>. Os termos mais comumente empregados (*alcoólatra* ou *alcoólico*, *alcoholismo*, *bêbado*) para a qualificação do indivíduo que faz uso freqüente de bebidas alcoólicas, atingindo o estado de embriaguez, correspondem às categorias sociais encontradas tanto na extensa literatura dedicada ao tema, como no âmbito do senso comum.

No contexto da pesquisa, os excessos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas são socialmente qualificados pela etiquetagem de *alguém que bebe muito*, *bebum* ou *bêbado*, todavia, diferentemente liberado da alcunha de *alcoólatra* ou *doente*, salvo nas instituições destinadas à prestação de serviços que assim classificam as pessoas que *bebem muito*. Entretanto, há termos que, além de designar condenação da pessoa que pratica o ato de beber e embriagar-se, expressam e reforçam a degenerescência biológica: *fulano bebe muito* ou *morreu porque bebia muito*. Tais termos eram empregados recorrentemente pelos moradores para designar causas de estado de morbidez ou de morte.

A apreensão da significação desses termos, nesse estudo, deu-se pela constante classificação, por parte dos entrevistados e informantes, do ato social da ingestão de bebidas alcoólicas conjugado a comportamentos, dependendo de quem estava embriagado, como corretos ou incorretos, engraçado ou trágico. A forma como eles se referiam uns aos

---

<sup>117</sup> O termo estigma e seus derivados, como ensina GOFFMAN (1989), será aqui utilizado em referência a atributos profundamente depreciativos, “mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos.” (p. 13)

outros servirá como parâmetro para as interpretações até aqui apresentadas e para a análise a seguir.

## **VI.1 Sistemas genéricos de classificação dos excessos: acusação e auto-exclusão**

A análise dos termos de acusação pode revelar formas de construção social do comportamento aprovado em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. Assim, as maneiras socialmente consideradas abusivas de beber e os termos que qualificam as pessoas em estado de embriaguez podem servir como pólos negativos para referendar a positividade do *saber beber*. Um saber que implica uma etiqueta e uma moderação nos limites socialmente estabelecidos.<sup>118</sup>

### VI.1.a) *Alcoólatra e alcoolismo*

O termo *alcoólatra* no contexto da pesquisa designa situações extremas como casos de retomada do uso abusivo de bebidas alcoólicas após várias internações em decorrência desse consumo; casos de violência familiar; e casos em que as pessoas são apontadas como quem não tem outro interesse na vida senão o de beber.

Do ponto de vista de um produtor recém-chegado ao povoado, portanto sem longa convivência com os moradores, “*o alcoolismo é sério entre a população*”. Ele emprega o termo de forma generalizada, afirmando que é grande o número de *alcoólatras* na região e atribuindo o fato ao excesso de força de trabalho e decorrente desvalorização do valor da mão-de-obra pelos próprios trabalhadores.

É recorrente, entre os moradores do povoado, apontar - especialmente para estranhos nos quais vêem a possibilidade de conseguir algum serviço remunerado - *outros*

---

<sup>118</sup> Em seu estudo, GAUSSOT (2004) percebe que é mais comum os entrevistados, que bebem segundo etiquetas socialmente definidas, falarem do desvio, do alcoolismo e de alcoólatras do que da normalidade. Segundo o autor, tal atitude frente às maneiras condenadas de beber, consiste em afirmar diferença em relação aos outros, a partir da construção de uma identidade positiva para si, como pessoa moderada, que sabe beber, enquanto os outros, os desviantes, são despossuídos da sobriedade do *saber-viver*.

como *quem não tem compromisso com o trabalho porque bebe muito* ou colocar-se na condição de vítima porque *alguém na família vive bêbado*.

O emprego dos termos *alcoolismo e alcoólatra*, qualificando pessoas que *bebem muito*, aparece também entre alguns moradores que ocupam a posição social de produtores e, mais usualmente entre seus *parentes* que residem fora do povoado e são socializados em outros universos de significação. Na maioria dos casos de qualificação de algum parente, os avaliadores comentam que ele se recusa ao tratamento ou a frequentar reuniões de Alcoólicos Anônimos. Dois moradores comentaram comigo: “*Graças ao AA, fui curado do alcoolismo*”. Interpretei esta afirmativa como uma leitura singular dos princípios da instituição, visto que os adeptos de AA advogam a impossibilidade de *curar-se do alcoolismo* (GARCIA, 2004).

Além dessas pessoas, os termos aparecem também pelo enquadramento institucional dos *agentes de saúde*. Do ponto de vista das pessoas que ocupam essa posição, a classificação pelo termo *alcoolismo* depende muito menos do conhecimento que se tem sobre esse fenômeno do que o que se sabe sobre as pessoas, assim qualificadas nas fichas do arquivo do Posto de Saúde. Portanto, nesse caso, a classificação depende de quem qualifica e da visibilidade de uns sobre os outros. E o diagnóstico é dado pela quantidade, qualidade, maneira de beber e conhecimento personalizado que se tem das pessoas.<sup>119</sup> Em alguns casos, há aqueles que estão sempre *embriagados* e não constam como *alcoólico* na avaliação do *agente de saúde*<sup>120</sup>.

São avaliados pelos agentes de saúde como acometidos da doença do alcoolismo: 31 homens e 7 mulheres. Não se pode deixar de considerar que os números se referem a indivíduos acima de 18 anos, idade em que se institucionaliza legalmente a autorização para o consumo de bebidas alcoólicas. Isto significa, portanto, mais um limite para a análise, considerando que se observa este tipo de consumo entre jovens que ainda não atingiram esta idade.

Separei os números por local de residência e sexo por considerar esses dados significativos frente à diferenciação social apontada no capítulo I. Observe-se que o

---

<sup>119</sup> As pessoas que ocupam a posição de *agente de saúde* na localidade são: uma, neta da professora que inaugurou a escola, casada e produtora rural; outra, filha de proprietário/produtor (é responsável pelos núcleos residenciais dispersos nos arredores do povoado); e uma outra, filha de trabalhadora assalariada e meeira (é responsável pela atenção aos Morros Velho e Novo).

<sup>120</sup> Nessa situação, encontrei duas pessoas que são qualificadas como *bêbadas* por uns e *alcoólatras* por outros, mas não aparecem nas fichas como tal. Uma delas nem mesmo consta no documento. Interpretei esta situação pela posição social da família dessa pessoa, família considerada das mais *tradicionais* no lugar.

número de mulheres representa cerca de 20% da população assim qualificada. Entre esta população total, a maior incidência recai sobre as pessoas entre 40 e 50 anos e, especialmente, nos locais de residência de maior concentração de trabalhadores assalariados. Os números referentes às ruas do Campo, Principal e Praça (maior concentração de produtores) representam, na maioria dos casos (4), também trabalhadores assalariados.

Para melhor apreensão do que pode representar estes números em termos percentuais entre a população que, supostamente, está apta (se não legalmente, pelo menos observada na prática) a consumir bebidas alcoólicas, apresento a Tabela 7.

**Tabela 7. População entre 16 e 79 anos por local de residência**

Local de residência	Entre 16 e 79 anos		
	M	F	<b>Total</b>
Morro do Meio e Rua de Baixo	83	76	<b>159</b>
Rua do Campo	18	15	<b>33</b>
Praça da Matriz	31	31	<b>62</b>
Rua Principal	17	19	<b>36</b>
Morro Novo	50	40	<b>90</b>
Morro Velho	62	66	<b>128</b>
<b>Total</b>	<b>261</b>	<b>247</b>	<b>508</b>

Fonte: Fichas Sistema de Informação de Atenção Básica – Secretaria Municipal Saúde.

Em termos percentuais teríamos, no momento da pesquisa, 7,48% da população institucionalmente classificada como alcoólica: 6,10% de homens e 1,37% de mulheres. Esses números acompanham a média nacional estabelecida pelas estatísticas apresentadas por instituições de pesquisa no país.<sup>121</sup> Portanto, contraria a idéia de senso comum de que a incidência de *alcoolicismo* entre a população rural é muito maior que nas *cidades*.

Da mesma forma, a incidência, de acordo com as especificidades dessa classificação, recai sobre a população de trabalhadores assalariados, representando aproximadamente 79% dos qualificados como *alcoólicos* pelos agentes de saúde local. Este

<sup>121</sup> Cf. reportagem baseada em pesquisa realizada pela Secretaria Nacional Anti-Drogas em parceria com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo. Revista *ISTO É*, n. 1978, ano 30, setembro de 2007: 16-19.

índice perde expressividade, posto que este segmento representa aproximadamente 75% da população acima de 16 anos.

Nesse sentido, os termos *alcoolismo e alcoólico* abarcam situações diversas e oscilam segundo quem avalia, conforme as condições sob as quais o outro bebe e apresenta atributos de *desvio* dos valores de um *saber viver*, infringindo as regras de convivência social aceitas pelos avaliadores<sup>122</sup>. Essas pessoas, quando indagadas sobre os critérios de classificação, respondem: “ *Não sei dizer. Quando ocupei o cargo, já estava lá. Tem uns que bebem muito e não estavam lá e outros que nem bebem tanto e estavam...*” (Moradora da Rua Principal, 33 anos, solteira, agente de saúde).

Portanto, em alguns casos não há margem de dúvida, especialmente sobre aqueles que *bebem muito*. Isto significa, na concepção desses avaliadores, aquelas pessoas que amanhecem o dia bebendo, bebem o dia todo e dormem bebendo. O critério principal seria, então, o consumo contínuo de bebidas alcoólicas. Quanto àqueles que se assumem alcoólicos pela adesão ao Grupo de AA também não aparecem na classificação das agentes de saúde como *doentes do alcoolismo* (três homens). Indagada sobre a questão, uma das agentes respondeu imediatamente: “ *É porque eles não bebem mais.*” O diagnóstico, portanto, recai como maior peso sobre o comportamento não sobre atributos médico-científicos.

#### VI.1.b) *Bêbado*

O termo *bêbado*, no contexto da pesquisa, é empregado geralmente para designar alguém que em freqüente estado de embriaguez torna-se alvo de brincadeiras, de vergonha para a família ou outro grupo de referência e/ou fica incapacitado de exercer determinadas atividades em público.

A despeito de o consumo de bebidas alcoólicas em grande quantidade aparecer sempre como um dos elementos nas festas de Congada, especialmente nas análises de

---

<sup>122</sup> Sobre a questão de qualificação por comportamentos avaliados como *desvio*, BECKER (1996) e VELHO (1974) produziram análise importantes.

BRANDÃO (1978 e 1985), COUTO (2003) e BORGES (2005)<sup>123</sup>, no contexto da pesquisa, este consumo é interdito. Destaco três aspectos que contribuem para esta especificidade: a) o respeito ao mestre da Banda de Congos, que também é membro e coordena o Grupo de AA local; b) ficar *bêbado* aparece como uma das formas de fugir às normas que identificam um bom *congo*; e c) além de constituir riscos à imagem do grupo<sup>124</sup>, posto que em estado de embriaguez, o controle sobre o corpo fica prejudicado e, em decorrência, não consegue acompanhar os ritmos e movimentos exigidos na atividade.

Por preocupações semelhantes, *bêbado* também é qualificativo atribuído às pessoas que deixam de ser convidadas para festas nas casas, porque *arranjam confusão* – comentam os entrevistados. Referir-se ao *bêbado* dessa forma significa que, nas festas, pelo menos nas casas dos entrevistados ou naquelas que eles freqüentam, o consumo de bebida não está interdito, sendo inclusive esperado, desde que se mantenha o controle, mesmo que parcial, sobre o corpo e não se quebrem as regras morais e de etiqueta.

Além disso, as pessoas qualificadas como *alcoólicas* ou *alcoólatras* pelos agentes institucionais anteriormente destacados são classificadas pelos moradores, de uma maneira geral, como *bêbadas*. Por essa perspectiva, algumas peculiaridades são evocadas para classificar alguém como *bêbado*: bebe muito, é chato e fica perturbando as pessoas quando está embriagado, vive com mau cheiro e pela rua, não faz nada na vida, anda cambaleando e bebendo o dia todo, come à custa dos outros, às vezes fica violento e bate na mulher ou outra pessoa da família, vive dando desgosto à família, conhece as casas onde vendem cachaça para beber quando o *bar dos bebuns*<sup>125</sup> está fechado.

Por tudo isso, afirmam os entrevistados, o *bêbado* deixa de praticar as habilidades adquiridas como: pedreiro, cozinheiro, barbeiro, carpinteiro (entre as mais citadas) e homem. A referência às habilidades masculinas aparece quando a pessoa embriagada carrega também o estigma de homossexual. Nesse caso, ao termo *bêbado* são acrescentadas práticas e qualificativos como: ficar dando espetáculos na praça, fazer besteiras na rua, provocar brigas, jogar dinheiro fora (no sentido de liberar dinheiro para atrair jovens rapazes).

No caso das mulheres, a condição de *bêbada* é recorrentemente evocada para justificar comportamentos não esperados em pessoas do sexo feminino, como: dançar e

---

<sup>123</sup> Nos estudos realizados por estes autores, destaca-se a importância do consumo de bebidas alcoólicas entre os participantes das festas organizadas pelas Irmandades da N. Sra. do Rosário nos Estados de Goiás e de Minas Gerais.

<sup>124</sup> Quanto a essa especificidade da *Congada* no povoado, trato no capítulo dedicado às festas.

<sup>125</sup> Forma como alguns moradores se referem a um dos bares freqüentados majoritariamente por homens.



fazer escândalo no meio da rua, inclusive brigar com o marido ou com outra mulher por causa de homem, colocar as pessoas para correr da sua casa. Estes são comportamentos inadmissíveis em mulheres, sobre os quais ouvi comentários, seguidos de frases justificativas do tipo: “ *Mas fulana estava bêbada. Se não tivesse bebido não faria isso. Ela fez isso porque bebeu.*”

Como no contexto da pesquisa que realizei na Região Metropolitana do Rio de Janeiro<sup>126</sup>, no povoado, lugar de mulher beber é em casa. As críticas às mulheres não decorrem de estados de embriaguez, mas do beber na rua. Não foram poucas as vezes que informantes ou entrevistados criticaram a forma de as mulheres beberem. Algumas pessoas se utilizam da comparação com o passado para fazer a acusação: “ *Antigamente, as mulheres bebiam muito, mas era em casa. Compravam a garrafinha de cachaça e levavam. Ali mesmo bebiam, ali mesmo ficavam.*” Esta informante e outras pessoas especulam os motivos que levam as mulheres a beber na rua, atribuindo a estes motivos, inclusive, a popularização do consumo de cerveja nos estabelecimentos comerciais. Uma trabalhadora assalariada e meeira comentou, em entrevista, que sua mãe bebia, mas era em casa e não relaxava com os afazeres do lar e do trabalho - “ *segunda-feira cedinho estava lá*”. E completou a entrevistada: “ *Não ficava bebendo pela rua como as mulheres de hoje.*” (Moradora da Rua Principal, trabalhadora assalariada, organizadora de turmas de trabalho e meeira, 50 anos).

Das maneiras de se referirem às mulheres que bebem e também de lidar com elas, depreende-se que não há problema algum em mulheres praticarem esse consumo, independentemente de sua posição social. O problema aparece quando ela deixa de cumprir com as obrigações que lhes são socialmente atribuídas: cuidar da casa, dos filhos, do marido e contribuir com o rendimento da família pelo trabalho assalariado ou de produção doméstica.

Quando uma pessoa, especialmente se da posição de produtor, reconhecida pelos moradores como inteligente, de boa família e trabalhadora, vive sob a etiquetagem de *bêbada*, os próprios agentes de saúde e outras pessoas dizem não conseguir entender e expressam indignação “ *Não sei por que ela bebe assim?*” Ou seja, sob este ponto de vista, os motivos para beber sem controle estão associados às condições socioeconômicas.

---

<sup>126</sup> Naquela pesquisa, as narrativas dos entrevistados apontavam para a idéia de que a mulher não está socialmente impedida de beber, desde que em casa e que, em primeiro lugar, cumpra o seu papel de mulher (acordar cedo, arrumar a casa, lavar a roupa, preparar comida) e não perca seus atributos de feminilidade (viver limpa, arrumada e sem odor de bebida) (Cf. GARCIA, 2004: 155-156).

Acima de todos os atributos qualificadores das pessoas que consomem com frequência e em grande quantidade bebidas alcoólicas, ser *bêbado*, no sentido de um estigma, segundo as exigências locais para um *saber levar a vida*, significa ser alguém que “*pede bebida ou dinheiro aos outros para beber*”, “*cai na rua de tanto beber*” e com a qual “*não adianta falar... que elas não querem saber de parar de beber.*” Mas ser *bêbado* significa, sobretudo, *ser solitário*. A maioria dos classificados *bêbados*, no povoado, são homens sem mulheres (vivem sozinhos, com a mãe ou com algum irmão ou irmã), mas não necessariamente solteiros. Nesse caso, ser solitário significa não ter uma pessoa da família ou, principalmente, uma mulher (ou marido) que administre sua embriaguez e cuide de seu estado físico e social.

Sobre os homens assim enquadrados recaem não somente a qualificação de *bêbado* e os atributos que o termo carrega, mas, também, acusações e suspeitas sobre situações que envolvem relacionamentos com mulheres e *abuso sexual de menor* (embora nunca provado) em troca de dinheiro. Um dos assim acusados costuma sentar-se em alguns bares e oferecer bebida, especialmente cerveja, para as mulheres. Por esta atitude, diante dos *outros* (moradores), ele procura dar demonstrações de virilidade. Mas, para os *outros*, além de interpretarem como se as mulheres estivessem se aproveitando dele, qualificam-no como *homem bobo*, que gasta sua aposentadoria com elas: bebida e mulheres.

Além desse *homem sozinho*, os demais, na mesma condição, não costumam se misturar, por longo período de tempo, com os *que sabem levar a vida* nos bares ou nas festas. E nem permanecerem por muito tempo nas atividades festivas de rua ou na igreja. Se eles se apresentam em alguma das manifestações religiosas e de convivialidade correntes no povoado, alguém logo se encarrega de servir-lhes comida e alguma bebida não alcoólica. Se algum deles dá sinais de *querer criar confusão*, imediatamente alguém se encarrega de tirá-lo do ambiente, de forma (eu diria até respeitosa) que não a deixe acontecer. Assim, um ou outro deles participa das manifestações religiosas e das festas *de rua*, nos momentos de refeição e no meio da procissão; da dança de congos, do bloco dos bichas no carnaval ou nos forrós que acontecem nos bares imiscuindo-se entre os integrantes dos grupos que se formam para tais atividades. Alguns rezam ou dançam como se estivessem sozinhos e retiram-se, às vezes, da mesma forma que apareceram, sem alarde.

Da mesma forma que as pessoas deixam de dar-lhes estrita atenção nesses espaços consagrados à constituição de sociabilidades, também o fazem quando estão deitados nas

calçadas dos bares ou nos bancos da praça, salvo em momentos extraordinários de risco físico ou prática religiosa.

Nesses casos, os princípios de solidariedade e o proselitismo tomam lugar. Essas situações acontecem, geralmente pela manhã, em momentos desfavoráveis à permanência na rua, seja pelo sol ou pelo frio intensos, ou mesmo pela solidão aparente. Assim, se, por exemplo, antes das sete horas da manhã, algum *bêbado* está cambaleando na calçada de um bar fechado, ou está deitado num dos bancos da praça, não é raro aproximar-se um parente ou amigo e buscar levá-lo para casa ou oferecer-lhe algo para comer. Ou, ainda, juntar-se em torno dele um grupo de crentes a orar por ele (Fotos 8, 9 e 22).

Mesmo que os assim qualificados não permaneçam nos bares, não é raro acontecer de algum homem que está bebendo lhes oferecer uma bebida (geralmente uma dose de *pinga*), quando eles passam pelo estabelecimento. Esta atitude é condenada por alguns e defendida por outros, inclusive por um adepto de AA<sup>127</sup>.

Para beber em companhia de outros, esses qualificados *bêbados* permanecem entre eles mesmos e constroem suas próprias formas de conagração. Como diria GOFFMAN (1988), eles aprenderam que possuem um estigma particular e assumem as conseqüências de possuí-lo. Reúnem-se entre iguais para exercer uma forma de sociabilidade que lhes é peculiar, conforme será analisada mais adiante.

#### VI.1.c) *Bebum*

Nesta qualificação, são enquadrados os homens que costumam *permanecer nos bares* e se embriagar, sem, no entanto, deixar de se ocupar durante o tempo de trabalho. Por vezes, as mesmas pessoas classificadas de *bêbadas* são enquadradas no termo *bebum* e vice-versa. Uma entrevistada, que é parente de um homem qualificado de *bêbado*, assim resumiu a diferença entre as classificações: “*As outras pessoas que bebem e ficam tontas como eles [bêbados], e não são poucas, bebem, mas trabalham, fazem alguma coisa na vida. Eles, não, eles só bebem.*”

---

<sup>127</sup> Em uma das reuniões do Grupo de AA local de que participei, uma pessoa condenou outra por dar dinheiro a um dos *bêbados*. Logo em seguida, o coordenador do grupo tomou a palavra e disse que não achava errado e, inclusive, ele mesmo dá dinheiro quando vê um *coitado desses* com vontade de beber e não tem a bebida. E completou dizendo que sabe muito bem como é ruim passar por isso. Ele dá o dinheiro para beber, porque o sujeito quer beber, mas se ele quiser parar de beber, ele também ajuda.

No caso de pessoas socialmente qualificadas como ricas ou com emprego fixo, o termo *bebum* tem sido mais empregado para designar homens casados, que não deixam de cumprir com suas obrigações de *chefe de família* e com o trabalho. Se for um trabalhador, dificilmente fica desempregado; se for um produtor, não deixa de produzir. O que eles têm em comum é o fato de serem vistos freqüentemente embriagados (fora de ocasiões especiais) e praticando atos atribuídos aos bêbados: beber muito e quase diariamente, cambalear, *andar de gatinhos*, dar alguns vexames encarados com brincadeiras.

Nesse sentido, as mulheres (mãe, irmã ou esposa) é que aparecem como autorizadas a atribuir tal qualificação. Elas o fazem para referir-se aos homens (seus maridos ou parentes) que ficam nos bares, especialmente se nos *bares de bebum*. Com menor recorrência, o termo surge no discurso de pessoas que ocupam a posição de trabalhadores e acusam outras que estão na posição de produtores (homem ou mulher); e de pessoas que ocupam posição de produtores, avaliando seus pares.

Portanto, *bebum* é aquele que ultrapassa os limites das regras de etiqueta sem, no entanto, ultrapassar regras morais do ponto de vista de quem avalia, levando-se em consideração, também, quem é avaliado. Ele pode, uma vez ou outra, cometer um deslize, mas nada que não se explique pelo estado de embriaguez, atestado pela frase: “*O único problema dele é que bebe muito.*” Se é algum parente que veio *de fora*: “*O problema é que quando ele chega aqui, deixa a mulher na casa da mãe, fica pelos bares e depois reclama da mulher.*” (Moradora da Rua Principal, 43 anos, proprietária de terras, *ministra da eucaristia* na igreja católica)

*Bebum* que não é *bêbado* também não costuma freqüentar as *casas que vendem cachaça*. Mas costuma ter sempre da bebida em sua casa. Ele aparece nas entrevistas como alguém que gosta também de cerveja, mas esta bebida é mais para ficar no bar, alternando com a *pinga*, entrelaçando a conversa ou *jogo de cartas* com os iguais, acompanhada de algum petisco. Diferentemente do *bêbado*, ele come alguma coisa, enquanto o outro *só faz beber*.

Tal como o termo *bêbado*, *bebum* costuma ser empregado em meio a relações jocosas, geralmente levadas a termo em casa. E também entre amigos, para acusar alguém de beber muito, quando contam bravatas que expressam masculinidade.

Se as representações sobre as maneiras condenadas de beber que, sob o olhar do desvio, têm sido classificadas como alcoolismo podem ser utilizadas para valorizar a negatividade do consumo de bebidas alcoólicas e a positividade do consumo dentro de

normas e etiquetas, elas podem também servir para valorizar a positividade do não *beber*, seja pela afiliação a grupos de ajuda mútua (GARCIA, 2003 e 2004; MOTA, 2004), seja por princípios religiosos (MARIZ, 1994 e 2003), seja por questões de saúde.<sup>128</sup>

## VI.2 Sociabilidades entre alcoólatras e bêbados

Aparecem no povoado, pelas entrevistas e informações obtidas, duas formas distintas de assumir as qualificações atribuídas ao *alcoólatra* e ao *bêbado*: a afiliação à instituição Alcoólicos Anônimos no povoado e a especificidade de uma forma de sociabilidade designada pelos moradores como *a casa dos bêbados*.

### VI.2.1 Alcoólicos Anônimos: recriação moral e personalização

Vários estudos demonstram que o álcool é uma substância alteradora de estados mentais e, em decorrência, do comportamento humano<sup>129</sup>. Para os ideólogos da instituição Alcoólicos Anônimos, além disso, o consumo freqüente de bebidas alcoólicas, por pessoas que nasceram com a predisposição para desenvolver uma dependência ou alergia ao produto álcool, leva ao *alcoholismo* e a suas conseqüências. Nessa perspectiva que agrega as concepções desenvolvidas especialmente pela medicina nas suas várias vertentes incorporadas, tanto pelos órgãos oficiais como pelo senso comum, o alcoholismo é visto como *uma doença incurável, progressiva, produtora de outras doenças e de perdas de atributos sociais*. Assim, os integrantes do Alcoólicos Anônimos incutem e defendem que a única maneira de um bebedor inadaptado livrar-se dos males que o álcool pode lhe causar é manter-se abstinência. E, para tanto, não basta reconhecer que é um *doente*, ele precisa freqüentar as reuniões, atividade que assume a função de *remédio* sem o qual, na

---

<sup>128</sup> Sobre esta questão, ver NEVES (2004).

<sup>129</sup> NEVES (2003) analisa o debate em torno do álcool como substância psicoativa e a inserção do tema no âmbito das Ciências Sociais.

concepção dos adeptos do AA, não é possível ficar *parado de beber* (GARCIA, 2004: 65-97).

Uma das especificidades que, inclusive, me levaram à escolha desse povoado e não de outro para a pesquisa foi uma frase ouvida quando ainda fazia a pesquisa para o texto acima referido<sup>130</sup>. Na casa de um dos moradores desse povoado, comentei sobre a pesquisa que ora realizava com um Grupo de Alcoólicos Anônimos e o homem comentou: “*Aqui tem AA. É uma coisa muito boa. Eu fui curado do alcoolismo por eles. Agora não vou mais lá.*” Tal afirmativa ia de encontro a um dos princípios registrados na extensa bibliografia do AA e dos mais enfatizados pelos adeptos do grupo no qual realizava a pesquisa: “*Alcoolismo é uma doença que não tem cura!*”.

Outra peculiaridade chamou-me atenção. Fui à casa de um homem que, segundo uma informante, já teve um bar no seu quintal e encontrei na porta de um dos banheiros um papel com a “*Oração da Serenidade*”, um dos instrumentos de auto-ajuda utilizados pelos membros da instituição Alcoólicos Anônimos. Tais situações me levaram a pensar sobre as múltiplas possibilidades de objetivação dessa instituição, questão para a qual convergi meu olhar.

Por tais questões, ingressar num Grupo de AA, num povoado onde todos se conhecem e exercem um certo controle de conduta uns sobre os outros, é assumir publicamente a condição de *alcoólatra*, ou de alguém que *bebe muito* e precisa parar, pois não tem controle nem sobre a bebida, nem sobre o corpo e nem sobre a forma correta de levar a vida. A julgar pelas afirmações de cura, a idéia é de que se está curado de uma conduta condenada. Então, não precisa mais ir lá. Assim poderia ser lida a interpretação que a maioria dos moradores faz da Instituição.

Durante o tempo de realização da pesquisa, os integrantes do Grupo de AA em Cascatinha reuniam-se duas vezes na semana: quarta-feira à noite e domingo pela manhã. Quatro pessoas freqüentavam as reuniões às quartas-feiras. Aos domingos, encontrei apenas duas, sendo que uma delas não freqüenta na quarta-feira. Segundo o coordenador, esse grupo já contou com mais de 40 integrantes, mas poucos ficam e hoje conta com apenas seis adeptos freqüentando as reuniões. E confirmando sua adesão aos princípios de

---

<sup>130</sup> Naquele estudo, a partir da análise da construção coletiva de trajetórias sociais, quando qualificadas por rupturas decorrentes da identificação de seus atores com outras ordens morais, examinei a construção de significados atribuídos às identidades de *alcoólico ativo* e *alcoólico passivo*, elaboradas e incorporadas pela integração institucional no Grupo de Alcoólicos Anônimos. Para tal análise, realizei a pesquisa em um Grupo de AA, localizado no município de São Gonçalo, Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (GARCIA, 2003 e 2004).

AA, ele reproduz a afirmativa: “ *Mas mantenho a porta sempre aberta para quem desejar e tiver vontade de parar de beber.*”

Se existem peculiaridades, existem também as formas de correspondência aos princípios gerais do AA. Uma das formas é a realização periódica de reuniões. Outra é a construção na interação, tanto entre adeptos como entre instituições e pessoas *de fora*, de um tipo social designado como *alcoólatra*.<sup>131</sup>

#### VI.2.1.a) Representações e práticas

Nos registros reguladores de AA, a instituição vive da contribuição de seus afiliados recolhida nas reuniões e não pode possuir bens imóveis. Como maneira de minimizar os custos de manutenção da unidade, denominada grupo, uma das estratégias encontradas pelos adeptos é a construção de imóveis, com fins de local para a reunião, sob outras denominações. No município do estado do Rio de Janeiro, onde realizei a pesquisa no Grupo de AA, os adeptos construíram um imóvel em parceria com a Associação de moradores e na prestação de contas mensal, consta simbolicamente uma contribuição à associação. No povoado de Cascatinha, a saída foi construir uma capela agregada à Igreja Católica que cede o espaço para a realização das reuniões do Grupo. Nela estão dispostos três bancos de madeira, e o espaço é dividido entre imagens da santa homenageada e outros símbolos religiosos e de Alcoólicos Anônimos<sup>132</sup> (Foto 25)



**Foto 25.** Capela de N. Sra. Aparecida, onde está sediado o Grupo de Alcoólicos Anônimos (2004).

<sup>131</sup> Nesse contexto o termo *alcoólatra* é mais empregado que o termo *alcoólico*.

<sup>132</sup> Frases do tipo: “*Se ele quiser beber, o problema é dele; se quiser parar, nós o ajudamos. Quanto mais ele sofrer com o álcool, melhor para ter vontade de parar.*”

Pelo padrão ideologicamente estabelecido pelos organizadores da instituição para as reuniões e segundo minhas observações realizadas entre grupos no estado do Rio de Janeiro, a reunião apresenta-se como momento de sociabilidade, assim definido pelos integrantes: “*Nós nos reunimos periodicamente para falar de nossas aflições, conflitos e perdas provocadas pelo alcoolismo, assim como das transformações ocorridas em nossas vidas depois que conhecemos Alcoólicos Anônimos.*” Sobre este tempo dedicado à afirmação da afiliação aos princípios de AA, destaco o relato a seguir.

De um modo geral, as reuniões realizadas por aquele grupo, pelo menos na minha presença, seguiam uma linha de orientação, constante em um folheto produzido para este fim. Cada *coordenador diário* recebia uma cópia da chave da sede e se tornava o responsável pela abertura, limpeza e fechamento da sala, no dia de sua coordenação. Por isso, ele devia ser o primeiro a chegar para proceder à limpeza e providenciar o *cafezinho*. Os membros iam chegando e se cumprimentando, servindo-se de café e formando grupos na recepção ou na calçada. No horário determinado para início da reunião, o coordenador tocava uma sineta anunciando o início das formalidades, que, seguindo passos uniformes, conferem o caráter universal à prática institucional<sup>133</sup>. Todos se dirigiam à sala específica, o coordenador posicionava-se como condutor do evento; outro membro ocupava uma pequena mesa de recepção, onde registrava a presença de cada um. Era solicitado um momento de silêncio para a *Oração da Serenidade*, que ao sinal do dirigente era pronunciada. Todos, de pé, olhos fechados e cabeça flexionada pronunciavam, a compasso, o texto da oração.<sup>134</sup>

Este gesto simboliza e reafirma a crença em algo que está além deles e que os guia. Pronunciada a oração, todos batiam em algo (cadeira, mesa, parede) três vezes e se sentavam. O membro que chegasse com a reunião iniciada, flexionava a cabeça, fechava os olhos e permanecia assim por alguns segundos, causando a impressão de estar *rezando*.

Encerrado o momento da oração, quando da presença de um *visitante*, o coordenador fazia referências a este elemento e dizia que precisava informar o que é a *irmandade*, repetindo um texto que denominam de *preâmbulo* e define a instituição. Ao final, o coordenador fazia algum comentário, geralmente sobre os *princípios de AA*, e passava à leitura da *reflexão do dia*, constante num livro específico, cujos textos são

---

<sup>133</sup> A descrição de GUIMARÃES (2001: 51-53) está muito próxima da que apresento a seguir, no que diz respeito aos passos da reunião.

<sup>134</sup> “*Concedei-nos Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar. Coragem, para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras.*”



datados para cada dia do mês. Logo após a leitura, alguns coordenadores (geralmente os mais antigos) faziam comentários sobre o texto, outros não. Em seguida, ressaltando a importância dos *depoimentos* para a recuperação, abria espaço para cada membro se pronunciar, convidando-os nominalmente.

Cada membro convidado fazia uso da palavra sem ser interrompido<sup>135</sup>. Quando convidado a se pronunciar, posicionava-se ao lado ou à frente da mesa ocupada pelo coordenador. Cumprimentava-o com um aperto de mão e agradecia pela oportunidade. De frente para o relógio, fixado na parede oposta, e atento a ele, apresentava-se sempre pelo nome, reafirmando sua condição de alcoólico: “*Como já foi dito, meu nome é fulano e sou um alcoólico em recuperação. Por isso, não bebi hoje. Não bebi, porque não quero, não devo, não posso.*” Em seguida, rendia graças a um *poder superior* por estar 24 horas sem beber e dramatizava alguma experiência de vida, evidenciando uma mudança. Para tal, utilizava-se quase sempre da contraposição temporal antes/depois<sup>136</sup>. Os oradores com maior tempo de afiliação mesclavam suas histórias com a teoria encontrada na *literatura do AA*. Os mais novos relatavam suas experiências com o uso do álcool em contraposição aos dias atuais. Ao final, propunham a si mesmo e aos ouvintes mais 24 horas sem beber e recebiam aplausos.

Entre um *depoimento* e outro, dependendo do coordenador do dia, liam-se trechos de alguma publicação da instituição e ressaltava-se a importância desses *depoimentos* e da presença de *visitantes* para a recuperação dos *alcoólicos* ali reunidos. Exatamente na metade do tempo total da sessão, suspendiam-se os *depoimentos* e o coordenador fazia alguma referência à *Sétima Tradição* de Alcoólicos Anônimos, geralmente repetindo o texto: “*Todos os grupos de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora*” (Alcoólicos Anônimos, 1997a).

Reforçada a idéia de autonomia, ele pedia ao recepcionista do dia que passasse a *sacolinha*, em que era recolhida a contribuição financeira dos integrantes do grupo. Não era estipulado um valor. Algumas vezes, observei membros fechando as mãos vazias e abrindo dentro da sacola, cumprindo, assim, o gesto ritualizado. Interpretei este gesto como uma forma de evitar o constrangimento do membro, ora desprovido de recursos. Ao final

---

<sup>135</sup> Uma característica das *reuniões abertas*, espaço ao qual foi facultada a minha presença. Segundo Diogo, entrevistado em maio de 2000, nas reuniões fechadas os demais membros intervêm na palavra do outro.

<sup>136</sup> Sobre a noção de tempo na Instituição Alcoólicos Anônimos, seria possível desenvolver um estudo específico. Mas aqui o tempo é pensado pelos adeptos à Instituição para identificar na memória acontecimentos passados capazes de ajudar a construir mentalmente uma imagem que os associe a acontecimentos mais recentes, ou que estejam em curso (ELIAS, 1998: 33).

do recolhimento, o coordenador tocava a sineta e todos se voltavam ao momento da descontração mediada pelo café. Alguns minutos após, dependendo do número de membros que ainda não havia se pronunciado, era tocada novamente a sineta para reinício das formalidades. Posições retomadas, todos faziam alguns segundos de silêncio, como num estado de reflexão. Logo a seguir, o coordenador tornava a efetuar, nos mesmos moldes, os convites para *depoimentos*.

Ao final do tempo da reunião, e não dos discursos, o coordenador pronunciava algumas palavras conclusivas e pedia ao recepcionista para ler o *resumo do dia*, do qual constavam o tema da reunião, entrega de ficha ou nova adesão e quanto havia rendido a *Sétima Tradição*.

Em seguida, o coordenador pedia um minuto de silêncio para a oração. Decorrido este tempo, dava um sinal e todos se levantavam. De mãos dadas e formando um círculo, pronunciavam novamente o texto da oração. Ao final, todos repetiam o gesto de bater três vezes em algo, geralmente produzido por madeira. Enquanto isto, o coordenador tocava novamente a sineta, agora em sinal de encerramento das formalidades. Voltava-se, então, ao momento do café, porém, rapidamente e efetuando as despedidas (GARCIA, 2004: p 81-86).

Estes passos ritualizados, tomados como demonstração de uma das versões da formalidade institucional, porque seguidos à risca pelos integrantes do grupo no Estado do Rio de Janeiro, no Grupo de Cascatinha, assumem algumas peculiaridades. Em primeiro lugar, há uma flexibilidade em relação ao horário de início formal da reunião<sup>137</sup>, que também é aberta com o pronunciamento da “*Oração da Serenidade*”, mas seguida de outras orações católicas. Da mesma forma que o coordenador faz nas apresentações dos Congos e na Reunião da Associação de Moradores, na Reunião do Grupo de AA ele faz um discurso com pedidos de oração, inclusive pelos inimigos e pede que rezem um *pai-nosso* e uma *ave-maria*. Ao final das orações, como no outro grupo pesquisado, todos batem em alguma coisa três vezes.

Alguém é encarregado de levar o café e outro de levar biscoitos. O café e água são consumidos durante todo o decorrer da reunião, mas, por todos ao mesmo tempo, somente no intervalo. Não há recolhimento de contribuições nem mesmo o ato simbólico de passar

---

<sup>137</sup> Eu não saberia dizer se chega a acontecer alguma formalidade quando da presença somente dos frequentadores.

a sacolinha, salvo em reuniões de aniversário do grupo, denominada de *Festa do AA*, outra peculiaridade da qual tratarei adiante.

Como no outro grupo, há a leitura de um texto datado, encontrado no livro *Reflexões do Dia*, seguida de comentários com a palavra aberta a quem desejar comentar. Entretanto, não ocorre a formalidade de convidar alguém para se pronunciar na *cabeceira de mesa*. Após as formalidades de abertura, faculta-se a palavra, e as pessoas utilizam-se do gênero conversa e não do *depoimento*. Em alguns momentos, um deles fala sobre sua própria experiência, mas, no geral, os comentários são sobre problemas de outros que não estão ali e eles julgam que deveriam estar ou sobre os *ensinamentos de AA*.

Outra peculiaridade é a discussão de temas que não dizem respeito àquilo que os une como iguais, *alcoholismo*, mas a situações de conflitos que ocorrem no povoado. Em uma das reuniões, a motivação do tema foi o processo de eleições na Associação de Moradores. Esta maneira de proceder, segundo advogavam os adeptos do outro grupo, não faz parte dos princípios de AA, que não deve envolver o nome da instituição em polêmicas ou tomar posições políticas.

Ainda durante a reunião, são lidos convites para *reuniões festivas* de outros grupos de AA e, como em outros espaços formais de agregação de pessoas (Igrejas), são passados avisos não somente sobre assuntos da instituição, mas sobre outros temas de interesses comuns. Ao final de cada reunião, alguém lê a oração de São Francisco, antes de outro pronunciamento da *Oração da Serenidade*, com a qual é encerrado o encontro.

O gênero da oratória que se funda na reflexão disciplinadora de experiências pessoais, denominado *depoimento*, não é evocada necessariamente em cada reunião. No entanto, os integrantes do grupo de Cascatinha utilizam-se desse gênero de oratória nas entrevistas, quando falam de si, organizando o tempo de suas experiências pelo antes e depois de *conhecer o AA*. Também são realizadas reuniões festivas de “*entrega de ficha*”, quando se costuma encerrar o encontro com partilha de comidas e refrigerantes, como ocorre no outro grupo pesquisado no estado do Rio de Janeiro.

Alguns dos integrantes do Grupo de Cascatinha costumam participar de uma Reunião Interdistrital, que acontece anualmente, no município que agrega a *sede distrital* (uma das instâncias do organograma de AA). Nessa reunião, os integrantes seguem os passos formalizados pelos ideólogos da Instituição.

Além da participação nessas reuniões, os integrantes e frequentadores do grupo costumam participar de reuniões em outros grupos, inclusive organizando excursões e

agregando outras pessoas, membros de AA ou não. O importante é completar a *lotação*<sup>138</sup>, caso contrário não vale a pena o custo da viagem. Mesmo que não se consiga lotar um veículo de aluguel, o coordenador desse grupo de AA costuma comparecer à atividade, em nome do grupo.

O tempo da reunião também constitui espaço para demonstrações de saberes sobre os males causados pelo álcool no organismo e sobre formas de beber que podem evitar tais males. Por essa prática, assim como no primeiro grupo pesquisado, os integrantes contribuem para a construção de um tipo social para o *alcoólatra*, cujo equivalente mais comum é o que *bebe muito* ou *morreu de tanto beber*.

#### VI.2.1.b) Sistema de autoclassificação

No contexto dessa pesquisa, o tipo social *alcoólatra* é construído como uma carreira com vários processos de socialização, num crescente de consumo de bebidas alcoólicas, culminando com a morte física. No processo de socialização, construído *a posteriori*, a partir da adesão aos princípios de AA, adquire-se um aprendizado para permanecer bebendo. Tom, um adepto de 73 anos, na condição de *reingressante*, comentou suas estratégias e saberes adquiridos para beber:

Com 16/ 17 anos eu já bebia bem cerveja e cachaça. Antigamente tinha que ter limão na venda para tomar com cachaça. Copo cheio de cachaça mata. Não dá tempo de o fígado filtrar. Vai para o sangue e dá barriga d'água. Quando bebe pouco, dá para o fígado filtrar. Eu engolia ovo cru para amaciar o rim... Mas eu bebia cerveja, vinho, batida, cachaça e torresmo – veneno completo. Aos 70 anos tive cólica renal, fígado descontrolado e intestino paralisado... Minha mulher também bebia, mas ela pensava que casando ia parar de beber. Papo de botequim. Ela *morreu de bebida*.

Agregando narrativas como essa à de outros entrevistados<sup>139</sup>, pode-se resumir a carreira do *alcoólatra* da seguinte forma: o indivíduo que *bebe muito*, primeiro

---

<sup>138</sup> Forma como os moradores se referem ao veículo que os transportará, geralmente um ônibus ou van.

<sup>139</sup> Nessas narrativas ou comentários aparecem idéias como a ocorrência de uma maneira de começar a beber, um tempo de prazer com a bebida, um tempo de violência ou agressividade, e, por fim, um estágio em que só se levanta da cama para beber (levanta, bebe, vomita, passa mal e se deita novamente, não come, não faz mais nada). Aí fica deprimido, se fecha dentro de casa e *morre de tanto beber*.

*perde* a vergonha, depois *perde* a saúde, na terceira fase, a bebida é coisa inevitável e o sujeito passa a ter “*deliriun tremens*” e desejo de *morte*. Diferentemente do que ocorre no outro grupo, no contexto dessa pesquisa, a noção de *morte física* prevalece sobre a noção de *morte social* como fim trágico da carreira do alcoólatra.

Portanto, o tipo social *alcoólatra* varia segundo especificidades situacionais. No caso em estudo, esta variação dar-se-á por pontos comuns que se cruzam e se inter cruzam princípios de afiliação diferenciados entre pessoas qualificadas como trabalhadoras ou *que não querem nada* e pessoas qualificadas como uma *elite local* (trabalhadores e produtores) *que sabem levar a vida*.

### Homens e mulheres que bebem muito

O *alcoólatra* pode até ficar um tempo sem beber, mas volta sempre e, em alguns casos, está sempre passando por uma internação. Se na posição de produtor ou de alguma *família tradicional*, isto é, dotada de recursos financeiros para tanto, é levado para clínicas especializadas em municípios mais distantes. Se na condição de trabalhador que não trabalha, vai para uma *Casa da Acolhida*, mantida por uma instituição religiosa, num município vizinho.

Algumas representações sociais são recorrentemente valorizadas para classificação e fazem parte das expressões verbais dos entrevistados. São formas de falar que identificam o adepto com os princípios dessa instituição. Uma delas é dizer que a pessoa *tem problema sério* com a bebida, ao invés da forma *bebe muito*, mais comumente empregada pelos leigos. Assim, a adesão ao Grupo de AA corresponde à aquisição de vários atributos de positividade da pessoa. Um deles é o enriquecimento do vocabulário, utilizado para qualificar o *alcoólatra*.

O *alcoólatra* tem convulsões, não consegue parar de beber, tem histórias de vida de arrepiar, é muito submisso aos outros que não bebem, não dá valor à sua força de trabalho e diz que o que pagar está bom, fica sem beber só quando tem problema sério de saúde, provoca acidentes por estados de embriaguez. Além disso, ele chega a casa chutando as coisas, inclusive a mulher ou familiares e anda sempre com a mesma roupa, chegando a feder. Recebe apelidos em função das coisas que apronta quando está bêbado.

Reificando a idéia do poder do álcool sobre o homem no discurso dos afiliados aos princípios institucionais de Alcoólicos Anônimos, o qualificado *alcoólatra* aparece como pessoa que tem sorte na vida, consegue bons empregos, mas não permanece, em função do consumo inadequado de bebida alcoólica. Não tem dinheiro para comprar roupas porque a cachaça não deixa arrumar nada. Começa a beber de brincadeira ou socializado pelos próprios pais, vai mudando para bebidas mais fortes e num crescendo de quantidade ingerida.

Na família do alcoólatra, especialmente na ascendência, geralmente aparecem nas narrativas pessoas que também bebiam muito e até morreram de tanto de beber, fosse por doença ou por acidente. O *alcoólatra atinge* toda família com o alcoolismo. E o álcool ganha *status* de sujeito que lhe tira, inclusive, a família, tornando-o irresponsável com os filhos e a mulher.

Além disso, *ele* [o álcool] não deixa o homem viver e pode, inclusive, levá-lo à tentativa de suicídio ou à morte súbita, ao consumo de outras drogas e a viver situações de mendicância: ficar pela rua só bebendo e comendo qualquer porcaria, comida de lixo, por exemplo. Como algo inexplicável e inconcebível no comportamento humano, recorre-se a Deus. “*Ele dá jeito e criatividade ao alcoólatra para viver na rua*”, afirma um deles ao contar que só comia marisco e completa com a frase: “*Deus é tão bom que o negócio já vem salgado. Pegava na água e cozinhava.*”

A idéia de que o AA cura perpassa o imaginário da população local e aparece como conveniente àqueles que ocupam posições de poder local e, política e socialmente, não vivem as implicações morais dessa qualificação.

A mulher *alcoólatra*, conforme concebida pelos membros do grupo de AA, não deixa totalmente de cumprir com suas obrigações domésticas e só bebe depois de trabalhar durante o dia. “*Uma garrafinha [cachaça] de mais ou menos um palmo, toda noite. Mas só bebia à noite.*” Não cai nem bebe na rua. Sai escondida para comprar cachaça e bebe também escondida.

A condição de *bêbada* aparece como um estado que dá coragem de enfrentar o marido, inclusive em casos de violência. E mulher, quando bebe, perde a paciência, briga à toa com marido, filhos e vizinhos; não pensa, vai logo falando as coisas; obriga os filhos a ir buscar bebidas e relaxa com a educação deles; não liga para comida e só quer saber de beber; fica esperando a *hora de beber*; faz sujeira dentro de casa como vomitar e se urinar; deixa a cama sem arrumar e a roupa sem lavar; vive prometendo a si mesma e à família

que vai parar de beber; vende coisas que tem dentro de casa para comprar bebida; e não tem vergonha de pedir nem trabalhar na casa de outras a troco de comida e bebida.

Diante de todas essas peculiaridades, quando a mulher resolve que não quer mesmo mais beber, muito mais que o homem, ela encontra solidariedade nos amigos, parentes, vizinhos, donos de venda, que fazem o que podem para ajudá-la a *mudar de vida*. E da mesma forma que os homens, elas apresentam-se como se uma mudança radical tivesse acontecido em suas vidas. As mulheres referem-se ao tempo após a adesão ao AA como se fosse uma grande transformação: “ *Minha vida foi melhorando, eu fui trabalhando, fui comprando as coisas... E não penso em voltar a beber cachaça, que a vida da gente está muito boa*”, comentou uma delas.

#### Adeptos de AA ou abstinentes

Entre os moradores de Cascatinha, nas narrativas e conversas surgem demonstrações de como deve ser a conduta da pessoa que se integra a um grupo de AA, posto que deve servir de exemplo para aqueles que *não querem saber de parar de beber* (uma adepta no Grupo de AA). Da mesma forma para aqueles que precisam *enxergar por eles mesmos o mal que estão fazendo para si* (a mãe de um homem qualificado como alcoólatra), o adepto então dá demonstrações da recuperação de suas habilidades para o trabalho. Em momentos de não-trabalho, ele fica em casa lendo, repassando sua *história de vida* ou fazendo alguma atividade de assistência aos necessitados de ajuda. Sabe dar conselhos e exemplo de serenidade nas ações e reações. Encontra formas de convencer as pessoas de seus erros sem imposição pela violência ou agressividade por palavras. Evita mexer cotidianamente com bebida alcoólica, como comercializá-la ou oferecê-la em alguma recepção em sua casa. Deve ser sensível para perceber as mensagens que os outros adeptos passam para ele. Deve desvencilhar-se dos sentimentos doentios de ciúme, egoísmo, raiva e dar demonstrações de pessoa equilibrada. Sempre que tiver oportunidade, ele deve também apresentar *depoimentos* do que compreende como *sua trajetória*, que representa a trajetória social do doente alcoólico.<sup>140</sup>

---

<sup>140</sup> A apresentação de tais peculiaridades baseia-se em observação e entrevistas realizadas, tanto com adeptos ao Grupo de AA local como com outros moradores.

O adepto do AA reconhece, *a posteriori*, que o *alcoólatra* encontra sempre motivos para beber. Por esse reconhecimento, procura demonstrar saberes, inclusive médicos, sobre maneiras de beber. Faz acusações de hora errada para beber. Apresenta-se como alguém que tem paciência para resolver os problemas que surgem no dia-a-dia, evitando conflitos com vizinhos, amigos e parentes. E é capaz de compartilhar espaços consagrados ao consumo de bebidas alcoólicas, inclusive organizá-los, em função de conagração com pessoas *que não têm problemas com o álcool*.

Situações como esta apareciam como impossível de realizar entre os integrantes do Grupo pesquisado no Estado do Rio de Janeiro. Comparecer como convidado a alguma atividade onde costuma ocorrer esse consumo, poderia ser aceitável, mas organizar uma atividade, incluindo-o, penso que não constituiria prática no âmbito de ação daquele grupo.

#### VI.2.1.c) Festa de AA, conagração de confederados e hospitalidade comunal

A escolha pela análise dessa atividade neste capítulo e não naquele dedicado às festas decorreu do caráter *sui generis* que representou para a pesquisadora que, há pouco tempo, analisara as reuniões de outro Grupo de AA como diversificações de formas de sociabilidade, dentre elas as *reuniões festivas*. No contexto da presente pesquisa, esta forma de reunião recebe a denominação de *Festa de AA*. Extrapolando o espaço de reuniões do Grupo, esta festa faz parte, inclusive, do calendário anual das festas no povoado. Ela é comentada por todos e esperada por muitos dos moradores.

Antes, porém da análise deste *fato social*, necessito situar esta atividade como componente institucional de Alcoólicos Anônimos. Entre os integrantes dessa Associação, construiu-se o costume de realizar festas para celebrar o aniversário dos grupos. Em cada grupo, os responsáveis por ele são encarregados de organizar o evento e convidar, por carta-convite, os integrantes de outros grupos.

No grupo em que realizei a pesquisa para a obtenção do grau de mestre, no estado do Rio de Janeiro, esta festa acontece no horário normal de reunião, geralmente em um dia de domingo ou sábado, de forma a coincidir com o tempo do não-trabalho e com o espaço das *reuniões abertas*. A reunião acontece como as rotineiras, com a peculiaridade de ser tematizada por referências ao tempo não só do grupo como dos



integrantes da Instituição. Após as formalidades da reunião e possíveis homenagens prestadas a alguns de seus membros e/ou visitantes, a sala é modificada para constituir-se no espaço e tempo da festa, quando são distribuídos salgados, refrigerantes e bolo. A duração do conagração deve durar até que todos estejam satisfeitos ou que terminem os alimentos que marcaram a excepcionalidade do ato festivo.

No contexto dessa pesquisa, essa atividade me pareceu uma festa peculiar, mantendo a forma com variações no conteúdo<sup>141</sup>. Ela acontece sempre num final de semana do mês de julho, não devendo coincidir com as demais festas costumeiras. Para a realização dessa atividade, o coordenador do grupo de AA solicita às representantes da Igreja Católica o espaço do templo da matriz para as atividades. O tempo de duração dessa festa é de, no mínimo, um dia, com a especificidade de iniciar em um dia e terminar no dia seguinte, o que já representou, sob a ótica do pesquisador, um diferencial em relação às realizadas nos grupos de São Gonçalo, que extrapolavam, no máximo, uma hora além dos dias *normais*.

Em Cascatinha, nesses dias, a nave da igreja católica é transformada em salão de reuniões. As responsáveis pela instituição na localidade retiram os símbolos religiosos, deixando apenas o crucifixo principal ao fundo do altar. Os integrantes do grupo de AA ornamentam a nave da igreja com signos da Instituição. Entre o altar e o início dos bancos, colocam uma bandeira que identifica a Instituição, uma mesa com uma toalha contendo o mesmo símbolo da bandeira e cartazes com frases paradigmáticas, além das fotos dos *fundadores de AA*. Sobre a mesa ficam expostos livros e folhetos publicados pela Instituição. Uma outra mesa é posicionada em uma das laterais, onde ficam garrafas térmicas com café, biscoitos, água e copos descartáveis. As refeições são servidas na *sala de catequese*, no fundo da nave central.

No ano de 2005, a programação previa recepção aos visitantes de outros municípios a partir das 14h. E participariam dessa atividade, além do coordenador do grupo, mais dois integrantes e uma amiga. O gênero reunião recebe, nessa data, a denominação de *Maratona*. Reproduzo abaixo o cartaz convite:

---

<sup>141</sup> A julgar pelos comentários de vários integrantes de outros grupos e pelos convites lidos pelo coordenador do Grupo de Cascatinha, resguardadas as variações, essa peculiaridade se estende a uma vasta região, pelo menos do Estado de MG.

**GRUPO VIDA NOVA DE AA  
Cascatinha – Matoso - MG**

O “Grupo Vida Nova de AA, de Cascatinha, tem o prazer de convidar este grupo e todos seus familiares para o 20º aniversário do nosso grupo.

Programação:

Dia 23 de julho de 2005:

Recepção dos visitantes a partir das 14:00h

Lanche às 16:00h

Reunião maratona de 18:00 às 20:30h

Jantar às 21:00h

*Forró para não alcoólicos* a partir das 22:00h

Dia 24 de julho de 2005:

Café da manhã de 6:30h às 7:30h

Reunião Maratona de 8:00h às 10:00h

Reunião Festiva de 10:30 às 12:30h

Almoço a partir das 13:00h

OBS.: Favor trazer colchonete e confirmar presença com antecedência pelo telefone xxxxx – Falar com Damiana

(Grifos meus).

Fonte: Trabalho de campo.

Esta programação, como uma característica da instituição, foi seguida à risca, salvo alguns pequenos atrasos no início das reuniões maratona. Três moradores do povoado, além da esposa e uma filha do coordenador, trabalharam na produção, organização e distribuição das refeições e do cafezinho. As garrafas térmicas foram emprestadas por alguns moradores (também na posição de trabalhador assalariado), pelo coordenador do grupo anfitrião e por alguns representantes de outros grupos, demarcando representações de solidariedade não somente entre os integrantes institucionais como dos moradores para com o coordenador do grupo. Este é sempre citado pela maioria dos moradores do povoado (independentemente de posição social), menos pelos seus opositores políticos, como exemplo da capacidade de mudança e de empenho para a manutenção não só desse grupo como de outras formas de organização da população<sup>142</sup>. A maioria dos informantes e entrevistados, após me virem em constantes contatos com este senhor, comentou que ninguém no lugar acreditava que ele pudesse, um dia, parar de beber. Idéia que contribui

---

<sup>142</sup> Além do Grupo de AA, ele coordena um Grupo de Congos, grupos de Folia de Reis, Folia de São Sebastião e foi o responsável pela criação da Associação de Moradores de Cascatinha. Além disso, tornou-se referência como pessoa que socorre os pobres, quando estes precisam ser levados à assistência médica em outras localidades.

para legitimar a atuação de Alcoólicos Anônimos, conferindo, inclusive, autorização para aqueles que afirmam terem sido *curados pelo AA*.

Nesse ano, estiveram presentes à festa representantes de vários grupos de municípios vizinhos e, também, distantes. Cada grupo que chegava afixava sua bandeira e/ou uma faixa nas laterais da igreja, identificando-se e saudando o grupo anfitrião e aniversariante. Junto com os integrantes de AA, foram parentes e amigos, para participar da festa.

Nas reuniões que compõem a *Maratona*, são seguidas as formalidades institucionalizadas nos mesmos moldes das reuniões festivas em São Gonçalo. As pessoas apresentam-se nominalmente como *alcoólicos*, agradecem pela oportunidade e dramatizam, sob referência de tempo, experiências com o consumo de bebidas alcoólicas, conferindo-lhes sentidos opostos às experiências após a adesão ao Grupo de AA. Nessa ocasião, diferentemente das reuniões rotineiras, alguém se encarrega de cumprir a *7ª Tradição*, recolhendo contribuição financeira. A denominada *Reunião Festiva* foi realizada nos mesmos moldes da anterior. O diferencial apareceu sob a forma de troca da toalha da mesa e dos integrantes que coordenavam a reunião.

Entre os afiliados a essa instituição, o café é a bebida predominante. Café e comida representam o respeito aos princípios de reciprocidade. O cafezinho era deixado à disposição durante todo o tempo da reunião, mas partilhado por todos, ao mesmo tempo, durante os intervalos de uma reunião para outra. A refeição servida como jantar foi composta de *canjiquinha com galinha*. Além desse prato, servido grátis, os auxiliares prepararam uma *canjica branca doce* para vender, cobrando R\$0,50 o copo de 200ml. No almoço de domingo, foram servidos feijoada, arroz, farofa e pedaços de frango fritos. No café da manhã, os anfitriões serviram café puro, café com leite e pão com margarina. Do jantar e do almoço participaram tanto os integrantes de Grupos de AA, como seus acompanhantes e alguns moradores do povoado. A quantidade de comida previa cerca de 200 pessoas, mas não chegou a 100. A fatura de comida foi-me apresentada como uma peculiaridade das atividades festivas no povoado. Mais do que receber, é preciso demonstrar o prazer em dar.

Se ao local das reuniões, os moradores não comparecem, se no tempo das refeições alguns chegam, como se fosse para uma festa muito particular, no espaço da rua, outra *festa do AA* ganha vida. Enquanto as atividades institucionais acontecem no espaço da igreja, alguns dos acompanhantes circulam pelos bares e vendas do povoado, fazem

compras (especialmente queijo, lingüiça e *cachaça*), consomem alguma bebida, inclusive alcoólica. São raros os moradores que de alguma forma contribuem ou participam das atividades institucionalizadas, mas o cenário da praça e dos bares se altera com a presença das pessoas *de fora*.

Em 2005, a partir das 16 horas do sábado, foi montado um estabelecimento comercial na praça, próximo ao local do encontro, que, além de funcionar como bar, vendia lingüiça e partes de carne suína defumada. Como bar, havia umas quatro mesas com cadeiras, que estiveram ocupadas durante a tarde e noite de sábado, tanto por homens como mulheres (de dentro e de fora do povoado) que bebiam cerveja, refrigerantes e comiam dos petiscos oferecidos.

O trailer, em frente à igreja, que andava fechado, também estava aberto nesse dia e com algumas pessoas bebendo cerveja, outras refrigerantes. Algumas delas perguntavam onde seria o forró. A pessoa que estava no trailer colocou música e alguns deles dançaram ali mesmo, enquanto outros estavam na reunião.

Enquanto no Grupo de AA pesquisado no Estado do Rio de Janeiro, os vizinhos sequer tomavam conhecimento ou atribuíam importância às atividades festivas que ali ocorriam, em Cascatinha, comércio e serviços eram mobilizados em função da *Festa de AA*. Nesse sentido, ela adquiria, também, a forma de *feira no povoado*.

Esta atividade pareceu-me então *sui generis* pela mobilização de alguns moradores que, absolutamente, não mantêm vínculos formais com a instituição promotora do evento, por proporcionar momentos de conagração como os grupos que se formam nos bares e vendas, na rua e, especialmente, pelo detalhe do *Forró para não alcoólicos*, momento no qual os moradores se integram à *feira*, juntando-se aos promotores do evento.

Quando indagado sobre a atividade, o coordenador do grupo comentou que era costume fazer uma atividade para as pessoas que acompanham os *alcoólicos* visitantes e não são *doentes*. Durante essa atividade, a forma *baile* (para alguns) ou *forró* (para outros) se constitui e se sobrepõe à forma AA. Se nas demais atividades da programação, o café sobressai a outros tipos de bebidas, nessa atividade ele deixa de existir socialmente e as bebidas alcoólicas, especialmente a cerveja, se sobrepõem às demais. E se ao café acompanham bolos e biscoitos, à cerveja acompanham a música e a dança.

Entre os moradores que participaram do forró, estavam alguns jovens das famílias de produtores e somente um homem adulto, que se juntou a eles. A maioria dos participantes entre jovens e adultos era das famílias de trabalhadores assalariados e dos

visitantes. No entanto, um dos bares, próximo ao local do *forró*, permaneceu aberto enquanto o *forró* durou e nele ficaram outros homens identificados pela posição de produtores. O trailer, na praça, também permaneceu funcionando enquanto acontecia o *forró*, porém com menos pessoas, talvez porque o espaço para os fregueses fosse aberto e o frio, intenso. O *forró* foi encerrado por volta das 3:30h da madrugada.<sup>143</sup>

Algumas pessoas que vi no *forró* não costumam frequentar os bares, mas estavam lá e dançavam. Uma moradora de 70 anos, que não estava nessa atividade, mas ajudou no preparo da comida para o almoço, em entrevista, declarou:

Esse negócio de Chico Bil, que também coitado, regenerou a vida dele... Às vezes, a gente acompanha ele com uma festa de AA, nos outros grupos... Eu não gosto de ficar sozinha... Só não gosto de estar em porta de botequim. De estar em farra nesses bares... Eu penso comigo: - eu sozinha, sempre tem um curioso, vou lá mexer com aquela mulher que ela mora sozinha... Saio assim, na festa do AA, a gente dança. A gente sai com o grupo, conforme nós fomos lá em Ouro Preto e dançamos num baile lá. Como nós dançamos! Mas aqui, quando tem *forró* de AA, também não vou... Só vou quando é lá para fora... Aqui, eu fico quieta em casa, escutando o movimento... (Moradora no Morro do Meio, aposentada, *pobre*)

A declaração dessa entrevistada é emblemática do princípio de solidariedade que junta pessoas de diferentes afiliações com objetivos nem sempre comuns. Para ela, acompanhar os integrantes da Instituição representa não somente o exercício da solidariedade, mas também a oportunidade de partilhar momentos de lazer sem, no entanto, subsumir sua conduta à avaliação negativa. Assim como ela, outras pessoas no povoado constroem formas de relaxar o controle ao qual estão sujeitas.

A realização de *festas de aniversário de AA* sob este mesmo modelo parece ser comum nessa região do estado de Minas Gerais. Nas reuniões de que participei, conversando com o coordenador do Grupo, tomei conhecimento de convites de, pelo menos, sete grupos, nos quais constavam as mesmas atividades e solicitações. O

---

<sup>143</sup> Em 2006, embora estivesse no cartaz-convite o anúncio de *forró*, o coordenador do Grupo de AA não organizou a atividade. Como as pessoas perguntavam pelo *forró*, ele anunciou durante as reuniões que três dos bares locais estavam organizando *forró*. Mais tarde, obtive informações de que o proprietário da Cabana, onde ele costumava organizar essa atividade, havia transformado o espaço em galpão de trabalho (carpintaria). Fui informada também de que a *Festa de AA* já chegou a levar cerca de 800 pessoas para Cascatinha e que, nessa época, várias pessoas colaboravam com as atividades realizadas no espaço da escola, onde os visitantes também dormiam. Uma diretora do estabelecimento de ensino, uns dois anos atrás, não mais autorizou a utilização do espaço e foi preciso distribuir as pessoas pelas casas de moradores. Esses fatores, segundo os entrevistados, contribuíram para a diminuição não só do número de participantes como da importância atribuída a essa *festa*.

coordenador do grupo pesquisado costuma organizar excursões com esta finalidade, cumprindo dessa forma o princípio de reciprocidade. E muitas pessoas, mesmo não sendo integrantes da Instituição, manifestam vontade de ir, chegando, às vezes, a constituir maioria.

Uma das mulheres, adepta dos princípios de AA, comentou que gosta muito de ir à festa de Belo Horizonte e manifestou: “*O forró é muito bom. Eu danço até... E lá, eles não deixam vender bebida.*” Apesar da condenação à venda de bebidas alcoólicas no forró de Cascatinha, essa avaliação desloca os princípios institucionais de AA do primeiro plano, pois o que agrega e motiva é o lazer que a atividade proporciona. Da mesma forma que algumas pessoas aderem aos princípios de AA pelo desvio das normas sociais quanto ao ato de beber para ficar sem beber, outros o fazem para beber e dançar.

#### VI.2.2. *A casa dos bêbados* e a internalização do condenável consumo de cachaça<sup>144</sup>

Como visto, uma maneira de beber socialmente reprovada ou condenada agrega pessoas pela positividade social de um estado que implica não beber. Todavia, essa maneira também pode agregar pela manutenção da condição de beber excessivamente de forma partilhada e entre iguais. Se entre os integrantes de Alcoólicos Anônimos se reconhece a condição de *doente* como fator de igualdade, entre os integrantes dessa outra forma de agregação, reconhece-se e assume-se pública e autonomamente a negatividade social sobre determinadas *maneiras de beber*.

No contexto da pesquisa, agregando-se por esse fator, as pessoas que assim o fazem reúnem-se numa casa, pertencente a um dos homens, denominada por alguns moradores *casa dos bêbados*. Unidos por objetivos comuns de conagração mediado especialmente pelo consumo autônomo (porque reservado) da bebida alcoólica, principalmente a *cachaça* ou *pinga*, essas pessoas constituem, naquela *casa*, um espaço social que lhes parece impossível de realizar nos espaços compartilhados por pessoas que, segundo sua própria

---

<sup>144</sup> Cabe ressaltar que os dados analisados nesse item, frente aos limites da pesquisa que impediam meu acesso direto ao espaço e tempo partilhado pelos sujeitos que assim se agregam, foram exclusivamente obtidos pelas informações e entrevistas fornecidas por pessoas que avaliam o comportamento dos frequentadores da casa e que reivindicam para si o saber do que seja um *bem viver*. Portanto, estou construindo uma interpretação da interpretação pelos pesquisados sobre uma situação que representava, naquele contexto, um dos extremos de falta de valores e de moralidade.

avaliação, sabem viver. E o sabem porque expressam publicamente o controle do seu corpo e de sua conduta, quando sob os efeitos biológicos do consumo de bebidas alcoólicas. Desse ponto de vista, o ato de beber em si não constitui objeto de condenação. A desaprovação aparece pelo que se deixa de fazer ou pelo que se faz em função da prática constante desse ato.

Freqüentar a *casa dos bêbados* constitui, pois, uma forma de assumir-se como alguém que autonomamente foge às regras do *bem viver*. Essa atitude, por parte dos integrantes desse grupo, pode ser entendida como uma auto-avaliação, pelos atributos socialmente conferidos aos *maus bebedores*, como sendo aquelas pessoas que perderam o controle não somente sobre seu corpo, mas também sobre sua vida social, deixando, especialmente, de fazer aquilo que configura e diferencia a condição humana da condição animal: o trabalho, a constituição de uma família, os cuidados com o corpo e a mente.

Sob tal perspectiva, as pessoas que freqüentam essa *casa* aparecem nos comentários dos informantes e entrevistados como aquelas que “*ficam o dia inteiro sem fazer nada, só bebendo*”; “*ficam lá o dia inteiro, um esperando o outro conseguir bebida*”; e “*vivem à custa de familiares: uns sustentados por irmãos, outros pela aposentadoria da mãe*.” Ao que equivale dizer: não ter compromisso com o trabalho e, portanto, com a família.

Dentre os qualificados *bêbados* que freqüentam essa casa, cinco são solteiros. Desses cinco, quatro passaram a morar sozinhos após a morte da mãe e um mora com a mãe. Dois deles foram casados, e as mulheres foram embora. Um desses mora na casa do irmão (que advoga ser dele também) e o outro vive sozinho, com apoio da mãe. Dois são casados, no sentido de que vivem com uma mulher. Um desses manifestou, em entrevista, a vontade de ficar sozinho: “*O que eu ainda vou fazer é um cantinho para eu ficar sozinho, receber os amigos...*” (Morador do Morro do Meio, 43 anos, casado, desempregado)

Um dos critérios para integrar esse grupo aparece nas entrevistas pelo *saber preparar algo para comer e levar algo para preparar e/ou beber*: geralmente alimentos de preparo rápido, por meio de frituras, como lingüiça, peixe, frango e, para beber, a *pinga* ou *cachaça*. Quando não conseguem algo para comer, cada um se dirige à casa reconhecida como sua moradia.

Os entrevistados elaboram uma diferença entre aqueles que freqüentam a casa e os que ficam na casa. Um sobrinho do proprietário da casa resumiu a diferença:

- Os que freqüentam, cada um leva uma coisa: um pesca e carrega peixe, outro arranja óleo, outro arranja cachaça e vão para lá. Tem mais ou menos uns oito homens que fazem isso. Aí, ficam lá bebendo e dormindo, mas fazem alguma coisa. Os que ficam na casa o dia inteiro não fazem nada. (Morador da Rua Principal, 18 anos, solteiro, estudante universitário)

Além do proprietário do imóvel, mais dois homens são apontados como os *que ficam na casa sem fazer nada*. O mesmo sobrinho e a cunhada do proprietário comentaram que *os demais bebem como eles, mas todos trabalham*. Citaram um rapaz como igual a eles, mas que parou de beber e, hoje, ninguém diz ser a mesma pessoa. Dois dos apontados como iguais a ele viveram experiências de internação hospitalar e permanência em uma “Casa de acolhida para alcoólicos em recuperação”. Um deles era aposentado, e o outro recebia ajuda de irmãos que moram em outro município, mas também vivia com uma mulher, com a qual tinha um filho.

O aposentado nunca se casou e viveu com a mãe até ela falecer. No dia em que conversou comigo, ainda afirmou: “ *Gosto de morar sozinho, de conversar com todo mundo e de tomar pinga. Hoje, estou maneirando porque tem muita gente no lugar e eu quero ir na missa e na procissão de N. Sra. do Rosário.*” (Morador da Rua de Baixo, 58 anos, solteiro, aposentado)

O outro, que vivia com uma mulher, durante uma entrevista dramatizou, pela narrativa, a morte dos pais, elaborando uma divisão temporal de sua vida a partir desse fato. Após narrar o drama do falecimento do pai, disse ele:

Comecei a gostar de beber depois de meus vinte e oito anos... Antes não bebia e não gostava, mas respeitava. Não fumava. Era só trabalhar: casa serviço, serviço casa... Eu bebia bastante cerveja, quando eu comecei... Era em qualquer lugar que chegava... Um amigo chamava. Outra hora a gente ia junto e por aí ficava... Agora gosto mais de tomar é pinga... É sim... Bebo sempre... Quando eu também não quero beber nada, eu não bebo não... A minha esposa nunca bebeu. (Morador do Morro do Meio, 43 anos, casado, desempregado)

E quando indaguei sobre algum desejo de mudança na sua vida, ele imediatamente respondeu:

Eu mudaria sim... Olha, eu a única coisa que eu quero fazer para mim e vou fazer, com fé em Deus, é fazer um cômodo para mim separado... Uma casinha. Aí, eu posso receber um amigo, você, ele. Nem que seja



pequeninho... Cuidar sim do meu filho. Dar assistência e tudo... Isso aí, já está praticamente quase que feito... É melhor... Deus me perdoe de falar, pelo amor de Deus! Antes mais só do que... (ri) Não é verdade? Porque não adianta. Você faz uma coisa. Você agrada. Você está fazendo aquilo, está agradando. Não dá valor. Vai ficar nisso toda vida? ... Então fica num lugar mais tranqüilo. Ajuda, continua ajudando... Aí pronto. É melhor. A confusão não presta. Deus que me perdoe. (Idem)

As declarações dessas pessoas aparecem como comportamentos de prevenção suscitados por forças de constrangimento. Eles comungam do projeto de convivialidade entre iguais e não se vêem como anômalos. A forma como eles se reúnem nessa casa pode ser pensada como esforço permanente para evitar o risco de constrangimentos que as transgressões das regras que conferem *status* de normalidade acarretam àqueles que são qualificados pelo consumo excessivo ou abusivo de bebidas alcoólicas.

Segundo informações obtidas em entrevistas com parentes do proprietário do imóvel, ele foi abandonado pela mulher por causa da bebida. Os pais dele ficaram com seus filhos, que depois foram morar no Rio de Janeiro com sua irmã mais velha. Apesar de contar com um quarto na casa do irmão, ele mantém a *casa* no Morro do Meio com alguma mobília, mas desocupada. Por vezes, ele passa uma temporada no Rio de Janeiro, em casa dos filhos, período no qual um dos freqüentadores da casa recebe a responsabilidade de cuidar do imóvel. A casa permanece fechada, mesmo assim, alguns dos qualificados *bêbados* costumam permanecer sentados à frente ou em uma das laterais da casa. Não sem significado, as *casas que vendem cachaça* estão localizadas nas proximidades dessa casa. Estas casas e a presença dos homens na *casa dos bêbados*, mesmo fechada, aparecem como reforço à significação daquele espaço como *lugar dos bêbados* (Foto 26).



**Foto 26.** *Casa dos Bêbados*, categorização estigmatizante do proprietário e seus convidados (2005).



**Foto 27.** Fornecedor dos bares e vendedor domiciliar de cachaça em frente a uma *Casa que vende cachaça* próxima à *Casa dos Bêbados* (2005).

Sob esse ponto de vista e por essa peculiaridade de união entre eles, os assim classificados não deixam de ser parte integrante da vida social no povoado. Entre eles mesmos, eles vivem uma forma de agregação que é peculiar aos qualificados *bêbados* (para uns) ou *alcoólatras* (para outros), quando essas classificações assumem significados pejorativos. Além disso, constituem pessoas sobre as quais os olhares condenatórios tomam como exemplo de *mau caminho* na socialização dos filhos; constituem assunto para os grupos de amigos que se agregam para conversar no tempo livre; e constituem objeto de atenção dos agentes institucionais de saúde, merecendo inclusive destaque na ficha de controle da saúde. Ganham visibilidade como um *tipo social*, que se constitui por regras próprias que resultam da construção de um beber sem descontinuidade no tempo e no espaço. Portanto, mesmo que represente para a população local a objetivação de uma anomia, investindo na autonomia pelo isolamento, isolam-se porque também vivem sob controle moral.

## CONCLUSÃO

A questão que me motivou este trabalho foi a constatação de que a maior parte dos estudos até então dedicados ao ato de consumir bebidas alcoólicas se pautava muito mais na compreensão das definições de moderação *versus* excesso, isto é, muito mais nos desvios do que nas relativamente diversificadas maneiras de beber.

Com esta preocupação e dando continuidade ao trabalho iniciado por minha inserção no projeto de pesquisa intitulado “O alcoolismo e a exclusão social”, dediquei-me a estudar, assumindo o caráter de interconexão social que lhes é inerente, as formas de sociabilidade mediadas, entre outros recursos, pela prática desse consumo, neste contexto, referência para as aprovadas maneiras de viver. Por isso, singularizo minha contribuição ao campo temático pela negação do estudo do consumo em si e pela afirmação do peso relativo das bebidas na vida cotidiana, por isso incluindo o café, os sucos e os refrigerantes, paralelamente às alcoólicas. Para tanto, construí o olhar da pesquisa pautado nas seguintes interrogações gerais: quem, com quem, o que, onde, quando, por que e como se bebe. Mas para que esta perspectiva se demonstrasse frutífera em termos metodológicos, focalizei comportamentos de indivíduos na condição de pessoas em situações mais ou menos intencionais de encontros, portanto, variáveis conforme suas múltiplas inserções sociais. Afinal, esses são os contextos de produção e reprodução de regras e respectivos desvios quanto ao consumo aqui aventado, podendo assim revelar questões importantes para os aspectos analíticos assim levantados.

Resolvi realizar a pesquisa em um povoado, onde julguei poder chegar mais próximo da proposta, uma vez que o sistema de relações que integram os moradores em Cascatinha os coloca continuamente sob a condição social de pessoa. Em decorrência, neste texto, não apresentei, como recorrentemente se faz presente, sistematização teórica sobre o tema consumo de bebidas alcoólicas, mas uma sistematização descritiva das situações em que as pessoas que habitam no povoado e que foram integradas à pesquisa, organizam suas ações valorativas de princípios de sociabilidade. E dessa forma, procurei relativizar então o peso atribuído à essencialidade do consumo de bebidas - alcoólicas ou não - naquelas situações de sociabilidade que foram privilegiadas para análise.

Considerar as diferenciadas posições dos pesquisados não foi apenas uma imposição teórico-metodológica, posto que seria praticamente impossível compreender as relações sociais sem levar em conta a tamanha imposição da perspectiva historicizada dos pesquisados que, insistentemente, definiam-se por uma convivência pautada em diferenciações sociais, cujo processo de constituição se reproduzia por longo tempo. Sem um investimento na compreensão histórica da constituição das posições sociais, por vezes tão contrastivas ou qualificadas por polarizações absolutizadas, eu não conseguiria entrevistá-los e muito menos compreender as práticas de interconexão social. Essa contrastividade assume relativas conseqüências nas ações das pessoas, referenciando qualquer avaliação sobre elas. Além disso, embora eu não tenha sistematizado de forma mais interpretativa as relações de gênero na análise das situações aqui privilegiadas, reconheço que o aprofundamento do estudo sobre esse tema neste povoado exige maior investimento no sentido destacado. Correlativamente, teria sido importante ampliar a valorização das relações a partir de ciclos de vida, embora tenham sido perpassadas no decorrer do texto.

Estou reafirmando, por esses aspectos, como os agregados humanos se constituem diferencialmente segundo padrões culturalmente instituídos e como se organizam segundo modelos de interação e se objetivam em configurações de sociabilidade distintas. Às formas de sociabilidade correspondem padrões específicos de conduta social, reconhecidos mediante o desempenho dos indivíduos em papéis compartilhados ou modos de objetivação da vida social.

Como já constatado em vasta literatura, o consumo de bebidas alcoólicas só se torna possível porque dotado de regras de engajamento positivo na vida social. Sendo assim, o desvio das regras do bem beber, como semelhança a um *bem viver*, constitui recurso fundamental para entender os investimentos (e desinvestimentos) na formação e reprodução de comunidades de sentidos e valores, isto é, universos dotados de sentidos cujos significados são socialmente articulados e compartilhados, fazendo crer ser possível a integração social.

Sob este olhar, observei que, conforme a situação, o consumo de qualquer bebida pode ser estimulado e, no caso da alcoólica, até mesmo autorizado ou esperado; ou, ainda conforme os contextos, os princípios de ação podem ser invertidos, sendo ela autorizada para poucos ou mesmo dissimulada; ou, ainda, na contraposição, interditada. O ato de

consumir bebidas pode acompanhar ou ser acompanhado de algo para comer. Em algumas situações, a comida está em primeiro plano; em outras, é a bebida. Entre as situações que valorizam uma ou outra dessas ações, a bebida alcoólica pode ser privilegiada; em outras, são as bebidas socialmente qualificadas como neutras. Entender, pois, o consumo de bebidas alcoólicas relativamente a outros consumos, é colocar em jogo tanto quem as consome, como quem qualifica esse consumo.

As maneiras de beber estão socialmente demarcadas pelas noções de tempo e espaço social. Do ponto de vista das relações de gênero, no contexto da pesquisa os espaços são mais reveladores de condutas esperadas. Ao homem, a rua, os bares, as festas, o campo de futebol, a madrugada, todos espaços de convite ao consumo de bebidas, especialmente as alcoólicas. À mulher, a casa e as festas públicas, especialmente as noturnas, isto é, no tempo do não trabalho doméstico. E muito embora, em tese, o consumo de bebidas alcoólicas esteja associado tanto ao homem como à mulher, ele marca e delimita diferenças de papéis sociais. Para ambos, a cerveja e a cachaça são bebidas alcoólicas que, no espaço doméstico, o consumo obedece ao princípio do gosto.

Via de regra, as observações e as entrevistas mostraram que as bebidas neutras marcam temporalidades, tanto quanto as alcoólicas. Entretanto, as primeiras estão mais associadas a rotinas e etiquetas de hospitalidade, não representando significativa expressão na diferenciação de gênero. No domínio doméstico, essas bebidas delimitam os momentos de passagem do tempo de trabalho para o de não-trabalho e vice-versa, da mesma forma que se constituem mediadores tanto de rápidas como de longas conversas.

Sendo este o domínio da mulher, cabe a ela manter o controle sobre o abastecimento de bebidas neutras, bem como sobre a oferta delas ao consumo, especialmente quando da presença de alguém de fora. A ela também cabe o controle da integridade desse espaço e, conseqüentemente, da família, nas situações de consumo de bebidas alcoólicas. Isso significa também rigoroso controle sobre si, especialmente nas situações em que o consumo de bebidas alcoólicas predomina sobre outros. Caso não haja impedimentos por princípios religiosos e ela goste de beber, deve interromper o consumo ao dar sinais de embriaguez. Da mesma forma, se ela bebe em festas na rua ou na casa de vizinhos ou parentes, deve retornar para casa sem se embriagar.

Muito embora o homem esteja mais autorizado a beber fora desse domínio, ele não deve viver estados de embriaguez na rua. Além do autocontrole que ele deve adquirir no

aprendizado do consumo, cabe à mulher zelar para que isso não aconteça, bem como para que ele se recupere, no caso de chegar embriagado. No primeiro caso, as mulheres costumam circular pela rua, passando pelos bares. Assim, mesmo que elas não se interponham ao ambiente interno do bar, sua presença é expressiva, aí terminando, sob bom tom, o constrangimento necessário e a lembrança do dever de acatamento a regras pelo marido. E no segundo, colocar em prática saberes transmitidos entre gerações, principalmente entre elas, para acelerar o retorno ao comportamento qualificado normal ou evitar constrangimentos sociais em família ou em público, situações que as atingem como membro de uma família. Compreender essas regras familiares é de fundamental importância para entender como se estruturam as situações de sociabilidade no espaço doméstico ou público, visto que elas perpassam todas as situações em que bebedores são antes de tudo esposos, namorados, filhos, pais ou avós. A ênfase no estudo de consumo de bebidas alcoólicas coloca assim em cena todo um sistema de valores institucionalizados nos consentimentos dos comportamentos individuais cotidianos, porque também no sistema de prestígios são qualificados positivamente os respeitadores de regras, assim reconhecidos como integrantes de outros sistemas institucionais de produção de visões de mundo e de modo social de ser, objetivados nas práticas religiosas, na vida escolar, no exercício de representante ou apoiador político, nos parâmetros de construção de carreiras de mobilidade social, nos grupos segmentados por interesses específicos como time de futebol, participantes da congada, dançarinos de forró, excursionistas, camaradas de passatempo.

Embora nas situações de acolhimento de visitantes haja maior tolerância na reafirmação dos limites cotidianos, nem por isso significa suspensão das regras de consumo de bebidas alcoólicas. Se a visita é rápida e alguma bebida prevalece sobre a comida, o recado já está lançado: o anfitrião não está disponível para maior tempo de permanência do visitante. Se a visita for prolongada, uma das formas de criação de limites no que tange ao ambiente doméstico é o deslocamento para os bares. A camaradagem se amplia, e os limites ultrapassados já estão *a priori* estabelecidos e afrouxados.

Analisar essas continuidades estabelecidas pela atribuição de funções diversas aos ambientes sociais é também entender o importante papel exercido pelos bares na vida dos moradores do povoado, não devendo ser por isso analisado por antagonismos, mas por aspectos contrastivos, referenciadores da comparação, para assim entender as

complementaridades e as discontinuidades. Da mesma forma, este olhar permite entender por que os bares são qualificados sob precisa diferenciação, cada um colocando determinados limites e abrindo alternativas diversas. A análise do padrão geral de distinção de oferta de serviços poderia ser importante para entender a dinâmica de construção e relativização dos padrões de comportamento que orientam o consumo de bebida. Também deixa ver que as regras variam conforme o gênero, como já destaquei, mas também pelo ciclo de vida biológico e social e a posição socioeconômica dos clientes de bar, de botequim e de venda.

Quanto ao ciclo de vida, a atenção recaiu sobre a forma como as maneiras de beber podem marcar passagens entre universos de significação correspondentes às posições sociais que vão e devem ser alcançadas. Os mais jovens costumam permanecer nos arredores da casa e/ou da família, sendo socializados nas maneiras de mesa ou de constituição de espaços de interação. Nesses espaços, caso ocorra o consumo de bebidas, o refrigerante ou suco são os privilegiados. Em uma fase da vida, que considerei liminar no que tange ao distanciamento das normas que organizam o domínio doméstico, o jovem busca demonstração de rompimento dos laços de obediência mais restrita ou de autonomia relativa, na exibição social mediada pelo consumo explícito ou dissimulado de algum tipo de bebida alcoólica. Nessas situações, a própria condição de neófito justifica a possibilidade de embriaguez, redirecionada para o aprendizado dos limites de ingestão pelo corpo e pelo correspondente comportamento posicional.

Neste trabalho, como ficou demonstrado, apoiei-me nas importantes contribuições de Gausson que, radicalmente, advoga que, melhor que compreender como se torna alcoólico, o mais adequado é entender como os indivíduos bebem sem se tornar alcoólicos. Portanto, para o autor, as pesquisas empíricas devem incidir sobre modos de consumo e se interrogar sobre as regras que definem a moderação ou o beber como virtude. Nesse quadro relacional, o comportamento do bebedor definido como alcoólico ainda ilumina a construção de regras do bom bebedor, que reivindica o reconhecimento como bebedor normal, exercício que poderia ser contribuição mais tolerante para a exclusão absoluta do consumo pelos chamados alcoólicos. Afinal o alcoólico não se apresenta como aquele que não sabe beber?

O apelo imediato à etiquetagem como doença evita outros investimentos em saúde pública e muitas vezes cria um isolamento social que dificulta a manutenção do ex-bebedor

como abstinência. Neste aspecto, os moradores de Cascatinha, não referenciados por uma definição médica dos abusos, mas pautados na convicção moral de que todos os que desejam beber devem saber fazê-lo, ainda poderiam emprestar melhor contribuição ao campo temático. Os que se apresentam como ex-bebedores e reivindicam este reconhecimento público, não se pautam no distanciamento físico e social dos bebedores, mas patrocinam situações em que os que sabem beber continuam a ser respeitados e consagrados.

Como singularidade de experiências de vida, alguns moradores de Cascatinha, vivendo sob controle moral encapsulado por familiares, parentes, vizinhos e comerciantes de bebida, reafirmam seu direito de beber sob regras que lhes dizem respeito. Confrontam então sua autonomia e direito, criando espaços próprios ou exclusivos de consumo. Espaços físicos e sociais de interdição dos porta-vozes da cruzada moral, de colocação de limites aos efeitos das fofocas e disse-me-disses, construindo sua indiscreta *casa rosada* como palácio do consumo sob regras de quem cultiva a cultura ou o estado de embriaguez. A contribuição ainda se faz importante ao campo temático, porque este é um espaço de agregação de indivíduos cuja desigualdade de posições sociais é aparentemente relativizada ou desconsiderada, tal como postula a ideologia constitutiva da instituição Alcoólicos Anônimos. Nesse sentido, a capacidade acusativa de quem pode definir o alcoólico e as condições de internalização da acusação ainda abre alternativas para muitas e diferenciadas saídas e construção de padrões de convivência.

Entendendo que o ato de consumir bebidas alcoólicas está vinculado a modelos de conduta adaptados a diferentes situações sociais, reafirmo nesta conclusão que o consumo de bebida alcoólica não pode ser considerado essencializado objeto de estudo. Não pode ser estudado por ele mesmo, mas a partir das práticas em que ele está presente, juntamente com outros consumos de bebidas não alcoólicas e outras formas de alimentos. E como procurei demonstrar, só a partir do quadro de referência situacional, os bebedores exaltados positivamente ou negativamente podem ser reconhecidos.

Entretanto, a perspectiva de construção do olhar de pesquisa pelo caráter situacional deve ser alargada. A forma como os diversos agentes (privilegiados na pesquisa) estão referidos uns aos outros (e assim orientam a sua prática social) depende de alguns dispositivos instituídos para além de seus universos de significação, tais como: direitos e deveres tradicional ou legalmente instituídos; instrumentos de ação política sobre o sistema



de relações de trabalho; e correlação de forças nos acordos entre as partes. Mas essa perspectiva de análise só pode ser considerada importante, estimulando ainda outras linhas de estudo sobre o tema, porque, ao invés de partir de um tipo de consumo e suas representações ou significações simbólicas, eu parti das relações sociais em jogo em diversas situações qualificadas como momentos de sociabilidade.

Na pesquisa procurei me manter fiel ao princípio de que as relações sociais são reguladas em profundidade por normas e rituais; e que a ordem social se estrutura e se reproduz no cotidiano das interações. Por isso, partilhei, com diversos outros antropólogos, a idéia de que a observação dos comportamentos cotidianos é recurso fundamental para apreender a ordem social, especialmente aquelas circunscritas a diferenciadas formas de sociabilidades.

A despeito de centrar no estudo das maneiras de consumo de bebidas, inclusive alcoólicas, este texto representa contribuição ao entendimento de um conjunto de regras que estruturam as interações sociais nas práticas de sociabilidade de moradores de um povoado rural. Por isso, também se afilia, de forma relativamente singular, aos chamados estudos sobre a vida rural, hoje tão proclamados pelas interseções com universos sociais que lhes são externos, mas de compreensão muitas vezes empobrecida pela cumplicidade de pesquisadores com termos carregados de pré-noções. Alguns destes termos são de tal ordem de obscurecimento das situações empíricas, porque respeitos do reinado de termos ideológica e politicamente consagrados, que se justificam pelo acréscimo do nov, em si mesmo vazio de sentido. Este é o caso da consagração de pesquisas ao tema novas ruralidades. Acompanhando as formas de sociabilidade colocadas em prática pelos moradores de Cascatinha, pode-se concluir sobre as amplas redes às quais eles estão interligados, seja por peregrinações, seja por migração para cidades que oferecem cursos médios e superiores de ensino, seja acompanhando o mercado de trabalho de oferta mais ampla, seja pela redefinição como cidadãos beneficiários universais de programas e serviços públicos, seja pela romaria entre campos de futebol em torneios regionais e quiçá estaduais, seja pela adesão aos investimentos das companhias de produção e redistribuição de cervejas que, num contexto de desemprego e de busca de alternativas de ampliação do rendimento familiar, dotam vendedores de condições socioeconômicas das mais diferenciadas, de recursos mínimos para a oferta exclusiva de marcas de bebidas, e por princípios de concorrência dispersa e pontual de bares constituídos pelo padrão de *puxadas*

ou conversões de salas de visitas em espaços de comércio. A expansão do consumo de bebidas alcoólicas na modalidade cerveja alcança assim padronização nacional, reduzindo o consumo da tradicional cachaça, até bem pouco, tipo de bebida preferida, mormente nos espaços não dotados de energia elétrica, a um comércio pontual, no varejo, como tão bem exemplifica a última foto apresentada; e a desqualificação dos antigos modos de consumo à depreciativa e especializada definição de *casa que vende cachaça*.

Por fim, mesmo considerando diversificadas situações de exercício segmentado ou comunitário de sociabilidade, não perdi de vista que os códigos de conduta explicitados estão referenciados a corpos de regras acessíveis e, em certo plano, aceitos como homogêneos. A análise procurou levar em conta os elementos destes códigos, sempre normativos no sentido de apontar exatamente os limites para os comportamentos. Todavia, mesmo que correndo o risco de certa reificação desses códigos, procurei me conter diante da tentação (tão recorrente) de apresentá-los, por isso mesmo, como modelo idealizado de comportamento. Eles foram considerados princípios de regulação de interações sociais. A análise dos códigos de comportamentos que aparecem de forma discursiva nos comentários, nas críticas, nos aconselhamentos, visa a apontar para esse caráter normativo e referenciador. Portanto, não podem dar conta de condutas efetivas. E para poder avaliar a distância entre a conformidade das práticas e os códigos do bem beber, foi preciso, como tentei demonstrar, não só pensar pela perspectiva mesma dos códigos, mas também tentar compreender as situações vividas e os cuidados tomados nessas várias situações, para que eles não venham a ser totalmente negados e acenem para a mutante reprodução, mutação cujo ritmo e velocidade podem ser compreendidos pelos comentários dos cuidadosos zeladores das regras morais, intelectuais locais dos supostos acertos e desacertos das mudanças de comportamentos, mormente as que se exprimem mais claramente nos estilos de vida reclamados por cada geração. Afinal, para que as regras sejam aceitas, vividas, consentidas, é preciso que todos, mesmo na situação de desviantes, tomem-nas em consideração, ou seja, reconheçam-se desviantes, caso dos qualificados *bebuns*, que enfrentam os efeitos imediatos do controle moral inerente a formas de dominação personalizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Hucitec/Anpocs/Editora da Unicamp, 1992. 275 p.
- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e capitalismo no campo. In: STÉDILE, J. P. *A questão agrária hoje*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994. 332 p., p. 94-104.
- ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos anônimos*. São Paulo: Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, 1997. 199 p.
- ALMEIDA, A. W. P. de. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: posse comunal e conflito. *Humanidades*. São Paulo, n. 15, 1988. p. 42-48
- ALMEIDA, Jalcione. *A construção social de uma nova agricultura*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. 214 p.
- ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto. Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis: Vozes, 1980. 120 p.
- ANCEL, Pascale & GAUSSOT, Ludovic. *Álcool et alcoolisme: pratiques et représentations*. Paris: L'Harmattan, 1998. 237 p.
- ARANTES NETO, A. A. A Sagrada Família: uma análise estrutural do compadrio. *Cadernos do IFCH*. São Paulo, n. 5, 1975. p. 1-38
- BECKER, Howard S. *Outsiders - Studies in the sociology of deviance*. Londres: The Free Press, 1966. 215 p.
- BERGAMASCO, Sônia Maria P.P. e ANTUNIASI, M.H.R. *Bibliografia sobre a produção familiar na agricultura brasileira*. 1ª. ed. São Paulo: Finep/Universidade Estadual Paulista. Botucatu: UNESP, v. 1, 1986. 218 p.
- BERGAMASCO, Sonia Maria P.P. Caracterização da agricultura familiar no Brasil, a partir dos dados da PNAD. *Revista Reforma Agrária*. Campinas, n. 25, 1995. p. 167-177
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas. Uma visão humanista*. Petrópolis: Vozes, 1986. 208p.
- BERNAND, Carmem. *Désirs d'ivresse. Álcool, rites et dérives*. Paris: Éditions Autrement, 2000. 194 p.
- BERREMAN, Gerald. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975. 263 p., p. 123-174.

- BORGES, Celia Maia. *Escravos libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. 252 p.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304 p., p. 183-192.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 313 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues e RAMALHO, J.R. *Campesinato goiano*. Goiânia: EDUFG, 1986. 156 p., p. 83-117.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de defesa do folclore brasileiro, 1978. 164 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher comer*. Um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981. 182 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do santo de preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985. 121 p.
- BRUMER, Anita. e TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do Século XX). *30 Años de Sociología Rural en América Latina*. ALASRU, 2000. 235 p., p. 33-69.
- CAMPOS, Edemilson Antunes de. *Alcoolismo, doença e pessoa: uma etnografia da associação de ex-bebedores Alcoólicos Anônimos*. São Carlos, 2005. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Educação e Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- CANDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964. 284 p.
- CARMO, Maristela Simões do. Agricultura sustentável e produção familiar num contexto de reestruturação do sistema agroalimentar. *Revista Reforma Agrária*. Campinas, n. 25., 1995. p. 114-127
- CARNEIRO, Henrique. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 200 p.
- CARNEIRO, Maria José & MALUF, Renato (Orgs.). *Para além de produção. Multifuncionalidade e agricultura familiar*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. 230 p.
- CARNEIRO, Maria José. Política pública e agricultura familiar: uma leitura do PRONAF. *Estudos: Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, n. 8, abr. 1997. p. 70-81

CASTELAIN:, J. P. *Manières de vivre, maniers de boire: alcool et sociabilité sur le port*. Paris: Imago, 1989.

CASTRO, Elisa G. de. *Young fellow e old fellow: a construção da categoria “jovem” a partir de um estudo de Arensberg e Kimball sobre família e comunidade na Irlanda*. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro 2004, vol. 12. Rio de Janeiro: CPDA/MAUAD, 2004. p. 272-321.

CHAMPAGNE, Patrick. *La fête au village. Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, n. 17-18, 1977. p. 73-84

COMERFORD, John C. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia e Política, 1999. 154 p., p. 47-91

COMERFORD, John C. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Núcleo de Antropologia Política-UFRJ, 2003. 406 p.

CONDÉ, Lysia Reis. *Ciranda e prestação de serviços: "Os Coroas Cirandeiros" em busca da profissionalização*. Niterói, 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CORADINI, Odacir L e FREDERICQ, Antoinette. *Agricultura, cooperativas e multinacionais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 184 p.

CORBUCCI, Regina Célia. Algumas reflexões sobre o Programa Nacional de Agricultura Familiar. *Revista Reforma Agrária*. Campinas, n. 25, 1995. p. 178-184

COUTO, Patrícia Brandão. *Festa do Rosário. Iconografia e poética de um rito*. Niterói: EDUFF, 2003. 263 p.

CRAPLET, Michel. *A consumer avec modération*. Paris: Odile Jacob, 2005. 353 p.

D'INCAO E MELLO, M. C. *O bóia-fria: acumulação e miséria*. Petrópolis: Vozes, 1975. 154 p.

DA MATTA, Roberto. “O Carnaval como um Rito de passagem”. In \_\_\_\_\_. *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Coleção Antropologia, n°. 3. Petrópolis: Vozes, 1977. 173 p., p. 121-168

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979. 272 p., p. 67-118

DA MATTA, Roberto et al. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. 124 p.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 126 p.

DE CERTAU, Michel. *La culture au pluriel*. Paris: Ch. Burgois, 1980. 228 p.

DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977. 279 p.

DOUGLAS, Mary (Ed.) *Constructive drinking perspective on drink from anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 291 p.

DOUGLAS, Mary. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006. 306 p.

EDWARDS, Griffith. *O tratamento do alcoolismo: um guia para profissionais da saúde*. 4ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 344 p.

ELIAS, Norbert. A etiqueta e a lógica do prestígio. In: \_\_\_\_\_ *A sociedade de corte*. Lisboa: Editora Estampa, 1987.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. vol. 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 277 p. Tradução de Über den prozess der zivilisation.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998. 166 p. Tradução de Über die Zeit.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000. 224 p. Tradução de The established and the outsiders: a sociological enquiry into community problems.

ELIAS, Norbert. *Qu'est-ce que la sociologie?* Paris: Éditions de L'Aube, 2002. 223 p.

ESTERCI, Neide. *Conflito no Araguaia: peões e posseiros contra a grande empresa*. Petrópolis: Vozes, 1987. 208 p.

EUFRÁSIO, Mário A. A temática da sociabilidade na escola de Chicago. In: LASC – Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea. *Sociabilidades*. São Paulo, 1996. 154 p., p. 37-44

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxarias, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 255 p. (coleção Antropologia Social). Tradução de Witchcraft, oracles and magic among the Azande.

FAINZANG, Silvie. *Ethnologie des anciens alcooliques: la liberté ou la mort*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996. 171 p.

FAINZANG, Silvie. Entre práticas simbólicas e recursos terapêuticos: as problemáticas de um itinerário de pesquisa. *Antropolítica*. Niterói, n. 1, 2 sem. 2003. p. 20-38

FAINZANG, Silvie. *La relation médecins-malades: information et mensonge*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007. 159 p.

FARDON, Richard. *Mary Douglas: uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. 460 p.

FERRAROTTI, Franco. *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990. 195 p.

FERREIRA, Angela Duarte Damasceno e BRANDENBURG, Alfio (Orgs.). *Para pensar outra agricultura*. Curitiba: EDUFPR, 1998. 275 p.

FIRTH, Raymond. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. 274 p.

FORTES, Meyer. *O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico*. Brasília: Universidade de Brasília, 1974. 9 f. (Texto de aula – Antropologia 6)

FREYSSINET-DOMINJON, Jacqueline et WAGNER, Anne-Catherine. *L'álcool en fête: manières de boire de la nouvelle jeunesse étudiante*. Paris: L'Harmattan, 2003. 267 p.

FROOM, Erich e MACCOBY, Michael. *Caráter social de uma aldeia. Um estudo sociopsicanalítico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. 378 p.

FUKUI, Lia Freitas Garcia. *Sertão e Bairro Rural- parentesco e família entre sitiantes tradicionais*. São Paulo: Ática, 1979. 256 p.

GALVÃO, Eduardo Enéas. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. 284 p. (Coleção Brasileira).

GARCIA JR, Afrânio. R. *Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 236 p.

GARCIA JR, Afrânio. R. *O sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero, 1989. 286 p.

GARCIA, Angela Maria. Os bares no contexto de um bairro popular. *Relatório Técnico: Projeto Integrado de Pesquisa "O Alcoolismo e a Exclusão Social"*. Niterói: CNPq-UFF, 2000. 135 f.

GARCIA, Angela Maria. Alcoólicos Anônimos: conversão e abstinência terapêutica. *Antropolítica*. Niterói, n. 15, 2003. p. 40-60

GARCIA, Angela Maria. *E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico passivo em alcoólico ativo*. Niterói: Intertexto, 2004. 178 p. (Coleção Consumo de bebida alcoólicas: práticas e representações; 1)

GAUSSOT, Ludovic. *Modération et sobriété. Études sur les usages sociaux de l'alcool*. Paris: L'Harmattan, 2004. 136 p.

GEERTZ, Clifford. "Form and variation in Balinese village structure". In: POTTER, Jack M. et al (Eds.). *Peasant Society: a reader*. Boston: Little Brown and Co., 1967: 255-278.

GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecologia. Processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000. 653 p.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia da sociedade contemporânea. Métodos*. São Paulo: Global, 1987. 402 p., p. 345-374. (Global Universitária)

GNACCARINI, José César e MOURA, Margarida Maria. Estrutura agrária brasileira: permanência e diversificação de um debate. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, v. 3, n. 15-19, 1990. p. 9-61

GODOY, Marcelo Magalhães. Espaços canavieiros regionais e mercado Interno: subsídios para o estudo da distribuição espacial da produção e comércio de derivados da cana-de-açúcar da Província de Minas Gerais. In: *Anais... Diamantina: X Seminário sobre a Economia Mineira*, 2002. CD-ROM

GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981. 335 p., p. 124-159

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1983. 233 p.

GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 158 p.

GOTMAN, Anne. *Le sens de l'hospitalité. Essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. 510 p.

GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: UNICAMP, 1996. 217 p.

GUEDES, Simoni L. *Jogo de corpo*. Niterói: EDUFF, 1997. 355 p.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 255 p.

GUIMARÃES, Maria Bernadete P. *Spiritus contra spiritum: aspectos rituais e simbólicos dos grupos de Alcoólicos Anônimos*. Juiz de Fora. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.

HEREDIA, Beatriz A. de. *A morada da vida: trabalho familiar entre pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164 p.

HOBSBAWN, Eric. A invenção das tradições. In \_\_\_\_\_ e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316 p. Introdução, p. 9-23. (Coleção Pensamento crítico; v. 55). Traduzido de The invention of tradition.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971. 243 p.

IANNI, O. *A Luta pela Terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1978. 235 p.



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [On line]. Disponível em: [www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php). Acesso em 28 de abril de 2006.

JARDIM, Denise Fagundes. *De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares*. Porto Alegre. 244 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1991.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural. Os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002. 234 p. Tradução de: *L'homme pluriel*.

LAMARCHE, Hugues (Org.). *A agricultura familiar*. Campinas: EDUNICAMP, 1993. 352 p., p. 13-33

LEAL, Pedro Fonseca. *Unidades de Conservação Ambiental: encontros e confrontos de interesses entre criaturas e criadores*. Niterói, 2005. 86 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

LEITE, Sérgio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde S.; e PALMEIRA, Moacir. *Um estudo sobre o meio rural brasileiro*. Brasília: NEAD/Estudos, 2004. 391 p.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick et al. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998. 243 p., p. 50-106.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *El origen de las maneras de mesa*. México: Siglo Veintiuno Editores, 2003. 495 p.

LOVISOLO, Hugo. *Terra, trabalho e capital*. Campinas: EDUNICAMP, 1989. 231 p.

LUZ, Moacyr. *Manual de sobrevivência nos butiquins mais vagabundos*. Rio de Janeiro: Editora Senac-Rio, 2005. 128 p.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. O significado do botequim. In: KOWARICK, Lúcio. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978. 167 p., p. 77-114.

MACHADO, Cláudio Heleno. Tráfico Interno e concentração de população escrava no principal município cafeeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: Juiz de Fora (segunda metade do século XIX). In: *Anais...* Diamantina: X Seminário sobre a Economia Mineira, 2002. CD-ROM

MAFFESOLLI, Michel. *La conquête du présent – pour une sociologie de l'ave quotidienne*. Paris: PUF, 1979. 200 p., p. 139-160

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço*. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 198 p.

MARIZ, Cecília L. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas e pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994<sup>a</sup>. 270 p., p. 204-224.

MARIZ, Cecília L. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v. 16, n. 3, p. 81-93, mai. 1994b.

MARIZ, Cecília L. Embriagados no Espírito Santo: reflexões sobre a experiência pentecostal e o alcoolismo. *Antropolítica*. Niterói, n. 15, p. 61-82, 2003.

MARTINS, M.C.S.; LIMA, M.A.C. e SILVA, H.C.C. da. População de Minas Gerais na segunda metade do século XIX: novas evidências. In: *Anais...* Diamantina: X Seminário sobre a Economia Mineira, 2002. CD-ROM

MASSART VINCENT, Josiane. *Le temps du pub: territoires du boire en Angleterre*. Paris: Aux Lieux d'être, 2006. 113 p.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, v. 2. 331 p., p. 37-177, 1977.

MEDEIROS, Leonilde S. & LEITE, Sérgio (Orgs.). *Assentamentos rurais: mudança social e dinâmica regional*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004. 307p.

MEDEIROS, Leonilde S. (Org.). *A formação dos assentados rurais no Brasil*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999. 286 p.

MENASCHE, Renata (Org.). *Agricultura familiar à mesa*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2007. 200 p.

MERCADANTE, Paulo. *Crônica de uma comunidade cafeeira. Carangola: o vale e o rio*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990. 167 p. (Coleção reconquista do Brasil, 2. v. 163)

MEYER, Doris Rinaldi. *A Terra do Santo e o Mundo dos Engenhos: estudo de uma comunidade rural nordestina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 186 p.

MONTEIRO, D. L. T. *Errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. 277 p.

MOREIRA, José Roberto. Agricultura familiar e sustentabilidade: valorização e desvalorização econômica e cultural das técnicas. *Estudos: Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 51-69, abr. 1997.

MOTA, Dalva Maria da. *Trabalho e sociabilidade em espaços rurais*. Fortazela: Banco do Nordeste, Brasil/EMBRAPA, 2005. 256 p.

MOTA, Dalva Maria da; SCHMITZ, Heribert; VASCONCELOS, Helenira Ellery. (Org.). *Agricultura Familiar e Abordagem Sistêmica*. Aracaju: SBSP, 2005. 370 p., p. 183-198.

- MOTA, Leonardo de A. *A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos*. São Paulo: Paulus, 2004. 199 p.
- MOURA, Margarida Maria. *Os deserdados da terra*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988. 250 p.
- MOURA, Margaria Maria. *Os Herdeiros da Terra: parentesco e herança numa área rural*. São Paulo: Hucitec, 1978. 100 p.
- MUSUMECI, Leonarda. *Pequena produção e modernização da agricultura: o caso dos hortigranjeiros no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1987. 224 p.
- MUSUMECI, Leonarda. *O mito da terra liberta. Colonização 'espontânea', campesinato e patronagem na Amazônia oriental*. São Paulo: Vertice/Editora Revista dos Tribunais/ANPOCS, 1988. 419 p.
- NAHOUM-GRAPPE, Véronique. *La culture de L'ivresse. Essai de Phénoménologie historique*. Paris: Quai Voltaire, 1991. 211 p.
- NAHOUM-GRAPPE, V. Histoire et anthropologie du boire en France. In: NAHOUM-GRAPPE, V. et ali (Orgs.). *De l'ivresse à l'alcoolisme*. Etudes ethnopsychanalytiques. Paris: Dunod, 1989. 252 p., p. 83-169.
- NASCIMENTO, Angelina Bulcão. *Comida: prazeres, gozos e transgressões*. Salvador: EDUFBA, 2007. 290 p.
- NEVES, Delma Pessanha. *Lavradores e pequenos produtores de cana: estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 212 p.
- NEVES, Delma Pessanha. *A construção social das relações de trabalho*. VIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Águas de São Pedro, 1983. 20 f.
- NEVES, Delma Pessanha. "As curas milagrosas" e a idealização da ordem social. Niterói: CEUFF/PROED, 1984. 64 p.
- NEVES, Delma Pessanha. As políticas agrícolas e a construção do produtor moderno. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Ed Vértice/ANPOCS, 1987. p. 106-132.
- NEVES, Delma Pessanha. *Assentamento rural: reforma agrária em migalhas*. Niterói: EDUFF, 1997. 436 p.
- NEVES, Delma Pessanha. Exposições agropecuárias: redimensão social dos pecuaristas. In: CARNEIRO, Maria; et al. (Orgs.). *Campo Aberto: o rural no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998, 334 p., p. 297-310.
- NEVES, Delma Pessanha. O consumo de bebidas alcoólicas: prescrições sociais. *BIB: Revista Brasileira de Informação bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n. 55, p. 73-97, 2003.

NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 7-36, 2004.

NEVES, Delma Pessanha & GARCIA, Angela Maria. MASSART VINCENT, Josiane. Le temps du pub: territoires du boire en Angleterre. Paris: Aux Lieux d'être, 2006. *Antropolítica*. Niterói, n. 20, p. 163-169, 2006.

NEVES, Delma Pessanha. Campesinato: reprodução e reenquadramento sociais. *Revista Nera*. Presidente Prudente, v. 7, P. 74-108, 2006.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: quantos ancoradouros! In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros; SUZUKI, Julio César (Orgs.). *Geografia Agrária: teoria e poder*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 384 p., p. 211-270.

NOVAES, Regina R. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/ISER, 1985. 158 p. (Cadernos do ISER, n. 19)

NOURRISSON, Didier. *Le buveur du XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Éditions Albin Michel, 1990. 383p.

O'DWYER, Eliane Cantarino. *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. 268 p.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Territórios negros na Amazônia: práticas culturais, espaço memorial e representações cosmológicas. In: WOORTMANN, E. (Org.). *Significados da terra*. Brasília: EDUNB, 2004. 290 p., p. 181-208

PAES, Anselmo do Amaral. *Aventura espiritual: terapêutica religiosa na Irmandade dos Alcoólicos Anônimos*. Belém, 2005. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2005.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Viçosa – tradições e folclore*. 2. ed. Viçosa: EDUFV, 1983. 156 p.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. *Produtor e agroindústria: consensos e dissensos. O caso de Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1990. 182 p.

PEÇANHA, Marcel Robalinho S. Os bares como patrimônio familiar: o bar de S. Joaquim e o bar do S. Jorge. *Relatório de Pesquisa*. Projeto Integrado de Pesquisa "O alcoolismo e a exclusão social", coordenado pela prof<sup>a</sup>. Delma Pessanha Neves, Universidade Federal Fluminense, 2000. 119 f.

PEIXOTO, Joselaine. *O alcoolismo como doença: atenção média e grupo de ajuda mútua*. Niterói, 2004. 30 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

PEREIRA DA COSTA, Simone. *Estrada da vida: a organização do mundo dos rodeios no Brasil*. Rio de Janeiro, 203. 287 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. A Dança de São Gonçalo, fator de homogeneização numa comunidade do Interior da Bahia. *Revista de Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jun. 1958.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. Bairros Rurais Paulistas. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 17, p. 63-208, 1967.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. *O Campesinato Brasileiro: ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. São Paulo: EDUSP/Vozes, 1973. 242 p.

PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). *Meu senhor dono da casa: os 50 anos da Folia de Reis das Lages*. Goiânia: O Popular, 1993. 173 p.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A Igreja da denúncia e o silêncio do fiel*. Campinas: Editora Alínea, 1999. 194 p.

PIANA, Airton. *Agricultura orgânica: a subjacente construção de relações sociais e saberes*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

PIERUCCI, Antônio F. Sociologia da religião – área impuramente acadêmica. In: MICELI, S. (org.). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*, vol.2. Sociologia. São Paulo/Brasília: Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999. 455 p., p. 237-286.

RABELO, Carina e RANGEL, Natália. Jovens & álcool: mistura perigosa. Separata de: *Revista Isto É*. Rio de Janeiro, nº. 1978, ano 30, p. 48-53. 26 de setembro de 2007.

RIBEIRO FILHO, Antonio Brant. *Desbravamento, Caminhos Antigos e Povoamento nos Sertões do Leste*. 1ª. ed. Viçosa: Centro de Referência do Professor, 2004. 272 p.

RIBEIRO, Ivete. (Org.). *Sociedade brasileira contemporânea: família e valores*. São Paulo: Edições Loyola, 1987. 219 p.

RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim A. e VIANA, Andyara L. B. (Orgs.). *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. 239 p.

ROOM, Robin. Alcohol and ethnography: a case of problem deflation?. *Current Anthropology – A World Journal of the Science of Man*. Chicago, n. 25, v. 2, p. 169-191, 1984.

ROSENMAYR, L. A situação sócio-econômica da juventude de hoje. In BRITO, S. (org.) *Solicologia de juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. 266 p., p. 133-173

SAIOCCHI, M. de N. *Os negros de Cedro - estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SANTOS DE MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000. 112 p.

SANTOS, Geralda Fortina dos. *Representação social do processo saúde doença na comunidade rural de Airões: Zona da Mata de Minas Gerais*. Viçosa, 1992. 144 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1992.

SARTI, Cynthia A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996. 128 p.

SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura familiar e Industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999. 205 p.

SCHNEIDER, Sergio; CAZELLA, Ademir Antonio e MATTEI, Lauro. Histórico, caracterização e dinâmica recente do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. In: *Políticas Públicas e Participação Social no Brasil Rural*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004. 256 p., p. 21-50.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Moimento, 1974. 159 p.

SIGAUD, Lygia. *Os clandestinos e os direitos. Estudo sobre os trabalhadores da cana de açúcar em Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979. 260 p.

SIMMEL, Georg. – Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983. MORAIS FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel: sociologia*. (Coleção Grandes Cientistas, 34).

SIMÕES DO CARMO, Maristela. Agricultura sustentável e produção familiar num contexto de reestruturação do sistema agroalimentar. *Revista Reforma Agrária*. Campinas, n. 2 e 3, v. 25, p. 114-127, mai-dez. 1995.

SOARES, Bárbara Musumeci. *Mulheres invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 320p.

SORJ, Bernardo. *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. 152 p.

SORJ, Bernardo; POMPERMAYER, Malori; CORADIN:I, Odacir L. *Camponeses e agroindústria; transformação social e representação política na avicultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 120 p.

STANDAGE, Tom. *História do mundo em 6 copos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005. 239 p.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Colonos do vinho*. São Paulo: Hucitec, 1978. 182p.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *'Matuchos', exclusão e luta: do Sul para a Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993. 282 p.

TEIXEIRA, Sérgio A. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988. 80 p.

THIAGO DE MELLO, Pedro Paulo. *Pendura essa: a complexa etiqueta de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro*. Niterói, 2003. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Departamento de Economia Rural. *A zona da Mata de Minas Gerais: suas características e peculiaridades*. Viçosa: EDUFV, 1982. 88 p.

VAISSMAN, Magda. *Alcoolismo no trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Garamond, 2004. 219 p. (Coleção Loucura XXI)

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995. 264 p.

VEIGA, Eli José da. Delimitando a agricultura familiar. *Revista Reforma Agrária*. Campinas, n. 2 e 3, v. 25, p. 128-141, maio-dez. 1995.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: \_\_\_\_\_. *Desvio e divergência. Uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. 144 p., p. 11-28.

VENÂNCIO, R. P. e CARNEIRO, H. (orgs.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005. 310 p.

WAIZBORT, Leopoldo. Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida. In: LASC – Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea. *Sociabilidades*. São Paulo, 1996. 154 p., p. 25-30

WANDERLEY, Maria de Nazareht B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos. (Org.). *Agricultura familiar; realidades e perspectivas*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999: 23-56.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. *Reforma Agrária*. Campinas, v. 25, p. 37-56, mai-dez 1995.

WEBER, Max. *Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. v.1. México: Fondo de Cultura Económica, 1977. 2v. 1245 p.

WILKINSON, J. *Estado, a agroindústria e a pequena produção*. São Paulo/Salvador: Hucitec/Cepa, 1986. 219 p.

WOLF, Eric. Parentesco, amizade e relações patrono cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Antropologia e poder. Contribuições de Eric Wolf*. São Paulo: EDUNB/EDUNICAMP, 2003. 376 p., p. 93-114.

WOORTMANN, E. F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo/Brasília: Hucitec/EDUNB, 1995. 336 p.

WOORTMANN, K. *A comida, a família e a construção do gênero feminino*. Brasília: UnB, 1985. 130 p. (Série Antropologia, 50).

ZALUAR, Alba. Sobre a lógica do catolicismo. *Dados*. Rio de Janeiro, n. 11, p. 173-193, 1973.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 127 p.